

# MEDIAEVALIA

TEXTOS E ESTUDOS

4



FUNDAÇÃO ENG. ANTÔNIO DE ALMEIDA

# MEDIAEVALIA

TEXTOS E ESTUDOS



FUNDAÇÃO ENG. ANTÔNIO DE ALMEIDA



UNIVERSIDADE CATOLICA  
PORTUGUESA



GABINETE  
DE FILOSOFIA MEDIEVAL

Publicação da responsabilidade do Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras do Porto  
e da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa — Porto

# MEDIÆVALIA

TEXTOS E ESTUDOS

**DIRECTORA:**

Maria Cândida Monteiro Pacheco

**CONSELHO CIENTÍFICO:**

Arnaldo Pinho

Ângelo Alves

Carlos Moreira de Azevedo

José Acácio Aguiar de Castro

José Maria Costa Macedo

Mário Santiago de Carvalho

Maria Isabel Pacheco

José Francisco Meirinhos

Agostinho Figueiredo Frias

**PROPRIEDADE, REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO:**

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

Rua Tenente Valadim, 331 — 4100 PORTO - PORTUGAL

Telef. 606.74.18

Fax 600.43.14

Telex 27155 CULTUS P

Os autores dos artigos insertos neste número autorizam a respectiva publicação.

Depósito Legal 52 780 / 92

Registo D.G.C.S. 116.014

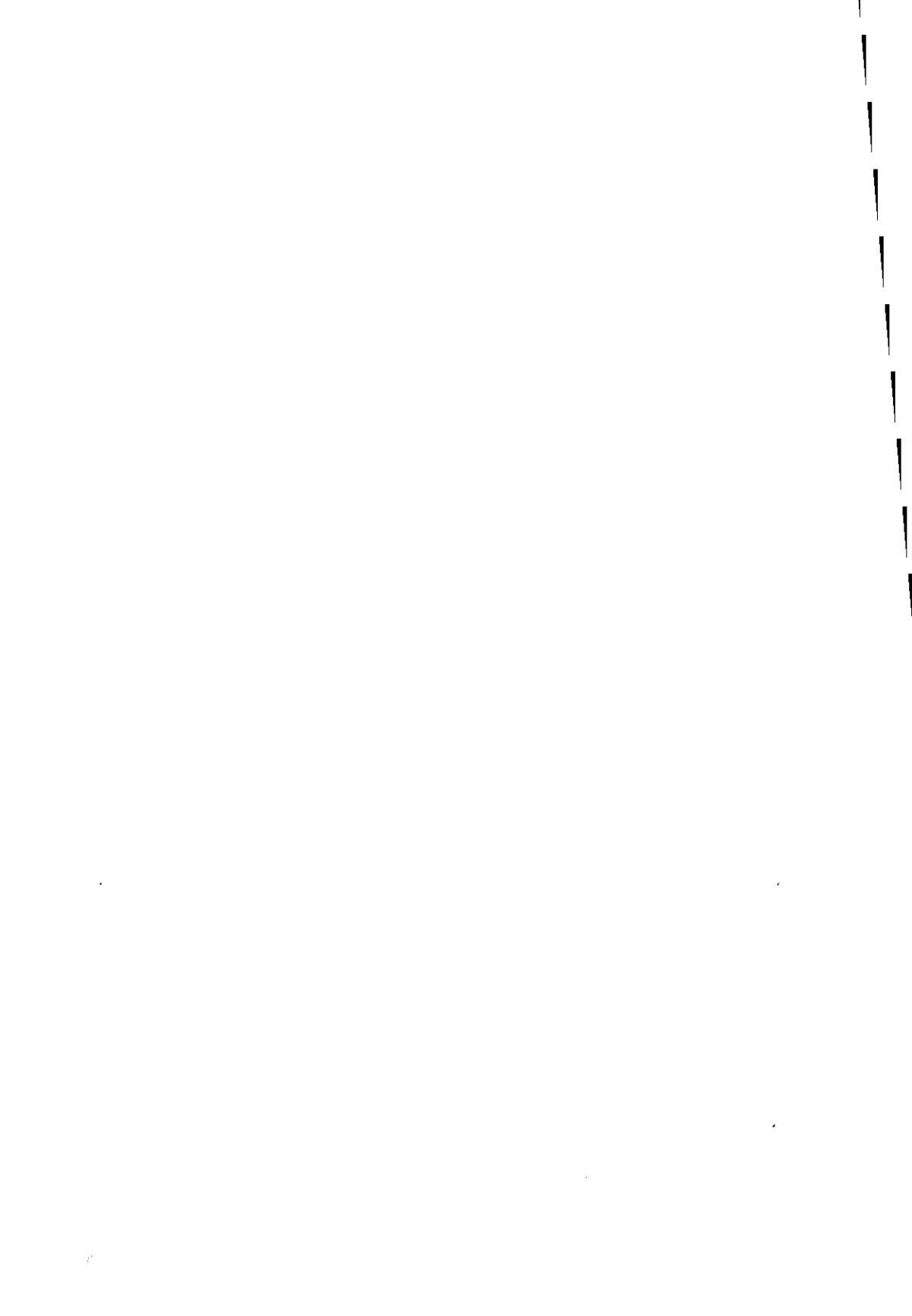
ISSN 0872 - 0991



**PAULO FARMHOUSE ALBERTO**

**O *DE IRA* DE MARTINHO DE BRAGA**

**ESTUDO, EDIÇÃO CRÍTICA, TRADUÇÃO E COMENTÁRIO**



# ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO	
por MARIA CÂNDIDA MONTEIRO PACHECO .....	9
INTRODUÇÃO .....	11
<b>Primeira Parte</b>	
<b>Martinho de Braga e Sêneca: O <i>De Ira</i>. Fenómenos de recepção</b>	
<b>1. O <i>DE IRA</i> DE MARTINHO DE BRAGA</b>	
Natureza do epítome .....	17
Destinatário .....	18
Datação .....	19
Difusão .....	19
Um epítome senequiano .....	22
A temática no contexto da época .....	24
A problemática da ira .....	26
<b>2. SÊNeca E MARTINHO DE BRAGA</b>	
Sêneca e a sua recepção na Latinidade Tardia .....	35
Sêneca e Martinho de Braga .....	47
<i>Formula Vitae Honestae</i> .....	48
<i>Pro Repellenda Iactantia, Item</i>	
<i>De Superbia, Exhortatio Humilitatis</i> .....	50
Obras Pseudomartinianas .....	66
<i>De Moribus</i> .....	66
<i>De Paupertate</i> .....	72
<i>De Remediis Fortuitarum</i> .....	74
<i>De Copia Verborum</i> .....	76
Conclusão .....	77



### 3. O *DE IRA* COMO EPÍTOME SENEQUIANO

Introdução: o epítome e o centão na Latinidade Tardia .....	81
A técnica de Martinho na utilização do modelo senequiano ..	91
Seleccção e reorganização dos segmentos .....	94
Seleccção dos segmentos .....	94
Reorganização de segmentos (blocos diferentes) .....	99
Reorganização de segmentos (mesmo bloco) .....	104
Alteração aos segmentos .....	105
Questões de articulação entre segmentos .....	105
Alterações morfo-sintácticas .....	106
Alterações à estrutura frásica .....	107
Adições .....	108
Eliminações .....	109
Substituições .....	109
Alterações lexicais .....	112

#### Segunda Parte

##### Epítome *De Ira* de Martinho de Braga

#### MANUSCRITOS E EDIÇÕES

Descrição dos manuscritos .....	119
Hipótese de relação entre os manuscritos .....	125
Descrição das edições .....	132
Traduções .....	138
A presente edição: pertinência de uma nova leitura do <i>De Ira</i> ..	139
Sigla .....	141

<i>DE IRA EPITOME</i> : TEXTO E TRADUÇÃO .....	143
--	-----

COMENTÁRIO .....	167
------------------	-----

#### Terceira Parte

##### Concordâncias, Índice e Bibliografia

<i>Concordâncias</i> .....	181
<i>Confronto textual Martinho / Séneca</i> .....	184
<i>Index uerborum De Ira epitomae</i> .....	205
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	237

## PREFÁCIO

Martinho, que viria a ser bispo de Dume e depois Arcebispo de Braga, terá chegado à Península Ibérica por volta de 550. A sua consistente formação cultural e literária esteve sempre ao serviço de uma incansável acção de difusão do cristianismo, nestas terras que lhe eram estranhas, mas que o acolheram e celebram como um dos seus maiores símbolos espirituais. É conhecida a sua acção pastoral e evangelizadora no noroeste peninsular, imortalizada pelo título de 'apóstolo dos suevos', tendo por aqui deixado marca indelével na cultura e nas instituições, nomeadamente através dos mosteiros, que fez proliferar e que sobreviveram mesmo à ocupação árabe, constituindo um forte elemento de recristianização no período da 'reconquista'.

A sua estatura de intelectual imbuído de letras clássicas está bem patente na obra escrita que chegou até nós e que inclui tratados, compilações, poemas, cânones, traduções e uma provável colecção de cartas, hoje perdidas. No presente volume de *Mediævalia* publica-se uma das obras emblemáticas do estilo e das intenções moralizadoras de Martinho, que, com habilidade e apurado sentido teórico e literário, extrai da obra homónima de Séneca os passos que lhe parecem úteis e coerentes com a mundividência cristã. Sabendo-se, assim, que o *De ira* de Martinho depende *quase* literalmente de Séneca, caberia perguntar: qual é o valor filosófico de uma compilação de textos alheios? A resposta deve ser dada, como faz Paulo Farmhouse Alberto, reportando-nos à situação cultural e institucional da alta Idade Média, onde o papel de Martinho e das suas compilações de obras raras ou perdidas é de primeira importância, funcionando «como um verdadeiro elo de ligação entre o saber antigo e a cultura medieval» (p. 79). O caso da ira é ainda mais interessante porquanto Martinho acolhe a doutrina estoica da inadmissibilidade desta paixão da alma, afastando-se assim da ortodoxia cristã alto-medieval (cf. 32-33).

O rigoroso e extenso estudo que precede a edição crítica e tradução do *De ira* é dedicado à análise de todos os aspectos e implicações do método martiniano de compilação, com particular atenção para aspectos filológicos e literários como as alterações e redistribuições frásicas, as 'novidades' verbais, semânticas e ideológicas, que estruturam o modo de recepção da obra de Séneca por Martinho de Braga.

Marcia Colish sublinhou, a propósito da *Formula uitae honestae* de Martinho, que esta compilação pseudo-senequense «criou um novo género literário e um novo método de transmissão filosófica» particularmente influente na baixa Idade Média <sup>1</sup>. O *De ira* releva do mesmo estilo de composição centonizada, que Paulo Farmhouse Alberto analisa com erudição, estabelecendo ainda o minucioso paralelo com a correspondente obra de Séneca (o que, como se sabe, não é possível no caso da *Formula*). Esta dilucidação do 'método' de composição revela a sua proficuidade na determinação do *corpus* martiniano, nomeadamente para uma abordagem dos escritos senequizantes (cf. pp. 48-65) e sobretudo dos inúmeros textos pseudo-epígrafos (cf. pp. 66-77), dando o autor novos contributos para a exclusão de algumas obras que têm sido erradamente atribuídas a Martinho <sup>2</sup>.

\*

Paulo Farmhouse Alberto é assistente do departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1992 apresentou o presente estudo, sob o título *Martinho de Braga e Séneca: O De Ira. Estudo literário e crítico. Fenómenos de recepção*, como tese de Mestrado em Literatura Latina. A respectiva discussão teve lugar em 20 de Março de 1992, perante um júri constituído pelos Prof. Doutores Aires Augusto Nascimento, José António Segurado e Campos, e Manuel C. Díaz y Díaz que arguiu, tendo sido classificado com a nota de Muito Bom.

O autor havia já publicado dois estudos sobre Martinho de Braga (cf. Bibliografia) e mais recentemente publicou «Séneca e Martinho de Braga: alguns fantasmas de uma recepção», (in: *Euphrosyne*, vol. 21, 1993, pp. 105-139), onde retoma algumas páginas da primeira parte da sua tese. Pareceu-nos, contudo, que pela sua qualidade e importância a obra deveria ser aqui publicada na íntegra.

MARIA CÂNDIDA MONTEIRO PACHECO

---

<sup>1</sup> Marcia L. COLISH, *The stoic tradition from Antiquity to the Early Middle Ages*. Vol. 2: *Stoicism in Christian Latin Thought through the Sixth Century*. (E. J. Brill, Leiden 1985, reimp. 1990) cf. pp. 298 e 301. Martinho de Braga é o último autor estudado nesta história do estoicismo antigo (cf. pp. 297-302).

<sup>2</sup> Refira-se a propósito a recente edição crítica da mais famosa obra de Martinho, a *Correcção dos Rústicos*, com tradução italiana: MARTINO DI BRAGA, *Contro le superstizioni - Catechesi al popolo. De correctione rusticorum*. A cura di Mario Naldini. Biblioteca Patristica 19. Nardini Editore, Firenze 1991.

## INTRODUÇÃO

Quo animo ad otium sapiens secedit? Vt sciat se  
tum quoque ea acturum, per quae posteris prosit.

L. ANNAEVS SENECA, *De Otio*, vi 4

Sed labor nobis antiquorum omnino seruandus est.  
CASSIODORVS SENATOR, *De Orthographia*, Praef.

O tema da recepção dos «Autores» tem hoje uma actualidade indiscutível. Entre a Antiguidade Clássica e a Latinidade Tardia evidenciam-se fenómenos particulares de modalidades de recepção. O interesse por preservar a tradição literária, mormente os estudos de gramática e de retórica, e o cultivo duma *eruditio* de características próprias marcam este período, em que era muitas vezes difícil discernir entre uma cultura meramente escolar e uma cultura intelectual propriamente dita, e em que se assiste ao florir, a par dos modelos herdados, de formas poéticas tipicamente mundanas ou ao cultivo de géneros «menores» como o da «lettre d'art». É igualmente relevante o recurso, quantas vezes rebuscado e preciosista, aos «clássicos», nem sempre lidos no original: reproduzem-se formulações já vazias do seu significado inicial, transmitem-se conteúdos frequentemente em segunda mão, perpetua-se informação por intermédio da constituição de resumos e compilações. Isto é bem notório nos interesses do círculo de Símaco ou na paradigmática correspondência de Sidónio ou ainda, um pouco mais tarde, nos escritores do séc. VI, como em Cassiodoro.

Um dos aspectos do estudo dos fenómenos de recepção da literatura antiga, com a inerente reflexão sobre a forma como os «autores clássicos» eram apreendidos e entendidos e todas as motivações subjacentes, concerne a um tipo específico de textos que consistem na reelaboração de obras de autores anteriores, ganhando desta forma novos sentidos e uma nova funcionalidade. Na verdade, os intelectuais da Latinidade Tardia não se limitaram apenas à actividade (meritíssima, diga-se) de escribas, críticos ou anotadores, nem à utilização dos «tesouros clássicos» de forma mais ou menos cristalizada como mero instrumento escolar, como simples referência ou apenas para alarde pedante de erudição de características mundanas, muitas vezes repetindo conteúdos de segunda mão, mas reelaboraram obras anteriores de modo a servir os interesses dos ambientes em que se inseriam. No fundo, ao recriar obras anteriores fazem-nas reviver, emprestando uma nova funcionalidade à informação nelas contida.

Foi neste quadro estimulante, mas ao mesmo tempo complexo, que desde há algum tempo me tem despertado a atenção a figura de Martinho, bispo de Braga, no reino dos Suevos, e a sua surpreendente relação, em pleno séc. VI, com o filósofo Séneca. Na verdade, Séneca revela-se um autor de presença difícil de determinar nro período em questão e, tanto quanto a crítica moderna discerne, de presença quase nula na Península Ibérica do tempo. A relação entre os dois autores, cujo aspecto mais notório poderá ser o epítome cuja edição crítica é aqui apresentada mas que não se esgota nele, revela-se assim algo intrigante e até agora tem sido sempre tratada com alguma superficialidade. Propus-me, por conseguinte, analisar a forma como Martinho reelaborou um dos mais famosos diálogos de filósofo pagão, o *De Ira*, e, ao mesmo tempo, procurar avançar um pouco mais no estudo da relação na sua globalidade entre o estóico e o catequizador empenhado. Procurar traçar uma nova imagem do papel de mediador do ilustre prelado foi também uma das motivações que me levaram à presente dissertação, tentando discernir o que haveria de verdadeiro ou de falso na hiperbólica imagem que desde há séculos as falsas atribuições sempre produziram.

Por outro lado, considerou-se produtivo dar continuidade ao trabalho desenvolvido no âmbito dos Seminários do Mestrado, procurando, no fundo, desenvolver e aplicar os conhecimentos neles adquiridos. Assim, as questões de teoria literária e estilística prolongam o Seminário de Teorização Literária na Antiguidade e o de Escritores da Latinidade Tardia do Prof. R. M. Rosado Fernandes; Martinho como mediador de Séneca, o Seminário de Literatura Latina Medieval do Prof. Aires Augusto do

Nascimento; os aspectos codicológicos, o Seminário de Codicologia do Prof. Aires Augusto do Nascimento; a fixação do texto, o Seminário de Crítica Textual do Prof. Manuel C. Díaz y Díaz; finalmente, a elaboração de índices e concordâncias, o Seminário de Linguística e Literatura do Prof. A. Rodrigues de Almeida.

Partiu-se, por conseguinte, do estudo do epítome de Martinho e procurou-se inseri-lo no contexto mais amplo da dependência do prelado bracarense para com o estóico, bem como no quadro de interesses da época, tal como a relevância da temática e a inserção da doutrina expressa no opúsculo no debate doutrinário do tempo, a técnica empregue e sua relação com práticas da época, os processos de actualização linguística, ideológica e literária. Para uma análise mais aprofundada do epítome entendeu-se necessário proceder a uma nova edição crítica do opúsculo, já que dispomos de novos testemunhos a que os editores anteriores não tiveram acesso. Procurámos aproveitar os contributos da crítica filológica à edição de Barlow, mas examinámos também os próprios testemunhos. O resultado leva a uma edição diferente das anteriores, com o texto depurado de interpolações e de leituras pouco credíveis. A tradução não foi mero exercício académico, mas fruto de um entendimento crítico do texto e das opções tomadas quanto às variantes textuais. A acompanhar a edição crítica e a tradução elaborámos um *index uerborum*, instrumento que surge hoje em dia com cada vez maior frequência a acompanhar as edições de textos, mas que é sobretudo resultado de um conhecimento que desta forma se torna explícito. Por último, haverá a referir que a bibliografia dada não representa o acervo de material utilizado para a feitura deste trabalho, mas apenas uma lista das obras citadas ao longo da dissertação.

Não poderia deixar de expressar o meu profundo reconhecimento e admiração ao Prof. Aires Augusto do Nascimento, que orientou este estudo, pela forma incansável com que acompanhou o trabalho e pelas sugestões e críticas graças às quais o estudo foi sendo melhorado. Gostaria também de exprimir o meu sincero reconhecimento ao Prof. Manuel C. Díaz y Díaz pelas valiosíssimas sugestões e conselhos que amavelmente me concedeu, em particular no que diz respeito à fixação do texto. Finalmente, uma palavra de agradecimento ao Prof. H. D. Cameron, Interim Chairman do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Michigan que gentilmente pôs à minha disposição um importante trabalho praticamente inacessível e aos Cónego Dr. Ramón González e Dr. Fernández Collado da Biblioteca Capitular da Catedral de Toledo, pelas informações que me proporcionaram sobre um dos manuscritos utilizados.



PRIMEIRA PARTE

**MARTINHO DE BRAGA E SÉNECA: O *DE IRA*  
FENÓMENOS DE RECEPÇÃO**





## O DE IRA DE MARTINHO DE BRAGA

### NATUREZA DO EPÍTOME

De Martinho, bispo de Dume e mais tarde, ao suceder a Lucrecio, metropolitano de Braga, chegou até nós, entre outras obras, um pequeno tratado de manifesto interesse. Trata-se de um opúsculo habitualmente denominado *De Ira*<sup>1</sup>, por versar sobre este vício sobejamente tratado na literatura pagã, em especial a de cariz filosófico, e cristã. Insere-se, na verdade, no quadro dos textos de temática ascético-moral, nomeadamente sobre os vícios e as virtudes, tema do apreço dos autores da época, em particular na Península Ibérica.

É uma obra com características dignas de nota. É verdade que constitui um epítome baseado na técnica do centão, o que por si só nada tem de extraordinário. Enquadra-se, naturalmente, nas técnicas de resumo e métodos de trabalho dos eruditos da Latinidade Tardia, constituindo, no fundo, apenas mais um exemplo da grande «corrente de centonização do século VI mediterrânico»<sup>2</sup>. Mas, em contrapartida, é surpreendente e tem despertado a atenção dos estudiosos o facto de este *excerptum* ter por base a obra de um autor pagão, e, sobretudo, de um autor praticamente desconhecido na Península Ibérica da altura e de presença esquiva em todo o panorama cultural da Latinidade Tardia: o filósofo estóico Séneca. Com efeito, poucos são os dados que nos permi-

---

<sup>1</sup> A obra não apresenta tal título nos manuscritos que serão estudados mais adiante, pp. 119-132.

<sup>2</sup> JACQUES FONTAINE, *Isidore de Séville et la culture classique dans l'Espagne wisigothique*, Paris, Éditions Augustiniennes, 1959, 765. Veja-se *infra*, p. 90.

tam afirmar o acesso directo ao texto dos *Diálogos* de Séneca no século VI, nomeadamente na Península Ibérica, à excepção de Martinho de Braga. Assim, o *De Ira* de Martinho ganha um significado muito especial, em particular na história da transmissão e recepção da obra senequiana, bem como nas relações entre estoicismo e cristianismo. Martinho de Braga surge por isso como um caso deveras singular no seu tempo.

Por outro lado, uma leitura paralela do texto senequiano e do de Martinho revela que o bispo bracarense, ao invés de se limitar a reproduzir textualmente a sua fonte, procede a uma reconstrução e recriação do texto, mostrando evidentes preocupações estilísticas, e é muito sugestivo seguir, graças ao facto de o original ter chegado até nós e de nos permitir o confronto, os processos utilizados e consequentes marcas de actualização, quer de índole linguística, quer ideológica, quer ainda estilístico-literária.

## DESTINATÁRIO

Como em outras tantas obras de Martinho, o *De Ira* regista um destinatário. Aqui trata-se de o bispo Vitimer de Ourense, da província de Lugo. Noutros casos, bem ao sabor dos gostos da literatura da época, são diversos os destinatários: o *De Correctione Rusticorum* é endereçado a Polémio, bispo de Astorga, o *De Trina Mersione* a Bonifácio, os *Capitula ex Orientalium Patrum Synodis* a Nitigísio, metropolitano de Lugo. Acrescente-se ainda a *Formula Vitae Honestae*, dedicada ao rei Miro. Tudo isto mais não faz do que revelar Martinho perfeitamente integrado na intelectualidade da época <sup>3</sup>.

De Vitimer, cujo nome aponta a ascendência germânica, extracto social dominante na sociedade sueva, nada de concreto se sabe <sup>4</sup>, para além do facto de ter assistido ao 2º Concílio de Braga, em 572 d.C., presidido por Martinho, e de ter subscrito as suas Actas <sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Registe-se também a correspondência com a corte de Tours, segundo informação de Venâncio Fortunato (*Carm. libri*, V,1), nomeadamente com o próprio Fortunato.

<sup>4</sup> JOSÉ ORLANDIS, *La Iglesia en la España visigótica y medieval*, Pamplona, Ed. Universidad de Navarra, 1976, 123; FLÓREZ (*España Sagrada*, Madrid, 1759, XVII, 40-42) apresenta, ao delinear a história dos bispos de Ourense, uma notícia sobre Vitimer que não contém nada de relevante [BNL H.G. 5745]; Veja-se BENITO FERNÁNDEZ ALONSO, *Crónica de los Obispos de Orense*, Orense, Imprenta «el Derecho», 1897, 150-156; G. KAMPERS, *Personengeschichtliche Studien zum Westgotenreich in Spanien*, Münster, Aschendorffsche Verlag, 1979, nº 85.

<sup>5</sup> JOSÉ VIVES, *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Barcelona-Madrid, 1963, 78-85.

## DATAÇÃO

É costume situar este opúsculo entre os anos 572 d. C., data do 2º Concílio de Braga, e a morte de Martinho, ocorrida a 20 de Março de 579 d.C., segundo o antigo *Breviário de Soeiro*<sup>6</sup>. A razão para esta conjectura advém da frase inicial do tratado (*dum simul positi dudum mutuae collationis alloquio frueremur, illud[...] tuae diligentia caritatis elicuit*), que sugere que a obra terá sido «encomendada», levando à letra este tópico verdadeiramente omnipresente na literatura tardia e sem grande significado informativo<sup>7</sup>, por alturas de um encontro entre ambos. A elaboração da obra seria, por consequência, posterior ao 2º Concílio de Braga, único encontro entre os dois prelados de que temos conhecimento. Não deixa de ser uma conjectura plausível.

## DIFUSÃO

A difusão do *De Ira* foi, ao que podemos presumir, mínima. Aliás, o mesmo sucedeu com as outras obras martinianas de temática idêntica, como o *Pro Repellenda lactantia*, *Item de Superbia*, *Exhortatio Humilitatis*, com as quais o opúsculo formaria uma espécie de *corpus morale*<sup>8</sup>. Isidoro de Sevilha, ao referir-se à obra do prelado bracarense, não o menciona, a não ser que queiramos pôr a hipótese, tal como Barlow e Fontaine, de que o opúsculo é abrangido pela referência vaga a um volume de epístolas que o sevilhano terá conhecido<sup>9</sup>:

«cuius quidem ego legi librum de differentiis quattuor uirtutum, et *aliud uolumen epistolarum*, in quibus hortatur uitae

---

<sup>6</sup> Esta informação encontra-se no *Breviário Bracarense do Cónego Soeiro (lectio IX)*, do início do séc. XV, que é uma cópia de um breviário mais antigo de meados do séc. XIV. Este, por sua vez, transcrevia as lições dos Santos de um Leccionário Bracarense mais antigo em uso em 1282. Veja-se AVELINO JESUS DA COSTA, *S. Martinho de Dume (XIV Centenário da sua chegada à Península)*, Braga, Edições do Cenáculo, 1950, 24-27.

<sup>7</sup> Sobre o tópico do pedido, veja-se TORE JANSON, *Latin Prose Prefaces*, Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1964, 116-123.

<sup>8</sup> Dele faria igualmente parte a *Formula*. A este propósito, veja-se ANTONIO FONTÁN, «La tradición de las obras morales de Martin de Braga», *Boletín de la Universidad de Granada*, 91, 1951, 73-86.

<sup>9</sup> *De uir. illustr.*, XXII (ed. Codoñer Merino); cf. BARLOW, 284; FONTAINE, *Isidore*, 694; FONTÁN, *Op. cit.*, 86.

emendationem et conuersationem fidei, orationis instantiam et elemosynarum distributionem et super omnia cultum uirtutum omnium et pietatem.»

A tradição manuscrita é reduzidíssima: o epítome chegou até aos nossos dias num único códice antigo, o *Escorial* M.III.3 do século X. Além dele, resta-nos somente um manuscrito do século XVI, o *Toledo BC 31-18*, e uma cópia, provavelmente do códice do Escorial, do século XVII, o *Madrid Biblioteca Nacional 711*.

A primeira menção explícita ao *De Ira* de Martinho de que temos conhecimento surge apenas no século XVI, na obra de Juán Mariana *Historiae de rebus Hispaniae Libri XX* de 1592 <sup>10</sup>:

«Extat disputatio de ira, de humilitate christiana, de moribus, et de differentia quattuor uirtutum cardinalium.»

Infelizmente, Mariana não indica onde terá visto tais obras.

A primeira edição dá-se na *Anamnesis* de Tamayo de Salazar em 1652, e será este texto que as edições posteriores utilizarão como base até à edição de Claude Barlow, a primeira a utilizar critérios científicos modernos <sup>11</sup>.

Esta escassíssima difusão não atinge apenas o caso do *De Ira*, mas todo o *corpus morale* de Martinho, *corpus* esse entendido como o conjunto de textos reunidos no códice do Escorial e nos manuscritos

---

<sup>10</sup> IOHANNES MARIANA, *Historiae de rebus Hispaniae Libri XX*, Toledo, Typis Petri Roderici, 1592, l.V, cap. ix, p. 215 [BNL H.G. 1736]. A edição de 1608 (*Historia General de España*, Madrid, por Luis Sanchez, l.V, cap. IX, p. 228) limita-se a traduzir para castelhano a mesma notícia, não acrescentando nada que indique a origem da sua informação. Não deixa de ser curioso que enumere o conjunto de obras de temática moral, que constituirão um quase *corpus morale*, omitindo todavia o *Pro Repellenda lactantia* e o *Item de Superbia* que, de uma maneira geral, andam ser juntos à *Exhortatio Humilitatis*. Vide mais abaixo. Uma referência implícita poderá estar já em 1512 na obra de IOHANNES DE TRITTEHEM, *De Scriptoribus Ecclesiasticis*, Paris, Bertholdo Rembolt [BNL Res 2906]: no fol. 54 apresenta uma notícia sobre Martinho e refere entre as obras que teria visto, para além da *Formula*, um *Epistolarum moralium lib. I*. No entanto, esta informação poderá provir de Isidoro. Na verdade, Tritémio revela uma significativa ignorância no que diz respeito ao conhecimento directo dos textos martinianos: se no fol. 54 atribui a *Formula* a Martinho, no fol. 2 atribui um *De Quattuor Virtutibus Cardinalibus* a Séneca.

<sup>11</sup> Tudo isto encontra-se estudado adiante, pp. 132-138.

posteriores, e que parece constituir uma unidade <sup>12</sup>. Na realidade, a mesma limitadíssima difusão sofreu o ramo hispânico da tradição da *Formula*, obra que conheceu fora da Península Ibérica uma larga difusão e exerceu uma influência verdadeiramente prodigiosa <sup>13</sup>. O problema não é, pois, o do opúsculo isolado, mas concerne todo esse conjunto de textos martinianos de temática moral, incluindo o caso da própria *Formula*, que acabaram por se encerrar num pequeno conjunto de âmbito meramente hispânico, não conhecendo qualquer difusão assinalável.

A sua influência nos autores posteriores também não é perceptível. Não é de admirar que Eutrópio de Valença nada registre no seu *De octo uitiiis* <sup>14</sup>, escrito provavelmente pouco depois da morte de Martinho, porquanto se trata de um centão das *Collationes* de Cassiano. Isidoro de Sevilha, apesar de apresentar, como Jacques Fontaine vislumbrou, indícios da influência de Martinho na teoria das quatro virtudes cardinais de coloração estoicizante, o que é perfeitamente natural, visto que Isidoro leu pelo menos a *Formula* <sup>15</sup>, não apresenta em relação aos vícios, e em particular à ira, quaisquer sinais de influência martiniana <sup>16</sup>. Nenhuma das referências que faz a este vício permite reconhecer vestígios do *De Ira* de Martinho <sup>17</sup>. Da mesma forma, um outro texto da época que aborda os

---

<sup>12</sup> Os opúsculos *Pro Repellenda lactantia*, *Item de Superbia*, *Exhortatio Humilitatis* encontram-se ainda num outro códice do séc. XIII, o *Escorial R.II.7*, proveniente do mosteiro de Oña, Burgos (ANTOLÍN, 465-468), um códice repleto de textos de temas sobre os vícios e virtudes. Um fragmento do primeiro encontra-se também num códice do século X, *Paris BN lat. 2843* (cf. DÍAZ Y DÍAZ, *Index*, nº 21). Os *Toledo, BC 27-24* (s. XVI) e *Madrid, BN 711* (s. XVII) também contém os três opúsculos (no caso do manuscrito de Madrid, copiados duas vezes).

<sup>13</sup> A. FONTÁN, «La tradición de las obras morales de Martinho de Braga», *Boletín de la Univ. de Granada*, 91, 1951, 78-79.

<sup>14</sup> M. C. DÍAZ Y DÍAZ, *Anecdota Wisigothica I*, Salamanca, Universidad de Salamanca, Filosofía y Letras, Tomo XII, núm. 2, 1958, 9-35.

<sup>15</sup> FONTAINE, *Isidore*, 700-703. Os paralelos apontados por Fontaine são *Formula 5* (Barlow, 246, 3-12) = *Diff. 2*, 39, 156 (PL 83, 95A) e *Formula 2* (Barlow, 289, 20) = *Synon. 28* (PL 83, 851D).

<sup>16</sup> Para a teoria dos vícios em Isidoro, cf. FONTAINE, *Isidore*, 698-702. Aliás, a doutrina dos vícios isidoriana, sem se vincular a nenhuma teoria em particular, revela antes, além da inspiração estoica, influência de Cassiano (FONTAINE, *Isidore*, 701: cf. Isidoro, *Diff. 2*, 40, 166 (PL 83, 96D) e Cassiano, *Coll. 5*, 11, 8). Quanto a Gregório Magno (cf. por exemplo, sobre a soberba e a jactância, *Sententiae*, II, 28 e III, 23, respectivamente, e *Moralia*, 31, 45, 87. PL 76, 620), veja-se FONTAINE, *ibidem*, 701-702.

<sup>17</sup> *Differentiae* (PL 83, 1212-27) compõem-se de excertos das escrituras. A curta referência em *Sententiae* II, 37, 4, também não permite tal conjectura. Da mesma

vícios, nomeadamente a ira, e que é as *Sententiae* de Taio de Saragoça, nada de martiniano poderá revelar pois constitui um *excerptum* de Gregório Magno<sup>18</sup>.

Em conclusão, esta obra, integrada num conjunto de textos martonianos sobre vícios e virtudes que não conheceu melhor sorte, não terá sido aproveitada pelos autores coevos e terá passado despercebida ao longo de toda a Idade Média. Tal desinteresse é motivo de interrogação para nós.

## UM EPÍTOME SENEQUIANO

O opúsculo em estudo constitui um epítome construído segundo a técnica do centão: o epitomizador resumiu um texto-base único substancialmente mais longo, formando um novo texto, estruturalmente coerente e quase exclusivamente composto de frases pertencentes ao texto-base. Afasta-se, por conseguinte, do mundo dos florilégios tardios e medievais, constituídos por recolhas de sentenças de diversos autores, sem que haja necessariamente uma articulação lógico-sintáctica de forma a criar um texto único coerente<sup>19</sup>.

Por outro lado, o *De Ira* de Martinho não contém quaisquer citações ou referências bíblicas ou patrísticas, sendo o seu conteúdo exclusivamente senequiano. Esta circunstância mais o aproxima de uma outra obra, presumivelmente em tudo semelhante, a *Formula Vitae Honestae*. Nesta, tendo como destinatário o rei e não um prelado como nas dedicatórias das suas outras obras, Martinho refere explicitamente a sua intenção de

---

forma, as referências que ocorrem nas *Etym.* (X, 105, 129, 131) apontam antes para o *topos* da descrição fisiológica da ira cf. FONTAINE, *Isidore*, 696.

<sup>18</sup> Sobre a ira, Taio escreve em *Sententiae*, IV, 16 («*de iracundia*») e IV, 17 («*qualiter ira reprimi debeat*»); os trechos são constituídos por excertos de Gregório Magno, *Moralia*, V, 45.

<sup>19</sup> Os termos «epítome» e «centão» serão abordados mais adiante. Por florilégio entende-se uma recolha de extractos retirados de pelo menos dois autores diferentes, não sendo norma que constitua um texto coerente. Sobre a questão dos florilégios, veja-se a tipologia e inventário de B. MUNK OLSEN, «Les classiques latins dans les Florilèges Médiévaux antérieurs au XIII<sup>e</sup> siècle», *Revue d'Histoire des Textes*, IX, 1979, 47-121 e X, 1980, 115-164; G. BARDY, «Florilèges», *Catholicisme*, T. IV, Paris, 1956, 1360-1364; HENRI-MARIE ROCHAIS, «Florilèges spirituels latins», in *Dictionnaire de Spiritualité*, V, Paris, 1964, 435-460; PHILIPPE DELHAYE, «Florilèges Médiévaux d'Éthique» in *Dictionnaire de Spiritualité*, V, 460-475; R. H. ROUSE, «Florilegia and Latin Classical Authors in Twelfth — and Thirteenth — Century Orléans», *Viator*, 10, 1979, 131-160.

construir um texto composto de preceitos que possam ser seguidos por todos, mesmo por gente secular não habituada ao estudo da revelação divina <sup>20</sup>.

A primeira notícia de advertência ao facto de o opúsculo martiniano constituir um eptome de Séneca surge nos finais do século XVII <sup>21</sup>. É seu autor Nicolau António, que, em 1696, ao referir-se à obra do ilustre prelado, afirma <sup>22</sup>:

«Inter quos libellos uere pulcherrimos ita eminent *De Ira* ille ad Vitimirum Episcopum, et styli elegantia et sententiarum acumine, ut non dubitem excerpta continere eum e libris Senecae eiusdem argumenti: quod quidem, cui conferre otium fit, reddere sibi notum poterit.»

No entanto, talvez se possa deslocar esse juízo para 1592. Juan Mariana, nas suas *Historiae de rebus Hispaniae Libri XX*, assevera <sup>23</sup>:

«Extat disputatio de ira, de humilitate christiana, de moribus, et de differentia quattuor uirtutum Cardinalium. In his quoniam crebris sententiis et styli acumine ad Senecae similitudinem proxime accedit, duo posterii libri, eius philosophi nomine inter reliqua eius opera circumferuntur.»

Na realidade, é pouco claro se o sintagma *in his* se refere ao conjunto de obras citadas ou apenas às duas últimas que então corriam integradas nas obras de Séneca desde as primeiras edições destas. A edição da *Historia General de España* de 1608, que é a tradução castelhana da

---

<sup>20</sup> *Formula, Praef.*: «et sine diuinarum scripturarum praeceptis naturali tantum humanae intellegentiae lege etiam a laicis recte honesteque uiuentibus ualeant adimpleri».

<sup>21</sup> Diversos estudiosos têm-se interrogado sobre o facto de Martinho não mencionar que o seu texto é um centão e qual a fonte que utilizou. Todavia, não creio que tal facto mereça muitos comentários. Na época, a utilização de um texto-base era comum e nem sempre era costume indicar-se tal circunstância: é o que acontece com a *Formula Vitae Honestae* (veja-se *infra*, pp. 48-50), é o que sucede com o centão do seu contemporâneo Eutrópio de Valência, que nada refere quanto ao facto do seu *De Octo Vitiis* ser um centão e provir de Cassiano.

<sup>22</sup> NICOLAVS ANTONIVS, *Bibliotheca hispana siue Hispanorum qui usquam unquamque siue Latina siue populari siue alia quauis lingua scripto aliquid consignerunt notitia*, Roma, ex typographia Antonii de Rubeis, 1696 [BNL B 62], I.IV, cap. IV, p. 219.

<sup>23</sup> *Historiae de rebus Hispaniae Libri XX*, Toledo, Typis Petri Roderici, 1592, I.V, cap. ix, p. 215 [BNL H.G. 1736].



edição de 1592 acima mencionada, não nega a hipótese de Mariana se referir ao conjunto das obras, e, desta forma, este trecho constituir uma referência à dependência senequiana do *De Ira* <sup>24</sup>.

Os editores posteriores, como, por exemplo, Flórez, Gallandi ou Migne, irão ignorar tal dependência do filósofo cordovês. O estudo desta questão será retomado no século passado, com realce para a análise e levantamento exaustivo dos *loci similes*, já no início deste século, por Ernst Bickel <sup>25</sup>.

## A TEMÁTICA NO CONTEXTO DA ÉPOCA

O *De Ira* inscreve-se, naturalmente, no quadro da temática ascético-moral muito apreciada na época e, concretamente, no conjunto de textos sobre os vícios e as virtudes. A própria produção literária de Martinho de Braga contém inúmeras obras que versam esta temática: além de textos concernentes às virtudes, a *Formula Vitae Honestae* sobre as quatro virtudes cardeais e o *Exhortatio Humilitatis*, chegaram até nós pequenos tratados sobre a soberba, a ira e a vanglória. Isto correspondia a uma preocupação da época. Um dos maiores vultos intelectuais do seu tempo, Gregório Magno, referiu-se inúmeras vezes, nos *Moralia*, à problemática dos vícios, nomeadamente à ira, um pouco na linha de Agostinho e também na de Cassiano <sup>26</sup>. Na Península Ibérica, os contemporâneos de Martinho e seus seguidores também não deixaram de focar estes temas. Um contemporâneo seu, Eutrópio de Valença, constituiu um centão de Cassiano, o *De Octo uitiiis*, já mencionado. A própria tradução latina dos *Apophthegmata Patrum*, o *Liber Geronticon de octo principalibus uitiiis*, elaborada por Pascásio de Dume, alegadamente a pedido de Martinho, é

---

<sup>24</sup> *Historia General de España*, Madrid, por Luis Sanchez, 1608, I.V, cap. IX, p. 228: «Anda un tratado suyo de ira, otro de la Humildad Christiana, otro de Moribus, y ultimamente de la diferencia de las quatro virtudes Cardinales: en los quales, porque cõ las muchas sentencias y agudeza del estylo, se llega mucho a la semejança del de Seneca, los dos postreros libros auã en algunas impresiones en nombre de aquel philosopho puestos entre sus obras».

<sup>25</sup> «Die Schrift des Martinus von Bracara Formula Vitae Honestae», *Rheinisches Museum*, 60, 1905, 505-550.

<sup>26</sup> Sobre as fontes para a teoria dos vícios nos *Moralia* de Gregório Magno, nomeadamente Agostinho e Cassiano, cf. Dom Robert Gillet na Introdução à edição desta obra das «Sources Chrétiennes», Paris, Les Éditions du Cerf, 1975, pp. 90 e seguintes. Concretamente sobre a ira, que é aliás um dos pontos em que Gregório mais se aproxima das posições de Cassiano, cf. pp. 100-101 (cf., por exemplo, *Moral.* 5, 78 e *Instit.* 8, 1).

uma colecção de tipo sistemático, organizada por virtudes e vícios <sup>27</sup>. Isidoro de Sevilha aborda por diversas vezes esta temática e Taio de Saragoça compõe um *excerptum* de Gregório Magno, um autor muito apreciado e difundido na Península, com inúmeros excertos concernentes aos vícios <sup>28</sup>.

Por outro lado, uma obra muito apreciada nos meios peninsulares, o que revela bem o interesse por esta temática, era precisamente a de João Cassiano <sup>29</sup>. A atestá-lo está a significativa influência do abade marselhês nos autores hispânicos: Martinho de Braga mostra-se profundamente influenciado nos *Pro Repellenda lactantia, Item de Superbia e Exhortatio Humilitatis* <sup>30</sup>; Eutrópio, como foi referido, constitui um centão das *Collationes* <sup>31</sup>; Leandro de Sevilha, no seu *De Institutione Virginum*, revela clara-

---

<sup>27</sup> JOSÉ GERALDES FREIRE, *A versão latina por Pascácio de Dume dos apophthegmata Patrum*, Coimbra, 1971, 36-7. Sobre a ira são os apotegmas xx («*de origine irae*») e xxvi («*non loquendum in ira*»).

<sup>28</sup> Além dos exemplos citados, é lícito supor que eram conhecidas na Península outras obras sobre esta temática. Por exemplo, Isidoro de Sevilha refere alguns textos concernentes às virtudes e aos vícios, como um de João Crisóstomo (*De uir. ill.*, VI, ed. CODOÑER: [...] *reperitur opus eius insigne de conuersatione uitae et institutione morum siue de compugnantia uirtutum ac uitiorum*), também mencionado por Genádio (*De uir. ill.*, 30), ou um de Juliano Pomério (*De uir. ill.*, XIII, ed. CODOÑER: *edidit... etiam de uitis atque uirtutibus*. Cf. SCHANZ, II, 554-5).

<sup>29</sup> JACQUES FONTAINE, «Fins et moyens de l'enseignement ecclésiastique dans l'Espagne wisigothique», in *Culture et Spiritualité en Espagne du IVe au VIIe siècle*, London, Variorum Reprints, 1986, 164: «mais aussi que cette période [séc. VI] a pu connaître, pour des raisons géographiques évidentes, un regain d'influence considérable des œuvres et de l'esprit de Jean Cassien, en particulier dans le nord de la péninsule». Para a presença de Cassiano na Península, cf. M.C. DÍAZ Y DÍAZ, «Al margen de los Manuscritos Patristicos Latinos», *Sacris Erudiri*, 22, 1974-1975, 61-74 (especialmente pp. 82-70); M. C. DÍAZ Y DÍAZ na introdução à edição de ISIDORO de SEVILLA *Etimologias*, ed. José Oroz Reta y Manuel Marcos Caspero, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, 93. Os textos de Cassiano onde os vícios são mais demoradamente tratados são *Instituta Coenobiorum*, V a XII, e *Collationes*, V.

<sup>30</sup> Precisamente *Instit.* XI «*De spiritu cenodoxiae*» e XII «*De spiritu superbiae*», e *Collat.* V «*De octo uitis principalibus*». Quanto à relação entre Martinho e Cassiano, veja-se mais adiante pp. 56 e seguintes.

<sup>31</sup> PÉREZ de URBEL, *Historia de España*, dir. Menendez Pidal, III, «Espanña visigoda, Madrid, 1940, 395; W. O. CHADWICK, *John Cassian*, Cambridge, 1950, 94 n. 1; URSICINO DOMÍNGUEZ DEL VAL, «Eutropio de Valencia y sus fuentes de información», *Revista española de Teología*, 14, 1954, 396-392; M. C. DÍAZ Y DÍAZ, *Anecdota Wisigothica*, p. 18.

mente influência de Cassiano <sup>32</sup>; Isidoro usa-o na sua doutrina dos vícios e cita-o expressamente <sup>33</sup>. Igualmente sintomático deste interesse pela obra do marselhês é o facto de Frutuoso de Braga escrever a Bráulio de Saragoça a pedir as *Collationes* de Cassiano de forma a completar os volumes que já possui <sup>34</sup>. Por outro lado, existem diversos testemunhos codicológicos a atestar a presença e interesse de Cassiano na Península <sup>35</sup>.

Por conseguinte, não será difícil admitir que o *De Ira* se insere perfeitamente no quadro de interesses dos autores hispânicos da época e não é um mero exercício a que Martinho se tenha entregado mais ou menos displicentemente.

## A PROBLEMÁTICA DA IRA

Será de interesse observar onde se enquadrará o opúsculo de Martinho de Braga em estudo no contexto da problemática da ira. Na realidade, poder-se-á considerar que o *De Ira* se inscreve numa longa tradição de obras sobre as paixões que desde a Antiguidade foram objecto de debate e controvérsia, e que mais tarde se prolongaram no contexto cristão, na linha dos textos sobre os vícios. Para tal, não será

---

<sup>32</sup> JOSÉ MADDOZ, «Un nueva transmisión del «libellus de institutione uirginum» de San Leandro de Sevilla», *Analecta Bollandiana*, 67, 1949, 421-422 [cf. cap. x «de habitu uirginum» e *Inst.* I,2-3]; JOSÉ MADDOZ, «San Leandro de Sevilla», *Estudios Eclesiásticos*, 56, 1981, 433 [cf. cap. xxvi e *Coll.* xviii, 5].

<sup>33</sup> *Diff.*, 2, 40, 166; FONTAINE, *Isidore*, 689 e 701.

<sup>34</sup> (*Epist.* 43, ed. MADDOZ): «Specialiter tamen, domine mi, quod in hac regione in qua degimus non inuenitur supplex suggero, ut pro mercede tua de collationes Cassiani illumines monasteria ista... Age, piissime domine, ut uestra pro hoc merces clareat ante Dominum, Septem Collationes quas memoratus Cassianus Iouiniano, Mineruio, Leontio, et Theodoro scripsit, iam hic Christianis tributibus, habemus. Reliquas decem, quas Helladio et Leontio episcopis, et alias septem, quas sancto Honorato atque Eucherio se asserit edidisse, minime habemus». Ver a este propósito M. C. DÍAZ Y DÍAZ, *Ocho estudios sobre la vida peninsular*, Barcelona, El Albir, 1976, 30.

<sup>35</sup> A problemática das relações entre Cassiano e a literatura visigótica é presente-mente objecto de estudo pelo Dr. Arnaldo Espírito Santo, da Faculdade de Letras de Lisboa. Cf. também MANUEL C. DÍAZ Y DÍAZ, *Libros y Librerías en la Rioja alto-medieval*, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 1979, pp. 43, 249-251, 262; MANUEL C. DÍAZ Y DÍAZ, *De Isidoro al Siglo XI, Ocho Estudios sobre la vida literária peninsular*, Barcelona, El Albir, 1976, pp. 31, 66, 74-75, 85.

despropositado traçar de forma esquemática um quadro de referência do problema <sup>36</sup>.

No âmbito da problemática das paixões, a questão da natureza da ira suscitou desde sempre ampla reflexão e debate nas principais escolas filosóficas da antiguidade, dando origem a importantes referências e inúmeras monografias <sup>37</sup>, que se prolongaram no espaço cultural cristão, no quadro da reflexão sobre os vícios. A posição de Aristóteles, que segundo Diógenes Laércio (V, 23) teria inclusivamente escrito um *Περὶ παθῶν ὀργῆς*, desde sempre teve papel de referência. Por princípio, o filósofo académico não teria uma atitude totalmente desfavorável à ira. A definição aristotélica (*De anima*, 1, 403) «desejo de retribuir uma afronta» <sup>38</sup>, não sugere um juízo condenatório relativamente a esta paixão. Na verdade, como exprime na *Ethica Nicomachea*, tanto a irascibilidade como a incapacidade de reagir temperamentalmente, a ἀοργησία, eram igualmente condenáveis: a reacção contra uma situação injusta e que nos é hostil não só não é censurável mas legítima e aconselhada <sup>39</sup>. Por outro lado, segundo reportam Cícero e Filodemo, a ira teria aos olhos dos peripatéticos, em geral, aspectos positivos. Sendo considerada algo

<sup>36</sup> É lamentável que A. LIEFOOGHE, num estudo não muito aprofundado que faz sobre a teoria moral de Martinho, não aborde a questão da ira, tal como faz em relação a todos os outros vícios e virtudes presentes na obra martiniana, por a considerar sem interesse pelo facto de provir exclusivamente de Séneca e não oferecer nada de original. Creio que é uma visão algo superficial porquanto o facto de Martinho seguir escrupulosamente as concepções estoicas é que é algo original para o seu tempo, como mais abaixo se expõe. Cf. A. LIEFOOGHE, «Les idées Morales de Saint Martin de Braga», *Mélanges de Science Religieuse*, 11, 1954, 133-146 (sobre o *De Ira*, p. 134).

<sup>37</sup> A atestar o interesse pelo tema da ira, veja-se Cícero, *epist. Quintum Frat.*, I, 1, 37. Para além dos autores e obras indicados nas páginas seguintes, escreveram monografias acerca das paixões, os estoicos Zenão (*SVF*, I, p. 72; Diógenes Laércio, VII, 4), Aríston de Quios (Diógenes, VII), Crisipo (*SVF*, III, 202; Diógenes VII, 111), Herilo de Cartago (*SVF*, I, 91, Diógenes VII, 166), Esfero do Bósforo (*SVF*, I, 139, Diógenes VII, 178), Posidónio (Diógenes VII), Hécaton (Diógenes Laércio V, 45), (Galeno, *Περὶ Ψυχῆς παθῶν*, col. VIII). Concretamente sobre a ira, além de Aristóteles, Posidónio e Filodemo abaixo citados, são autores de obras monográficas o cínico Bíon (segundo Filodemo, *De Ira*, I, 16), o estóico Antípatro de Tarso (*SVF*, III, frg. 65, p. 257; Ateneu, XIV, 643; Filodemo, *Περὶ τῶν φιλοσοφῶν*, col. VII). Sócion também teria escrito diversos textos sobre a ira, segundo Estobeu (III, 14, 10; 20, 53; IV 44, 59; 48, 30).

<sup>38</sup> Definição desde sempre retomada. Cf. Cícero, *Tusc. Disp.*, III, 5, 11; IV, 19, 44; Estobeu, II, 7, 10 c; Diógenes Laércio, VII, 113; Lactâncio, *Ira dei*, XVII.

<sup>39</sup> *Eth. ad Nic.*, IV, 5, 2-5; III, 8, 10; *Rhet.* 2, 1378A-B.

natural, a ira tinha um valor de estímulo para a justiça e a coragem e, como tal, era julgada indispensável<sup>40</sup>. A valorização chegou ao ponto de Cícero atribuir aos peripatéticos uma asserção como esta: *uirum denique uideri negant qui irasci nesciet*<sup>41</sup>. Tal poderá ter sido a posição de Teofrasto, que terá escrito um Περὶ παθῶν<sup>42</sup>. Ora, todos estes aspectos alegadamente positivos da ira serão intransigentemente rejeitados por Séneca<sup>43</sup>. No entanto, mesmo entre os peripatéticos, a valorização da ira não será uniforme: como exemplo, cita-se Jerónimo de Rodes que, segundo Séneca e Plutarco<sup>44</sup>, se teria preocupado em combater a ira em vez de procurar justificá-la.

Os epicuristas não se afastavam muito da posição de Aristóteles. Com efeito, para estes não era a ira em si que devia ser condenável, mas tão só os seus excessos. Filodemo, autor de um Περὶ ὀργῆς, distinguia dois tipos de ira, uma viciosa, κενή, considerada como um mal, outra natural, entendida como um bem, inevitável e inerente à natureza humana. Naturalmente, os epicuristas afastavam-se das concepções dos peripatéticos no critério que deveria discernir e estabelecer os limites da ira natural e da ira vã: para Aristóteles, esse critério era a razão, para os epicuristas era a natureza<sup>45</sup>.

Posição bem diversa vão ter os estóicos. Se a ira é uma paixão e toda a paixão afasta o homem do ὀρθὸς λόγος e é naturalmente inimiga da

---

<sup>40</sup> *Tuscul. Disp.* IV, 19, 43, «Quid, quod idem Peripatetici perturbationes istas, quas nos extirpandas putamus, non modo naturalis esse dicunt, sed etiam utiliter a natura datas? quorum est talis oratio: primum multis uerbis iracundiam laudant, cotem fortitudinis esse dicunt, multoque et in hostem et in inprobum ciuem uehementioris iratorum impetus esse, leuis autem ratiunculas eorum qui ita cogitent: 'proelium rectum est hoc fieri, conuenit dimicare pro legibus, pro libertate, pro patria'. haec nullam habent uim, nisi ira excanduit fortitudo». Séneca reproduz estas concepções mas atribui-as a Aristóteles (*De Ira*, III, 3, 1), o que não podemos comprovar pelos textos que nos chegaram. Cf. ainda Platão, *Rep.*, 440a-440e, 581b.

<sup>41</sup> *Tusc. Disp.*, IV, 43.

<sup>42</sup> Diógenes Laércio, V, 45.

<sup>43</sup> Contra o facto de a ira ser natural e conveniente: I, 5,1; ser útil pois agulha e espírito: I, 20, 1; a ira ser lógica e útil perante as acções repreensíveis: II, 6-18. Sobre toda esta problemática, veja-se J. FILLION-LAHILLE, *Le De Ira de Sénèque et la philosophie stoïcienne des passions*, Paris, Klincksieck, 1984, 224 e seg.

<sup>44</sup> Séneca, *De Ira*, I, 19, 3.

<sup>45</sup> JANINE FILLION-LAHILLE, «La production littéraire de Sénèque sous les règnes de Caligula et de Claude, sens philosophique et politique: les «Consolations» et le «De ira», in *Aufstieg und Niedergang*, II, 36, 3, 1633. Os passos de Filodemo encontram-se aí citados.

ἀπάθεια, deve ser intransigentemente combatida e reprimida. O *animi motus* é contrário à razão e inconciliável com a *recta ratio* <sup>46</sup>. Segundo a classificação estoica tradicional, a ira pertencia à categoria do desejo que, por sua vez, constituía um dos quatro *adfectus* fundamentais <sup>47</sup>. Se inicialmente Zenão não terá assumido, segundo os indícios de que dispomos, uma atitude de frontal oposição, procurando antes discernir diversos matizes para melhor banir a paixão do espírito do homem *prudens*, Crisipo, autor de um Περὶ παθῶν <sup>48</sup>, revelava-se totalmente contrário a este *adfectus*. Será esta a posição que Séneca defenderá no mais importante tratado sobre esta temática que o estoicismo romano nos legou: o *De Ira*, em três livros, que serviu de base ao epítome em estudo. Nele, Séneca, muito provavelmente na linha de Crisipo, Posidónio e Sócion, os dois últimos também autores de obras sobre a ira, focando não apenas questões de definição e de classificação, mas também os modos de a dominar ou acalmar <sup>49</sup>, combate com total intransigência as posições dos peripatéticos e dos cínicos e defende a necessidade absoluta de se reprimir este terrível *adfectus* <sup>50</sup>.

De certa forma, será uma posição próxima da dos estóicos que Cícero assume no livro IV das *Tusculanae* <sup>51</sup>. Fazendo-se eco da definição peripatética <sup>52</sup>, que será retomada durante séculos, defende que a ira deve ser reprimida e nega em absoluto que ela possa ter alguma utilidade <sup>53</sup>. As concepções estoicas encontrarão ressonância mais tarde

<sup>46</sup> *Est igitur Zenonis haec definitio, ut perturbatio sit, quod pathos ille dicit, auersa a recta ratione contra naturam animi commotio* (Cícero, *Tusc. Disp.* IV, 6, 11). Cf. também *ibidem*, IV, 21; 28.

<sup>47</sup> Cf. Cícero, *Tusc. Disp.* IV, 7, 16. Sobre o assunto, MAX POHLENZ, *La Stoa, Storia di un movimento spirituale*, trad. it. Ottone de Gregorio, Firenze, La Nuova Italia, 1978, p. 302; JEANINE FILLION-LAHILLE, *Le De Ira de Sénèque et la Philosophie stoïcienne des Passions*, Paris, Klincksieck, 1984, 18 e seg.

<sup>48</sup> Diógenes Laércio, VII, 110.

<sup>49</sup> Cícero queixa-se exactamente do facto de os autores gregos se interessarem mais por problemas de definição e classificação do que pelos meios de conter a ira (cf. *Tusc.* IV, 5, 9).

<sup>50</sup> Quanto à questão das fontes do *De Ira* senequiano, vide o estudo exaustivo de JEANINE FILLION-LAHILLE, *Le De Ira de Sénèque et la philosophie stoïcienne des passions*, Paris, Klincksieck, 1984. J. FILLION-LAHILLE, «La production littéraire de Sénèque...», in *Aufstieg und Niedergang*, 1620-1638.

<sup>51</sup> *Tusc. Disp.*, IV, 42; 77; 79; 47.

<sup>52</sup> *Tusc. Disp.*, IV, 21: *ea sic definiuntur, ut ira sit libido puniendi eius qui uideatur laesisse iniuria.*

<sup>53</sup> *Tusc. Disp.* IV, 23, 52: *si quid fecimus, ante irati non fecimus ... non igitur desiderat fortitudo aduocatam iracundiam; satis instructa parata armata per sese.*

ainda em Plutarco, autor, para além do *De cohibenda Ira* que chegou até nós, de um *Περὶ ὀργῆς* hoje desaparecido <sup>54</sup>.

No mundo cultural cristão, e pondo de lado a disputadíssima questão da *ira Dei*, o debate sobre a natureza da ira, considerada como um vício do homem, prolongou-se no quadro da discussão sobre os *uitia*, continuando a suscitar significativo interesse <sup>55</sup>. A apreciação sobre a natureza deste vício não foi uniforme e, de certa maneira, a polémica e o debate que as escolas filosóficas tinham alimentado estenderam-se à reflexão cristã. De qualquer forma, a ira nunca deixou de ser considerada um vício, integrando sempre todos os cânones de *uitia* dos autores cristãos, que vinham, naturalmente, na sequência dos catálogos de vícios que os estóicos apresentavam ou do que Horácio regista <sup>56</sup>. Exemplos desses cânones são, por exemplo, o de Evágrio Pôntico <sup>57</sup>, o de Cassiano <sup>58</sup>, o de Gregório Magno <sup>59</sup>, de Isidoro de Sevilha <sup>60</sup>, que, com pequenos matizes entre si, nunca deixam de incluir a ira.

Em breves palavras, a questão resume-se no seguinte: por um lado, havia autores que, não se perturbando com determinados passos bíblicos, entre os quais avulta o celeberrimo versículo do *Ps. 4, 5 (Irascimini et nolite peccare)* se aproximaram das posições defendidas pelos filósofos do Pórtico. Para eles não há nunca cólera legítima. É o caso, por exemplo, de Evágrio Pôntico <sup>61</sup>, que via na ira o maior obstáculo à oração e contemplação (mas que, no entanto, abria uma excepção: a ira apenas seria admissível contra os demónios <sup>62</sup>). Da mesma forma, S. Nilo, igualmente acérrimo adversário da ira, só admite a ira contra si mesmo <sup>63</sup>. A mesma posição toma Arnóbio, para quem a ira era sempre *furor* <sup>64</sup>.

<sup>54</sup> Estobeu, III, 20, 70.

<sup>55</sup> Sobre a problemática da ira nos autores cristãos, veja-se o artigo de MARCEL VILLER «Colère» no *Dictionnaire de Spiritualité Chrétienne*, 1054-1078.

<sup>56</sup> *Epist.* 1, 1, 33-38.

<sup>57</sup> *Practicus*, 6-14 (PG 40, 1272A-1276B).

<sup>58</sup> *Instit.* V, 1.

<sup>59</sup> *Moralia*, 31, 87. Vide ROBERT GILLET na introdução à edição dos *Moralia* de Gregório das «Sources Chrétiennes», Paris, Les Éditions du Cerf, 1975, 89-91.

<sup>60</sup> Cf. FONTAINE, *Isidore*, 700-702.

<sup>61</sup> Evágrio Pôntico, *Orat.* 14, 21, 22, 24, 27, 64; *Gnost.* 108; *De octo uit. cogit.* 6; *Antirhet.* 17; Hesiquio, *De temperantia et uirtute*, I, 20 e II, 3 (PG 93, 1485D e 1512).

<sup>62</sup> *Capita Practica* I, 15.

<sup>63</sup> S. Nilo, *Ep.* II, 305 (PG 79, 349C); *Ep.* II, 231 (PG 79, 320B); *Ep.* III, 292 (PG 79 528B).

<sup>64</sup> *Aduersus nationes*, 1, 17: «quid est enim aliud irasci quam insanire, quam furere, quam in ultionis libidinem ferri et in alterius doloris cruces efferati pectoris alienatione

Cassiano, em cuja obra a influência de Evágrio Pôntico é evidente, defenderá uma doutrina semelhante. Para o abade marselhês, de forma alguma a cólera deve ser admitida, pois não é útil nem necessária, opinião que lembra a argumentação estóica. Isto mesmo exprime nos seus *Instituta* (VIII, 5), ao comentar um passo de S. Paulo (*Ephes.* 4, 31): *cum dicit omnis ira tollatur a uobis, nullam penitus uelut necessariam et utilem nobis exceptit*<sup>65</sup>. No entanto, como excepção, Cassiano admite a cólera nos monges somente contra os seus próprios pensamentos perversos<sup>66</sup>. Esta reprovação da ira, devido à extraordinária popularidade de que gozou, foi nos autores posteriores frequentemente adoptada.

De outro lado, perfilavam-se os autores que, de uma forma mais ou menos matizada, julgavam necessária, em certas e determinadas circunstâncias, a cólera. No fundo, existiriam dois tipos de ira: uma injusta e inaceitável, o *furor*, outra legítima e admissível, a ira como *correctio uitiorum*<sup>67</sup>. Desta forma, poder-se-iam conciliar e explicar certos passos bíblicos, como o *Ps.* 4,5. Será a posição assumida, por exemplo, por S.<sup>to</sup> Agostinho, S. Jerónimo e Salónio<sup>68</sup>. S.<sup>to</sup> Ambrósio explica com clareza esta «ira justa». Ao comentar *Ps.* 4,5 (*De Off.* 1, 21, 96), afirma:

«Irascimini ubi culpa est, cui irasci debeatis. Non potest enim fieri, ut rerum indignitate moueamur: alioquin non uirtus, sed lenitudo et remissio.»<sup>69</sup>

---

bacchari?» Cf. PAOLO MASTRANDEA, *Lettori cristiani di Seneca filosofo*, Milano, Paideia Editrice, 1988, 9-25.

<sup>65</sup> Cf. *Instit.* VIII, 22: «Quapropter athletam Christi legitime decertantem iracundiae motus radicatus oportet euellere. Cuius morbi haec erit medicina perfecta, ut primitus credamus nullo modo siue iniustis seu iustis ex causis licere nobis irasci». Cf. ainda *Instit.* VIII, 2.

<sup>66</sup> *Instit.* VIII, 7: «habemus sane irae ministerium satis commode nobis insertum, ad quod eam recipere utile nobis est ac salubre, cum contra lasciuiantes cordis nostri motus indignantes infremimus et ea, quae agere confundimur coram hominibus uel proloqui, in latebras ascendisse nostri pectoris indignamur».

<sup>67</sup> No fundo, é o retomar de velhas definições: Crisipo entendia que a ira era *libido puniendi eius qui uideatur laesisse iniuria* (Cícero, *Tusc. Disp.* IV, 21). Veja-se Gélio, I, 26, 10; Mário Vitorino, *In Eph.* 4, 31; Séneca, *De Ira*, 2, 3, 4.

<sup>68</sup> Agostinho, *Ciu. dei*, 14, 15; Jerónimo, *In Eph.* 4, 26; Salónio, *Expositio mystica in eccles.* (PL 53, 1004b): *ira non semper est uitium sed aliquando est uirtus, quando irascimur nobis ipsis uel alijs peccantibus.*

<sup>69</sup> Cf. a posição aristotélica *Rhet.* II, 1378 A-B.



Mais longe irá Lactânio. Contrariando tanto os peripatéticos<sup>70</sup>, como os estóicos<sup>71</sup>, distingue os dois tipos de ira, o *furor*<sup>72</sup> e a *ira ad coercenda peccata*<sup>73</sup>. A utilidade deste segundo tipo de ira (*De Ira Dei*, 17, 20-21) é assim defendido:

«Ergo ita definire debuerunt: ira est motus animi ad coercenda peccata insurgentis. Nam definitio Ciceronis, 'ira est libido ulciscendi', non multum a superioribus distat. Ira autem quam possumus uel furorem uel iracundiam nominare, haec ne in homine quidem debet esse quia tota uitiosa est, ira uero quae ad correctionem uitiorum pertinet, nec homini adimi debet nec deo potest, quia utilis est rebus humanis et necessaria.»

Também Gregório Magno desenvolveu a problemática da ira, sobretudo no livro V dos *Moralia* (45, 78-83). A sua posição é clara: adoptando o princípio dos dois tipos de ira (45, 82)<sup>74</sup>, não se afasta, no entanto, da necessidade de conter a ira, aproximando-se neste ponto das concepções de Cassiano<sup>75</sup>. No Oriente, pela mesma altura, será também a posição tomada por Diádoco<sup>76</sup> e por João Crisóstomo<sup>77</sup>: existe uma cólera justa e necessária.

Ao tempo de Martinho de Braga, a doutrina sobre a ira, em particular na Península Ibérica, deveria estar profundamente influenciada pelas concepções de Agostinho, Cassiano e Gregório Magno, dominantes na época, mercê da significativa consideração que estes gozavam junto dos autores hispânicos. Ora, o *De Ira* de Martinho de Braga, na forma como

---

<sup>70</sup> *Inst.* VI, 16-19.

<sup>71</sup> *Inst.* VI, 15 e 17, 21 e seg. Cf. Introdução de CHRISTIANNE INGREMEAU, à edição do *De Ira dei* nas «Sources Chrétiennes» (Paris, Éditions du Cerf, 1982), 13-24.

<sup>72</sup> Cf. Séneca, *De Ira*, 2, 3, 5; *Epist.* 18,15; cf. Jerónimo, *In Eph.* 4, 31.

<sup>73</sup> Cf. Agostinho, *Conf.* 2, 6, 13.

<sup>74</sup> *Moral.* V, 45, 82: *est quod alia est ira, quam impatientia excitat, alia quam zelus format. Illa ex uitio haec ex uirtute generatur.* Cf. Taio, *Sent.* IV, 17.

<sup>75</sup> Sobre a relação entre Gregório Magno e Cassiano no respeitante à ira vide D. ROBERT GILLET na introdução à edição dos *Morales sur Job* de André de Gaudemaris, Sources Chrétiennes, Paris, Éditions du Cerf, 1975, pp. 100-101. Gillet aponta o inequívoco paralelo *Moral.* V, 78 e *Instit.* VIII, 1.

<sup>76</sup> *Expositio in Ecc.*, XLII (PG 65, 1187).

<sup>77</sup> *Expositio in Ps.* 4, 7 (PG 55, 50-51).

está construído, na selecção dos segmentos e posterior transformação que sofrem, defende, surpreendentemente, em pleno século VI, uma doutrina eminentemente estóica sobre a ira: de forma alguma, em circunstância alguma, a ira é vantajosa<sup>78</sup> nem pode ser admitida<sup>79</sup>. Só tem uma única forma<sup>80</sup>, sempre perversa e condenável<sup>81</sup>. Esta ortodoxia pagã estóica chegará inclusivamente a impressionar autores hispânicos do séc. XVII que se dedicaram ao estudo de Martinho de Braga, como Nicolau Antonio<sup>82</sup>.

Razões para a elaboração de um texto com recurso a uma obra que se afastava das correntes de pensamento sobre a ira na época, é uma pergunta sem resposta. Contudo, excepto na intransigência da não-admissibilidade da ira, a doutrina exposta no opúsculo nunca vai contra a doutrina geral cristã do seu tempo. São inúmeros os pontos de contacto, que no fundo mais não fazem do que testemunhar as coincidências frequentes a nível da moral entre estoicismo e cristianismo. Mas não deixa de ser surpreendente que Martinho não tenha utilizado, por exemplo, um autor tão apreciado na Península como Cassiano, tal como fizeram os seus contemporâneos e ele próprio noutras obras, que com o seu *De spiritu irae* ou com o livro V das *Collationes*, utilizado, aliás, no *Pro Repellenda lactantia*, oferece abundante material para tal temática. Aliás, na sua globalidade, as concepções defendidas por Martinho não se afastam muito das de Cassiano. Poder-se-á conjecturar que Martinho ou preferiu um texto que correspondia melhor à mensagem que pretendia veicular, ou, pura e simplesmente, não dispunha de uma cópia do livro VIII dos *Instituta*, possuindo em contrapartida

---

<sup>78</sup> *De Ira*, 3: *nec in proeliis utilis inuenitur.*

<sup>79</sup> *De Ira*, 7: *numquam itaque iracundia admittenda est, aliquando simulanda.*

<sup>80</sup> Para Martinho, nem para castigar o pecador, como vimos, velho *topos* da filosofia antiga adoptado pelos mais importantes autores cristãos, é útil (*De Ira*, 7): *ad coercionem autem errantium irato castigatore non opus est. Nam cum ira delictum animae sit, non oportet peccantem peccata corrigere.*

<sup>81</sup> Martinho considera mesmo a ira o *pessimum malum* (11), afastando-se inclusivamente de Sêneca (que tem apenas *durissimum malum*).

<sup>82</sup> NICOLAUS ANTONIVS, *Bibliotheca hispana siue Hispanorum qui usquam unquamque siue Latina siue populari siue alia quavis lingua scripto aliquid consignauerunt notitia*, Roma, ex typographia Antonii de Rubeis, 1696, [BNL B 62] I.IV, cap. IV, p. 219: «Nullis ad hoc ibi utitur sacrae scripturae testimoniis, ut in aliis solet, ut ethnicum uere, non Christianum est, quod excusationem offensae illatae his uerbis praetendit: *Amicus est, fecit quid noluit. Inimicus est, fecit quod debuit.* Postremo enim hoc longe abludit a Christiano dogmate.»

o texto de Séneca<sup>83</sup>. São questões que por enquanto ficam sem resposta, mas que justificam interesse de reflexão, mormente a partir da utilização de Séneca feita por Martinho de Braga.

---

<sup>83</sup> Nesse caso, teria certamente utilizado o livro V das *Collationes*: o aproveitamento deste livro no *Pro Repellenda lactantia* é evidente (Cf. o aparato de *loci similes* da edição de Barlow). Todavia, não deixa de ser curioso que Frutuoso peça a Bráulio os livros I a XVII das *Collationes*, afirmando que possui apenas os livros XVIII a XXIV. Dever-se-á considerar que Martinho nunca teve o texto completo das *Collationes*, inclusivamente do livro V, mas apenas um pequeno excerto que utilizou? Seja como for, já não haveria uma cópia em Braga ao tempo de Frutuoso, algumas dezenas de anos após a redacção do *Pro Repellenda lactantia*.

## SÉNECA E MARTINHO DE BRAGA

### SÉNECA E A SUA RECEPÇÃO NA LATINIDADE TARDIA

A recepção de Séneca na Antiguidade e na Latinidade Tardia tem sido alvo de inúmeros trabalhos, quer versando um nível geral e globalizante, quer a um nível de estudos específicos e monográficos. Seria fastidioso e pouco produtivo para o presente estudo um tratamento aprofundado e exaustivo da questão. Convirá, no entanto, evocar alguns dos aspectos mais salientes do problema de modo a obtermos um enquadramento geral que permita uma visão de conjunto sobre a relação entre o filósofo estoíco e o bispo bracarense <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Trabalhos de conjunto sobre a recepção de Séneca: FAIDER, *Études sur Sénèque*, Gand, 1921, 9-107 (para os apócrifos 117-122); A. BOURGERY, *Sénèque prosateur*, Paris, Les Belles Lettres, 1922, 150-166 (assinale-se, no entanto, a visão algo optimista e de certa forma incomprovável de Bourgery acerca da influência de Séneca nos seus pósteros); M. SPANNEUT, *Permanence du Stoïcisme de Zénon à Malraux*, Gembloux, Éd. Duculot, 1973, pp. 130-178; MICHEL SPANNEUT, «Permanence de Sénèque le philosophe», *Bulletin Budé*, 1980, pp. 361-407; KARL ALFRED BLÜHER, *Séneca en España. Investigaciones sobre la recepción de Séneca en España desde el siglo XIII hasta el siglo XVII*, Madrid, Editorial Gredos, 1983, 17-56; W. TRILLITZSCH, *Seneca im literarischen Urteil der Antike*, Amsterdam, M. Hakkert, 1971; MARION LAUSBERG, *Untersuchungen zu Senecas Fragmenten*, Berlin, De Gruyter, 1970; SCHANZ, II, 679-722; MICHEL SPANNEUT, «Sénèque» in *Dictionnaire de Spiritualité*, Paris, 1990, tomo 14, col. 570-598. Para a transmissão manuscrita, L. D. REYNOLDS, «The Medieval Tradition of Seneca's 'Dialogues'», *Classical Quarterly* N.S.18, 1968, 355-372; L. D. REYNOLDS, *The Medieval Tradition of Seneca's «Letters»*, Oxford Univ. Press, 1965; L. D. REYNOLDS, ed., *Texts and Transmission. A Survey of the Latin Classics*, Oxford, Clarendon Press, 1986, 357-381.

A personalidade e obra de Sêneca desde sempre foram objecto de diversas e bem diferenciadas apreciações, da admiração ao repúdio. Ainda em vida, aliás, Sêneca defrontara-se com críticas e acusações, ecos das quais transparecem, por exemplo, no *De uita beata*. Não escapa ele à suspeita de pregador algo hipócrita, em contradição com a imagem do *sapiens* que nos seus escritos procurava transmitir<sup>2</sup>. Após a sua morte, uma morte realmente digna da reputação que dele se fez<sup>3</sup>, as críticas não cessaram. Estas podem ser divididas, segundo Blüher<sup>4</sup>, em dois grandes tipos: as de índole moral e comportamental e as de índole literária. As primeiras são, no fundo, a continuação das mesmas que lhe faziam em vida. Se Columela<sup>5</sup>, Marcial<sup>6</sup>, Juvenal<sup>7</sup>, Estácio<sup>8</sup>, Suetónio<sup>9</sup>, Plínio, o Velho<sup>10</sup>, Plínio, o Moço<sup>11</sup> e Plutarco<sup>12</sup> aludem à personalidade de Sêneca com simpatia ou, pelo menos, sem sinais de hostilidade, já Tácito,

---

Para a transmissão manuscrita em Espanha, ANTONIO FONTÁN, «Algunos códices de Sêneca en bibliotecas españolas y su lugar en la tradición de los diálogos», *Emerita*, 17, 1949, 9-41 e 19, 1950, 35-65. Quanto a aspectos específicos da obra de Sêneca, indicarei à medida que for conveniente. Para uma bibliografia actualizada e completa, vide F.-R. CHAUMARTIN, *Quarante ans de recherche sur les œuvres philosophiques de Sénèque (Bibliographie 1945-1985)* in *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, hrsg. Wolfgang Haase, Berlin, De Gruyter, 1989, II, 36, 3, pp. 1545-1605. Concretamente sobre o *De Ira*, limitar-me-ei a indicar as obras que mais utilizei nestas páginas: G. CUPAIUOLO, *Introduzione al De Ira de Seneca*, Studi e testi dell'antich. I, Napoli, Soc. ed. Napoletana, 1975; MICHELE COCCIA, *I problemi del De Ira di Seneca alla luce dell'analisi stilistica*, Roma, Ed. dell'Ateneo, 1958; JANINE FILLION-LAHILLE, «La production littéraire de Sénèque sous le règne de Caligula et de Claude, sens philosophique e politique: les 'Consolations' et le 'De ira'», in *Aufstieg und Niedergang*, II, 36, 3, 1606-1638; JANINE FILLION-LAHILLE, *Le De Ira de Sénèque et la Philosophie Stoïcienne des Passions*, Paris, Klincksieck, 1984.

<sup>2</sup> Assinale-se a posição de Petrónio, que para além das paródias que se identificam no *Satyricon*, revela ainda, na opinião de FAIDER (pp. 18-25), uma certa hostilidade.

<sup>3</sup> Pelo menos, a acreditar na artística reconstituição de Tácito (*Ann.* XV, 60-64).

<sup>4</sup> BLÜHER, p. 18.

<sup>5</sup> *De Re Rust.* III, 3, 3.

<sup>6</sup> Meras alusões à personalidade de Sêneca em *Epigrammata*, I, 61, 7-8; IV, 40, 1-2; VII, 44, 9-10; 45, 1-4; XII, 36, 8-10.

<sup>7</sup> *Sat.* V, 107-110; VIII, 211-214; X, 15-18.

<sup>8</sup> *Siluae* II, 7, 31-32.

<sup>9</sup> *Caligula* 53, 2; *Nero* 7, 1; 35, 5; 52; *Tiberius* 73, 2.

<sup>10</sup> *Nat. Hist.*, I, 6; I, 9; I, 36; VI, 60; IX, 167; XIV, 51. Neste último passo Faider (p. 37) vê uma nota de ironia e hostilidade; XXIX, 10.

<sup>11</sup> *Ep.* 5, 3, 5.

<sup>12</sup> *Galba*, 20; *De Cohibenda Ira*, 13.

se bem que não totalmente hostil, sobretudo a partir da ruptura de Sêneca com o poder, se faz eco de inúmeros boatos e incidentes, como, por exemplo, o episódio com Suílio, genro de Ovídio (*Ann.* XIII, 42), a hipocrisia do discurso, hipoteticamente redigido por Sêneca, após o assassinato de Cláudio (XIII, 3), ou o seu envolvimento na morte de Agripina (XIV, 7) <sup>13</sup>. O ponto mais negro na apreciação moral do filósofo será registada na obra do historiador Díon Cássio, onde (apesar de se tratar de um epítome o que poderá, de alguma maneira, deturpar o sentido inicial da atitude do autor da *História Romana*), ecoam as mais diversas e conhecidas acusações e críticas, tais como a hipocrisia do cordovês (61, 10, 2-4) ou o embaraçante caso já referido de Suílio (61, 10, 6) <sup>14</sup>. Em suma, a imagem de Sêneca na Antiguidade ia desde a de *uir excellentis ingenii atque doctrinae*, segundo a definição de Columela (XIII, 1) à de uma personagem hipócrita, colaborante com o corrompido e desregrado poder imperial. Serão mais tarde os autores cristãos e a Idade Média a regenerar a reputação do autor das *Epistulae Morales*.

Porém, o que, porventura, mais contribuiu para o denegrir da imagem de Sêneca e a conseqüente má recepção na Antiguidade terão sido as críticas de índole estético-literária <sup>15</sup>. Estas encontram-se impiedosamente formuladas num dos mais célebres passos de Quintiliano <sup>16</sup>. Apesar de admitir a enorme popularidade da obra de Sêneca (a famosa citação *solus hic fere in manibus adolescentium* é disso testemunho), Quintiliano não deixa de considerar a prosa *in eloquendo corrupta pleraque atque eo perniciosissima, quod abundat dulcibus uitis*. Será, sintomaticamente, um traço do estilo senequiano, que grande favor gozará, que afastava Quintiliano: *si rerum pondera minutissimis sententiis non fregisset, consensu potius eruditorum quam puerorum amore comprobaretur*. E adverte que se deve saber escolher com precaução: *multa enim, ut dixi, probanda in eo, multa etiam admiranda sunt, eligere modo curae sit*. Já Suetônio,

---

<sup>13</sup> FAIDER, 49-63; BLÜHER, 19-20.

<sup>14</sup> FAIDER, 74-83.

<sup>15</sup> BLÜHER, 20. Para uma análise estilística da prosa senequiana, em particular, do *De Ira*, que aqui importa especialmente, veja-se o estudo exaustivo de MICHELE COCCIA, *I problemi del De Ira di Seneca alla luce dell'analisi stilistica*, Roma, Ed. dell'Ateneo, 1958 (particularmente pp. 37 a 106); ANNA NIKOLOVA-BOUROVA, «Observations stylistiques et lexicales des *Dialogues De Ira* et *De Clementia* de Lucius Annaeus Seneca», *Eirene*, 1975-77, 87-108.

<sup>16</sup> *Inst. Orat.* X, 1, 125-131. Outras referências a Sêneca em 8, 3, 31; 8, 5, 18; 9, 2, 9; 12, 10, 11; 9, 2, 42-43. Para toda a problemática da atitude de Quintiliano para com o estilo de Sêneca, veja-se FAIDER, 39-49; BLÜHER, 20 e seg.

aliás, se fizera eco da opinião desdenhosa que Calígula tinha em relação ao estilo senequiano <sup>17</sup>.

Os críticos literários posteriores não fugiram a esta apreciação negativa <sup>18</sup>. Críticos, como os conservadores Gélio e Frontão, totalmente incapazes de apreciar o estilo asiânico senequiano <sup>19</sup>, registrarão as mais negras opiniões sobre a prosa senequiana. Gélio reproduz as opiniões mais azedas acerca do *homo nugator* <sup>20</sup> e nem se incomoda ao ponto de discutir o valor ou demérito do *ineptus et insubidus homo* <sup>21</sup>. Frontão, descerá mesmo a extremos de gosto duvidoso (*De orationibus*, 3):

«'At enim sunt quaedam in libris eius scite dicta, grauter quoque nonnulla'. Etiam laminae interdum argentiolae cloacis inueniuntur; eane re cloacas purgandas redimemus?»

Ou então (*ib.*, 4):

«Primum illud in isto genere dicendi uitium turpissimum, quod eandem sententiam milliens alio atque alio amictu indutam referunt. Vt histriones, quom palliolatim saltant, caudam cycni, capillum Veneris, Furiae flagellum eodem pallio demonstrant, ita isti unam eandemque sententiam multimodis faciunt: uentilant commutant conuertunt, eadem lacinia salutant, refricant eandem sententiam saepius quam puellae olfactoriae sucina.» <sup>22</sup>

---

<sup>17</sup> *Caligula*, 53, 2: *lenius comptiusque scribendi genus adeo contemnens, ut Senecam tum maxime placentem «commissiones meras» componere et «harenam sine calce» diceret.*

<sup>18</sup> BLÜHER, 23-24; FAIDER, 65-74.

<sup>19</sup> BLÜHER, 22; EDUARD NORDEN, *La Prosa d'Arte Antica dal VI secolo A.C. all'età della Rinascenza*, ed. it. a cura di Benedetto Campana, Roma, Salerno Ed., 1986, 313-324.

<sup>20</sup> «De Annaeo Seneca partim existimant ut de scriptore minime utili, cuius libros attingere nullum pretium operae sit, quod oratio eius uulgaris uideatur et protrita, res atque sententiae aut inepto inanique impetu sint aut leui et quasi dicaci argutia, eruditio autem uernacula et plebeia nihilque ex ueterum scriptis habens neque gratiae neque dignitatis» (*Noct. Att.* 12, 2, 1).

<sup>21</sup> «Mihi de omni eius ingenio deque omni scripto iudicium censuramque facere non necesse est» (*Noct. Att.* 12, 2, 2).

<sup>22</sup> Outras referências no mesmo tom em *De feris Alsiansibus*, 2.

Assim, nem Marcial nem Pérsio, que uma *Vita* afirma ter tido conhecimento da obra de Séneca apesar de não ter tido nele influência<sup>23</sup>, nem os filósofos Epicteto ou Marco Aurélio revelam uma influência directa do estóico<sup>24</sup>. Esta influência mostra-se muito débil e escassas são as citações explícitas ou implícitas da prosa senequiana, sobretudo, extraídas dos *Diálogos*, que se encontram em autores pagãos. Os gramáticos, onde se encontram algumas poucas citações, citam geralmente das tragédias ou de obras hoje perdidas<sup>25</sup>.

Uma postura substancialmente diferente vão ter os autores cristãos e será junto destes que Séneca encontrará um público que verdadeiramente o aprecia<sup>26</sup>. Ignorando aparentemente as apreciações mais negativas que os autores pagãos tinham feito à personalidade e à qualidade da obra do cordovês, os autores cristãos vão acentuar nele, sobretudo, os pontos de contacto<sup>27</sup>, nomeadamente a nível da moral. Aliás, a reputação negativa do comportamento de Séneca parece ter passado totalmente despercebida ao longo da Latinidade Tardia e da Idade Média, só sendo chamada a público no séc. XIV<sup>28</sup>. Para além do mais, o *uitiorum publicorum insectator* tinha o talento de expressar os seus pensamentos moralizantes de forma lapidar e sentenciosa (sintomaticamente, o mesmo

---

<sup>23</sup> *Vita Persi*, 23: *Sero cognouit et Senecam, sed non ut caperetur eius ingenio* (in *A. Persi Flacci et D. Iuni Iuuenalis Saturae* ed. W. C. CLAUSEN, Oxford, Oxford Classical Texts, 1988, p. 31-34).

<sup>24</sup> SPANNEUT, 368. A influência sobre o próprio sobrinho Lucano não é clara: BOURGERY, *op. cit.* (152 e seg.) afirma que Lucano estava «profondément imprégné» da sua influência, afirmação que parece algo sobrevalorizada, mesmo levando em conta os paralelos apontados pelo autor (p. 153, n. 2). Confronte-se todavia SPANNEUT, *loc. cit.*

<sup>25</sup> DIOMEDES, *Ars Gramm.* I (Keil, I, 366, 13-14 — a única citação do *De Officiis*; I, 379, 19 (= *De superstitione*); I, 511, 23-24 (= *Medea*, 310); PROBO, *Tract. ultim. syll.* IV (Keil, IV, 224, 22 = *Troad.* 864); VIII (Keil, IV, 246, 19 = *Troad.* 1053); PRISCIANO, *Inst Gramm.*: VII, 56 (Keil II, 333); VI, 68 (Keil, II, 253,9 = *Agam.* 379); VI, 68 (Keil, II, 253, 7 = *Fedra* 710); TERENCEANO MAURO, *De Litt. syll. et metris*, 2136 (Keil, VI, 389); 2672 (Keil VI, 404 = *Hercules furens* 875 e seg); SÉRVIO, in *Aen.* 6, 154; 9, 30 (*De situ et sacris Aegyptiorum*); 12, 395; GAIO, *Instit.* 2, 253. Sobre Séneca e Macróbio, cf. M. C. GRANADOS FERNÁNDEZ, «Séneca en Macrobio», *Cuadernos de Filología Clásica*, 20, 1986-7, 339-347.

<sup>26</sup> Para a relação entre Séneca e os autores cristãos, veja-se M. SPANNEUT, «Sénèque» in *Dictionnaire de Spiritualité*, tomo 14, col. 584 e seguintes.

<sup>27</sup> Sintomática, no que diz respeito à relação estoicismo e cristianismo, a asserção de Jerónimo, *Comm. in Esaiam*, IV, II (PL 24, 147): *Stoici, qui nostro dogmati in plerisque concordant.*

<sup>28</sup> BLÜHER, 23. Em Espanha surge só no séc. XVI: cf. BLÜHER, 24.



traço de estilo que horrorizara Quintiliano, Frontão e Aulo Gélío), algo que a Latinidade Tardia e a Idade Média tanto apreciaram. Assim, verifica-se com Séneca um certo processo de «cristianização», mas não no sentido de que os autores cristãos reconheçam em Séneca um cristão<sup>29</sup>. Este será muito posterior, surgindo apenas como fenómeno do Humanismo do séc. XIV<sup>30</sup>.

Para esta aceitação de Séneca pelos intelectuais cristãos também terá contribuído (ou simultaneamente dela foi fruto) a correspondência forjada, eventualmente no séc. IV, entre Séneca e S. Paulo<sup>31</sup>, e que deu origem, devido nomeadamente ao conteúdo da carta XIV, à lenda de Séneca cristão<sup>32</sup>. Que os antigos tivessem conhecimento ou não da sua autenticidade, não altera muito as coisas. Jerónimo menciona-a no seu *De Viris Illustribus* (12), aparentemente a razão pela qual Séneca é incluído neste famoso catálogo<sup>33</sup>, S.<sup>to</sup> Agostinho refere-a na epístola 153,

---

<sup>29</sup> A própria inclusão de Séneca no catálogo dos *uiri illustres* não deve ser considerada um sinal de que Jerónimo o consideraria um cristão: cf. FAIDER, 97-100.

<sup>30</sup> ARNALDO MOMIGLIANO, «Note sulla Leggenda del Cristianismo di Seneca», in *Contributo alla storia degli Studi Classici*, Roma, Ed. di Storia e Letteratura, 1979, 13-32. BLÜHER, p. 23, afirma: «En todo la Edad Media nadie habló de un cristianismo de Séneca, en contra de una opinión aún hoy muy común, salvo insignificantes excepciones». O primeiro a afirmar que Séneca era cristão foi Giovanni Colonna em 1332, no seu *De uiris illustribus*. Para os continuadores desta tese, vide MOMIGLIANO, 23 e seg. Em Espanha terá sido Jerónimo Román de la Higuera, no séc. XVII, o primeiro a subscrever esta ideia. Cf. SPANNEUT, 373-4; BLÜHER, 24.

<sup>31</sup> A melhor edição é a de C. W. BARLOW. Sobre toda esta questão, cf. o importante estudo de J. N. SEVENSTER, *Paul and Seneca*, Leiden, E. J. Brill, 1961; para uma bibliografia sobre a questão *ibidem*, p.1; concretamente sobre a hipotética relação pessoal entre Séneca e S. Paulo veja-se *ibidem*, pp. 6-25. Cf. também BLÜHER, 26-28; FAIDER, 89-96. A correspondência foi reproduzida por TRILLITZSCH, 379-384, que é a edição que utilizámos. Não se sabe mesmo se a correspondência que hoje possuímos, cujo códice mais antigo é o *Ambrosianus* C 90, séc. X-XI, é a mesma de que Jerónimo teve conhecimento.

<sup>32</sup> A propósito desta carta, veja-se: BLÜHER, 27; MOMIGLIANO, *op. cit.*, 16. Nesta carta, sugere-se que Séneca se teria convertido ao cristianismo e as cartas VII e VIII revelam que Séneca teria lido a Nero epístolas de S. Paulo. SEVENSTER mostra-se muito céptico quanto a uma relação pessoal efectiva entre Séneca e S. Paulo; se bem que tal pudesse ter acontecido, não existe qualquer indício, e muito menos provas, de que tal relação alguma vez tenha ocorrido, e que uma eventual simpatia (para não falar de conversão) de Séneca pela causa cristã na convivência de S. Paulo seja mais do que um mito fantasioso (SEVENSTER, 6-25).

<sup>33</sup> *Quem [Senecam] non ponerem in catalogo sanctorum, nisi me illae epistolae prouocarent quae leguntur a plurimis, Pauli ad Senecam aut Senecae ad Paulum. É*

14<sup>34</sup>, e será na qualidade de correspondente de S. Paulo que será referido num sermão de Pseudo-Agostinho<sup>35</sup>. Mesmo na Latinidade Tardia, esta correspondência, e conseqüentemente a relação entre o estóico e o Apóstolo, serão evocadas na *Passio sancti Pauli Apostoli* de Pseudo-Lino<sup>36</sup>.

De qualquer forma, é um facto que desde o século II o filósofo estóico será citado e apreciado pelos autores cristãos. Tertuliano, autor do celeberrimo e controverso *Seneca saepe noster*, menciona-o e cita-o por diversas vezes<sup>37</sup>. Minúcio Félix, da mesma forma, utilizará o *De Providentia*, o *De superstitione*, as *Exhortationes*, e o *De remediis fortuitarum*<sup>38</sup>, e são evidentes diversos pontos de contacto de estilo e doutrina<sup>39</sup>. Arnóbio apresenta inúmeros paralelos e dependências do filósofo cordovês, nomeadamente, em temas como o da ira, o da superstição, o do conceito de Deus e o do *sapiens*<sup>40</sup>. Enfim, Cipriano não foge à regra e cita no seu *De mort.* XII um passo do *De providentia* (IV, 5)<sup>41</sup>.

---

duvidoso que S. Jerónimo tenha alguma vez lido as cartas. Cf. SEVENSTER, *op. cit.*, 6-25.

<sup>34</sup> *Merito ait Seneca, qui temporibus apostolorum fuit, cuius etiam quaedam ad Paulum apostolum leguntur epistulae: «omnes odit, qui malos odit».* É também duvidoso que S.<sup>lo</sup> Agostinho tenha alguma vez tido conhecimento das cartas. Cf. SEVENSTER, *ibidem*.

<sup>35</sup> TRILLITZSCH, 379.

<sup>36</sup> TRILLITZSCH, 384. Quanto à datação desta *Passio*, cf. MOMIGLIANO, *op. cit.*, 15. A falsificação de correspondência de Séneca parece não se ter esgotado neste famosíssimo caso: no século IV surge uma epístola de um sumo sacerdote Anna dirigida a Séneca. Cf. B. BISCHOFF, ed., *Anecdota nouissima. Texte des vierten bis sechzehnten Jahrhunderts*, Stuttgart, A. Hiersemann, 1984, p. 292.

<sup>37</sup> Em *De anima* XX, 1 cita *Benef.* IV, 6, 6; em *De anima*, XLII, 2 cita uma obra perdida, *De immatura morte*; *Apol.* XII, 6 refere o igualmente perdido *De superstitione*; em *Apol.* L, 4 alude ao *De fortuitis*; finalmente em *Apol.* XVIII, 14, cita um passo muito semelhante a um do *De Ira*, 2, 10, 6: *fiunt non nascantur Christiani*. (Cf. Séneca, *De Ira*, 2, 10, 6: *neminem nasci sapientem sed fieri*.) Veja-se FAIDER, 85-7. O *De praescr.* VII, 11, evoca *Ep.* 88, 5, 2. A este propósito, cf. J. C. FREDOUILLE, «Actualité et culture dans deux sententiae de Tertullien», *Mélanges P. Wuilleumier*, 129-132.

<sup>38</sup> LAUSBERG, 47-49; SPANNEUT, 369.

<sup>39</sup> FAIDER, 84-5.

<sup>40</sup> Veja-se o excelente estudo de PAOLO MASTRANDEA, *Letteri cristiani di Seneca filosofo*, Brescia, Paideia Editrice, 1988, pp. 9-50.

<sup>41</sup> *Gubernator in tempestate dinoscitur, in acie milles probatur = Sen. De prou.* IV, 5 *gubernatorem in tempestate, in acie militem intellegas*.

Mas será com Lactância que a apreciação positiva de Sêneca junto dos autores cristãos atingirá o seu auge <sup>42</sup>. O *Cicero christianus* cita inúmeros passos de Sêneca, muitos deles de obras hoje desaparecidas <sup>43</sup> e bastará compulsar o *De Ira Dei* para se obter uma ideia confirmativa da influência senequiana nele. Na verdade, nada disto causa admiração num autor que assim escreve a respeito de Sêneca: *Qui uolet scire omnia, Senecae libros in manum sumat, qui morum uitiorumque publicorum et descriptor uerissimus et insectator acerrimus fuit* (*Diu. Inst.* V, 9, 18-19). No fundo, desculpa-o de não ser cristão: *potuit esse uerus dei cultor, si quis illi monstrasset et contempsisset profecto Zenonem et magistrum suum Sotionem, si uerae sapientiae ducem nactus esset* (*Diu. Inst.* II, 8, 23).

Naturalmente, os autores cristãos posteriores a Lactância não manterão um tão elevado nível de apreço. Sem mostrar o mesmo entusiasmo, Jerónimo cita excertos do *De Matrimonio* no seu *Adu. Iouian.* (I, 41-49) e teria tido conhecimento, segundo Trillitzsch, dos *Diálogos* e das *Epístolas* <sup>44</sup>. Por seu lado, Agostinho, que afirma que poucos livros do filósofo leu <sup>45</sup>, cita, para além de todas as referências que lhe faz <sup>46</sup>, passos do *De superstitione*, hoje igualmente perdido <sup>47</sup>.

A partir de Agostinho, as citações e referências ao filósofo não desaparecem, apesar de, sobretudo no que diz respeito aos *Diálogos* e às cartas, se tornarem breves e esparsas. Em Enódio, encontra-se uma referência à Medeia (v. 459) <sup>48</sup>; na obra de Prudêncio, reconhecem-se

<sup>42</sup> Cf. R. M. OGILVIE, *The Library of Lactantius*, Oxford, Clarendon Press, 1978, 73-77; URSICINO DOMINGUEZ DEL VAL, «El senequismo e Lactancio», *Helmantica*, 23, 1972, 289-323, particularmente, pp. 299 e seg.; M. A. MORENO DE VEGA, «Citas de autores griegos y latinos en el libro I de las 'Institutiones' de Lactancio», *Helmantica*, 1984, 209-230.

<sup>43</sup> Reunidas em LAUSBERG, *op. cit.* Segundo Ogilvie, *op. cit.*, as obras são *Exhortationes*, *De Immatura Morte*, e *Moralis Philosophiae Libri*.

<sup>44</sup> TRILLITZSCH, 157; MASTRANDEA, 51-58; TRILLITZSCH, W., «Hieronymus und Seneca», *Mittelateinisches Jahrbuch*, 2, 1965, Festgabe für K. LANGOSCH, hrsg. von KLOPSCHE und WAGNER: Köln, 1965, 2, 42-54.

<sup>45</sup> *Conf.* V, 6, 11. *Et quia legerat aliquas Tullianas orationes et paucissimos Senecae libros...*

<sup>46</sup> *Conf.*, 5, 6, 11; *Ciu. Dei*, 5, 8; 6, 10-11 (cita o *De Superst.*); *Ep.* 153, 14; *Contra Faustum*, 20, 9 (= *Fedra*, 195); *Serm. coll.* Morin p. 231,20 (= *Troades*, 291).

<sup>47</sup> Para a relação entre Sêneca e Agostinho, HAGENDAHL, *Latin Fathers and the Classics*, Goteborg, 1968; TRAINA, «Seneca e Agostino (un problema aperto)», *Rivista di Cultura Class. e mediev.*, Roma, XIX, 77, 751-767.

<sup>48</sup> ENÓDIO, *Libellus pro synodo*, 38: *adulescentiae meae memini me legisse temporibus de quondam dictum: «exuli exilium imperas nec das»* (in TRILLITZSCH, 386).

mais de 25 citações implícitas, mas todas extraídas das tragédias; Merobaudes revela igualmente conhecimento de Séneca <sup>49</sup>; Gregório Magno cita uma epístola <sup>50</sup>; Cassiodoro (*Inst.* 2, 6, 4) refere um *De forma Mundi*, referência que Rabano Mauro (*De instit. clericorum* 3, 25) também reproduz; Boécio, presumivelmente, o autor da época que teria tido um maior conhecimento de Séneca, citará igualmente, diversos passos <sup>51</sup>; um autor cristão anónimo dos finais do séc. V ou inícios do séc. VI, produz uma *consolatio* inspirada em Cipriano, onde se podem encontrar algumas citações do *De Providentia* <sup>52</sup>; chega-se ao ponto de um concílio de Tours de 567 citar um passo de Séneca de uma obra desconhecida <sup>53</sup>. Apesar de tudo, não deixam de se levantar algumas dúvidas sobre o real conhecimento, sobretudo directo, da obra de Séneca na Latindade Tardia, nomeadamente, dos diálogos e das cartas, que interessam

---

Cf. PIERRE RICHÉ, *Éducation et culture dans l'Occident barbare*, Paris, Seuil, 1962, 62 (n. 44) e 123.

<sup>49</sup> ERNST BICKEL, «De Merobaude imitatore Senecae», *Rheinisches Museum für Philologie*, 60, 1905, 317. Os paralelos são *Paneg.* com um passo das *Exhortationes* conservado em Lactância (*Inst.*, VI, 24, 17) e com *De Clem.* 1, 1, 1 e 1, 1, 6.

<sup>50</sup> Gregório Magno, *Epist.* I, 33 (MGH, *Epist.* I, p. 47, 10): *ut aliquid saecularis auctoris loquar «cum amicis omnia tractanda sunt, sed prius de ipsis»* (cf. Séneca, *epist.* I, 3: *tu uero omnia cum amico delibera sed de ipso prius*).

<sup>51</sup> A generalidade dos estudos sobre Boécio são em geral omissos quanto aos textos de Séneca de que Boécio teria tido um conhecimento directo. O número de paralelos geralmente apontados nas edições (por exemplo, a da *Consolatio Philosophiae* do *Corpus Christianorum*) parece não corresponder sempre a um conhecimento real directo, sobretudo dos *Diálogos*. Um exemplo ocorre na *Consolatio*, obra onde mais seria de esperar uma influência clara senequiana: é o episódio de Júlio Cântio, filósofo estoíco, e do *complot* contra Calígula. Os editores consideram que este passo tem como fonte *De Tranquillitate* XIV, 4-9, pois era, até algum tempo atrás, o único passo que mencionava este episódio. Agora sabe-se que Plutarco dedicou um grande desenvolvimento a este assunto (segundo Jorge Sínclero, cronista bizantino do séc. VIII) e esta deverá ser a verdadeira fonte para o passo. Vide PIERRE COURCELLE, *La consolation de Philosophie dans la tradition littéraire, antécédents et postérité de Boèce*, Paris, Études Augustiniennes, 1967, 283-5. Sobre as fontes em geral da *Consolatio*, vide COURCELLE, *op. cit.*, 278 e seg.; MARGARET GIBSON, ed., *Boethius, His Life, thought and influence*, Oxford, Blackwell, 1981; C. J. de VOGEL, «Quelques problèmes concernant Boèce», *Actes XII Conf. Intern. d'Études Class. Eirene*, Amsterdam, Hakkert, 1972, 573-582.

<sup>52</sup> *Ep.* 5, *Ad amicum aegrotum* (Ps-Jerónimo, PL 30, 61-75): cf. SPANNEUT, «Sénèque» in *Dictionnaire de Spiritualité*, XIV, 586; H. SAVON, «Une consolation imitée de Sénèque et de Saint Cyprien (Ps-Jerôme, epistula 5, ad amicum aegrotum)», *Recherches Augustiniennes*, t. 14, 1979, 153-90.

<sup>53</sup> Vide *infra*, p. 70.

particularmente a este estudo. Indícios inquietantes surgem, por exemplo, em Sidónio Apolinar. O bispo de Clermont-Ferrand alude por duas vezes a Séneca, mas as alusões não sugerem um conhecimento da personalidade nem da obra e enquadram-se antes numa ambiência erudita, traço bem característico da Latinidade Tardia, ao confundir os dois Sénecas<sup>54</sup>. A mesma sensação se colhe num famoso poema de um tal Honório Escolástico. Datável dos séc. V-VI, este panegírico, enformado numa estética rococó bem típica da época, refere-se a Séneca, numa comparação pouco lisonjeadora para o filósofo, sem que transpareça a ideia de que o poeta teria tido um verdadeiro conhecimento dos textos senequianos<sup>55</sup>. Será, aliás, neste contexto enciclopedista que Isidoro citará Séneca nas *Etymologiae* (I, 22), a propósito das notas tironianas, e numa ambiência meramente factual no *Chronicon* (70), referindo a sua morte<sup>56</sup>.

Maior relevância aqui terá uma referência à recepção de Séneca na Península Ibérica<sup>57</sup>. Se exceptuarmos Martinho de Braga, a verdade é que a obra de Séneca foi quase totalmente desconhecida. No séc. VI, apenas em Leandro de Sevilha se poderia eventualmente fazer supor um conhecimento da obra senequiana. Esta conclusão infere-se de um passo do *De uir. ill.* (41, 58) de Isidoro que afirma *scripsit et epistolas multas... alteram ad fratrem in qua praemonet cuique mortem non esse timendam*, o que sugere o paralelo com *Ep. 14,11 (adeo mors timenda non est, ut beneficio eius nihil timendum sit)*<sup>58</sup>. Justo de Urgel, Apríngio de Beja, Eutrópio de Valência, Liciniano de Cartagena parecem desconhecer

<sup>54</sup> *Carm.* 9, 232-8 (onde considera que houve dois Sénecas, um trágico e outro filósofo) e *Carm.* 23, 162-4. Sobre o gosto da erudição na Latinidade Tardia, cf. a obra clássica de HENRI-IRÉNÉE MARROU, *Saint Augustin et la fin de la Culture Antique*, Paris, De Boccard, 1983, p. 148 e seg.

<sup>55</sup> A. Riese, *Anthologia Latina*, C. 666 (reproduzido em TRILLITZSCH, 385):

«sic cum te potior Seneca meliore magistro

(quem ut moneas, lucem cordis habere facis)

non dubitare queam, Lucillo clarius illo

aeternas Christi sumere dantis opes.

cedat opus priscum uera nec luce coruscans

nec de catholici dogmatis ore fluens» (vv. 11-16).

Nova edição crítica com um estudo e comentário em MASTRANDEA, 59-77. Mastrandea crê que o poema se insere na polémica teológica da Latinidade Tardia sobre a valorização ética da cultura profana.

<sup>56</sup> FONTAINE, *Isidore*, 726.

<sup>57</sup> O melhor estudo é o de BLÜHER, 29 e seg.

<sup>58</sup> Cf. FONTAINE, 704, n. 2. Contudo, esta aproximação não é incontroversa. BLÜHER (p. 38) levanta algumas reservas.

totalmente a obra senequiana <sup>59</sup>. No século VII, apenas ocasionalmente Bráulio de Saragoça revela algum conhecimento do *De remediis fortuitorum*, o que na verdade nada prova em relação ao seu conhecimento de Séneca <sup>60</sup>. Eugénio de Toledo, Taio de Saragoça, Ildefonso de Toledo, Julião de Toledo, Valério de Bierzo não revelam o mais leve indício <sup>61</sup>. Mesmo Isidoro, como atrás foi referido, menciona Séneca numa ambiência claramente enciclopedista <sup>62</sup>.

Por conseguinte, parece possível afirmar que não existem indícios claros de que a obra de Séneca, e concretamente os *Diálogos* e as *Epistulae* fossem conhecidos na Península Ibérica. Apesar de os catálogos das livrarias apontarem para a obra de Séneca acessível desde o séc. IX fora da Península, a primeira menção a Séneca em Espanha surge num acto de doação pontifícia a uma igreja de S. Florido por volta do século XII <sup>63</sup>. Além disso, há notícia de um outro manuscrito que se encontraria em 1226 na biblioteca do arcebispo Bernardo II de Compostela, que, todavia, poderia conter eventualmente não uma obra original de Séneca, mas antes um texto do tipo da *Formula Vitae Honestae* <sup>64</sup>. Tudo isto leva Blüher a afirmar peremptoriamente «no se puede demostrar categoricamente la existencia de manuscritos de Séneca de origen español inequívoco antes del siglo XIII» <sup>65</sup>.

<sup>59</sup> BLÜHER, 37-38.

<sup>60</sup> O passo em questão encontra-se numa carta (ed. MADDOZ, p. 158, n. 32): *sit ergo consolatio quibus nec in primis nec nouissimis haec accedit mortis occasio* que sugere *De Rem. Fort.* II, 3; *Morieris: nec primus nec ultimus, multi me antecesserunt, omnes sequentur*. BLÜHER (p. 37), todavia, mostra-se muito céptico quanto a este paralelo. Para o «senequismo» do *De Rem. Fort.* veja-se *infra* p. 72-4.

<sup>61</sup> BLÜHER, 40-41.

<sup>62</sup> FONTAINE afirma (*Isidore*, 693-694): «Sénèque n'apparaît qu'épisodiquement dans l'œuvre d'Isidore, et aux titres assez philosophiques de technicien de la sténographie et de victime de Néron» (*Etym.* I, 22, 2). Note-se, aliás, que esta informação será provavelmente em Isidoro de segunda mão, por intermédio de Suetónio. Por outro lado, uma utilização das *Quaestiones Naturales* é sugerida por G. GASPAROTTO, *Isidoro e Lucrezio, Le fonti della meteorologia isidoriana*, Verona, Libreria Univ. Ed., 1983.

<sup>63</sup> Escorial a-II-10: Cf. ANTOLÍN, *Catalogo*, p. 50-51. Cf. BLÜHER, 49. O doador seria, segundo BLÜHER, o Papa Celestino III (1191-98).

<sup>64</sup> H. OMONT, *Catalogue de la Bibliothèque de Bernard II, Archevêque de Saint-Jacques-de-Compostelle*, Bibl. de l'Éc. des Chartres, LIV 1893, pp. 327-333. n.º 65. Cf. BLÜHER, 50.

<sup>65</sup> BLÜHER, p. 53. O manuscrito mais antigo de Séneca em Espanha é do séc. XIV. Para a história da transmissão manuscrita em Espanha *vide* FONTÁN, «Algunos códices de Séneca en bibliotecas españolas y su lugar en la tradición de los diálogos», *Emerita*, 17, 1949, 9-41 e 19, 1950, 35-65.

Em conclusão, apresenta-se tanto mais intrigante a relação directa de Martinho com a obra senequiana, quanto maior é o conhecimento da história da recepção de Séneca. No fundo, poucos são os indícios na Latinidade Tardia, e, em especial, na Península Ibérica, de um conhecimento directo da obra senequiana, concretamente dos *Diálogos*. Na verdade, as referências que se identificam são do tipo enciclopédico ou, então, curtas citações das tragédias, algumas das quais poderiam ter sido, inclusivamente, colhidas nos inúmeros florilégios e recolhas de sentenças que já então circulavam. Noutros casos, trata-se de temas ligados às ciências naturais: é o caso das citações de João Lídio, única referência a Séneca na literatura grega do séc. VI, que cita as *Quaestiones Naturales*<sup>66</sup>. Os *Diálogos* parecem, assim, ter passado ignorados durante toda a Latinidade Tardia. Além disso, não haverá qualquer outra referência a esta obra senequiana até ao séc. XI, quando se copiou o *Ambrosianus*, o mais antigo manuscrito que até nós chegou, no mosteiro do Monte Cassino, e quando o poeta Guaifério de Salerno, monge de Monte Cassino, utilizou à maneira de um centão esses mesmos *Diálogos*<sup>67</sup>. Onde terá Martinho obtido o texto completo do *De Ira* senequiano é algo ao qual não podemos dar resposta. Martinho de Braga surge, pois, como um caso absolutamente invulgar e isolado na história da transmissão de Séneca.

---

<sup>66</sup> *De Magistratibus*, X, 107 (ed. Teubner) cita *Quaest. Nat.* IV, 2 a propósito do Nilo e identifica no *inserendum* Séneca como o autor. Cf. L. D. REYNOLDS, *Texts & Transmission, A Survey of the Latin Classics*, Oxford, Clarendon Press, 1986, 376.

<sup>67</sup> L. D. REYNOLDS, «The Medieval Tradition of Seneca's Dialogues», *Classical Quarterly*, 18, 1968, 356 e seg; *Texts & Transmissions, A Survey of the Latin Classics*, Oxford, Clarendon Press, 1986, 366; *L. Annaei Senecae Dialogorum Libri Duodecim*, ed. L. D. Reynolds, Oxford, Clarendon Press, 1977, v.; REYNOLDS, *Scribes and Scholars*, p.101-102. Sobre Guaifério, cf. MANITIUS, II, 484-90.

## SÉNECA E MARTINHO DE BRAGA

Desde sempre tem despertado a atenção dos estudiosos de Martinho de Braga a sua óbvia, e algo surpreendente, relação com o filósofo Séneca. Nesta relação, referência obrigatória para qualquer estudo sobre Séneca, sobre a fixação do próprio texto senequiano, ou sobre o estoicismo em geral, alguns autores, nomeadamente portugueses <sup>68</sup>, têm querido ver mais do que uma simples questão de influência algo accidental, mas sim a presença na obra de Martinho de um verdadeiro «corpus senequiano ou senequizante». Este «corpus» seria constituído segundo a generalidade dos autores, para além da evidência do *De Ira* e da alta probabilidade da *Formula*, pelo tríptico composto por *Pro Repellenda lactantia*, *Item De Superbia* e *Exhortatio Humilitatis* e pelo apócrifo *De Moribus*. A este conjunto de textos costumam juntar-se algumas obras comprovadamente não-martinianas, como o *De Copia Verborum*, o *De Paupertate* e o *De Remediis Fortuitorum*, o que, no fundo, mais não representa do que a eterna oscilação que desde a Alta Idade Média se estabeleceu entre os textos senequianos e martinianos, textos pseudo-senequianos e pseudo-martinianos. Para se obter uma ideia mais clara do que representa o *De Ira* na obra martiniana e no contexto da produção pseudomartiniana, convirá, a meu ver, fazer uma referência a este «corpus senequizante», ao autêntico e ao apócrifo, de forma a podermos ajuizar das semelhanças e diferenças da forma como Séneca surge nessas obras e averiguar que outras obras senequianas, se algumas, para além do *De Ira*, se encontram em Martinho.

---

<sup>68</sup> ARNALDO DE MIRANDA BARBOSA, «O senequismo Medieval e o corpus Martinianum», *Biblos*, XLI, 1965, 181-191; IDEM, «O senequismo dos opúsculos morais de S. Martinho Dumense, *Bracara Augusta*, 4-5, 1954, 259-271; FERREIRA DE SOUSA, «A filosofia moral de S. Martinho de Dume, em Antologias Senequistas», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 36, 1980, 20-49; IDEM, «O 'De Ira' de Séneca e de S. Martinho de Dume», *Revista Portuguesa de Filosofia*, VI, 388-397; SOUSA TAVARES, «O Senequismo de S. Martinho de Dume», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 6, 1950, 381-387. Note-se, no entanto, a pouco esclarecida e a pobre informação que de alguns destes trabalhos se extrai. Veja-se ainda MICHEL SPANNEUT, «Permanence de Sénèque le philosophe», *Bulletin Guillaume Budé*, 1980, 374; BLÜHER, 40-43; ALBERTO FERREIRO, «St. Martin of Braga's Policy toward heretics and pagan practices», *American Benedictine Review*, 34, 1983, 372-395 (especialmente 390-394).



## FORMULA VITAE HONESTAE <sup>69</sup>

Esta é, sem dúvida, a obra mais famosa e divulgada de Martinho de Braga. Desde o século IX, as sucessivas cópias e, posteriormente, impressões são quase sem conta. Para a sua edição, Barlow reuniu mais de 625 testemunhos, número que parece natural quando se começa a pesquisar pelas bibliotecas europeias <sup>70</sup>. Já Isidoro <sup>71</sup> a cita e de tal forma se tornou numa obra fundamental que mesmo Rabelais, em pleno século XVI, a achava indispensável para a formação do neófito Pantagruel <sup>72</sup>.

A sua relação com Séneca dispensa aqui quaisquer comentários: poucos são os estudos sobre Martinho que não foquem e equacionem esta temática. Desta forma, basta evocar os aspectos mais salientes do problema.

Desde o século X, segundo menção num catálogo de St. Emmeran, este texto, sem o prefácio com o destinatário, é atribuído a Séneca <sup>73</sup>, e a partir do séc. XIII passam a encontrar-se diversos manuscritos com esta atribuição. Segundo Barlow, são mais de 40 os manuscritos do séc. XIV e mais de 100 do séc. XV que trazem a atribuição a Séneca <sup>74</sup>. Foi, aliás, sob esta autoria que os autores medievais, como Dante, Chaucer, Alain de Lille, Vincent de Beauvais, Alard de Cambrai <sup>75</sup> e, mais tarde, o próprio Rabelais, conheceram este pequeno tratado. Já a *editio princeps* da obra filosófica do cordovês apresenta a *Formula*, logo a seguir

<sup>69</sup> Este será o seu verdadeiro título, como o próprio prólogo (1, 18) refere. Inscreve-se naturalmente numa longa tradição de textos sobre as quatro virtudes desde Platão (*Resp.* III, 402C e IV, 427D e seg.), Aristóteles (*Magna Moralia* e *Ethica Nicomachea*), Cícero (*De Officiis*, *De Inventione* 2), Séneca, (*Ep.* 113), Ambrósio (*De Officiis*, 1, 24, 115; *Luc.* 5, 26). A literatura cristã coeva não deixou de aludir, por diversas vezes, a esta problemática (por exemplo, Gregório, *Moralia in Iob*, V; Taio, *De uirtutibus*, PL 80, 727; Licinianus numa carta a Gregório, PL 72, 689).

<sup>70</sup> Cf. DÍAZ Y DÍAZ, *Index*, 27. Barlow utilizou 3 *mss.* do séc. IX, 9 do X e 8 do séc. XI, o que dá bem a medida da extraordinária popularidade desde a Alta Idade Média.

<sup>71</sup> *De uiris ill.*, 35.

<sup>72</sup> I, 14. A atestar a espantosa fortuna da *Formula*, cf., por exemplo, as palavras de Petrarca: «Omne vulgus opusculum illud avidissime legit, ac libris Senecae libris interserit, inque eo quod Seneca numquam vidit Senecam praediligant miranturque. Sunt qui inter ipsius Senecae libros omnes hunc maxime diligant, quippe illorum maxime ingeniis conforme» (*Epistolae rerum senilium*, II, 4).

<sup>73</sup> BARLOW, 204; MAX MANITIUS, «Philologisches aus alten Bibliothekskatalogen», *Rheinisches Museum*, Supl. XLVII, 1892, 47.

<sup>74</sup> BARLOW, 204.

<sup>75</sup> BARLOW, 204 e seguintes.

ao *de Moribus*<sup>76</sup>. Erasmo, na sua edição de Basileia de 1515 das obras de Séneca, publica o texto com a ressalva (p. 629) *haec licet erudita, tamen ut a Senecae stilo abhorrentia, semouimus*. Na reedição de 1529, torna a expressar a sua opinião quanto à autoria<sup>77</sup>, mas seria a edição de Christian Druthmar, *Expositio in Mattheum*, Strasbourg, 1514<sup>78</sup>, a primeira edição quinhentista a editar o texto com a verdadeira autoria. Esta já fora assinalada por Petrarca, numa carta das *Epistulae rerum senilium*<sup>79</sup>, a primeira atribuição ao verdadeiro autor de que temos conhecimento.

Razões para esta partilha de autoria entre Martinho de Braga e Séneca desde os mais antigos testemunhos são diversas. Além das apontadas por Barlow (204 e seg.), a verdade é que a *Formula* é extraordinariamente semelhante quer ideologicamente<sup>80</sup>, quer na expressão linguística e literária, à produção do filósofo estóico. Assim, a *Quellenforschung* sempre atraiu os estudiosos de Séneca e os de Martinho. Que o tratado deverá provir de uma obra perdida de Séneca, e, inclusivamente, que será um *excerptum* à semelhança do *De Ira*<sup>81</sup>, parece mais ou menos consensual, sobretudo a partir do estudo de Ernst Bickel, publicado em

<sup>76</sup> *Opera Philosophica*, ed. Mathias Moravus, Nápoles, 1475 [BNL Inc. 314], fl. 3-5. Na Biblioteca Nacional de Lisboa encontra-se também diversas edições de princípio do séc. XVI atribuindo a *Formula* a Séneca: por exemplo, *Seneca de quattuor uirtutibus cardinalibus*, Nuremberge, Hieronymus Holtzel, 1507 [BNL Res. 4649 P].

<sup>77</sup> *L. Annaei Senecae Opera*, Basileae, in officina Frobeniana, 1529 [BNL Res. 2296]. Na p. 673 inclui a *Formula* numa secção intitulada «Falso Senecae tributa». Exprime antes do texto a opinião de que a obra não é de Séneca, mas sim de algum autor cristão.

<sup>78</sup> *Incipit epistola sancti Martini episcopi ad Mironem regem de quattuor uirtutibus*: cf. Barlow, 225. Na Biblioteca Nacional de Lisboa existe apenas a edição de 1530, Hoganae [R. 14580 P.].

<sup>79</sup> *Epistolae rerum senilium*, II, 4. Em 1512, Tritheim assinala, no fl. 3, um *De quattuor Virtutum* no catálogo das obras de Séneca, mas na lista das obras de D. Martinho, fl. 54, inclui a *Formula*, o que levanta as maiores suspeitas sobre o real conhecimento de Tritémio acerca desta obra (IOHANNES DE TRITTHEM, *de Scriptoribus Ecclesiasticis*, Parisiis, Bertholdo Rembolt, 1512 [BNL Res. 2906]).

<sup>80</sup> O tratado não contém marcas cristãs, nem citações bíblicas ou patrísticas. Aliás, Martinho afirma que o tratado será *sine diuinarum scripturarum praeceptis naturali tantum humanae intellegentiae lege (Formula, 1)*.

<sup>81</sup> Os editores anteriores, Tamayo, Flórez e Migne, por exemplo, apresentam a leitura (*Formula, 1*) *libellum hunc... planitie purae simplicitatis excerptum*. Barlow é da opinião que se deve ler *exertum*. Diversos são os mss. de ambas as famílias que possuem a leitura *exertum*: PS (família β) e D (família δ); *exerptum*: NV (β) e MRFBCOZKY (δ). O Escorial M.III.3, do séc. X, o mais antigo ms. do ramo hispânico, apresenta *exercitum*. Cf. BARLOW, 207-208.

1905 <sup>82</sup>. Este estudioso alemão, analisando a questão com enorme minúcia, estabeleceu um conjunto convincente de paralelos entre a *Formula* e os *Dialogi* e *Epistulae*, de forma a provar a estreita relação, quer linguística, literária e estilística, quer ideológica com a obra de Séneca. Muitas das alterações verificadas seriam fruto do processo de actualização e refundição, utilizado igualmente no *De Ira*, tal como as alterações estilísticas devidas ao emprego do *cursus*. A questão tem-se centrado apenas sobre qual a obra que Martinho teria *cento-nizado*. Weidner, em 1872 <sup>83</sup>, sugeriu que tivesse sido o *De Officiis* perdido, mas o paupérrimo fragmento citado por Diomedes <sup>84</sup> em nada elucidada. Rossbach <sup>85</sup> propôs que fossem as *Exhortationes*, alguns fragmentos das quais Lactância conservou. Algumas frases ocorrem também em colecções de sentenças, como o *De Moribus* <sup>86</sup>, o que sugere ou que esta colecção é posterior à *Formula* e dela retirou material, ou que extraiu esse material de um texto-base comum. Seja como for, no estado actual dos nossos conhecimentos sobre estas obras perdidas de Séneca, é por agora impossível poder chegar-se a uma resposta definitiva.

O que será importante reter é que os estudos feitos até agora, entre os quais avulta o de Ernst Bickel, sugerem, com fundamento, que a *Formula* possui comprovadamente semelhanças, quer estilísticas e linguísticas, quer de conteúdo, com a obra de Séneca, e que é possível admitir a semelhança de construção com a do *De Ira*.

### ***Pro Repellenda lactantia, Item de Superbia, Exhortatio Humilitatis***

Estas três pequenas obras de temática ascético-moral costumam ser apresentadas como constituindo um tríptico e é por esta ordem que aparecem em todos manuscritos conhecidos, à excepção do ms. R

---

<sup>82</sup> «Die Schrift des Martinus von Bracara Formula Vitae Honestae», *Rheinisches Museum*, 60, 1905, 505-550.

<sup>83</sup> A. WEIDNER, ed. «Formula Vitae Honestae», *Jahrbuch der Pädagogiums zum Kloster Unser Lieben Frauen in Magdeburg*, Magdeburg, 1871, Heft 3, pp. 3-10.

<sup>84</sup> HAASE, frg. 44 = DIOMEDES, *Ars Grammatica*, I, p. 366, 13-14 (ed. KEIL, *Grammatici Latini*, I); TRILLITZSCH, 387.

<sup>85</sup> OTTO ROSSBACH, «De Senecae philosophi librorum recensione et emendatione», *Breslauer philologische Abhandlungen*, Breslau, 1888, II, 2, 88-95.

<sup>86</sup> N.<sup>os</sup> 8 (= *Form.* 2); 66 (= *Form.* 2); 121 (= *Form.* 4).

(Escorial R.II.7) <sup>87</sup>. Um dos problemas interessantes que esta obra apresenta é, precisamente, o da sua unidade. O primeiro a advogar a ideia de que constituem um tríptico, ou seja, de que se trata de uma obra composta por dois vícios e uma virtude <sup>88</sup>, foi Caspari <sup>89</sup>, que sublinha para o efeito o passo final do *Pro Repellenda lactantia: nunc ad relinquam transeam, et quid aliud peius ex hoc malo generetur expediam*. Este passo sugere realmente um elo entre o primeiro e o segundo tratados. No final do *Item De Superbia* não existe uma referência semelhante, mas Caspari entende suprir a sua falta com o terceiro opúsculo (4: *non enim ad alium mihi de uana gloria aut superbia uisum est loqui, nisi ad te quicumque prior es aliis*), relacionando *uana gloria* e *superbia* exactamente com as duas primeiras partes desta trilogia. Contudo, esta posição tem sido refutada <sup>90</sup>, pondo-se em realce, sobretudo, a diferença estilística real entre os três tratados. O primeiro apresenta efectivamente um desenvolvimento literário mais evidente, sendo talvez o texto mais elaboradamente retórico de Martinho <sup>91</sup>; nele as citações bíblicas são pouco frequentes e servem apenas para consolidar alguma asserção. O segundo, pelo contrário, mais se assemelha a um trabalho de exegese, em que se comentam passos das Sagradas Escrituras. Além disto, o terceiro, a *Exhortatio Humilitatis*, apresenta um prefácio, num estilo requintado e maneirista da época <sup>92</sup>, ao contrário dos outros dois. Tudo isto tem levantado dúvidas acerca das quais ainda não foi possível chegar a uma conclusão definitiva.

---

<sup>87</sup> Este manuscrito contém apenas o primeiro e o segundo opúsculos separados sintomaticamente por excertos de diversos autores, entre os quais um *excerptum* de Cassiano. Os outros *mss.* são Escorial M.III.3, séc. X, Toledo, Biblioteca Capitular, 72-24, séc. XVI, e Madrid, Biblioteca Nacional 711, séc. XVII. A descrição deles encontra-se mais adiante.

<sup>88</sup> Cf. BARLOW, p. 52-53. Como exemplo, Leão Magno, *Tractatus de humilitate*, 10, PL 55, 177; Novato, *Sententiae de humilitate et obcedentia et de calcanda superbia*, PL 18, 67-70.

<sup>89</sup> CASPARI, «Martin von Bracara's Schrift 'De Correctione Rusticorum'», *Christiania*, 1883, xxx-xxxii.

<sup>90</sup> MIRANDA BARBOSA, «O senequismo dos opúsculos morais de S. Martinho Du-miense», *Bracara Augusta*, 4-5, 1954, 183-4; IDEM, «O senequismo Medieval e o corpus Martinianum», *Biblos*, XLI, 1965, 261.

<sup>91</sup> Sobretudo ANTONIO FONTÁN, «Martín de Braga: un testigo de la tradición clásica y cristiana» *Anuário de Estudios Medievales*, 9, 1974-79, 331-341; ANTONIO FONTÁN, «Martín de Braga: «Proyección histórica de su persona y su obra», in *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, 191-217; PAULO FARMHOUSE ALBERTO, «Martinho de Braga: ἄτεχνον ou τεχνικόν», *Euphrosyne* 19, 1991, 175-200.

<sup>92</sup> Veja-se nota anterior.

Ora, um elemento que pode ser levado em consideração nesta e noutras discussões será o das fontes e *loci similes* destes textos, tendo, desta forma, o estudo da relação de cada um deles e no seu conjunto com Sêneca manifesto interesse.

Com efeito, é costume apontar-se uma forte influência senequiana nas três obras deste tríptico. Esta relação foi pormenorizadamente analisada pela Irmã Mary Petronilla Francœur, numa tese de 1944. Esta estudiosa, cingindo a sua análise à trilogia citada e aos *Dialogi, Epistulae* e *De Beneficiis*, afirmou a existência de uma relação muito estreita entre os três opúsculos e a obra do filósofo estóico. Martinho surge assim como se tivesse utilizado Sêneca com grande profundidade, a considerarmos os inúmeros paralelos quer textuais, quer de pensamento, vislumbrados. Todavia, um estudo atento desses paralelos leva a concluir que há algum excesso no valorizar de tal relação, pelo menos nos termos que Francœur propôs. Para que fique uma noção clara das conclusões de Francœur, e assim se poder ajuizar da presença de Sêneca nestes três opúsculos, convirá proceder a um exame minucioso dos paralelos apontados <sup>93</sup>.

Francœur considera diversos tipos de paralelos dos quais podemos extrair os seguintes: 1º similaridade em pensamento e linguagem; 2º apropriações de pensamento e espírito; 3º semelhança em doutrina. O primeiro tipo é que desperta maior interesse e convirá examiná-lo em pormenor. Os paralelos do primeiro e segundo tipos que Francœur regista são os seguintes:

1

Sen. *Benef.* 2, 30, 1-2

Cui salutem cui spiritum debebit,  
qui *uitam accepisse* se a *dis* negat,  
quam cotidie ab illis petit?

Mart. *Exhort.*, 8

quidquid tibi in omni *uita* boni successerit, totum hoc *deo* qui dedit,  
non tibi qui *accepisti*, conscribas...

2

Sen. *Ep.* 111, 3

... longioresque *quam sunt uideri uolunt*;

Mart. *Rep. lact.* 2

... dum singuli se plus *uolunt uideri quam sunt*,

---

<sup>93</sup> Pela dificuldade de acesso a esta tese não publicada, reproduzo em seguida os paralelos estabelecidos por Petronilla Francœur. Para uma maior facilidade de referência numerei os paralelos. Gostaria de expressar uma palavra de agradecimento ao Professor H. D. Cameron, Interim Chair do Department of Classical Studies da Universidade de Michigan, que gentilmente me facultou uma cópia desta tese quase inacessível.

3

Sen. *Benef.* 5, 1, 4  
... ut *gloria fugientes* magis *sequitur*

Mart. *Exhort.* 8  
... si illam (*gloriam*) *sequeris fugit; si fugeris, sequitur.*

4

Sen. *Dial.* 9, 1, 16  
non est enim, quod magis *aliena* iudices *adulatione* nos perire quam *nostra*.

Mart. *Rep. Iact.* 3  
Atque fit ut non tantum *aliena adulatione* simus miseri, sed et *nostra*

5

Sen. *Ep.* 114, 12  
... sic enim *uitia uirtutibus immixta* sunt, ut illas secum tractura sint.

Mart. *Rep. Iact.* 3  
... et ideo difficillima est huius iactantiae curatio, quia non *uitiis* tantum, sed etiam *uirtutibus* se *immiscet*.

6

Sen. *Dial.* 2, 11, 1  
... cum magnam partem *contumeliarum superbi* insolentesque faciant  
Sen. *Dial.* 5, 8, 4  
... offendet te *superbus contemptu*

Mart. *De Sup.* 10  
*Superbia ueroparit... contemptum*

7

Sen. *Ep.* 23, 1  
Quid autem id erit, nisi ut te *exhorter* ad *bonam mentem*? Huius *fundamentum* quod sit quaeris? Ne gaudeas *uanis*.

Mart. *Exhort.* 1  
... hanc *exhortatiunculam*... recipias... quia humilitatis uirtus... *mentis puritate* requiritur.  
Mart. *De Sup.* 2  
... *uanagloria*, ex cuius *fundamento* ruinoso illa *superbiae celsitudo* producitur.

8

Sen. *Benef.* 2, 11, 6  
Detrahenda est *inanis iactatio*: res loquentur nobis tacentibus.

Mart. *Rep. Iact.* 1  
Id autem est *inane* laudis studium, quod Graeci *cenodoxia* Latini *uanam gloriam* seu *iactatiam* uocant.

9

Sen. *Dial.* 1, 1, 1

... cum praeesse uniuersis  
*prouidentiam* probaremus et in-  
*teresse nobis deum*;

Mart. *De Sup.* 8

Quia cum in omnibus *dei*  
*prouidentiam* adesse cognoscunt  
non (illum) ut *Deum* magnificant...

10

Sen. *Ep.* 109, 7

Sunt enim quidam, quibus *morbi*  
*uitio mel amarum* uideatur.

Mart. *De Sup.* 6

Ecce hic est primi illius ueneni  
saporatus interitus, qui *amarissimo*  
inanis iactantiae *melle* circumlitus

11

Sen. *Dial.* 7, 10, 2

... in primis insolentiam et *nimiam*  
*aestimationem sui tumoremque*

Sen. *Dial.* 4, 21, 5

... *gaudium enim exultatio,*  
*exultationem tumor et nimia*  
*aestimatio sui sequitur.*

Mart. *Rep. lact.* 3

... quia dum laudibus alienis  
*adgaudet, gaudium eius exultatio*  
*sequitur, exultationem uero tumor*  
*et nimia aestimatio sui,* plus  
siquidem in se aestimat quam quod  
uidet.

12

Sen. *Ep.* 73, 4

at ille uir *sincerus ac purus*

Mart. *Exhort.* 4

... qui *sinceram puramque* ei  
mentem offerunt...

13

Sen. *Benef.* 4, 32, 4

... *gloriae... fugacissimum*

Mart. *De Sup.* 9

... *uanae gloriae fugiendus est*

14

Sen. *Ep.* 120, 18

Vide in *quanta caecitate* mens  
nostra sit.

Mart. *De Sup.* 5

O *quanta est caecitas,* in appetitu  
*uanae gloriae!*

15

Sen. *Ep.* 95, 73

O quam ignorant homines *cupidi*  
*gloriae* quid illa sit aut  
quemadmodum *petenda!*

Mart. *Rep. lact.* 3

Nolite fieri inanis *gloriae cupidi*

## APROPRIAÇÃO EM PENSAMENTO E ESPÍRITO

- 16  
Sen. *Ep.* 59, 9  
Nos multa adligant, multa debilitant.  
Mart. *Rep. lact.* 1  
Multa sunt uitiorum genera, quibus humana fragilitas infestatur...
- 17  
Sen. *Ep.* 66, 31  
Illa quae temere laudantur et uolgi sententia bona sunt, inflant inanibus laetos...  
Mart. *Rep. lact.* 3  
... gloriam suam ex aliena opinione suspendit, et cum dicitur beatus magnificus, potens, non quia ita est de se, sed quia ita dicitur credit.
- 18  
Sen. *Dial.* 9, 1, 16  
Quis sibi uerum dicere ausus est?  
Mart. *Rep. lact.* 3  
... dum nullus de se sibi hoc quod uerum est confitetur.
- 19  
Sen. *Ep.* 122, 14  
Praeterea luxuriosi uitam suam esse in sermonibus dum uiuunt, uolunt; nam si tacetur, perdere se putant operam. Itaque aliquotiens faciunt quod excitet famam.  
Mart. *Rep. lact.* 3  
Omnes enim ad gloriam, nec tamen una uia concurrunt... quidam uero clavis... alius quia deliciose uiuit placere uult... Omnes ubique famam suam propagare contendunt.
- 20  
Sen. *Ep.* 68, 3  
Gloriari otio iners ambitio est.  
Mart. *Rep. lact.* 3  
Omnes enim ad gloriam concurrunt... alii de (honoribus) reiectis.
- 21  
Sen. *Benef.* 2, 18, 1  
Quidam non tantum dant beneficia superbe, ...  
Mart. *Rep. lact.* 5  
Si alicui ... beneficium... praestetur ... quantum ex eo benignus omnibus aut largentissimus uideatur, hic qui daturus est iam metitur.



22

Sen. *Ep.* 116, 3

Ergo (uitiis) intransibilibus resistamus,  
quia facilius, ut dixi, non recipiuntur  
quam exeunt.

Sen. *Ep.* 123, 16

Gloria uanum et uolubile quiddam  
est auroque mobilius.

23

Sen. *Ep.* 120, 3

Hoc unum dicam, nihil nobis uideri  
<bonum>, quo quis et male uti  
potest: uides autem diuitiis,  
nobilitate, uiribus quam multi male  
utantur.

24

Sen. *Ep.* 87, 31

... diuitiae... inflant animos,  
superbiam pariunt...

25

Sen. *Benef.* 2, 13, 1

Quoque altius te subleuasti, hoc  
depressior es ostendisque tibi non  
datum agnoscere ista bona qui-  
bus, tantum inflaris;

26

Sen. *Ep.* 84, 11

Relinque corporis atque animi  
uoluptates: molliunt et eneruant;

Mart. *De Sup.* 2

Quod ergo ait: *non ueniat mihi pes  
superbiae* (Ps. 35, 12, 13), tale est,  
ac si diceret: non ueniat mihi initium  
superbiae, id est, uana gloria, ex  
cuius fundamento ruinosa illa  
superbiae celsitudo producitur.

Mart. *De Sup.* 8

Quamuis autem generaliter multis  
haec superbiae labes infesta sit,  
non plus tamen aliis metuenda est  
quam his qui aut spiritaliter  
ad perfectionem uirtutum, aut  
carnaliter ad diuitiarum copiam  
et summos honorum titulos  
peruenerint.

Mart. *De Sup.* 1

Conspiciens ... diuitiarum affluen-  
tiam ... ne illum in his tantis bonis  
aliqua uanae gloriae usum inflaret  
elatio

Mart. *De Sup.* 8

... quorum quantum altior gradus  
est tantum altior et ruina.

Mart. *De Sup.* 10

His uero qui adhuc carnalium  
passionum oblectationibus qui-  
bus subrepunt, cum semel sibi  
obtinerint domicilia mentium  
humanarum, tum multiformem  
ex utraque fomitem pullulant  
uitiorum;

27

Sen. *Ep.* 41. 2

Bonus uero uir sine deo nemo est;  
an potest aliquis supra fortunam  
nisi ab illo adiutus exsurgere?

Mart. *Exhort.* 7

Sola ergo humilitas cordis est,  
quae se infirmam dicendo omnia  
potest, quae totum quod boni est  
obtinet, Deo hoc semper ap-  
plicando, non sibi.

28

Sen. *Ep.* 75. 5

Non delectent uerba nostra, sed  
prosint.

Mart. *Exhort.* 2

Vt ilia ergo potius quam obse-  
quentia uerba recipies.

29

Sen. *Ep.* 7. 12

Ista, mi Lucili, condenda in animum  
sunt, ut contemnas uoluptatem ex  
plurium adsensione uenientem.

Mart. *Exhort.* 2

Hoc ergo hortor in primis ut sem-  
per delectabilia illa nimis hominum  
blandimenta pertimeas.

30

Sen. *Ep.* 100. 11

Ad profectum omnia tendunt, ad  
bonam mentem, non quaeritur  
plausus.

Mart. *Exhort.* 8

In primis si quid uolueris boni  
operis inchoare, non hoc pro-  
posito acquirendae laudis, sed  
studio et amore faciendae boni-  
tatis incipies.

A meu ver, muitos dos paralelos acima registados devem ser consi-  
derados com alguma reserva. A aceitarmos todos os paralelos estabele-  
cidos por Francœur, isso representaria considerar-se que Martinho teria  
um conhecimento geral, directo ou indirecto, muito mais vasto e global  
da obra de Séneca: os *Dialogi*, as *Epistulae*, tanto as 1-88, como as 88-  
-124<sup>94</sup>, o *De Beneficiis*. Além disso, todos os três opúsculos, mesmo o  
*Item de Superbia*, o que apresenta uma maior ligação ao ambiente da  
literatura patrística, demonstrariam uma mesma e forte intertextualidade  
com o texto senequiano. Isto parece-nos algo excessivo.

Na realidade, o facto de certos trechos apresentarem uma vaga  
parecência com passos de Séneca, sem ser alicerçada num sólido

---

<sup>94</sup> Cf. L.D. REYNOLDS, ed., *Texts & Transmission. A Survey of the Latin Classics*,  
Oxford, Clarendon Press, 1986, 396 e seg.; L. D. REYNOLDS, *The Medieval Tradi-  
tion of Seneca's «Letters»*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1965.

paralelo textual, não chega para provar uma relação intensa directa, ou mesmo indirecta, com o texto senequiano, nem para determinar o grau de conhecimento que Martinho possuía da obra senequiana na sua globalidade.

Por outro lado, é hoje comumente aceite que a fonte directa desta trilogia é, sobretudo, João Cassiano, um autor muito difundido e apreciado nos meios peninsulares <sup>95</sup>. Já no final do século passado, Adolf Ebert, no artigo sobre Martinho de Braga da sua *Geschichte der Literatur des Mittelalters*, assinalara a influência de Cassiano nestes opúsculos de Martinho, registando a semelhança entre *Item De Superbia*, 7 e *Instit.* XII, 6 <sup>96</sup>. Barlow <sup>97</sup> reitera na sua edição a estreita, e até então pouco estudada, dívida de Martinho para com Cassiano e identifica, no aparato de *loci similes*, inúmeros paralelos indiscutíveis. Mais recentemente, Fontán <sup>98</sup> reafirmaria esta dependência e levantaria a hipótese da existência de mais alguns *loci similes* não identificados por Barlow <sup>99</sup>. Desta forma, muitos

---

<sup>95</sup> JACQUES FONTAINE, «Fins et moyens de l'enseignement ecclésiastique dans l'Espagne wisigothique», in *Culture et Spiritualité en Espagne du IVe au VIIe siècle*, London, Variorum Reprints, 1986, 164; DÍAZ Y DÍAZ, *De Isidoro al Siglo XI, Ocho Estudios sobre la vida literaria peninsular*, Barcelona, El Albir, 1976, p. 66 e 74-5; DÍAZ Y DÍAZ na introdução à edição de ISIDORO DE SEVILLA, *Etimologias*, ed. José Oroz Reta y Manuel Marcos Caspero, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, 93 e seguintes. A atestá-lo estão os inúmeros centões e *excerpta* já mencionados de Eutrópio, Ps-Atanásio, Euquério, Ps-Nilo.

<sup>96</sup> ADOLF EBERT, *Allgemeine Geschichte der Literatur des Mittelalters im Abendlande*, Leipzig, 1889, I, p. 582, n. 1. Os paralelos são: *Sup.* («superbia non alium quempiam, sed ipsum per se Deum meretur habere contrarium») e *Instit.* XII, 7 («quantum est malum superbiae, ut non angelum, non alias uirtutes sibi contrarias, sed ipsum Deum aduersarium habere mereatur»); *Sup.* («cetera enim uitia uel in eos ipsos, qui illa perpetrauerint, retorquentur, uel in alios homines uidentur admitti») e *Instit.* XII, 7 («illa namque uitia uel in unumquemque delinquentium tantummodo retorquentur, uel in suos participes id est in alios homines uidentur admitti»).

<sup>97</sup> BARLOW, 53.

<sup>98</sup> *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, p. 211 e seg.

<sup>99</sup> Para a relação entre Martinho e Cassiano, veja-se também FONTAINE, *Isidore*, 769. Não é, a meu ver, correcto afirmar como Barlow e Fontaine que Martinho centoniza Cassiano. Na realidade, Martinho utiliza *excerpta*, modificando livremente a sua estrutura, retendo, por vezes, apenas o pensamento geral, outras vezes, alguma terminologia e determinados sintagmas característicos. Não há, porém, um verdadeiro trabalho de constituição de um centão. O exemplo citado por Barlow (*De Superbia*, 5) é o mais avançado e não é extensivo ao restante texto dos três opúsculos.

elementos que Francœur sugere extraídos de Sêneca parecem, na realidade, extraídos de Cassiano <sup>100</sup>. De uma maneira geral, o *Pro Repellenda lactantia* utiliza como fonte o *Instituta* XI, o *De Superbia* os *Instituta* XII e ambos o livro V das *Collationes*.

Assim, alguns dos paralelos estabelecidos por Francœur não são, a meu ver, evidentes nem aceitáveis.

Examinemo-los individualmente, ainda que de forma breve:

(5) Trata-se de um caso exemplar da forma como alguns paralelos foram estabelecidos por Francœur. A epístola 114 é uma das mais célebres cartas de Sêneca, pois nela o filósofo estoíco discorre sobre as suas concepções estético-literárias. É mesmo um dos poucos textos em que Sêneca aborda com tanta profundidade tal assunto. Ora os *uitia* e as *uirtutes* referidas no passo senequiano são os *defeitos* e *qualidades* de um determinado estilo literário, ponto no qual tão atacado foi pelos críticos, movendo-se pois estes dois termos no campo da terminologia retórica e estilística. Naturalmente, Martinho fala de algo totalmente diferente. O que o bispo bracarense afirma é que a cura da jactância é extremamente difícil pois este vício está mais relacionado com as virtudes do que com os vícios. O paralelo, que se inscreve numa ambiência claramente cristã, deve antes ser estabelecido obviamente com Cassiano, *Inst.* XI, 9, no livro referente à jactância, um passo que também despertou a atenção dos diversos epitomistas do abade marselhês e que por eles foi reproduzido <sup>101</sup>:

Postremo ceterae perturbationes a contrariis sibi uirtutibus disidentes et ex aperto tamquam die claro bellantes et superantur facilius et cauentur: haec autem inserta uirtutibus et acie permixta...

---

<sup>100</sup> Outras influências foram identificadas, nomeadamente: *Exhort. Hum.*, I, 88 assemelha-se a Agostinho, *Conf.* X, 2, 2; eventualmente, a problemática da *uana gloria* sugere Jerónimo, *Ep.* 22, 27. É inclusivamente possível aceitar um paralelo com a *Formula: Exhort. Hum.*, 2, 18-20 aproxima-se de *Formula* 4, 23-25. Linage Conde considera ainda outros paralelos: *Exhort. Hum.: In primis, si quid uolueris bonis operis inchoare com Reg. Benedic., praef.* 4, *In primis, ut quidquid agendum inchoas bonum.* (Cf. ANTONIO LINAGE CONDE «San Martín de Braga en el monacato pre-benedictino hispano», *Nova et Vetera* 5, nº 12, 1981, 307-321). Outros paralelos serão referidos mais adiante.

<sup>101</sup> Euquério, *Epitomes operum Cassiani*, II, 7 (PL 50, 891); Ps-Atanásio, *Ep. ad Cas-torem*, II, 7 (PG 28, 901); Ps-Nilo, *De Octo Vitiosis Cogitationibus*, PG 79 1459.

Seria também de confrontar com Gregório Magno, *Moral.* 228, *elatio de uirtute nascitur.*

(6) O passo martiniano provém inequivocamente de Cassiano, *Coll.* V, 16, 5.

(8) Do mesmo modo, o passo é inspirado em Cassiano *Inst.* XI,1, quando este autor começa a tratar do *spiritus cenodoxiae*:

Septimum nobis certamen est contra spiritum κενοδοξίας,  
quam nos uanam siue inanem gloriam possumus appellare

(13) Os contextos são bem diferentes (*Benef.* IV, 32, 4: *Vnde isti norunt illum quondam gloriae sequentis fugacissimum*) e a presença de dois vocábulos semelhantes não me parece de todo convincente. No fundo, os dois passos afirmam duas coisas diferentes: em Séneca fala-se de *gloria*, em Martinho de *uana gloria* ou *iactantia*. Nenhuma relação de conteúdo se estabelece. No entanto, veja-se paralelo (28)

(15) Este paralelo é entre Séneca, *Ep.* 95, 73 e S. Paulo (*Gal.* 5, 26). Poder-se-ia considerar que Martinho utiliza a frase de *Gal.* 5, 26 como uma reminiscência de Séneca? Por outro lado, esta citação paulina encontra-se na fonte deste passo, Cassiano, *Instit.* XI, 12, donde considerar-se um paralelo com Séneca será algo especulativo.

(20) A expressão linguística é bem distinta, havendo apenas uma vaguíssima parecença de pensamento, que, no fundo, não chega para provar a ligação de forma irrefutável.

(22) A relação não é evidente; Martinho move-se claramente no âmbito da literatura cristã e bíblica (*Ps.* 35,12,13); por outro lado, expressões como *celsitudo superbiae ruinosae* e *fundamentos* sugerem antes evocações cristãs: *celsitudo* e *superbia* aparecem *passim* na literatura cristã (p. e., Agostinho, *Conf.* 2, 6, 13: *nam et superbia celsitudinem imitatur; Ciuit. Dei* 21, 16: *quaedam sibi placendi altitudo ruinosa*).

(23) O paralelo não parece evidente. Pelo contrário, todo o passo parece antes enquadrar-se naturalmente no campo da doutrina cristã, com diversos elementos terminológicos: *superbiae labes*, *spiritualiter*, *ad perfectionem uirtutum*, *carnaliter*.

(26) O passo martiniano deverá antes ter sido inspirado em Cassiano, *Coll.*, V, 12.

(27) O paralelo é extremamente superficial: a noção da superioridade de Deus, no fundo, é um lugar-comum e a vaga semelhança ideológica, sem um apoio inequívoco na expressão linguística, é difícil de aceitar.

(30) Trata-se de uma ideia geral e o fraseado não sugere grande aproximação. Segundo Linage Conde <sup>102</sup>, o passo revela antes influência de S. Bento (*Regula, Praef. 4*): *in primis, ut quicquid agendum inchoas bonum*.

Outros paralelos suscitam reservas e dúvidas:

(1) Neste paralelo, os contextos são algo semelhantes, assim como o vocabulário a itálico. No entanto, trata-se de uma ideia absolutamente fundamental no universo cristão, e muito comum no universo filosófico não-cristão. Francoeur, aliás, cita igualmente Cícero, *Natura Deorum*, 1, 2, 4 (*ibidem*, 1, 23, 65, não me parece evidente), ao qual se podem juntar inúmeros exemplos. Por outro lado, o passo de Martinho pode ser um desenvolvimento de Paulo *I Cor.*, 4:7 e *Iac.* 1:17 que surgem em Cassiano *Inst.* XII 10. Além disso, o passo pode ter sido inspirado em Agostinho, *Serm.*, XCVI, 2 (*quicquid boni habeat, illi tribuat, a quo factus est; quicquid sumus mali, nobis imputemus*), ou também, com menor probabilidade, na *Regula* de S. Bento, IV, 42 (*bonum aliquid in se cum uiderit, deo adplicet, non sibi*) <sup>103</sup>. A aproximação vocabular por si só não parece comprovar indubitavelmente a intertextualidade com Sêneca.

(2) Da mesma forma, apesar da aproximação conceptual, os contextos são diferentes e o vocabulário e a sua articulação não sugerem uma irrefutável ligação. Em Sêneca há uma comparação: há os filósofos artificiosos que, tal como os indivíduos que com artifícios procuram parecer de estatura mais elevada do que são na realidade, almejam parecer o que não são:

---

<sup>102</sup> ANTONIO LINAGE CONDE «San Martín de Braga en el monacato pre-benedictino hispano», *Nova et Vetera* 5, nº 12, 1981, 316.

<sup>103</sup> LINAGE CONDE, *op. cit.*, 316, nota 44.

Talis est, mi Lucilii, uerus et rebus, non artificii philosophus. In edito stat, admirabilis, celsus, magnitudinis uerae; non exurgit in plantas nec summis ambulat digitis eorum more qui mendacio staturam adiuuant longioresque quam sunt uideri uolunt;

O passo está bem distante do ambiente em que Martinho se move. Desta forma, o paralelo parece-me pouco claro.

(7) O início da *Exhortatio* não parece ter muito a ver com o paralelo aduzido. *Exhortatiunculam* é tipicamente um termo tardio e nada prova que provenha do passo senequiano. Por outro lado, o sintagma *mentis puritate* é um termo frequente, por exemplo, em Cassiano (cf. *Instit.* I, 7; II, 12, 2), donde não será necessário ir a Séneca procurar o paralelo. Por outro lado ainda, *fundamentum* e *superbiae celsitudo* são termos cristãos, sendo o *celsitudo* frequentemente associado à soberba. Cf. Gregório Magno, *Moral.* XXVI, 17, 2 (= Taio, *Sent.* IV, XIV): *quis est autem superbia, nisi peruersae celsitudinis appetitus?*; Agostinho, *Ciuit. Dei* 14, 3; 21, 16: *quaedam sibi placendi altitudo ruinosa*; *In psalm.* 28, 6: *amputata superba celsitudine illorum*. Todo o vocabulário sugere um enquadramento cristão, donde o paralelo não parece convincente.

(9) Trata-se de ideias basilares estóicas e cristãs, e o paralelismo vocabular não parece comprovadamente convincente.

(10) O sintagma *mel amarum* é comum a ambos os textos. Todavia, trata-se de um verdadeiro *topos* e há inúmeros paralelos com autores cristãos: cf. Gregório Magno, *Moral.* XVII, 8, 10 (= Taio, *Sent.* IV, XIV): *amaro pigmentorum poculo mellis dulcedo adiungitur*; Arator, *Act.* 2, 442: *ne corrumpamur amari melle doli diaboli*; Boécio, *Cons.* 3; *Carm.* 7, 4; Prudêncio, *Perist.* 10, 740: *[paruulorum] aetas amaris, mox deinde dulcibus refecta poclis mella sumpsit sanguinis*; Jerónimo, *C. Ioh.* 3: *uenena erroris circumlinebant melle uerborum*; Arnóbio, *Nat.* 1, 21; Agostinho, *C. Faust.* 21, 13; *In psalm.* 18; *Serm.* 2, 11.

(12) O sintagma *sinceram et puram mentem* ocorre igualmente na literatura cristã: cf. Cass. *Inst.* XII, 19 (*uitae sincerae actuque purissimo*); 8, 22 (*puritatem mentis nostrae*); II, 12, 2 (*puritate mentis*); *Coll.* IX, 3 (*pura ac sincera oratio*). Cassiodoro, *Varia*, V, 44; X, 14 (*pura mente*); X, 15 (*sincera mente*).

(14) Os termos *caecitas*, *appetitus uanae gloriae* são frequentíssimos na literatura cristã, por exemplo em Cassiano e Gregório Magno <sup>104</sup>, pelo que é difícil de provar a origem comprovadamente senequiana.

(16) A ideia geral da frase é muito comum para se poder considerar como inequívoco tal paralelo. Por outro lado, o termo *fragilitas* ocorre, por exemplo, em Cassiano, *Instit.* V, 14, 30; Ambrósio, *Luc.*, 7, 11.

(17), (18) e (21) As aproximações parecem muito superficiais, porquanto a aproximação vocabular não é decisiva e o conteúdo é muito comum.

(24) O vocabulário remete inequivocamente para o âmbito da literatura cristã. *Elatio* é um termo técnico frequentíssimo na literatura patrística referente à soberba, nomeadamente em Cassiano e Gregório Magno.

(25) Este paralelo refere uma ideia geral comum quando se trata da soberba. Cf. Gregório Magno, *Moral.*, 407: *Superbi quo altius per intelligentiam assurgunt, per elationem grauius cadunt.*

(29) Trata-se de uma ideia comum e o vocabulário sugere antes um ambiente cristão. Cf., por exemplo, Ps.-Paulino de Nola, *epist.* 2, 17: *adulatorum ... adsentationes et noxia blandimenta fallacia ... fuge.*

Finalmente, os paralelos de doutrina apontados por Francoeur <sup>105</sup>, sem o apoio de paralelos textuais, constituem antes pontos de contacto entre a moral estoíca e a moral cristã, e não provam de forma inequívoca a utilização de textos senequianos.

Todos os paralelos acima comentados não parecem poder provar irrefutavelmente que Martinho tenha tido um conhecimento directo ou indirecto dos textos senequianos. Na maior parte deles, o vocabulário e

---

<sup>104</sup> Para *caecitas*, cf. ALBERT BLAISE, *Le vocabulaire Latin des principaux thèmes liturgiques*, Turnhout, Brepols, 1966, § 406, 420, 422, 466.

<sup>105</sup> Estes paralelos encontram-se nas pp. 62 e seguintes e correspondem aos seguintes temas: «The poor of Spirit», «The equality of man to God», «The self-sufficiency of Man», «The restlessness of the Human Heart», «The causes and effects of Pride», «The evils of Flattery and Deception», «The Evils of Vain-glory», «The Exhortation to the Practice of Humility».



conteúdo remetem para o âmbito da literatura cristã, com inúmeros pontos de contacto com a terminologia de um autor tão apreciado e utilizado na época como foi Cassiano. Muitos passos apresentam mais uma semelhança ideológica do que de linguagem, e os conceitos enunciados representam sobretudo o que há de semelhante entre a doutrina estóica e a cristã.

Um caso especial é o paralelo (28). Esta unidade remete, na verdade, não para *Ep.* 75, 5, mas para *Formula*, 4, 23-25: *Sermones utiles magis quam facetos et affabiles ama, rectos potius quam obsecundantes*. Se bem que se trate de um pensamento divulgado, a semelhança em conteúdo e fraseado sugere a aproximação. Nesse caso, haverá realmente uma reminiscência senequiana, mas de uma obra perdida ou da própria *Formula*, que mais não serviria do que para realçar a semelhança evidente entre a *Formula* e o pensamento senequiano.

Há, no entanto, dois paralelos que sugerem efectivamente uma evocação senequiana: o (3) e o (11). O primeiro, referente a *Exhortatio Humilitatis*, 8 (*quia natura gloriae ita est ut umbra corporis; si illam sequeris, fugit; si fugeris, sequitur*), aproxima-se não só de *Benef.* 5, 14, como foi apontado por Francœur (*gloria fugientes magis sequitur*), mas sobretudo de *Ep.* 79, 13:

«Gloria umbra uirtutis est: etiam inuitam comitabitur. Sed quemadmodum aliquando umbra antecedit, aliquando sequitur uel a tergo est, ita gloria aliquando ante nos est uisendamque se praebet, aliquando in auerso est maiorque quo serior.»

Este paralelo, aliás, é aceite por Barlow. Todavia, trata-se de um verdadeiro tópico de que Martinho poderia ter tido conhecimento sem ser pela leitura directa de Séneca. Para o tópico da *gloria fugientes sequitur*: Salústio, *Catil.* 54, 6; Lívio, 2, 47, 11; 22, 39, 19; Plínio, *epist.*, 1, 8, 14; para o tópico da *gloria umbra uirtutis*, cf. Cícero, *Tusc. Disp.*, 1, 45, 109; *Paneg.*, 10 (4) 16, p. 169, 18; Jerónimo, *epist.* 108, 3, 4; Agostinho, *Ciu. dei*, 5, 12<sup>106</sup>. Logo, a meu ver, não é muito seguro afirmar-se uma relação directa neste verdadeiro aforismo escolar.

Contudo, o outro passo em questão é evidente: *De Ira* 2, 21, 5 (*gaudium enim exultatio, exultationem tumor et nimia aestimatio sui sequitur*) e *Pro Repell. lactantia*, 3 (*quia dum laudibus alienis adgaudet,*

---

<sup>106</sup> Cf. *TLL*, s.u., 2063.

*gaudium eius exultatio sequitur, exultationem uero tumor et nimia aestimatio sui, plus siquidem in se aestimat quam quod uidet)* <sup>107</sup>.

Pelo que atrás ficou dito, não creio, pois, que se possa afirmar a existência neste tríptico de uma relação com Séneca do tipo da do *De Ira* ou, supostamente, da *Formula Vitae Honestae*, onde Martinho utiliza inequivocamente material senequiano e o transforma, revelando ao mesmo tempo preocupações de coerência e de índole literária. Muitos dos paralelos sugeridos por Francœur são, do ponto de vista da expressão, algo superficiais e pouco probativos, e constituem, do ponto de vista ideológico, ideias e conceitos comuns a estoicismo e cristianismo e muito difundidos. Alguns sintagmas poderão ser antes aproximados a Cassiano, a fonte directa mais evidente. Não deixa de ser significativo o facto de o passo onde com maior clareza se vê influência senequiana seja um do *De Ira*.

Por outro lado, não parece poder provar-se a unidade dos três opúsculos com base nas fontes, neste caso, senequianas. Apenas o *Pro Repellenda lactantia* apresenta uma citação clara, e eventualmente a *Exhortatio Humilitatis*. Do mesmo modo, não se pode afirmar irrefutavelmente que Martinho tenha tido um conhecimento geral directo da obra total de Séneca, à excepção do *De Ira* e, eventualmente, das *Epistolae* no passo citado.

---

<sup>107</sup> Veja-se a análise a este passo em PAULO FARMHOUSE ALBERTO, «Martinho de Braga: ἄτεχνον ou τεχνικόν», *Euphrosyne*, 19, 1991, 195.

## OBRAS PSEUDOMARTINIANAS

Não será supérfluo, para se ter uma ideia clara e completa da inserção do *De Ira* no contexto da recepção da obra de Martinho, fazer-se também uma referência, ainda que superficial, à produção pseudo-martiniana. Na realidade, a partir do momento em que, no séc. XVI, se descobriu que a *Formula* não era de Sêneca mas sim de Martinho, houve uma tendência natural para ver no restante do *corpus* pseudo-senequiano a autoria do prelado bracarense. Poucas foram, aliás, as obras apócrifas de Sêneca que escaparam a esta interpretação. Até as *Epistulae Senecae et Pauli*, uma das mais famosas falsificações, já mencionadas por Jerónimo e Agostinho <sup>108</sup>, não ficaram estranhas a esta verdadeira obsessão <sup>109</sup>.

### *De Moribus*

Um dos textos que mais insistentemente se tem mantido no cânone das obras martinianas é o *De Moribus*. Basta para tanto a autoridade da sua inclusão na *Patrologia* de Migne. Muito se tem discutido sobre a sua atribuição, apesar de, a meu ver, ser hoje muito difícil sustentar a tese da autoria de Martinho <sup>110</sup>. Na realidade, dos inúmeros manuscritos que

<sup>108</sup> Jerónimo, *De uiris ill.* 12; Agostinho, *Ep.* 153, 14. Cf. SCHANZ, II, 716.

<sup>109</sup> Primeira atribuição a Martinho encontra-se em P. B. GAMS, *Die Kirchengeschichte von Spanien*, t. 2, 1, Regensburg, 1864, p. 473. Cf. JOSÉ MADDOZ, «Martin de Braga en el siglo XIV de su venida a Iberia (550-1950)», *Estudios Eclesiásticos*, 25, 1951, 233; BARLOW, 286; SCHANZ, IV, 2, 626.

<sup>110</sup> Alguns autores, nomeadamente portugueses, continuam persistentemente a defender a autoria de Martinho: ARNALDO DE MIRANDA BARBOSA, «O Senequismo medieval e o Corpus Martinianum», *Biblos*, XLI, 1965, 181-191; MANUEL FERREIRA DE SOUSA, «A filosofia moral de S. Martinho de Dume em antologias senequistas» *Revista Portuguesa de Filosofia*, 36, 1980, 29-30; AVELINO JESUS DA COSTA, *S. Martinho de Dume (XIV Centenário da sua chegada à Península)*, Braga, Edições do Cenáculo, 1950; SOUSA TAVARES, «O senequismo de S. Martinho de Dume», *Revista Port. de Filosofia*, 6, 1950, 381-87; cf. MANITIUS, 112. No entanto, nenhum argumento definitivo trazem em favor da tese da autoria martiniana. Contra a atribuição: CASPARI, «Martin von Bracara's Schrift 'De Correctione Rusticorum'», *Christiania*, 1883, XXXII-XXXVI; HAURÉAU, *Notices et extraits de quelques manuscrits de la Bibl. Nationale*, Paris, V, 1891, p. 183 e seg. (que acha que é do séc. IV); SCHANZ, 626; BARLOW, 285-286; MADDOZ, «Martin de Braga en el siglo XIV de su venida a Iberia (550-1950)», *Estudios Eclesiásticos*, 25, 1951, 233; TRILLITZCH, 216; MEERSSEMAN, «Seneca maestro di spiritualità nei suoi opuscoli apocrifi dal XII al XIV secolo», *Italia Medioevale e Umanistica*, 16, 1973, 51.

chegaram até nós, nenhum deles o atribui a Martinho; pelo contrário, já os mais antigos manuscritos de que temos hoje conhecimento e acesso atribuem-no a Séneca, e será ou anónimo ou atribuído ao filósofo estoíco que todos os restantes manuscritos o apresentarão <sup>111</sup>. Desde as mais antigas impressões da produção do filósofo cordovês este opúsculo aparece integrado no conjunto de obras senequianas. A *editio princeps* da obra filosófica completa do cordovês, a famosa edição de 1475 de Mathias Moravus, abre precisamente com o *De Moribus*, seguido da *Formula* <sup>112</sup>, e são inúmeros os incunábulos e as edições dos séculos seguintes que publicarão o opúsculo sob a autoria do filósofo <sup>113</sup>. Erasmo, todavia, na sua edição de 1529 das obras completas de Séneca <sup>114</sup> reproduz o texto do *De Moribus*, mas numa secção de obras espúrias juntamente com a *Formula*, sem, no entanto, avançar nenhuma hipótese de autoria <sup>115</sup>. A primeira associação deste texto a Martinho surgiu apenas em 1556 quando Léger Duchesne (Leodegarius a Quercu, na sua versão latina) o publica em Paris, juntamente com

---

<sup>111</sup> Alguns códices mais antigos são: séc. IX, *S. Gall* 141 e 238, *Paris lat.* 4841, *Berne*, 178, *Vaticanus reg. lat.* 191; séc. X: *Paris* 7581; séc. XII: *Paris lat. S. Vict.* 672, *Arras* 731 (683). Haase publicou-o em *Senecae Opera Omnia*, Leipzig, Teubner, 1853, III, 436-67. Publicado posteriormente, com algumas adições e omissões em relação à edição de Haase baseadas num novo estudo crítico, por E. WOELFFLIN, *Syri Sententiae*, Leipzig, 1869, 136-148, que é a edição que seguiremos ao longo deste trabalho. Esta edição foi baseada nos *mss.* de *S. Gall*, no *Paris* 7581, no *Paris lat. S. Vict.* 672 e em inúmeros manuscritos dos séc. XIV e XV. O texto da *Patrologia*, copiado de DE LA BIGNE, apresenta no final mais algumas sentenças não incluídas no texto de Haase, que não são mais do que a tradução de Jerónimo (*In Rufinum*, III, 39) de sentenças da *Vita Pythagorae* de Porfírio, como Courcelle identificara (*Les Lettres Grecques en Occident Barbare*, Paris, De Boccard, 1965, p. 61). Estas sentenças, todavia, deverão ser eliminadas (cf. MEERSSEMAN, *op. cit.*, 52).

<sup>112</sup> *Opera Philosophica*, ed. Mathias Moravus, Nápoles, 1475 [BNL Inc. 314]. O *De Moribus* surge nos fl. 2-3. No exemplar da Biblioteca Nacional a que tive acesso, os dois primeiros fólios foram retirados, mas ainda dá para ver a parte da final do *De Moribus* (a partir de *qui nescit tacere et loqui*) seguido de *explicit liber Lucii Annaei Cordubensis moralis Senecae de moribus*.

<sup>113</sup> Por exemplo, *Liber de Moribus*, Romae, Johannes Schrener, 1480; *Senecae L. A. Opera Philosophica. Epistolae*, Tarvisii, Bernardus de Colonia, 1478; *Opera Philosophica*, Venetiis, Bernardino de Cori e Simone da Lovere, 1490 [BNL Inc. 795].

<sup>114</sup> *L. Annaei Senecae Opera*, Basileae, in officina Frobeniana, 1529 [BNL Res 2296]. Não tive acesso à edição de 1515 de que a Biblioteca Nacional não possui exemplar.

<sup>115</sup> p. 676. Antes do texto, Erasmo afirma «Gnomologia et haec est, non ex Senecae tantum. Insunt Mimi et Pythagorae quaedam, postremo fit mentio diaboli. Videntur quaedam decerpta ex Proverbiis Solomonis».

o *De Paupertate* <sup>116</sup>. As razões para a autoria supostamente martiniana não são esclarecidas pelo editor, de forma que não é possível ajuizar se tal atribuição provém de informação contida em algum manuscrito ou em qualquer outra fonte. No ano seguinte, na edição de Célio Curione das obras do filósofo estóico de 1557 <sup>117</sup>, o texto do *De Moribus* é reeditado a partir da edição de Erasmo, mas atribuído explicitamente ao bispo bracarense. Reproduzindo no início do texto a nótula de Erasmo, e após registar a atribuição da *Formula* a Martinho <sup>118</sup>, Curione assevera (p. 743):

«Quod de hoc libello dicimus, idem de sequenti de moribus inscripto, intellegi debet. Nam uterque liber eiusdem auctoris salivam redolet».

Desta forma, de obra falsamente atribuída a Séneca passa a ser considerada da pena de Martinho, tomando-se como base para tal atribuição o facto bem pouco probatório de *eiusdem auctoris salivam redolere*.

Mais tarde, o opúsculo foi publicado na edição de Margarin de la Bigne, *Sacrae bibliothecae sanctorum Patrum*, Paris, 1575 (t. III, cols. 734-737), de novo sob o nome do bispo bracarense <sup>119</sup>. De la Bigne,

---

<sup>116</sup> LEODEGARIUS A QUERCU, *Praefatiuncula* [?], Parisiis, apud viduam Petri Attaignaut, 1556. A informação é repetida por todos os estudiosos (por exemplo, Barlow, Trillitsch) que não adiantam pormenores, desde Nicolau Antonio. A Biblioteca Nacional de Lisboa não possui um exemplar desta obra. Vi a referência no *Catalogue of Books Printed on the Continent of Europe, 1501-1600*, compiled by H. M. Adams, Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1967, 370.

<sup>117</sup> *L. Annaei Senecae philosophi Stoicorum omnium acutissimi opera quae extant omnia*, Coelii Secundi Curionis vigilatissima cura, Basileae, ex officina Hervagiana, 1557 [Res 2301]. Esta foi a mais antiga atribuição do *De Moribus* a Martinho a que tive acesso. A edição de 1573, *L. Annaei Senecae philosophi Stoicorum omnium acutissimi opera quae extant omnia*, Coelii Secundi Curionis vigilatissima cura, Basileae, ex officina Hervagiana, 1573 [Res 2303], reproduz a informação da edição precedente.

<sup>118</sup> «Vidit Erasmus hoc opusculum de quattuor uirtutibus Senecae non esse, sed cuius esset non uidit. Nos autem tanto scilicet posteriores et Pictavis ex uetusti codicis fide, et Basiliae iterum aeditum Martini Episcopi titulo uidimus. Quamobrem et eorum fidem et Gesneri in sua bibliotheca testimonium secuti, in hac nova Senecae editione auctoris sui nomen praeferre (ne cui deinceps ea res fraudi esset) uoluimus».

<sup>119</sup> MARGARIN DE LA BIGNE, *Sacrae Bibliotheca Sanctorum Patrum*, Parisiis, apud Michaellem Somnium, 1575 [BNL Res 4148]. De la Bigne faz preceder as obras de Martinho com a notícia de Tritémio.

reproduzindo a notícia de Tritémio <sup>120</sup>, não faz qualquer comentário, nem explicita a origem de tal atribuição, sendo o texto, provavelmente, a reprodução do de Curione. Posteriormente, o texto foi publicado na *Magna Bibliotheca* de 1618 <sup>121</sup>, na *Maxima Bibliotheca*, e na *Bibliotheca Veterum Patrum* de Gallandi, de Veneza, de 1778 <sup>122</sup>.

Em Espanha, referência ao *De Moribus* como obra de Martinho ocorre já em 1592. Juan Mariana menciona expressamente este opúsculo, ressaltando, no entanto, que ele costuma ser publicado entre as obras de Séneca <sup>123</sup>. Em 1696, Nicolau António reitera a atribuição a Martinho, limitando-se a seguir a edição de Lécher Duchesne (p. 218) <sup>124</sup>:

«II. *De moribus* liber, qui Parisiis prodiit cum Leodegarii a Quercu (libro comentario, simulque alius liber *De paupertate*, nescio cuius, MDLVI in 4º, apud viduam Petri Attaignaut: quod in Bibliotheca sua Gallica Verderius monet. Confundunt cum superiore libro nonnulli, nuperque Lebbens, ut ibidem diximus.»

Sintomático é também o facto de Flórez, que editou este texto junto das obras de Martinho, ao contrário do que faz com estas, não tecer qualquer comentário acerca da procedência do texto, nem indicar se consultou ou não algum manuscrito <sup>125</sup>. A notícia que dá concernente a

---

<sup>120</sup> IOHANNES DE TRITTEIHEM, *de Scriptoribus Ecclesiasticis*, Parisiis, Bertholdo Rembolt, 1512 [Res 2906], fol. 54.

<sup>121</sup> *Magna bibliotheca Veterum Patrum*, Coloniae Agripinae, Antonius Hierali, 1618 [BNL Trunc. 41-50A].

<sup>122</sup> BARLOW, 285-286.

<sup>123</sup> IOHANNES MARIANA, *Historiae de rebus Hispaniae Libri XX*, Toleti, Typis Petri Roderici, 1592, I.V, cap. ix, p. 215 [BNL H.G. 1736]: «Extat disputatio de ira, de humillitate christiana, de moribus, et de differentia quattuor uirtutum Cardinalium. In his quoniam crebris sententiis et styli acumine ad Senecae similitudinem proxime accedit, duo posterii libri, eius philosophi nomine inter reliqua eius opera circunferuntur.»

<sup>124</sup> NICOLAVS ANTONIVS, *Bibliotheca hispana siue Hispanorum qui usquam unquam-que siue Latina siue populari siue alia quavis lingua scripto aliquid consignauerunt notitia*, Roma, ex typographia Antonii de Rubeis, 1696 [BNL B 62], I.IV, cap. IV.

<sup>125</sup> O *De Moribus* é a excepção. Em geral, Flórez refere, por vezes de forma implícita, a origem do material que publica. Assim, o texto da *Formula* provém da edição de Bigne, o *De Trina Mersione* da de Aguirre, as *Sententiae Patrum Aegyptiorum* da de Rosweyde, as restantes obras da de Tamayo de Salazar, com excepção do *De Correctione Rusticorum* que afirma ter extraído *ex codice S. Ecclesiae Toletanae*. Desta forma, o opúsculo em análise destoa do conjunto: nada se refere quanto à sua procedência, não tem uma única nota de rodapé.

este opúsculo sugere que, no que diz respeito à autenticidade da autoria martiniana, se limita a seguir as edições anteriores, sem recurso a códices onde essa atribuição pudesse ser comprovada <sup>126</sup>. Esta falta de atribuição clara nos mais antigos testemunhos impressos, assim como o facto de não existir nenhum manuscrito que a atribua ao bispo bracarense, têm sido um argumento sério contra a autoria de Martinho.

Um outro argumento utilizado para negar essa autoria tem sido uma citação atribuída a Séneca no cânone 14 do 2º Concílio de Tours, do ano de 567 (*sicut ait Seneca: «Pessimum in eum uitium esse, qui in id, quod insanit, ceteros putat furere»*) que coincide de certo modo, com *De Moribus* 35 (*hoc habet omnis adfectus, ut in quod ipse insanit, in idem etiam ceteros putet furere*). Ora, seria de todo em todo improvável que uma obra escrita por Martinho uma dezena de anos depois já circulasse atribuída a Séneca em Tours (e logo em Tours, com a qual Martinho mantinha relações de correspondência e tanto era apreciado como sugere o encomiástico Venâncio Fortunato) <sup>127</sup>. Obviamente, este argumento é pouco conclusivo: bastava que a citação tivesse sido extraída da mesma obra da qual Martinho a tivesse hipoteticamente retirado. A relação não seria pois directa mas indirecta <sup>128</sup>.

De qualquer forma, a autoria de Martinho é muito difícil de sustentar. Com fundamento, Gilles Gerard Meersseman sugeriu, há poucos anos, que o autor tenha sido um intelectual, possivelmente cristão, se bem que as marcas de cristianização não sejam totalmente probativas, da Gália, Narbonense ou Tarraconense, anterior a Martinho. Esta sua hipótese infere-se do início do texto onde se pode considerar uma alusão à polémica pós-pelagiana do livre-arbítrio, questão candente na Gália da altura <sup>129</sup>.

Mas, mais importante do que discutir aqui as questões de autoria baseados nos argumentos tradicionais, convirá examinar qual a relação entre este opúsculo pseudomartiniano, que possui inequivocamente material senequiano, e a forma como o *De Ira* foi elaborado, quer de um ponto de vista do material-base utilizado, quer de um ponto de vista de recriação de um texto, da expressão linguística à sua estruturação.

---

<sup>126</sup> HENRIQUE FLÓREZ, *España Sagrada*, 1759 [BNL H.G. 5745] I. XV, p. 127: *Demas de estos tratados tenemos el De Moribus en la Bibliotheca Patrum, con nombre de nuestro santo, impreso en París como refiere D. Nicolás Antonio.*

<sup>127</sup> Esta é a posição de BARLOW, 286, e de TRILLITZCH, 216.

<sup>128</sup> Posição de TRILLITZCH, 217. Outro argumento tem sido a presença da palavra *diis* numa das sentenças, mas que, na realidade, pouco adianta ao debate.

<sup>129</sup> GILLES GERARD MEERSSEMAN, *op. cit.*, 51-52.

Para quem conheça com profundidade a obra de Martinho basta uma leitura, mesmo que superficial, do *De Moribus* para aceitar com as maiores reservas tal tese da sua autoria. O *De Moribus* é uma colectânea de mais de 150 sentenças, de estrutura aforística, e insere-se naturalmente no quadro dos textos do tipo das *Sententiae* de Publílio Siro, ou dos *Prouerbia Senecae*. As sentenças são extraídas ou inspiradas nos mais diversos autores, desde Cícero e Séneca a Lactânio <sup>130</sup>. Algumas são citações literais <sup>131</sup>; outras são provérbios transmitidos por autores como Séneca ou nas *Sent. Pyth.* <sup>132</sup>; outras ainda são a expressão de pensamentos registados em autores como Xenofonte, Plutarco, Salústio, *et alii* <sup>133</sup>, e nos mais variados florilégios, como no de Estobeu. Algumas sentenças são comuns à *Formula Vitae Honestae* <sup>134</sup> e poderão provir quer da própria *Formula* (e neste caso serve de término *post quem* para a datação do *De Moribus*), quer da obra que serviu de base para a *Formula*. Ocorre ainda algum material comum ao *De Remediis Fortuitorum* <sup>135</sup>, que mais não faz do que reforçar a relação entre esta colecção de aforismos e o quadro geral dos textos de sentenças.

Ora, de um ponto de vista estilístico e estrutural, este opúsculo nada tem a ver com os textos altamente estruturados, de grande rigor e coerência no seu desenvolvimento, que são as obras de Martinho. Não apresenta, em conclusão, grande relação quer no que diz respeito ao material utilizado por Martinho na redacção do seu *De Ira* (e hipoteticamente, na da *Formula*), quer, sobretudo, na forma como este diversificadíssimo material foi utilizado: ao amontoado de sentenças díspares, todas de conteúdo mais ou menos moralizantes, sem uma estrutura

<sup>130</sup> Por exemplo: Cícero: nº18 = cf. *Cat. mai.* 18, 66; nº20 = cf. *Lael.* 6, 22; nº111 = cf. *Murena* 29, 61. Séneca: nº1 = cf. *Ep.* 66, 16; nº13 = cf. *Ep.* 12, 11; nº19 = cf. *De prou.* 6, 6; nº21 = cf. *Ira*, 2, 33, 2; nº106 = *Ira* 1, 1, 2; nº47 = cf. *Benef.* 3, 15, 4; nº128 = *Benef.* 1, 1, 8; nº48 = cf. *Ep.* 3, 2; etc. Lactânio: nº3 = *Inst.* 3, 15; nº4 = *Inst.* 6, 23; nº29 = cf. *Inst.* 5, 10; nº81 = cf. *Inst.* 1, 9; nº99 = cf. *Inst.* 6, 17, etc. *Septem Sapientium Sententiae*: nº5 = cf. *VII sap. sent.* 1, 2; nº12 = cf. *VII sap. sent.* 5, 4; nº16 = cf. *VII sap. sent.* 7, 3; etc.

<sup>131</sup> Por exemplo, nº3 e 4 (respectivamente, *Lact. Inst.* 3, 15 e 6, 23).

<sup>132</sup> Nº 6 = *Sexti Pythag.* nº111; nº7 = Cf. *Pub. Siro. sent.* 111; nº25 = *Sexti. sent.* 85.

<sup>133</sup> A mero título exemplificativo: nº128 = Cf. *Xenof. Anab.* 5, 8, 26; nº100 = Cf. *Xenof. Memor.* 2, 3, 14; nº106 = *Plut. catonis mai apoph.* 16; nº108 = *ibidem*, 9; nº111 = Cf. *in uita Cat. mai.* 8; nº2 = Cf. *Sal. Cat.* 3, 1.

<sup>134</sup> Nº8 = *Formula* 2,11; nº44 = *Formula*, 3, 1; nº66 = *Formula* 2, 6; nº121 = *Formula* 19, 2.

<sup>135</sup> N.ºs 39 a 43 e 60.



articuladora, contrapõe-se o *De Ira*, em que o material, proveniente de um texto único, foi reelaborado e reestruturado de forma a obter-se um novo texto organizado, articulado e coerente.

Por conseguinte, o *De Moribus* não é, a meu ver, à falta de uma prova inequívoca desta atribuição, martiniano, não só pelos argumentos inicialmente referidos, mas, sobretudo, pelas razões de índole literária e estilística apontadas. Por outro lado, a hipótese de Meersseman, acima expressa, parece plausível.

### ***De Paupertate***

Muito do que atrás ficou dito em relação ao *De Moribus* pode ser aplicado ao pseudomartiniano *De Paupertate* <sup>136</sup>. Trata-se de uma colectânea de citações extraídas das epístolas de Séneca, mais ou menos literais, centrada na divulgação do ideal da pobreza voluntária, e enquadra-se, sem dúvida, no ambiente dos florilégios, das recolhas de *sententiae* e *exceptiones* senequianas <sup>137</sup>. A sua estruturação limita-se à apresentação das sentenças seguindo-se a ordem numérica das epístolas, da epístola 2 à 88, facto que sugere que o compilador teve acesso apenas a manuscrito ou manuscritos das epístolas 1-88 <sup>138</sup>, sem que se vislumbre um grande cuidado da parte do compilador em recriar um novo texto. Com efeito, não se observam marcas de actualização linguística ou alterações de índole literária, tal como acontece no *De Ira*. Desta forma, pouco de comum terá com a obra em estudo neste trabalho, além da coincidência do material-base pertencer ao mesmo autor.

---

<sup>136</sup> in HAASE, *Senecae Opera*, Leipzig, Teubner, 1853, III, 458-461, que é a edição que se segue no presente trabalho. Vide SCHANZ, 626; TRILLITZCH, 216; REYNOLDS, *The tradition of Seneca's «letters»*, 113, n. 1; MEERSSEMAN, *op. cit.* 117 e seg. O *De Paupertate* surge integrado nas obras de Séneca desde a edição de Erasmo de 1515 e no cânone senequiano de Tritémio de 1512.

<sup>137</sup> Séneca foi um autor predilecto para a constituição de florilégios e recolhas de sentenças. A existência de um pequeno conjunto de sentenças atribuídas a Séneca encontrava-se mesmo na livraria de Alcobaça (*Alc.* CLXXXII [29], f. 15v), sentenças essas colhidas noutros florilégios, como as *Sententiae* de Publílio Siro, o *De Moribus* e os *Proverbia Senecae*. Cf. GUGLIELMO BALLAIRA, «Alcune sentenze pseudo-senecane in un codice di Alcobaça», *Euphrosyne*, VIII, 9-11; AIRES AUGUSTO DO NASCIMENTO, «Varia Proverbia», *Euphrosyne*, X, 1980, 107-117.

<sup>138</sup> Para a história da transmissão das epístolas, onde se destaca o facto de as cartas de 1-88 e as 89-120 terem tido até ao séc. XII uma difusão independente, cf. REYNOLDS, *loc. cit.*

Por outro lado, a própria atribuição ao bispo bracarense é de difícil aceitação <sup>139</sup>. A primeira vez de que se tem conhecimento de que esta obra tenha surgido com a atribuição a Martinho é em Gilbertus Cognatus, que na sua edição da *Formula*, Basel, de 1545, a inclui sob o título *Eiusdem Martini liber unus de paupertate* <sup>140</sup>. Nenhuma referência é feita à origem do material que edita, nem é feita qualquer alusão que nos permita compreender o porquê de tal atribuição. Posteriormente, esta foi repetida por diversos autores, desde J. C. F. Baehr, *Geschichte der römischen Literatur*, Karlsruhe, 1845, e, como hipótese, por Manitius <sup>141</sup>. Pelo contrário, os manuscritos atribuem-no a Séneca. Em conclusão, pela forma como está elaborado e pelo modo como utilizou o texto senequiano, pouco de comum poderá existir entre o *De Paupertate*, qualquer que seja a sua autoria, e o *De Ira*, para além do facto de comungarem de uma base comum.

Finalmente, Giles Meersseman considera que este opúsculo deverá ser contemporâneo do *De copia verborum*, ou seja, elaborado por alturas do século XII, donde provêm os mais antigos códices, e proveniente de um mesmo ambiente <sup>142</sup>. Com efeito, a partir dos finais do séc. XI, a questão da pobreza voluntária era posta em especial evidência por diversos pregadores, como Roberto de Arbrissel, Arnaldo de Brescia e Bernard de Clairvaux ou também por movimentos de «espirituais». Criticava-se a riqueza e ostentação de certos meios eclesiásticos e monásticos, por exemplo, o de Cluny. Por conseguinte, é possível poder aceitar-se que esta recolha senequiana, centrada precisamente nesta

---

<sup>139</sup> É curioso como certos autores portugueses insistem nesta atribuição. Como exemplo, veja-se FERREIRA DE SOUSA, «A filosofia moral de S. Martinho de Dume em antologias senequianas», *Revista Portuguesa de Filosofia* 36, 1980, 29-30. Cf. MANITIUS, 112. Contra a atribuição: MADDOZ, *op. cit.*, 233, BARLOW, 286, CASPARI, *op. cit.*, XXXII-XXXVI, TRILLITZCH, 216.

<sup>140</sup> pp. 32-41. Cf. TRILLITZSCH, 216, BARLOW, 286, MADDOZ, *loc. cit.*, 233. O texto da *Formula* parece, segundo Barlow (p. 227) tirado da 2ª edição de Erasmo, com o prefácio que descende do grupo delta.

<sup>141</sup> *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*, 112. Parece-me abusivo utilizar Manitius, como faz Ferreira de Sousa (*loc. cit.*, 30), como adepto da autoria de Martinho. O que Manitius escreve é: Die zwei Schriften De Paupertate und der Liber de Moribus beide ohne weitere Aufschrift und Widmung in den Hss. dem Seneca zugeschrieben, sind *vielleicht* ebenfalls Exzerpte Martins aus Schriften Senecas (p. 112). Apresenta-o pois como hipótese.

<sup>142</sup> MEERSSEMAN, *op. cit.*, 118-119.

temática, tivesse sido constituída por esta altura <sup>143</sup>, nada tendo a ver com a pena de Martinho de Braga.

### *De Remediis Fortuitorum*

Merecerá ainda uma breve referência uma outra colecção de sentenças comprovadamente não martiniana, nem, na sua forma actual, senequiana, mas que tem sido, por vezes, atribuída a Martinho, por surgir em alguns manuscritos associada à *Formula* e ao *De Moribus* <sup>144</sup>, sendo tal associação tomada como bastante <sup>145</sup>. Trata-se do *De Remediis Fortuitorum*, uma colecção de sentenças endereçadas a Galião, de cariz moralizante, constituída a partir possivelmente de citações de Séneca <sup>146</sup>. Ora desde o mais antigo manuscrito, de c. 800 d. C., que surge sempre atribuída ao filósofo <sup>147</sup>. A autenticidade da atribuição deste florilégio tem suscitado alguma polémica. Na verdade, Tertuliano refere e cita uma obra

<sup>143</sup> Para uma referência importante à utilização de Séneca no debate que nos séc. XII e seguintes se estabeleceu sobre a questão da pobreza voluntária, cf. MEERSSEMAN, *op. cit.*, 119 e seguintes.

<sup>144</sup> É o caso do cod. *Paris Bibl. Nat.* 15086, do séc. XIII, que para além de outros diálogos de Séneca inclui o *De Moribus* e a *Formula* (ROSSBACH, 9); também o *Cambridge, Trinity College* 1335 (O.7.7), séc. XIII (REYNOLDS, *Texts and Transmission*, 273). Assinale-se uma edição quinhentista da Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 510 P), onde estas três obras, naturalmente atribuídas a Séneca, se encontram reunidas. Cf. MÁRIO MARTINS, «Fragmentos Medievais Portugueses», *Brotéria*, 50, 1950, 414.

<sup>145</sup> PINHARANDA GOMES, *História da Filosofia Portuguesa*, 2. *A Patrologia Portuguesa*, Porto, Lello & Irmão, 1983, 198; FERREIRA DE SOUSA, *op. cit.*, 31. Assinale-se neste autor a curiosíssima argumentação a favor da autoria martiniana. Nenhum destes autores explica os fundamentos para tal atribuição.

<sup>146</sup> OTTO ROSSBACH, *De Senecae Philosophi librorum recensione et emendatione*, Vratislaviae, G. Koenner, 1888, 94-114. Editado também em FRIEDRICH HAASE, *L. Annaei Senecae Opera*, III, Leipzig, Teubner, 1906, 446-457. Nova edição com excelente estudo, R. J. NEWMAN, *Lucii Senecae de Remediis Fortuitorum liber ad Gallionem fratrem*, Diss., Baltimore, 1984. Vide TRILLITZSCH 219-220 e 362-3; MARION LAUSBERG, *Senecae operum fragmenta: überlick und Forschungsbericht*, in *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Teil II, Band 36. 3, hersg. Wolfgang Haase, Berlin-New York, Walter de Gruyter, 1989, pp. 1925-1926. SCHANZ, II, 719; MEERSSEMAN, *op. cit.*, 49-50.

<sup>147</sup> É o *Paris Bibl. Nat. lat.* 10318 (olim *Salmasianus*), séc. VIII (CLA, V, nº 593) (cf. MEERSSEMAN, 50). Os outros códices que Rossbach utilizou na sua edição são *Vindobonensis* I 202, séc. XII, *Vaticanus Palatinus* 1548, séc. XII, *Vaticanus Regin.* 1544, séc. XII. Todos eles atribuem explicitamente a obra a Séneca. Cf. ROSSBACH, 95 e 99. Acrescente-se o códice *Paris lat.* 6331, séc. XII (onde o *De Rem.* surge

senequiana com o mesmo título<sup>148</sup>. Falta, no entanto, provar-se a colecção que hoje conhecemos é a mesma obra que Tertuliano conheceu ou se se trata de uma composição tardia com o mesmo nome, acidental ou propositadamente<sup>149</sup>, ou ainda, o que é mais provável, se se trata de um florilégio de um autêntico *De Remediis* senequiano que se tenha perdido<sup>150</sup>. De qualquer forma, a atribuição deste opúsculo a Martinho é praticamente inaceitável<sup>151</sup>. De modo algum se coaduna com a expressão linguística ou literária do autor em estudo, ou apresenta quaisquer marcas de actualização linguística ou ideológica. Além disso, não se apresenta como um texto coerente, traço que caracteriza a produção literária de Martinho<sup>152</sup>. Basta ilustrar com parte do capítulo II:

«[...]

«Morieris.» *Ista hominis natura est, non poena.*

«Morieris.» *Haec conditione intraui, ut exirem.*

«Morieris.» *Gentium lex est, quod acceperis reddere.*

«Morieris.» *Peregrinatio est uita: cum ambulaueris, domum redeundum est.*

«Morieris.» *Putabam te aliquid noui dicere: ad hoc ueni, hoc ago, huc me singuli dies ducunt. nascenti mihi protinus natura posuit hunc terminum: quid habeo, quod indigner? in haec uerba iurau.*

«Morieris.» *stultum est timere, quod uitare non possis: istud non effugit etiam qui distulit.*

«Morieris.» *Nec primus nec ultimus: multi me antecesserunt, omnes sequentur.*

---

acompanhado de *De Ben.* e do *De Clem.*: cf. REYNOLDS, *Texts and Transmission*, 113), e os códices mencionados na nota anterior. Surge na edição de Mathias Moravus das obras de Sêneca no fl. 5. A edição mais antiga de que tive conhecimento é de c. 1470, *Senecae De remediis fortuitorum* [Cologne, Printer of Legenda Albani, c. 1470] in *Incunabula in Dutch libraries Catalogue*, Nienkoop, B. de Graaf, 1983. Poucos anos depois surge em *Senecae de remediis fortuitorum*, Milão, Philipus de Lavagna, c. 1472. O mais antigo incunábulo em Lisboa: *De remediis fortuitorum*, Paris, Atelier du Soufflet Vert, 1475 [BNL Inc. 1264-1265].

<sup>148</sup> *Apol.* 50, 4; *Anim.* 42, 2 = frg. 28; *Ressur.* 1, 4; 3, 3 frg. 28. Estes fragmentos encontram-se registados em LAUSBERG, 245.

<sup>149</sup> O nome poderia ter sido mesmo extraído de Tertuliano para dar foros de autenticidade. Veja-se o caso do *De Copia uerborum*.

<sup>150</sup> Esta é a posição de NEWMANN, *op. cit.*, 231 e de LAUSBERG, 1926. Nesse caso, estaria um pouco na situação da *Formula Vitae Honestae*, presumível epítome do *De Officiis*.

<sup>151</sup> Veja-se a desconcertante argumentação a favor da tese da autoria martiniana em FERREIRA DE SOUSA, *loc. cit.*, 31.

<sup>152</sup> Veja-se *infra*, p. 91 e seguintes.

«Morieris.» Nihil graue [est], quod semel est. aes alienum meum noui. hoc equidem cum eo creditore contraxi, cui decoquere non possum.

«Morieris.» Di melius, quod nemo mihi istud minari immortalis potest.

«Morieris.» Hic eset humani officii finis: quis sanus exactorem moleste tulit?

[«Morieris.»] Quid? ego nescio me esse animal rationale et mortale? cum rationali est et mortale.

«Morieris.» Ad hanc conditionem cuncta gignuntur: quod coepit, et desinit. quo transit orbis, ego transibo» [...]

São claras as diferenças entre a forma como esta colectânea está construída e o *De Ira*. Trata-se de uma innumeração de aforismos, não constituindo um texto seguido coerente, nem se vislumbrando uma articulação clara lógico-sintáctica entre as unidades. Assim, tal como nas colecções de sentenças precedentes, o único ponto de contacto será o do material-base ser o mesmo, Séneca. Por outro lado, o facto de possuir, como atrás foi referido, material comum ao *De Moribus* e ao *De Paupertate*, mais não faz do que reforçar a sua inserção no quadro dos livros de sentenças, não solidificando a autoria de Martinho <sup>153</sup>.

### ***De Copia Verborum***

Finalmente, creio não serem necessários grandes comentários acerca do florilégio *De Copia Verborum*, que, efectivamente, nada tem a ver com a mão de Martinho. Barlow, Meerseeman e Fohlen já o estudaram com apreciável profundidade <sup>154</sup>. Esta colectânea, cuja antiguidade a citação na epístola IX da correspondência forjada entre Séneca e S. Paulo poderia fazer supor <sup>155</sup>, deverá ter sido constituída, segundo Meerseeman, pouco depois de 1100, provavelmente no Norte de França <sup>156</sup>, e desde os

---

<sup>153</sup> A autoria de Martinho é a surpreendente conclusão de FERREIRA DE SOUSA, *ibidem*, 31.

<sup>154</sup> BARLOW, 208-209; G. G. MEERSSEMAN, «Seneca maestro di spiritualità nei suoi opuscoli apocrifi dal XII al XIV secolo», *Italia Medioevale e Umanistica*, 16 (1973) 34-135, em especial pp. 93 e seg.; JEANINE FOHLEN, «Un apocryphe de Sénèque mal connu. De verborum copia», *Mediaeval Studies*, Toronto, 42, 1980, 139-191: é a melhor e mais actualizada edição, baseada num estudo dos manuscritos de enorme rigor e minúcia. É esta edição de Fohlen que aqui é seguida.

<sup>155</sup> *Ep. IX: misit tibi librum de uerborum copia...*

<sup>156</sup> MEERSSEMAN, 98; MANITIUS II, 111. Já BARLOW (p. 208) chegara à conclusão de que não teria sido formada antes do séc. XI.

mais antigos manuscritos que até nós chegaram sempre foi atribuída a Séneca <sup>157</sup>. Gozou de uma enorme fortuna, como comprova o elevado número de manuscritos, e as diversas referências de autores, medievais <sup>158</sup>. É constituída, em grande percentagem de manuscritos, numa primeira parte, pela *Formula*, numa versão mais ou menos mutilada, seguida por um conjunto de sentenças extraídas das *Epistulae* <sup>159</sup>. Acrescente-se apenas que as sentenças, extraídas mais ou menos literalmente das epístolas senequianas, são justapostas sem grandes preocupações de concatenação, como o exemplo abaixo transcrito exemplifica <sup>160</sup>:

«10. Aliquid cotidie aduersus paupertatem, aliquid aduersus mortem auxilii compara [2.4]. Honesta res leta paupertas [2.5]. Illa uero non est leta si pauper: non qui parum habet, sed qui plus cupit, pauper est [2.6], Non puto pauperem esse cui quantumcumque superest sat est [1.5] Primus diuitiarum modus est habere quod necesse est, proximus quod sat est [2.6] Malo serues tua, et bono tempore uti incipies. Sera parsimonia in fundo est [1.5]. Magne diuitie sunt lege nature composita paupertas [4.10] Nudum latro transmittit; etiam in obsessa uia pauperi pax est [14.9]. Paupertas contenta est desiderii instantibus satisfacere. Paruo fames constat, magno fastidium [17.4]» [...]

Nada tem, por conseguinte, a ver com o estilo, com a técnica literária de compilação patente no *De Ira*, nem com a própria língua de Martinho de Braga.

## CONCLUSÃO

Pelo que atrás ficou dito, sobressai, a meu ver, a originalidade do *De Ira* e, provavelmente, da *Formula Vitae Honestae*. Diferencia-se, por

---

<sup>157</sup> Os mais antigos manuscritos desta obra atribuem-na a Séneca: *Bruxelas, Bibl. des Bollandistes* 671, séc. XII, ff 43-65 *incipit liber Lucii Annei Seneca de uerborum copia*; *Vat. lat.* 4918, séc. XII, ff. 128-130 & 117-124; *Paris Bib. nat. lat.* 12295 séc. XII, ff. 153v-161: *incipit liber Seneca de uerborum copia quem misit Paulo apostolo*. Este último é proveniente da abadia de Corbie. Para a lista de manuscritos deste opúsculo veja-se FOHLEN, 139-191; MEERSSEMAN, 100-101.

<sup>158</sup> Cf. J. FOHLEN, *op. cit.*, 139-143.

<sup>159</sup> Iguamente só da primeira parte.

<sup>160</sup> Cf. MEERSSEMAN, *op. cit.*, 100: «Il discorso è scorrevole, lo stile originale inalterato. I ritocchi, piuttosto rari, servono unicamente a ricollegare le frasi fra loro».

um lado, do mundo das colecções anónimas de sentenças de substrato senequiano, como as obras que acima foram tratadas, mais próximas de textos como os *Prouerbia Senecae* ou os inúmeros *sylogae* e *exceptiones* senequianas medievais, ou ainda das *Sententiae* de Publílio Siro. Por outro lado, afasta-se de obras como o *Pro Repellenda lactantia* e o *Exhortatio Humilitatis*, cuja utilização do texto senequiano se limita apenas a algumas citações e reminiscências. Se bem que inserido no contexto das obras de inspiração e base senequiana, o *De Ira* afasta-se, pois, das técnicas empregues nos florilégios pseudo-senequianos. A sua atitude para com o texto-base é bem diferenciada. No fundo, enquadra-se mais no âmbito dos *excerpta*, muito apreciados nos séc. V e VI, do tipo dos de Próspero e Egípio sobre S.<sup>to</sup> Agostinho, de Euquério e Pseudo-Nilo sobre Cassiano, ou de Eutrópio de Valência, contemporâneo de Martinho, como as páginas seguintes mostrarão.

Por outro lado, ressalta, com particular evidência, a associação mantida ao longo de séculos entre Martinho de Braga e Séneca, ainda que, na maior parte dos casos, feita através de atribuições falsas. Esta relação é de tal forma forte que ainda hoje se insiste em atribuir a Martinho obras que há muito lhe foram definitivamente retiradas, prolongando-se assim a atitude dos séculos precedentes em ver a autoria martiniana em obras comprovadamente não-senequianas, constituídas a partir de obras autênticas, e que tinham corrido na Idade Média atribuídas ao filósofo. Isto não deixa de ser deveras significativo: o bispo bracarense, pelo menos desde o século XVI, sempre foi visto como o mediano mais óbvio da obra do cordovês, como o adaptador da prosa senequiana a novas necessidades e novos hábitos de leitura. É certo que Martinho foi um real mediano de Séneca, como o *De Ira* e a *Formula Vitae Honestae* demonstram, recriando estes textos e conteúdos às necessidades e interesses do seu tempo. Foi, aliás, deste facto incontestável que se extrapolou para um muito maior grau de associação. Contudo, este fenómeno não atingiu a extensão que ainda hoje se sugere.

Mas haverá um outro aspecto particularmente significativo a salientar. Nos séculos XI e XII, Séneca ganha um lugar de destaque no panorama da reflexão cristã. A sua prosa, desprovida de grandes especulações cosmológicas e metafísicas, sem a ridigidez nem os tecnicismos dos teóricos mais ortodoxos do Pórtico, com a sua sugestiva e riquíssima imagética e linguagem sentenciosa, era um campo fértil para o pensador de moral. Surgindo já no séc. XI diversas referências elogiosas a conteúdos

senequianos <sup>161</sup>, será sobretudo no séc. XII, que ignorava ainda a Ética de Aristóteles, que Sêneca, com a divulgação das suas obras, nomeadamente, das *Epistulae* <sup>162</sup>, gozará dos maiores favores e exercerá uma influência directa muito vincada <sup>163</sup>. A sua doutrina moral deixou marcas dignas de nota na filosofia e na teologia escolástica. Os reformadores monásticos, na sequência da escola de Chartres, a quem muito devem da sua cultura literária, verão em Sêneca um verdadeiro «maestro di spiritualità», para usar a expressão de Meersseman, ao ponto de Abelardo o apodar de *maximus morum philosophus* <sup>164</sup>. Para os pensadores do séc. XII, a doutrina de Sêneca, expurgada de certos elementos pagãos, constituía, a nível da moral, um campo fértil de reflexão, algo, aliás, que sempre constituiu um ponto de aproximação entre estoicismo e cristianismo. As suas obras, verdadeiras e apócrifas, eram lidas e constituíam tema de reflexão; nos meios monásticos eram copiadas e recriadas, dando origem a todo o tipo de *excerpta*, florilégios, recolhas de *sententiae*, como as acima abordadas, algumas delas elaboradas precisamente por este tempo.

Ora, é neste ponto que Martinho de Braga mais se evidencia como charneira da cultura antiga, como mediador da obra do cordovês, porquanto intuiu, em pleno século VI, o verdadeiro interesse da obra do estóico na reflexão cristã, e a evidente funcionalidade na pregação e na catequese. Neste ponto, Martinho surge como elemento deveras singular, como um verdadeiro elo de ligação entre o saber antigo e a cultura medieval.

---

<sup>161</sup> M. SPANNEUT, «Sénèque», *Dictionnaire de Spiritualité*, 587-591; M. SPANNEUT, «Permanence de Sénèque le philosophe», *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, 1980, 376-7. Primeiras referências a Sêneca no séc. XI: anónimo do séc XI, *MGH Poet. Lat. Med. Aev. V*, 2, p. 495-496 = ms. de Metz 300, séc. XI; Otlão de Saint-Emmeran no prefácio do seu *Libellus proverborum*; Guaifério de Salerno, *Vita S. Lucii papae et martyris* (PL 147, 1301BC).

<sup>162</sup> L. D. REYNOLDS, *The Medieval tradition of Seneca's «Letters»*, Oxford, Oxford University Press, 1965, 90-124.

<sup>163</sup> Para a influência de Sêneca no séc. XII, fundamental a obra de KLAUS NOTHDURFT, *Studien zum Einfluss Senecas auf die Philosophie und Theologie des zwölften Jahrhunderts*, Leiden, 1963; veja-se também G. G. MEERSSEMAN, *op. cit.*, 43-46; SPANNEUT, «Permanence de Sénèque le philosophe», 376-380, descreve concisamente o verdadeiro entusiasmo por Sêneca no século XII.

<sup>164</sup> ABELARDO, *Ep. 12* (PL 178, 297B); cf. *Ep. 8*, (PL 178, 297B): *summus inter universos philosophos morum aedificator*.





## O DE IRA COMO EPÍTOME SENEQUIANO

### INTRODUÇÃO: O EPÍTOME E O CENTÃO NA LATINIDADE TARDIA

Um dos aspectos mais marcantes do ambiente cultural da Latinidade Tardia é a manifesta preocupação e conseqüente procura por preservar a herança cultural e literária dos séculos precedentes. Assim, assistimos a práticas, por vezes algo pedantes, de crítica dos textos, de explicações etimológicas, revalorização de tradições arcaicas, discussões literárias, como as personagens das *Saturnales* bem ilustram, atitudes nas quais se entrelaçam o gosto pela erudição pura e o enciclopedismo. Isto mesmo pode ser visto nas preocupações dos correspondentes de Sidónio ou do círculo de Símaco, ou ainda, mais tarde, na actividade enciclopedista de Isidoro e conseqüente recepção junto do seu público.

Uma das formas mais significativas de que se revestiu este aspecto foi a constituição em grande escala de toda a espécie de resumos nas suas mais variadas formas e designações, como *breuiaria*, *compendia*, epítomes, assim como a proliferação de *excerpta*, florilégios, recolhas de sentenças, etc.<sup>1</sup> No fundo, tratava-se de produzir um meio de perpetuar conteúdos, e, ao mesmo tempo, de apresentar a informação de forma mais condensada e acessível aos leitores, com a conseqüente fuga ao *prolixitatis fastidium*. Isto mesmo refere, por exemplo, Vegécio no seu

---

<sup>1</sup> Sobre toda a problemática do epítome nas suas variadas formas há o estudo imprescindível de MARCO GALDI, *L'epítome nella letteratura latina*, Napoli, P. Federico & G. Ardia, 1922. Para a questão da terminologia, cf. GALDI 9 e 17-22. Cf. também o artigo de I. OPELT em *Reallexicon für Antike und Christentum*, V, 1962, s.u. *Epítome*.

*Epitome Rei Militaris*<sup>2</sup>, Isidoro no prefácio algo programático de *Quaestiones in Genesis*<sup>3</sup>, ou Cassiodoro, cujas intenções pedagógicas, ao reunir e resumir um conjunto importante de textos, são bem patentes no prefácio do seu epitome *De Orthographia*<sup>4</sup>. Eugíprio, na epístola a Proba onde refere o método e motivações dos seus *Excerpta ex operibus S. Augustini*, menciona explicitamente as vantagens de um só *excerptorum codicem* em detrimento dos inumeráveis códices que a prolixa obra do bispo de Hipona, que Eugíprio abarca, representa, e a muito maior facilidade na sua obtenção<sup>5</sup>.

A elaboração de resumos de diversos tipos não teve a sua origem na Latindade Tardia. Já os alexandrinos se tinham dedicado a esta tarefa<sup>6</sup>. Basta citar o caso do epítome que Aristófanes de Bizâncio elaborou a partir da *Historia Animalium* de Aristóteles<sup>7</sup>. Mas será sobretudo a partir dos séc. II e III que no mundo cultural latino este processo tomará maiores

---

<sup>2</sup> III, *Praef.*: «Quae per diuersos auctores librosque dispersa, imperator inuicte, mediocritatem meam abbreviare iussisti, ne uel fastidium nasceretur ex plurimis uel plenitudo fidei deesset in paruis.»

<sup>3</sup> *Quaest. in Gen.* 2 (PL 83, 207b) «offerimus non solum studiosis, sed etiam fastidiosis lectoribus, qui nimiam longitudinem sermonis abhorrent». Sobre a actividade de Isidoro, veja-se FONTAINE, *Isidore*, 766: «Tant il est vrai que toutes ces œuvres se présentent aussi comme des ‘aide-mémoire’ visant à des fins utilitaires qu'on pourrait ainsi résumer: exposer sous la forme d'un opusculé maniable une matière concentrée et, comme tell, plus facile à retenir». O tópico do *fastidium legentis* é frequente na Latindade Tardia: Taio de Saragoça, ao referir-se aos seus *Sententiarum Libri V*, afirma (*Epist. ad Quiricum*, 5, PL 730B): «Fastidiosus itaque, quem multa legere piget, aut certe quisque studiosus, qui fortasse ledere mauult, et habere multorum uoluminum copiam minime potest, huius operulae nostrae laborem paruipendere non dignetur, et manualis huius libelli textum legendo percurrere non moretur. Ibi namque reperiet in quibus tenacius haerere debeat, et a quibus quantocius discedere studeat.» Cf. Lactâncio, *Epitome Diu. Instit.*, 1: *nec prolixitas pariat fastidium*; Gregório Magno, *Moralia*, XVI, 16: *legentis fastidium*.

<sup>4</sup> ed. KEIL, VII, p. 145: «erit itaque propositum nostrum quae competenter modernae consuetudini ab antiquis tradita sunt quasi in unam coronam redigere et usui celeberrimo deputare... [auctores] quos nos propter fastidium uestrum deflorandos esse putauimus».

<sup>5</sup> *Epist. ad Proba* (ed. Knoel, Wien, CSEL, 1885): «saltem illi quibus plenaria tanti desunt operis his fortasse delectabuntur excerptis, quia facilius unum codicem quid poterit sibi parare quam multos.»

<sup>6</sup> GALDI, 7 e seg.

<sup>7</sup> RUDOLF PFEIFFER, *History of Classical Scholarship*, Oxford, Clarendon Press, 1968, pp. 172-173. Para toda a questão da abreviação no mundo grego, com listas de autores e obras, veja-se GALDI, 1-15.

dimensões <sup>8</sup>. Do séc. II chegou-nos o *Epitome de Gestis Romanorum* de Floro, baseado em Lívio, Salústio e César, literariamente o mais requintado. O século IV, por exemplo, legou-nos alguns dos mais famosos *breuiaria* historiográficos, como os de Eutrópio, baseado no epítome de Lívio, de Rúfio Festo, de Aurélio Victor, variando todos eles de um estilo literário mais seco ao menos árido <sup>9</sup>. E apesar de o leitor actual, cioso de elevados índices de literariedade, se sentir, por vezes, algo reticente perante esta forma de produção literária, a verdade é que foi graças a ela que se preservaram dados significativos da Antiguidade: é o caso da parte perdida da obra de Tito Lívio (excepto para os livros 1 a 10, 21 a 42, devemos-la toda às secas *Periochae*), dos dois primeiros livros e da primeira parte do terceiro dos *Deipnosophistae* de Ateneu que sobreviveram apenas num epítome, de grande parte da *Historia Romana* de Dión Cássio, para a qual nos resta o recurso aos epítomes de Xifilino e Zonaras <sup>10</sup>. Um caso marcante será o das *Historiae Philipicae* do historiador augustano Pompeio Trogo, cujo conteúdo sobreviveu apenas graças ao epítome de Justino, elaborado provavelmente no séc. III. Mesmo mais tarde, o conteúdo de muitas obras da literatura grega anterior vai sobreviver na inestimável *Bibliotheca* do patriarca Fócio de Constantinopla, como é o caso, por exemplo, de diversos textos ficcionais gregos <sup>11</sup>.

Entre os séculos V e VII, para nos centrarmos no período de Martinho, prolifera toda a espécie de epítomes nas mais diversas áreas do saber, sendo a prática do *excerpere*, inclusivamente, parte integrante dos

---

<sup>8</sup> Galdi considera que a eclosão e desenvolvimento de técnicas de resumo coincide tanto no mundo grego como romano com um período de declínio da criatividade e qualidade literárias. No entanto, nem sempre isto é claro: por exemplo, são conhecidas as referências de Cícero à actividade epitomizadora do seu amigo e correspondente Bruto (GALDI, 23-30).

<sup>9</sup> Para a utilização de Tito Lívio pelos epitomistas dos séculos seguintes, veja-se LUIGI BESSONE, «La tradizione epitomaria liviana in età imperiale», in *Aufstieg und Niedergang*, II.30.2, 1230-1263.

<sup>10</sup> Para os outros testemunhos da obra de Dión Cássio, tais como os excertos bizantinos e citações de lexicógrafos, veja-se a introdução de EARNEST CARY à edição de Dión Cássio da Loeb (*Roman History*, London, William Heinemann, 1970), pp. xix e seguintes.

<sup>11</sup> Casos excepcionais são aqueles que tanto os originais como os epítomes chegaram até nós. São exemplo disso a obra de Vitróvio com o seu epítome de Favorino ou a de Valério Máximo com os epítomes de Páris e de Nepociano. Sobre esta questão, cf. GALDI, 289.

métodos de trabalho da Latinidade Tardia <sup>12</sup>. Assim, esta procura pela preservação e, simultaneamente, pela condensação do conhecimento toma aspectos determinantes na transmissão do saber <sup>13</sup>. No séc. V, S.<sup>o</sup> Agostinho é resumido por Próspero da Aquitânia em diversas obras, entre as quais o *liber sententiarum ex operibus sancti Augustini delibatarum* <sup>14</sup>, assim como por Vicente de Lérins nos seus *Excerpta* <sup>15</sup>. No início do século seguinte, a obra do bispo de Hipona é de novo resumida por Eugípio de Nápoles nos seus *Excerpta ex operibus S. Augustini* <sup>16</sup>. O abade Cassiano foi igualmente um autor muito apreciado e, como tal, diversas vezes epitomizado <sup>17</sup>: são conhecidos epítomes de Euquério de Lião <sup>18</sup>, em latim e os de Pseudo-Atanásio <sup>19</sup> e Pseudo-S. Nilo, em

<sup>12</sup> FONTAINE, *Isidore*, 766-772. Para a prática do *excerpere*, um paradigma habitualmente apontado é o de Plínio, o Velho: nas palavras do sobrinho (*ep.* 3, 5,10), *liber legitur: adnotabat excerpebatque; nihil enim legit quod non exciperet*. Plínio, o Moço, aliás, também lançava mão de tal prática (cf. *ep.* 6, 20, 5). Outro caso é o de Aulo Gélio. Para a questão dos *excerpta* na Latinidade Tardia, cf. GALDI 305-325. Um caso curioso é do contemporâneo de Martinho Jordanes. Segundo o próprio prefácio, o seu *De Rebus Geticis* será ou um epítome ou um *excerptum* de uma *Historia Gothica* de Cassiodoro hoje perdida: *De reb. Get. praef.: Me...suades ut nostris uerbis XII Senatoris uolumina de origine actibusque Getarum ab olim usque nunc per generationes regesque descendentia in uno et hoc paruo libello coartarem*. Todavia, é muito problemático que Jordanes pudesse produzir um epítome visto que não dispunha de uma cópia do texto de Cassiodoro, como ele próprio enuncia no prefácio. Sobre toda esta questão cf. MOMIGLIANO, «Cassiodorus and the Italian Culture of his time», in *Secondo Contributo alla Storia degli Studi Classici*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1984, 207-210; BRIAN CROKE, «Cassiodorus and the *Getica* of Jordanes», *Classical Philology*, 82, 1987, 117-134.

<sup>13</sup> Autores como Macróbio, Jerónimo, Cassiodoro e Boécio terão assimilado os seus conhecimentos por meio desta literatura de segunda mão. Cf. PIERRE COURCELLE, *Les Lettres Grecques en Occident*, Paris, Boccard, 1943, 9 e seg., 110 e seg., 265 e seg. Veja-se a carta introdutória de Prisciano à sua obra (KEIL, p. 1-2).

<sup>14</sup> SCHANZ, IV, 2, 496 (PL 51, 427-534). *Epigrammata in obtrectionem Aug.* (in RIESE, I, 2, nº493a e 493b p. 50-51) (cf. SCHANZ, IV, 2, 497).

<sup>15</sup> PL 50, 637 (SCHANZ IV, 2, 521; CPL, 511).

<sup>16</sup> Eugípio, *Excerpta ex Operibus S. Agustini*, rec. Pius Knoell, CSEL, Vindobonae, apud C. Geroldi Fillium, 1885 (cf. SCHANZ IV, 2, 587).

<sup>17</sup> O próprio Cassiano reconhece a necessidade do resumo (*Inst.*, 4, 43): «et ut haec omnia, quae latiore sermone digesta sunt, cordi tuo facilius inculcentur ac tenacissime tuis sensibus ualeant inhaerere, quoddam ex his breuiarium colligam, per quod possis breuitate et compendio mandatorum memoriter uniuersa complecti».

<sup>18</sup> PL 50, 867-894.

<sup>19</sup> PG 28, 840-906.

grego <sup>20</sup>. No séc. VI, procurando fazer conhecer ao mundo latino textos de exegese grega, Victor de Cápua <sup>21</sup> e o papa João III terão constituído recolhas de citações <sup>22</sup>. Mas não é só no campo da literatura patrística que este processo teve lugar. Basta referir, por exemplo, no campo da gramática, a *Ars de Orthographia* de Agrécio no séc. V <sup>23</sup>, ou o *De Orthographia* de Cassiodoro <sup>24</sup>. No fundo, tratava-se, como foi dito, de esforços por preservar uma informação que mantinha a sua funcionalidade e por transmiti-la de forma sucinta e manejável para um público cada vez menos culto, como prolongamento da escola e em seu apoio ou de uma cultura escolar.

Esta preocupação e conseqüente produção de resumos não era estranha aos intelectuais da Península Ibérica. Bem pelo contrário, a generalidade da cultura e do saber na Península estava baseada na utilização de resumos, antologias e recolhas <sup>25</sup>: Juliano de Toledo enuncia numa epístola a Idálio os seus propósitos de constituir uma antologia <sup>26</sup> e, segundo o seu biógrafo Félix, terá constituído uma recolha de citações de S.<sup>to</sup> Agostinho <sup>27</sup>; Taio de Saragoça utiliza excertos de Gregório Magno

<sup>20</sup> *De octo uitiis*, composto por um resumo da *epistulae ad Castorem* de Ps-Atanásio, e das obras de Evagro e Clímaco. PG 79, 1436-1472; CPG nº6077, p. 180-1. Para mais epitomes e traduções para grego, veja-se Pestchennig, pp. xcv e seguintes.

<sup>21</sup> *Responsorum capitula*. SCHANZ IV, 2, 596; Cf. COURCELLE, *Les Lettres Grecques*, 340-341.

<sup>22</sup> SCHANZ IV, 2, 596; Cf. COURCELLE, *op. cit.*, 340-341.

<sup>23</sup> KEIL, VII, 113-125. SCHANZ, IV, 2, 206.

<sup>24</sup> KEIL, *Grammatici Latini*, Hildesheim, Georg Olms, 1961, VII, 143-210; SCHANZ IV, 2, 105-6. Para mais gramáticos que se socorreram da técnica do epitome e dos *excerpta*, veja-se GALDI, 216 e seg.

<sup>25</sup> M. C. DÍAZ Y DÍAZ, *De Isidoro al Siglo XI, Ocho Estudios sobre la vida literaria peninsular*, Barcelona, El Albir, 1976, pp. 33, 54, 83; DÍAZ Y DÍAZ, na introdução à edição de ISIDORO de SEVILLA *Etimologias*, ed. Jose Oroz Reta y Manuel Marcos Caspero, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, 181; Para o conhecimento de autores anteriores por via indirecta, veja-se JOSÉ MADDOZ, «Ecos del saber antiguo en las letras de la España visigoda», *Razón y Fe*, 122, 1941, 228-240; JOSÉ MADDOZ, «Citas y Reminiscencias clásicas en los Padres españoles», *Sacris erudiri*, 5, 1953, 105-132. Para as técnicas de resumo como método de trabalho, cf. FONTAINE, *Isidore*, 751 e 763-772.

<sup>26</sup> I, 1: «hoc igitur opus non est tantum mihi formare perplacuit ut quasi incognita legentibus demonstrarem, cum multis non dubitarem harum rerum scientiam multiplicium librorum uoluminibus didicisse, sed potius ut sub uno collecta futurorum ratio mentes mortalium eo uehementius tangeret, quo sine labore hic posita perlegisset».

<sup>27</sup> Félix, *Vita S. Iuliani*, PL 96, 445-452: *Item librum sententiarum ex decade psal-morum B. Augustini breuiter summatimque collectum*. Cf. U. DOMÍNGUEZ DEL VAL,

e resume obras do bispo de Hipona <sup>28</sup>; Eutrópio de Valência constitui um centão do livro V das *Collationes* de Cassiano; Ildefonso confessa que pretende apenas citar obras anteriores <sup>29</sup>. E a própria actividade de Isidoro, no fundo, insere-se no «cuadro tradicional de los compendios» <sup>30</sup>.

No Oriente a situação não será diferente. As técnicas de resumo e a recolha de citações, de *testimonia*, muito em especial no universo de exegese cristã, faziam parte integrante da vivência cultural da época. Nas palavras de Marrou, *la technique du digeste, du résumé, s'est imposé à eux*<sup>31</sup>. Como exemplo, pode citar-se o caso do sofista Sópatro de Apameia

---

«Obras desaparecidas de Padres y Escritores Españoles», *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, Salamanca, 1971, p. 17.

<sup>28</sup> Nos *Sententiarum libri V* (PL 80 731-990). Cf. *Epist. Quir.* 4 (PL 80 728A): «de sacris uoluminibus, scilicet Sancti papae Gregorii Romensis, sententiarum capitula in quinque libellis discreta, uno codicis textu conclusa auxiliante Domino, colligendo decerpimus [...] ex libris S. Augustini episcopi pauca congerere curauimus». Existem igualmente uns *Excerpta S. Gregorii* de atribuição duvidosa: cf. DÍAZ Y DÍAZ, *Index*, nº210.

<sup>29</sup> *Cognit. praef.* (PL 96, 112) «quo ordine secundum apostolicam sanctorumque patrum traditionem antiquam... praesentis libelli serie manet congestum, dispositum pariter et concretum, non nostris nouitatibus incognita proponentes, sed antiquorum monita uel intellegentiae reserantes uel memoriae adnotantes».

<sup>30</sup> Em Isidoro torna-se mesmo um traço característico, como observou Díaz y Díaz (in *Etimologías de Isidoro de Sevilla*, editado por JOSÉ OROZ RETA, 181): «Isidoro aplica una vez más en las *Etimologías* su conocida metodología de abreviación. Esta técnica era muy del gusto de la época: en el fondo, aparece como un procedimiento escolar de vulgarización que busca la reducción del saber a fórmulas concentradas, las cuales tienen el valor de resultar más memorizables y de permitir explicaciones y aclaraciones. Practicada desde la época helenística, la abreviación se convierte en verdadera obsesión en Isidoro, hasta el punto de que da incluso la impresión de haber querido excusar su activiidade literaria situándola explícitamente en el cuadro tradicional de los compendios»; cf. FONTAINE, *Isidore*, 766: «Il [Isidore] donne même l'impression d'avoir voulu excuser son activité littéraire en la situant explicitement dans le cadre traditionnel des compendia». O próprio Isidoro afirma a propósito da obra de Fulgêncio de Ruspe (*De uir. ill.*, XIV, ed. Codoñer): *haec tantum ex pretiosis doctrinae eius floribus carpsimus*.

<sup>31</sup> FONTAINE, *Isidore*, 765: «On la retrouve au VI<sup>e</sup> siècle, en Orient, dans le succès croissant de la 'centonization' littéraire ou liturgique, tandis que sont rédigés les lexiques étymologiques qui sont les premiers ancêtres des grands *Etymologika* byzantins». Nas palavras de MARROU (*Église*, 179): «chez nos Byzantins on s'objecte des citations patristiques: aux recueils de testimonia bibliques, succèdent les florilèges dogmatiques qui regroupent, par sujets, des citations d'auteurs autorisés; même phénomène dans l'exégèse: nous voyons se développer les chaînes qui

que, no início do séc. VI em Atenas, compõe uma recolha em doze livros, dos quais o sétimo era composto por extractos e resumos de Heródoto, uma vítima habitual dos epitomizadores, e o décimo primeiro por resumos das *Vidas Paralelas* de Plutarco<sup>32</sup>. No campo da exegese cristã, casos paradigmáticos são, por exemplo, no séc. VI, a intensa actividade de abreviador de Procópio de Gaza, constituindo as famosas *catenae*, das quais sobressaem as *catenae* aos *Provérbios* (que compilam textos de Orígenes, Dídimo, Evágrio Pôntico e Basílio), ao *Octateuco*, ao *Cântico dos Cânticos*, ao *Eclesiastes*, etc. Do seu contemporâneo Policrónio também ficaram diversas *catenae* não menos famosas, que reuniam material de inúmeros autores gregos cristãos<sup>33</sup>.

Em suma, a prática de composição de resumos e de *excerpta* é um traço fundamental no panorama cultural do século VI, quer na Península, quer no Oriente, chegando mesmo Fontaine a asseverar que *l'aggravation de cette tendance caractérise tout le VI<sup>e</sup> siècle méditerranéen*<sup>34</sup>. No fundo, tudo isto tem a ver com uma vontade de preservar um passado cultural — *labor nobis antiquorum omnino seruandus est*, como refere Cassiodoro<sup>35</sup> —, recompondo textos, extraíndo deles «sentenças» e ensinamentos, fazendo, em última análise, reviver as obras anteriores. Por conseguinte, não é de estranhar que se encontrem na produção literária de Martinho de Braga, um homem intimamente ligado às necessidades do seu tempo e inserido nas práticas literárias da sua época, marcas de tal actividade.

Uma técnica de composição algo relacionada e que importa referir é a do centão<sup>36</sup>. As maiores vítimas foram, desde sempre, Homero e

---

accrochent à un verset des livres saints de brefs passages extraits des commentaires dus aux plus célèbres des Pères de l'Église».

<sup>32</sup> Outro autor que gozou de grande fama entre os *excerptatores*. Cf. GALDI, 10.

<sup>33</sup> Sobre Procópio de Gaza (CPG 388-391) veja-se HANS-GEORG BECK, *Kirche und Theologische Literatur im Byzantinischen Reich*, München, Beck, 1977, 413-421. Sobre o epitome dos *Provérbios*, vide PAUL GÉHIN, na introdução à sua edição dos *Scholies aux Proverbes* de Evágrio Pôntico, Sources Chrétiennes, Paris, Éd. du Cerf, 1987, 65-75. Sobre Policrónio (CPG 223-229) veja-se BECK, *ibidem*.

<sup>34</sup> FONTAINE, *Isidore*, 765.

<sup>35</sup> *De Orthographia, Praef.* ed. KEIL, VII, 143.

<sup>36</sup> O centão é assim definido por Isidoro (*Etym.* I, 39, 25): *Centones apud grammaticos uocari solent, qui de carminibus Homeri seu Vergilii ad propria opera more centonario ex multis hinc inde conpositis in unum sarciunt corpus, ad facultatem cuiusque materiae*. Também Ausónio, no prefácio programático ao seu *Cento Nuptialis*, assim explicava: *uariis de locis sensibusque diuersis quaedam carminis structura solidatur, in unum uersum ut coeant aut caesi duo aut unus et sequens <medius> cum medio*.



Virgílio, se bem que outros autores também tenham sido utilizados: Luciano (*Symp.* 17) menciona um poema, presumivelmente da autoria de um certo Histieus, constituído por versos de Hesíodo, Anacreonte e Píndaro. Um primeiro exemplo de centão virgiliano pode ser encontrado em Petrónio (132, 11): trata-se de um pequeno poema constituído por versos das *Bucólicas* e da *Eneida* <sup>37</sup>. Um pouco mais tarde, Tertuliano refere a verdadeira moda que constituía esta técnica de composição <sup>38</sup>, e, a atestá-lo, sobreviveu do séc. II um passo de mais de 450 versos de um centão curiosíssimo, a *Medeia* de Hosídio Geta, citado pelo próprio Tertuliano, constituído por versos virgilianos <sup>39</sup>.

Apesar da forma algo envergonhada como Ausónio justifica o seu *Cento Nuptialis* <sup>40</sup>, dedicado a Valentiniano, a verdade é que a composição centonária proliferou: para se ter uma ideia do êxito desta técnica de composição basta atentar no significativo conjunto de pequenos centões

---

Note-se que o centão não é necessariamente um epítome. Desta técnica de composição, autêntico quebra-cabeças, dá-nos MARROU uma imagem sugestiva: «le mauvais goût aidant, on était allé aussi loin qu'il est possible dans cette voie. Comme un chiffonnier trie et assemble des morceaux d'étoffe, *more centonario*, on composait des poèmes entiers de vers et d'hémistiches choisis à travers l'œuvre de Virgile. Ce genre singulier du centon (que les Grecs ont aussi pratiqué sur Homère) est attesté pour des sujets classiques dès le temps de Tertullien; au IV<sup>e</sup> siècle ce fut toute une mode dans les milieux chrétiens on transposa de la sorte toute l'histoire biblique, Évangile compris, en une mosaïque d'expressions virgiliennes» (*Saint Augustin et la fin de la Culture Antique*, Paris, de Boccard, 1983, 498-499). Sobre o centão, veja-se LABRIOLLE, *Histoire de la Littérature Chrétienne*, 480-481; GALDI, 326 e seguintes; REITZENSTEIN, PW s.u. *Etimologika* (vol. 11) séc. V-IX c.810, 57 a 812,38; A. TUILIER, «La datation et l'attribution du XPISTOS PASXON et l'art du centon», in *Actes du 6 Congrès Intern. d'Études byzantines*, t. 1, Paris, 1950, 403-409; F. CABROL, art. «centonization» in *DACL* t. 2, 2 1925, c. 3255 seguintes. Já Donato, na sua *Vita Vergilii*, e Suetónio referem algumas paródias que se faziam com a obra de Virgílio.

<sup>37</sup> De *Praescr. Haer.* 39, 3-5: «uides hodie ex Virgilio fabulam in totum aliam componi, materia secundum uersus et uersibus secundum materiam concinnatis. Denique Hosidius Geta Medeam tragoediam ex Virgilio plenissime exsuxit. Meus quidam propinquus ex eodem poeta inter cetera stili sui otia Pinacem Cebetis explicuit. Homerocentones etiam solent qui de carminibus Homeri propria opera more centonario ex multis hinc inde compositis in unum sarciant corpus». Ireneu (*Aduersus haereses* 1,9) refere também esta prática.

<sup>38</sup> RIESE, *fragm.* 17, pp. 61-79.

<sup>40</sup> «Perlege hoc etiam, si operae est, friuolum et nullius pretii opusculum... piget enim Vergiliani carminis dignitatem tam ioculari dehonestasse materia, sed quid facerem? iussum erat». Todavia, pouco mais será, a meu ver, do que um tópico frequentemente presente em prefácios.

reunidos no *Parisinus* 10318<sup>41</sup>, que abordam diversas temáticas, desde assuntos mitológicos<sup>42</sup> à própria tragédia de Hosídio Geta e a centões de inspiração cristã<sup>43</sup>.

Foi, aliás, no quadro da literatura cristã que se elaboraram alguns dos mais interessantes centões virgilianos<sup>44</sup>, apesar do desdém com que Jerónimo os via, registado numa carta a Paulino de Nola<sup>45</sup>. Um dos mais célebres, redigido por alturas de 360, é, sem dúvida, o de Anícia Proba, mulher do aristocrata Celsino Adelfo<sup>46</sup>. Este *centimetrum* de *Christo*, como o denomina Gelásio, conta a história do Antigo Testamento até ao Dilúvio e do Novo Testamento até à Ascensão. É verdadeiramente paradigmático como Proba, cortando e reordenando hemistíquios de Virgílio, consegue constituir um novo texto de quase 700 versos que nada tem a ver, no plano do conteúdo, com o original. O seu êxito foi enorme e o papa Gelásio viu-se na contingência de o declarar apócrifo<sup>47</sup>. Isidoro cita-o, afirmando que o *ingenium* deveria ser louvado, apesar de não

---

<sup>41</sup> Publicados em RIESE I, 1 pp. 33-83.

<sup>42</sup> Como, por exemplo, as histórias de Hipodamia, de Hércules e Anteu, de Procne e Filomela, de Europa, etc.

<sup>43</sup> Mais tarde, a técnica do centão não desaparecerá: é o caso, por exemplo, de Columbano. Cf. MANITIUS, 185.

<sup>44</sup> PIERRE DELABRIOLLE, *Histoire de la Littérature Latine Chrétienne*, Paris, Les Belles Lettres, 1947, 480-481; Veja-se a introdução de G. SCHENKL em *Poetae Christiani Minores, Pars I*, rec. M. Petschenig, R. Ellis, G. Brandes, G. Schenkl, Vondobonae, apud C. Geroldi Filium, 1888, 513-564. Alguns dos centões citados encontram-se nas páginas seguintes (568-627): o de Proba, o de Pompónio, o *De uerbi incarnatione*, o *De Ecclesia*; RE s.u. cento; OCD s.u. cento; alguns centões cristãos encontram-se reunidos em PL 4, 191-246. Cf. JOSE-LUIS VIDAL, «Observaciones sobre centones virgilianos de tema cristiano», *Boletín Instit. Estudios Helénicos*, Barcelona, VII, 2, 1973, 53-64.

<sup>45</sup> Ep. 53, 7: «quasi non legerimus Homerocentonas et Vergiliocentonas, ac non sic etiam Maronem sine Christo possimus dicere Christianum... puerilia sunt haec et circulatorum ludos similia». Não creio, todavia, que seja exclusivamente a técnica do centão que afaste Jerónimo, mas sim o procurar-se transmitir a mensagem divina por este meio; na realidade, no mesmo passo, Jerónimo engloba também a *écloga* IV de Virgílio.

<sup>46</sup> Isidoro, *Etym.* I, 39, 26; Isidoro, *De uir.* III, 5 (ed. CODONER MERINO); *Poetae Christiani Minores*, ed. SCHENKL, 568-609; SCHANZ, IV, I, 219-220. Veja-se a excelente análise deste centão em MARIA R. CACIOLI, «Addatamentì Semantici e sintattici nel centone virgiliano di Proba», *Studi Italiani di Filol. Class.*, Firenze, Le Mounier, XLI, 1969, 188-246.

<sup>47</sup> Em 494 d. C. (PL 59, 16). Isidoro, *Vir.* III, 5. O próprio decreto de Gelásio é de autenticidade discutível: cf. SCHANZ, I, c.

mostrar grande entusiasmo por ele <sup>48</sup>. Além deste, o século IV legou-nos diversos centões virgilianos de temática cristã, como o *Tityrus* de Pompónio <sup>49</sup>, feito à base unicamente das *Bucólicas*, o *De uerbi incarnatione*, erradamente atribuído a Sedúlio <sup>50</sup>, o *De Ecclesia*, erradamente atribuído a um tal *Mauortius* <sup>51</sup>.

Esta moda dos centões não passou despercebida no Oriente, onde o centão de Proba seria conhecido <sup>52</sup>. Do século V, chegou-nos o centão de Leão Filósofo, totalmente tecido com versos homéricos <sup>53</sup>. Um caso célebre é, também no séc. V, o *Homerocentonas* atribuído à própria imperatriz Eudócia, igualmente à base de versos de Homero, apesar de nele se poderem perceber marcas de actualização <sup>54</sup>.

A composição centonária, aplicada ao âmbito dos *compendia* e do texto em prosa, tem para o presente trabalho manifesto interesse. É que o *De Ira* de Martinho de Braga insere-se precisamente neste enquadramento, porquanto a forma de composição do resumo é, de um ponto de vista técnico, muito próxima da do centão. Não é, aliás, caso único: o *De Octo uitiiis*, do seu contemporâneo Eutrópio de Valência, obedece à mesma estratégia, sendo ainda mais fiel ao modelo do que Martinho. Com algumas variantes entre si, consistem basicamente numa recolha de segmentos de um texto-base e na reorganização destes segmentos, como se verá nas páginas seguintes. A composição do *De Ira* não constitui, pois, uma prática isolada, mas inscreve-se antes na grande corrente de «centonização» do séc. VI <sup>55</sup>.

---

<sup>48</sup> *De uir. ill. 5: cuius quidem non miramur studium sed laudamus ingenium.*

<sup>49</sup> Também intitulado *Versus ad gratiam Domini (Poetae Christiani Minores, ed. SCHENKL, 609-615; SCHANZ, IV, I, 220; RIESE Frag. 719a I, 2, 189-193)*. Isidoro também o menciona (*Etym. I, 39, 26*). Veja-se uma análise deste centão JOSÉ LUÍS VIDAL, *op. cit.*, 57 e seguintes.

<sup>50</sup> Figura entre as obras de Sedúlio da edição do *Corpus de Viena, Sedulii Opera Omnia*, rec. IOHANNES HUEMER, Vindobonae, apud C. Geroldi Filium, 1885, 310-315; PL 19, 773-780; Cf. SCHANZ, 4, 2, 371-2.

<sup>51</sup> *Poetae Christiani Minores*, ed. SCHENKL, 621-627. Cf. MANITIUS, 129.

<sup>52</sup> Um exemplar foi oferecido a Teodósio II (Cf. BURY, *History of the Later Roman Empire*, New York, 1958, I, 202). Sobre o centão em Constantinopla, veja-se HERBERT HUNGER, *Die Hochsprachliche Profane Literatur der Byzantiner*, München, C. H. Beck, 1978, II, 98-107. Para a sorte do centão nos séculos seguintes, ver TUILLIER, *op. cit.*, 406-7.

<sup>53</sup> *Anthologia Palatina*, IX, 361. Veja-se HUNGER, *op. cit.*, 99.

<sup>54</sup> CPG, III, p. 164 nº6025. Veja-se HUNGER, *op. cit.*, 100.

<sup>55</sup> Para a caracterização desta tendência, veja-se FONTAINE, *Isidore*, 765.

## A TÉCNICA DE MARTINHO NA UTILIZAÇÃO DO MODELO SENEQUIANO

O *De Ira* de Martinho de Braga constitui, como já foi referido inúmeras vezes, um epítome da obra homógrafa, em três livros, de Séneca <sup>56</sup>. O bispo bracarense enquadra-se, pois, no ambiente da Latinidade Tardia, ao utilizar técnicas de composição em voga, e ao revelar, simultaneamente, a vontade e o *studium* de preservar um conteúdo que manifestaria para os seus leitores uma funcionalidade evidente. Assim, partindo de um esquema seu, Martinho toma um texto-base, selecciona determinados segmentos e concatena-os, *more centonario*, de forma a constituir um novo texto, coerente, legível e funcional. Aparentemente, pouco adiciona de seu: o prefácio com a dedicatória ao destinatário, a frase conclusiva e pequenas frases de ligação.

Contudo, ao contrário do que uma leitura superficial possa sugerir, este *excerptum* não consiste numa cópia fiel, nem numa simples transcrição de passos seleccionados <sup>57</sup>, como é frequente nos epítomes dos séculos V a VII <sup>58</sup>. Na realidade, Martinho de Braga revela, ao longo da sua produção literária enformada de evidente funcionalidade, preocupações do clero de então, e apresenta inúmeras marcas de uma intencionalidade literária bem desenvolvida, com um emprego de um *sermo rhetoricus* de boa qualidade, como alguns estudos nos últimos anos têm posto em

---

<sup>56</sup> Sobre a técnica empregue neste epítome, veja-se ERNST BICKEL, «Die Schrift des Martinus von Bracara 'Formula Vitae Honestae'», *Rheinisches Museum*, 60, 1905, 535, sobretudo relativamente ao emprego do *cursus*; C. W. BARLOW, «A Sixth-century Epitome of Seneca, *De Ira*», *TAPhA*, 68, 1937, 26-42; A. DE MIRANDA E BARBOSA, «O senequismo dos opúsculos morais de S. Martinho Dumense», *Bracara Augusta*, 4-5, 1954, 259-271; IDEM, «O Senequismo medieval e o Corpus Martiniano» *Biblos*, XLI (1965), 184-185; MANUEL FERREIRA DE SOUSA, «A filosofia moral de S. Martinho de Dume em antologias senequistas», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 36, 1980, 31-34; JOSÉ MADOZ, «Martín de Braga en el siglo XIV de su venida a Iberia (550-1950)», *Estudios Eclesiásticos*, 25, 1951, 219-242.

<sup>57</sup> Sintomático desta leitura superficial são, por exemplo, as opiniões expressas por MANUEL FERREIRA DE SOUSA, «A filosofia moral de S. Martinho de Dume em antologias senequistas» *Revista Portuguesa de Filosofia*, 36, 1980, 31-34; SOUSA TAVARES, «O Senequismo de S. Martinho de Dume», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 6, 1950, 385-6.

<sup>58</sup> Veja-se, por exemplo, o de Eugépio sobre S.<sup>o</sup> Agostinho, o de Eutrópio, as recolhas de sentenças de Taio de Saragoça, etc.

relevo <sup>59</sup>. Aliás, esta concepção da transcrição mecânica, totalmente destituída de atitude criadora, nem sempre coincide com a realidade da composição centonária. Na verdade, que mais não seja, o acto de seleccionar e reorganizar os segmentos pressupõe um acto criativo, ou, pelo menos, recriativo. Além disso, nem sempre os passos seleccionados podem ser concatenados sem sofrerem diversas transformações: por exemplo, de ordem morfo-sintáctica e de articulação entre os segmentos, seja por coordenação, seja por subordinação. Isto é o que sucede, para dar como exemplo um verdadeiro paradigma, no mais insuspeito dos centões, o centão da aristocrata Proba, no qual Cacioli identifica inúmeras marcas de actualização, nomeadamente, de índole ideológico-cristã, para além das alterações morfo-sintácticas <sup>60</sup>. Isto é natural: as unidades lexicais mudam de contexto e ganham, naturalmente, novos sentidos de acordo com a intenção do epitomista. Mesmo o *De Octo uitiiis* de Eutrópio, contemporâneo de Martinho, se bem que revele uma muito maior fidelidade ao texto de Cassiano, não deixa de, por vezes, apresentar algumas pequenas alterações.

Ainda que antecipando os resultados da nossa análise, há que acentuar que o *De Ira* de Martinho constitui, na verdade, uma recriação do texto-base singular, indo muito mais longe do que os exemplos acima apontados. Esta recriação pode ser analisada a diversos níveis.

Em primeiro lugar, há a considerar uma alteração estrutural. Ao contrário do que sucede, por exemplo, com o epítome de Eutrópio, Martinho não segue a ordem do conteúdo do texto senequiano, mas, de acordo com um plano por si estabelecido, extrai de qualquer dos três livros o material que mais se coaduna com as suas intenções. Aliás, de outra forma o resultado seria bem diferente e, possivelmente, menos claro, pois, na realidade, o texto de Séneca apresenta uma estrutura um tanto

---

<sup>59</sup> Sobretudo ANTONIO FONTÁN, «Martín de Braga: un testigo de la tradición clásica y cristiana». *Anuário de Estudios Medievales*, 9, 1974-79, 331-341; ANTONIO FONTÁN, «Martín de Braga: Proyección histórica de su persona y su obra», in *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, 191-217; PAULO FARMHOUSE ALBERTO, «Martinho de Braga: ὄτεχνον ou τεχνικόν», *Euphrosyne* 19, 1991, 175-200.

<sup>60</sup> M. R. CACIOLI, «Adattamenti semantici e sintattici nel centone virgiliano di Proba», *Studi Italiani di Filol. Class.*, Firenze, Le Mounier, 51, 1969, 188-245. O *Cento Nuptialis* de Ausónio é o exemplo de um centão em que os segmentos extraídos são reorganizados sem sofrerem a mais leve alteração. Sobre a actualização linguística e ideológica percebida nos centões homéricos do séc. V, nomeadamente nos de Leão o Filósofo e Eudócia, veja-se HERBERT HUNGER, *Die Hochsprachliche Profane Literatur der Byzantiner*, München, C. H. Beck's Verlagsbuchhandlung, 99-100.

complexa e obscura, e encontra-se, por vezes, a repetição de ideias e, inclusivamente, de frases reproduzidas *ipsis uerbis* <sup>61</sup>.

Por outro lado, haverá a considerar o valor de significação resultante da eliminação de passos para chegar às intenções de Martinho <sup>62</sup> e qual o valor e intenção, por exemplo, do apagamento de todas as alusões históricas ou elementos marcadamente não-cristãos (numa «estratégia de cristianização» que viria a gozar de grande fortuna e que se poderá observar nos compiladores e autores de florilégios dos séculos IX a XII <sup>63</sup>).

Um outro nível de análise prende-se com alterações no interior dos segmentos seleccionados. Por um lado, devem ser consideradas as alterações de ordem morfo-sintáctica. Estas podem constituir quer abreviações, quer adições, quer alterações propriamente ditas, e podem provir de diversas necessidades e motivações: concatenação dos segmentos e coerência do discurso, actualização linguística, índole estilístico-literária, vontade de simplicidade e clareza na exposição das ideias, etc. Por outro lado, a ordem das palavras e dos sintagmas varia grandemente, estando subjacentes frequentemente motivações de clareza e de índole literárias, visível, nomeadamente, no emprego do *cursus*.

Uma terceira grande classe de alterações, porventura, a mais significativa, diz respeito às alterações vocabulares. Apesar de a intenção de Martinho ter sido, provavelmente, tal como exprime na *Formula*, redigir um texto *sine diuinarum scripturarum praeceptis, naturali tantum humanae intelligentiae lege*, é possível vislumbrar certas marcas, propositadas ou simples *lapsus calami*, de actualização ideológico-cristã. Exemplos evidentes são, por exemplo, a substituição de *feminae amore flagrauit* pelo

---

<sup>61</sup> Para dar apenas dois exemplos, em 2, 29, 1 surge *maximum remedium irae mora est* e em 3, 12, 4 expõe as mesmas ideias com *maximum remedium irae dilatio est*; nos retratos da ira repete inclusivamente um sintagma, *inquietae manus* (1, 1, 3 = 2, 35, 1). Veja-se, no entanto, no que respeita a esta pretensa falta de estruturação, JANINE FILLION-LAHILLE, «La production littéraire de Sénèque sous les règnes de Caligula et de Claude, sens philosophique et politique: les 'Consolations' et le 'De ira'», in *Aufstieg und Niedergang*, II, 36, 3, 1606-1638.

<sup>62</sup> Este pragmatismo dos epitomistas em eliminar passos que não revelem uma clara funcionalidade é bem exemplificada por Justino no prefácio do seu epítome (*Praef.*, 4): *cognoscendi quaeque dignissima excerpsi, et omissis his, quae nec cognoscendi uoluptate iucunda nec exemplo erant necessaria*. Veja-se LEONARDO FERRERO, *Struttura e metodo dell'Epitome di Giustino*, Torino, Pubblicazione della Facoltà di Lettere e Filologia, vol. IX, 2, 1957, 17 e seg.

<sup>63</sup> Cf. B. MUNK OLSEN, «Les classiques latins dans les Florilèges Médiévaux antérieurs au XIII<sup>e</sup> siècle», *Révue d'Histoire des Textes*, IX, 1979, 52-53.

cristianismo *fornicandi cupiditate succensus est*<sup>64</sup>, ou do termo tão senequiano *adfectus* por *passio*, um famoso cristianismo que se desenvolve a partir do séc. III<sup>65</sup>.

Por outro lado, podem-se também reconhecer certos traços de latim tardio a nível da sintaxe, como, por exemplo, o emprego de *obliuiscor* com o complemento em acusativo, estando em Séneca o complemento naturalmente em genitivo, ou o emprego de uma oração introduzida por *quia* complemento de *cogito* ou de *memini*. Cada uma destas modalidades tem valor funcional diferente.

Serão, pois, estas modalidades que serão objecto de análise nas páginas seguintes. Naturalmente, haverá uma ressalva a fazer. Dificilmente se poderá saber se certos pormenores como, por exemplo, a alteração de uma partícula ou de um tempo verbal, correspondem a uma vontade de recriação de Martinho, ou se serão simplesmente devidos à tradição textual, seja de Martinho, seja de Séneca, em variantes que porventura já se faziam sentir em Martinho. Porém, no fundo, o contrário também é válido: dificilmente se pode corrigir peremptoriamente o texto de Séneca pelo de Martinho, e vice-versa, pois não se pode ter a certeza de que a divergência de leituras não provenha da vontade recriadora de Martinho<sup>66</sup>. Existe, pois, um limite para a nossa análise. Desta forma, apenas um método claro e fundamentado em critérios objectivos poderá, a meu ver, proporcionar análises funcionais e produtivas.

## SELECÇÃO E REORGANIZAÇÃO DOS SEGMENTOS

### *Seleção dos segmentos*

O *De Ira* de Martinho de Braga apresenta-se como uma obra bem organizada, seguindo a exposição do conteúdo um desenvolvimento claro. É a seguinte a estrutura do opúsculo:

#### Cap. I Prefácio

##### Apresentação da ira: sua natureza

---

<sup>64</sup> CHRISTINNE MOHRMANN, «Éléments vulgaire du latin de chrétiens» in *Études sur le latin des chrétiens*, Roma, Ed. di Storia e Letteratura, 1979, III, 61.

<sup>65</sup> Cristianismo dos séc. II/III. Cf. BLAISE, 598 e seg.; SOUTER, 288.

<sup>66</sup> CLAUDE BARLOW tentou em 1937 («A Sixth-Century Epitome of Seneca, *De Ira*», *TAPhA*, 68, 1937, 26-43) estudar se seria possível corrigir com segurança o texto de Séneca a partir do de Martinho, mas é obrigado a concluir que não se podem tirar conclusões muito pormenorizadas (pp. 42-43).

## Cap. II Prosopopeia da Ira

### Cap. III Natureza da Ira pelos seus efeitos:

Transforma tudo e todos no extremo pior  
Não é útil em nada e não tem domínio sobre si própria  
Julga tudo segundo o seu desejo e não quer ser contrariada  
Está apegada ao seu erro  
Nasce de coisas vãs e obstina-se  
Subjuga todas as outras paixões, até a avareza  
A violência da ira surge imediatamente na máxima força  
Corrompe todos os homens ao mesmo tempo

### Cap. IV Remédios para a Ira

*Diuisio*

1º Remédio

a) não entrar em ira

b) caso tal aconteça, não agir sob ira

A cura da ira: *simile* da medicina

conservar a saúde = evitar a erupção da ira

restituir a saúde = conter a erupção da ira

O espírito superior recalca as manifestações da ira: *simile* do céu

O espírito não se deve dispersar por muitas coisas

### Cap. V Logo, deve-se lutar contra as causas primordiais da ira

Exemplos dessas causas:

o sentimento de se ter sido injuriado

não confiar nas aparências das coisas nem em suspeições, mas aguardar que se esclareçam

ser curioso sobre o que se diz sobre si

dar demasiada importância às coisas

Desenvolvimento dos tópicos acima enunciados:

é próprio do espírito magnânimo desprezar as injúrias  
convém suportar as injúrias

### Cap. VI Não devemos acreditar no que nos dizem

O homem virtuoso nem para castigar o pecador se encoleriza  
Devemos levar em conta aquele que nos injuria e as suas intenções



- Cap. VII Não nos devemos irar com coisas mesquinhas (exemplos)  
A cólera nunca deve ser aceite mas deve ser, por vezes, simulada
- Cap. VIII 2º Remédio  
Se a ira tiver irrompido  
Deve-se aguardar  
Deve ser quebrantada e deixar-se passar o ímpeto inicial  
Deve ao menos ser dissimulada e os seus sintomas  
Devemos pensar na utilidade das pessoas e de não nos irarmos  
Devemos vencer a ira com amizade e abandonar a quereia logo
- Cap. IX Não opor um vício a outro  
Punhamo-nos no lugar daquele que nos ofende  
Os erros dos que nos ofendem devem ser perdoados  
Somos todos pecadores
- Cap. X 3º Remédio  
Não devemos acalmar a ira dos outros seguindo o nosso ponto de vista, mas demos-lhes tempo para o arrependimento: *simile* dos olhos inchados  
Diversas respostas possíveis

#### Conclusão.

Basicamente, o esquema de Martinho é simples: prefácio, apresentação da ira, prosopopeia da ira, características da ira, remédios para a ira. Todavia, este plano aparentemente simples não corresponde à estrutura do texto-base. Um primeiro aspecto que se pode observar no método de elaboração deste tratado reside precisamente no facto de Martinho, ao constituir o seu *excerptum*, não respeitar integralmente a ordem da exposição do texto senequiano, que se apresenta aparentemente confuso e pouco claro<sup>67</sup>, como atrás foi referido. Em vez disso, selecciona passos,

---

<sup>67</sup> Nos últimos anos, tem-se deixado de lado esta concepção antiga. Contra a ideia tradicional de que esta obra de Séneca apresenta diversas dificuldades estruturais

independentemente da sua ordenação, e articula-os, segundo um plano claro e um fio condutor preciso. Os passos são extraídos da globalidade da obra, mas, de uma maneira geral, agrupam-se em grandes blocos: Sén. *De Ira*, I, 11-18, II, 22-36 e III, 24-40. Além destes grandes blocos, encontram-se outras pequenas unidades provenientes um pouco de todo o texto senequiano, como se pode observar na pág. 181.

Basta dar alguns exemplos desta não-linearidade na selecção dos segmentos<sup>68</sup>. Ao tratar, no final do capítulo IV, o tópico de que o espírito superior recalca as manifestações da ira e o de que o espírito não se deve dispersar por muitas coisas, utiliza um passo do livro III (III, 6); em seguida, no início do capítulo V, resolvendo abordar as causas primordiais da ira que se devem combater, volta um pouco atrás e encadeia um passo do livro II (II, 22, 2-4).

No capítulo V, ao desenvolver o tema da credulidade e das consequências nefastas desta atitude, usa o passo Sén. *Ira*, II, 24, 1-2; de imediato, para abordar um outro conceito de alguma forma relacionado (não saber nem averiguar o que de nós se diz) avança bruscamente para o livro III (11-12) para, quando refere que é próprio do espírito magnânimo desprezar as injúrias, regressar ao livro II (32 e seg.).

No final do capítulo VI, utiliza Sén. *Ira*, II, 31, 5, mas volta, no início do capítulo seguinte, um pouco atrás, para II, 25 e seguintes.

No capítulo VII, após utilizar um segmento do livro II (25, 3-4), encadeia-se um passo do livro I (16,1), com um passo do livro II (9 e seg.). No final deste capítulo, emprega Sén. *De Ira*, II,14,1 para seguir, no capítulo seguinte (referente ao terceiro remédio para a ira) com o livro III (12, 4).

Do final do capítulo VIII (correspondente a Sén. *De Ira*, II,34,5), onde se refere que a ira deve ser vencida pela amizade, salta para Sén. *De Ira*, III, 27, 1, no trecho seguinte, o início do capítulo IX.

Estes são alguns exemplos que podem ser complementados com a informação contida nas pp. 184-203. É notório que Martinho reorganiza os segmentos seleccionados de uma forma não estritamente sequencial, mas segundo um plano e uma estrutura pessoais. Cria-se, assim, um

---

e que se encontra mal construída, com inexplicáveis repetições e frequentes recuos na exposição do conteúdo, cf. J. FILLION-LAHILLE, *Le De Ira de Sénèque*, 283 e seg.; J. FILLION-LAHILLE, *Aufstieg*, 1636-1637.

<sup>68</sup> Neste aspecto, Martinho afasta-se da técnica empregue, por exemplo, por Eutrópio de Valência que, ao seleccionar os trechos para o seu centão, segue a sequência da exposição de Cassiano.

texto coerente a partir de unidades diversas, ganhando o novo texto uma estrutura orgânica diferente.

Um segundo aspecto que se prende com a selecção dos segmentos do texto-base merece maior atenção. É evidente, ao longo do tratado de Martinho, um propósito, invariavelmente seguido, de eliminar todos os passos senequianos marcadamente pagãos, como *exempla* históricos, digressões, discussões filosóficas e académicas. Mas assim como não existem no *De Ira* martiniano, à semelhança da *Formula*, citações bíblicas nem *testimonia* patrísticos, do mesmo modo todas as alusões a personagens, simples nomes ou alusões a conceitos alegadamente pagãos estão excluídos. Exemplos desta estratégia são inúmeros. Eis alguns:

No capítulo III, num passo que engloba Sén. *De Ira*, I, 17, 7 e I, 18, 2, elimina-se precisamente a história da terrível crueldade de Pisão para com os dois soldados, permanecendo o resto do passo mais ou menos como em Séneca. Aliás, as secções anteriores a Sén. *De Ira*, I, 17, nomeadamente 14 e 15, não foram incluídas no epítome, pois tratavam-se de histórias que aludiam a Teofrasto e a Sócrates.

No mesmo capítulo, entre o desenvolvimento de que a ira subjugava todas as paixões e de que, quando irrompe, atinge de imediato a sua plenitude (correspondentes a Sén. *De Ira*, II, 36, 6 e III, 1, 3, respectivamente), elimina-se apenas o prólogo do livro III de Séneca, onde figura uma apóstrofe ao destinatário, Novato.

No capítulo IV, formado por um grande bloco (Sén. *De Ira*, III, 5-6, com uma curta interpolação II, 28, 1), é excluído, além de uma sequência de *interrogationes*, um *exemplum* tendo como personagem Demócrito.

No capítulo V, formado também por um bloco (Sén. *De Ira*, II, 22-24), onde se abordam algumas causas primordiais da ira, eliminam-se precisamente diversos *exempla* históricos: de Hípias, de Alexandre e de César. Em seguida, no mesmo capítulo, num pequeno bloco formado por Sén. *De Ira*, III, 11-12, excluem-se histórias com Sócrates e Pisístrato. No bloco seguinte (Sén. *De Ira*, II, 32 e II, 34), elimina-se Sén. *De Ira*, II, 33 que apresenta dois episódios, um entre César e o filho de Pastor, outro acerca de Príamo.

A primeira parte do capítulo VII, onde são registados diversos exemplos de motivos fúteis da ira, é constituída por um bloco (Sén. *De Ira*, II, 25-26), do qual são eliminados alguns *exempla*, entre os quais, o de Mindírides. O mesmo sucede no capítulo VIII onde outras digressões (Sén. *De Ira*, III, 13, 2) são excluídas do *excerptum*.

Resulta assim que todos os inúmeros *exempla* e digressões que se encontram no texto senequiano e que tanto colorido lhe transmitem são

inapelavelmente eliminados no epítome. Um caso curioso deste processo ocorre no capítulo X. O sugestivo episódio do médico e da filha do rei não é nem pura e simplesmente eliminado, nem incluído: é sim resumido numa frase:

Ita enim abscondet et medicus  
ferramentum, ut aeger dolorem,  
dum non sperat, ferat. Nam  
quaedam non nisi decepta  
sanantur.

III, 39, 4, 5

Medicum aiunt, cum regis  
filiam curare deberet nec sine ferro  
posset, dum tumentem mammam  
leniter fouet, scalpellum spongia  
tectum induxisse: repugnasset  
puella remedio palam admoto,  
eadem, quia non expectauit, do-  
lorem tulit. Quaedam non nisi  
decepta sanantur.

*Reorganização de segmentos pertencentes  
a unidades textuais diferentes*

Um outro aspecto na forma como Martinho reorganiza os segmentos seleccionados diz respeito à utilização de passos de livros diferentes com conteúdo semelhante. Este aspecto, aliás, já foi referido. Por vezes, há no texto senequiano certos conteúdos aparentemente repetidos, repetições essas que poderão ir mesmo ao ponto de se encontrarem sintagmas e frases idênticas. Ora, em algumas circunstâncias, o epitomista, perante passos diferentes de conteúdo semelhante, em vez de escolher um deles, opta por fundi-los. É o caso da curiosa prosopopeia da ira. Esta descrição do vício encontra-se em Séneca no início do livro I, no final do livro II, e no início do livro III. A repetição de elementos nas três descrições em Séneca é por demais evidente. A semelhança vai mesmo ao ponto de se encontrar um sintagma repetido, *inquietae manus*. Martinho, ao deparar com estes três trechos, que descrevem algo semelhante, vai fundir os dois primeiros e retirar alguns adjectivos do terceiro. Isto mesmo se pode observar numa representação esquemática:

Habitus audax, et minax uultus,  
tristis frons, et toruus intuitus, faciei  
aut pallor aut rubor,

I, 1, 4, 4-5

nam ut furentium certa indicia sunt  
audax et minax uultus, tristis frons,  
torua facies,

aestuat ab imis praecordiis sanguis,	multus ore toto rubor exaestuante ab imis praecordiis sanguine
	I, 1, 3, 2
et colore uerso	color uersus
	II, 35, 3, 29-30
foedat ora pulcherrima,	pulcherrima ora foedauit
	I, 1, 4, 3-4
fragrant ac micant oculi, tremunt labra, comprimuntur dentes,	flagrant ac micant oculi... labra quatiuntur, dentes comprimuntur
	II, 35, 3, 2
crebro et uehementius acto suspirio quatitur pectus,	concutietur crebro spiritu pectus,
	I, 1, 3, 2-3
	crebra et uehementius acta suspiria
	I, 1, 4, 7
gemitus anxius, et paulo explanato sono sermo est praeceps,	gemitus mugitusque et parum explanatis uocibus sermo praeceptus
	II, 35, 2-3
rabida uocis eruptio colla distendit,	rabida uocis eruptio colla distendet
	I, 1, 3, 2 = II, 35, 4, 4
inquietae manus	inquietae manus
	I, 1, 4, 6
+ saepiusque compulsi coactus digitorum, scissos itaque dentium sonos +	spiritus coactus ac stridens, articulorum se ipsos torquentium sonus,
	I, 1, 3, 1
citatus gradus,	citatus gradus
	I, 1, 4, 9
pulsataque pedibus humus,	pulsata humus pedibus et totum concitum corpus
	II, 35, 3, 3
artus trepidi, et instabili fluctuatione totum concitum corpus,	tum artus trepidi, inquietae manus, totius corporis fluctuatio
	II, 1, 4, 10
magnas ex se proferens minas, — horribilis ira deprauat se atque intumescit, ita ut nescias utrum magis detestabile sit uitium an deforme.	magnasque irae minas agens, foeda uisu et horrenda facies deprauantium se atque intumescantium — nescias utrum magis detestabile uitium sit an deforme.

Qualem putas intus esse animum,  
cuius extra imago tam foeda est?

II, 35, 4, 4

Qualem intus putas esse animum  
cuius extra imago tam foeda est?

Cetera uitia absconduntur et in  
abdito refugiunt; ira se pròdit et in  
facie exit, quantoque maior est,  
tanto et manifestius exardescit.

I, 1, 5, 14

Cetera licet abscondere et in abdito  
alere: ira se profert et in faciem  
exit, quantoque maior, hoc effe-  
ruescit manifestius

Além destes dois passos, é também utilizado um terceiro, III, 4, 2, de onde Martinho poderá ter extraído alguns adjetivos, assinalados a itálico:

adice articulorum crepitum cum se ipsae manus frangunt et  
pulsatum saepius pectus, anhelitus crebros tractosque altius  
gemitus, *instabile* corpus, incerta uerba subitis exclamationibus,  
*tremētia* labra interdumque compressa et dirum quiddam ex-  
sibilantia.

Repare-se como Martinho vai produzir, extraindo elementos de três passos diferentes, um retrato coerente, organizado no sentido vertical de cima para baixo, e simultaneamente, marcado pela intensificação de ruído e de agitação:

Habitus audax	rosto	aspecto geral
et minax uultus		
tristis frons	rosto	
et toruus intuitus		
faciei aut pallor aut rubor		
aestuat ab imis praecordiis sanguis	olhos	
et colore uerso foedat ora pulcherrima		
fragrant ac micant oculi		
tremēt labra	lábios	peito e
comprimuntur dentes	dentes	
crebro et uehementius acto suspirio quatitur pectus	respiração	
gemitus anxius et paulo explanato sono sermo est praeceps	voz	pescoço
rabida uocis eruptio colla distendit	pescoço	mãos
inquietae manus	mãos	
+saepiusque compulsus coactus digitorum+	dedos	passos e
citatus gradus,	passos	
pulsataque pedibus humus	pés	pés
artus trepidi	aspecto geral	
et instabili fluctuatione totum concitum corpus		
magnas ex se proferens minas		

Um outro exemplo encontra-se no capítulo VI. Tanto o passo do livro II do texto senequiano como o do livro III têm conteúdos comuns. Assim, Martinho vai utilizá-los a ambos, retirando alternadamente passos de um e de outro. O resultado é o seguinte:

At in his quae ipse audiendo aut uidendo cognoscis, naturam uoluntatemque discuties facientis, peccantisque animum perpensabis: uoluerit an inciderit; deceptus sit an coactus.

Puerum excuset aetas, quia nescit an peccet; extraneum libertas; domesticum familiaritas. Si primum offendit, cogita quamdiu placuerit. Si saepe, fer quod saepe tulisti.

Iustus est, necessitate fecit. Quare succenseas? Quod si iniuriam recipis, non est iniuria, quod superius feceris, pati. Iudex est? Si nocentem punit, cede iustitiae.

Amicus est? Fecit quod noluit. Inimicus est? Fecit quod debuit.

II, 30, 1, 29

Quorundam ipsi testes sumus: in his naturam excutiemus uoluntatemque facientium.

III, 12, 2, 28

nemo animum facientis sed ipsum aestimat factum: atqui ille intuentus est, uoluerit an inciderit, coactus sit an deceptus, odium secutus sit an praemium, sibi morem gesserit an manum alteri commodauerit.

III, 24, 3, 27

Puerum aetas excuset, feminam sexus, extraneum libertas, domesticum familiaritas. Nunc primum offendit: cogitemus quam diu placuerit; saepe et alias offendit: feramus quod diu tulimus.

II, 30, 1, 2

Puer est: aetati donetur, nescit an peccet.

II, 30, 1, 34

Iustus est: necessitati quis nisi iniquus succenset? Laesus est: non est iniuria pati quod prior feceris. Iudex est: plus credas illius sententiae quam tuae. Rex est: si nocentem punit, cede iustitiae, si innocentem, cede fortunae.

III, 24, 3, 30

Amicus est: fecit quod noluit; inimicus: fecit quod debuit.

Pater est? Cogita quia tantum profuit, ut illi etiam iniuriam facere fas sit.

II, 30, 1, 31  
Pater est: aut tantum profuit ut illi etiam iniuriae ius sit, aut fortasse ipsum hoc meritum eius est quo offendimur.

Mutum animal est? Ipsum, si irasceris, imitaris. Postremo si bonus uir est qui iniuriam fecit, noli credere; si malus, noli imitari.

II, 30, 2, 4  
Mutum animal est aut simile muti: imitaris illud, si irasceris. Morbus est aut calamitas: leuius transiliet sustinentem. Deus est: tam perdis operam cum illi irasceris quam cum illum alteri precaris iratum. Bonus uir est qui iniuriam fecit: noli credere. Malus: noli mirari;

Prudentiori cede, stulto remitte.

III, 24, 4, 31  
Prudentiori credamus, stultiori remittamus;

Um caso relacionado com o que acima foi exposto consiste na inserção de um segmento de um livro senequiano no meio de um bloco de um outro livro, devido à aproximação do seu conteúdo. Um caso flagrante é a inserção de um pequeno segmento do livro II (Sén. *De Ira*, II, 18, 1) num bloco do livro III (Sén. *De Ira*, III, 5-6), como se pode ver:

4. In iram primum est non irasci; secundum cito desinere; tertium alienae quoque irae mederi.

III, 5, 2, 14  
Sed cum primum sit non irasci, secundum desinere, tertium alienae quoque irae mederi, dicam primum quemadmodum in iram non incidamus, deinde quemadmodum non ab illa liberemus,...

Primum est ergo ne incidamus in iram. Quod si acciderit, secundi remedium est ne in ira peccemus. Nam sicut...

II, 18, 1, 19  
Quoniam quae de ira quaeruntur tractauimus, accedamus ad remedia eius. Duo autem, ut opinor, sunt: ne incidamus in iram, et ne in ira peccemus. Vt in corporum cura alia...



Em ambos os segmentos senequianos há uma *diuisio*. O epitomista, que anteriormente resumia o livro III, faz uma incursão no livro II, por meio dessa frase charneira, regressando após este segmento ao livro III.

Um aspecto a referir que chama ainda a atenção nesta questão da articulação dos segmentos senequianos é o da aposição dos segmentos quando se verifica a presença em ambos os segmentos de uma espécie de frase comum que funciona como charneira. No capítulo III, ao aludir à obstinação da ira nos seus erros, há um salto do livro I da obra de Sêneca para o final do livro III:

Amat et tuetur errorem suum, nec uult argui, etiam si oculis manifesta ueritas ingeratur. Honestior illi in male coeptis pertinacia quam correctio extimatur.

I, 18, 2, 3  
etiam si ingeritur oculis ueritas, amat et tuetur errorem; coargui non uult, et in male coeptis honestior illi pertinacia quam paenitentia.

Quamuis enim uanae illam concitauerint res, perseuerare uult, ne uideatur sine causa coepisse. Et quod est iniquius, dum retinetur, fit pertinacior et augetur, quasi hoc ipsum grauius irasci iustae irae sit argumentum.

III, 29, 2, 27  
Nunc autem primum impetum sequimur, deinde, quamuis uana nos concitauerint, perseueramus, ne uideamur coepisse sine causa, et, quod iniquissimum est, pertinaciores nos facit iniquitas irae; retinemus enim illam et augemus, quasi argumentum sit iuste irascentis grauius irasci.

A frase que precede o segundo segmento é a seguinte: *Multos absoluemus, si coeperimus ante iudicare quam irasci*. Ora, esta frase sugere precisamente a história eliminada que seguia o primeiro segmento: a ira trêsloucada de Pisão impede-o de perdoar a um soldado, injustamente acusado de ter morto o companheiro, mesmo quando este apareceu são e salvo. Por conseguinte, estes dois trechos de conteúdo semelhante têm como elo de ligação a história de Pisão e a frase que precede o segundo segmento.

#### *Reorganização dos segmentos pertencentes a um mesmo bloco*

Um outro caso é o da reconstrução dentro de um mesmo bloco. O epitomista toma um bloco do texto-base e reorganiza o seu interior

segundo critérios próprios. É o que se passa no capítulo VII, com a reconstrução do bloco que engloba Sén. *De Ira*, II, 25 e 26, e, no capítulo X, o bloco Sén. *De Ira*, III, 39-40, como podem ser observados na p. 183.

Em suma, a selecção e articulação dos passos de Séneca é feita segundo uma estrutura própria, sendo eliminados trechos que contenham alusões a personagens ou conceitos acentuadamente pagãos, fundindo e justapondo outros de conteúdo semelhante, numa elaboração e reorganização cuidadosa de modo a resultar num novo texto coerente e funcional.

## ALTERAÇÕES AOS SEGMENTOS

### *Questões de articulação entre segmentos*

Um dos aspectos mais evidentes numa análise das técnicas de elaboração de um epitome ou de um centão é o dos problemas causados pela concatenação dos diferentes segmentos. Naturalmente, nesta actividade de *sparsa colligere et integrare lacerata*, para utilizar a terminologia de Ausónio, será frequentemente necessário, por um lado, eliminar os elementos coordenativos ou subordinativos do texto-base, por outro, adicionar os elementos necessários à coerência e à correcta articulação do novo texto. A isto, nem os centões virgilianos, com toda a sua perícia e imaginação, puderam escapar. Este mesmo pormenor técnico pode ser observado claramente no opúsculo em estudo.

Em primeiro lugar, é bem visível que certos elementos coordenativos e subordinativos do texto senequiano foram eliminados por desnecessários após a reorganização. Basta registar alguns exemplos<sup>69</sup>: partículas causais como *enim* (7), conclusivas como *itaque* (1) ou *denique* (11, 13), subordinações como o *cum* causal (14).

Outros elementos foram antes comutados por novas partículas. Assim, *itaque* (18) passa a *ergo*; *ergo* (24) a *itaque*, provavelmente por uma questão de *uariatio* (logo na linha anterior estava empregue *ergo*); *ergo* (43) e *uero* (65) dão lugar a *autem*. Por outro lado, as partículas do texto de Séneca podem ser substituídas por subordinações: *enim* (5) desaparece pois o epitomista subordinou os segmentos com uma oração causal *quia*; *nunc* (9) dá lugar à partícula *enim*, tendo sido a frase, aliás,

---

<sup>69</sup> A numeração refere-se ao Anexo, pp. 184-203.

subordinada com *quamuis*; o advérbio *primum* dá lugar ao relativo de ligação *quod* (10); *primum ergo* (15) sucede à subordinação *quoniam*.

Finalmente, o que é de longe mais frequente, foram adicionadas partículas de modo a *concinnare* os segmentos: por exemplo, *ergo* (3, 50, 52, 60), *enim* (9, 16, 42), *denique* (11), *quod* (44), *autem* (25, 51), *saepe etiam* (40), *primum* (48), *etiam* (53). A subordinação também pode ser introduzida: comparativas de *sicut* (16), condicionais como em (20), relativas em (36), causais de *cum* como em (39), e bem assim pequenas frases introdutórias como *agendum est ergo* (50) ou *memento quia* (57).

Tudo isto revela bem a intenção e o cuidado em constituir um novo texto coerente e não apenas uma recolha de sentenças mais ou menos estruturadas.

### *Alterações morfo-sintáticas*

Um outro aspecto que numa primeira análise do processo de reconstrução do texto mais se evidencia são as alterações a nível da morfologia e da sintaxe. É óbvio que numa técnica de composição deste tipo surgem forçosamente reajustamentos quer motivados por necessidades de coerência lógico-sintática, quer por vontade deliberada do abreviador. Isto também pode ser observado, para citar de novo o paradigma da técnica centonária, no centão de Proba <sup>70</sup>.

Por um lado, há a considerar as alterações referentes à flexão verbal. Estas podem ser a diferentes níveis.

Por exemplo, uma das mais óbvias é a variação de número: *frangitur* (1) está em singular ao contrário da forma senequiana pois o sujeito em Martinho já não é plural (*quae* com o referente *ruinae*); *perducuntur* (20) é necessariamente plural pois o sujeito é plural, e não mais *interpretatio* como em Séneca; o mesmo ocorre em (26), onde as formas verbais passam todas para o plural em concordância com o novo sujeito (*prolapsos, fecerunt, potuerunt, obsessent*).

Outra variante, a de pessoa: em *perseruerare uult* há uma alteração da 1ª para a 3ª pessoas (9), *resistis* e *incuties* (62), *expectaueris* (3ª para a 2ª) (48).

Por outro lado, há a considerar as alterações dos modos e tempos, que podem ser motivadas quer pela nova estrutura da frase, quer por

---

<sup>70</sup> M.R. CACIOLI, *op. cit.*, 238-240.

motivos de actualização<sup>71</sup>. Destas últimas as mais destacadas são as que dizem respeito a uma actualização, como será o caso de *ingeratur* (de -itur (8)), visto que é predicado de uma oração com *etiam si* com o conjuntivo, ou de *intellegat* (de -it (51)), um emprego de *etsi* também com o conjuntivo.

A flexão nominal e pronominal apresenta também alterações com incidências sintagmáticas. Assim, para dar apenas alguns exemplos, em (11) *alias* concorda agora com *passiones* e não com *adfectus* como em Séneca; *in quam* encontra-se no feminino pois agora tem como referente *ambitio* (11); *sapiens* (44) encontra-se em nominativo pois já não é sujeito de um infinitiva; pela mesma razão, *nemo [...] timidus* (59) deixou de estar em acusativo.

### *Alterações à estrutura frásica*

Uma simples comparação entre o texto-base e o epitome em estudo revela de imediato que se processaram inúmeras alterações à estrutura frásica. Algumas alterações deste tipo, procedentes da fusão de segmentos distintos, já foram referidas nas páginas precedentes. Atente-se agora nas modificações operadas no interior de cada segmento. Na realidade, trata-se de desvios que emanam da vontade e sensibilidade do próprio abreviador. Não há, para a generalidade delas, razões do ponto de vista estritamente sintáctico que obriguem sistematicamente um epitomista a alterar, por exemplo, a ordem da colocação das mesmas palavras que se encontram no texto-base.

Estas modificações podem tomar a forma de adições, de eliminações e de substituições e ser motivadas por diversos propósitos, tais como a obtenção de uma maior clareza e simplicidade, de índole literária, com o emprego de figuras de estilo ou de *cursus*, ou de actualização ideológico-cristã.

---

<sup>71</sup> Passagens do indicativo para o conjuntivo: *licuerit* < *licuit* (51); *cogitemus* < *-uerimus* (53); *redimatur* (53); passagens do conjuntivo para o indicativo; *est* < *sit* (14) (a frase de *cum* é desfeita, logo não há necessidade do conjuntivo); *fit* < *fiet* (51); *faciunt* < *-iet* (52); *uolumus* < *uellemus* (56). Alterações dos tempos: *fallit* < *fefellit*, *differt* < *distulit*, *intercipit* < *intercepit* (motivado por uma questão de coerência lógico-sintáctica) (17); *aperiet* < *-it* (18); *incurrit* < *-et*, *apparet* < *-uerit* (19); *est* < *fuit* (23); *dicitur* < *-etur* (26); *aspicit* < *-iet* (45); *uincitur* < *-etur* (48); *certauerit* < *-bit* (54); *obicit* < *obiecit* (61); *es* < *erit* (62). Outras alterações na flexão: *cede*, *remitte* (34), *corruerint* < *corrumpere* (42); *petatur* < *pete* (48); *deliquunt* < *delinquere* (57).

## Adições

Uma das formas de que estas alterações à estrutura se podem revestir é a de adições. São inúmeros os elementos inseridos neste epítome. Limitar-me-ei a ilustrar com alguns dos de tipo mais frequente.

Por um lado, há a referir as partículas de ligação. Exemplos poderão ser: partículas de ligação como *enim* (17), *ergo* (23, 42, 62), *uero* (12, 23), *iam* (24); partículas que estabelecem relações temporais, como *postremo* (33, 54), *simul* (13), adversativas, como *sed* (55), *autem* (12, 13) ou *at uero* (13), conclusivas, como *nam* (12, 22, 54, 62, 64), *siquidem* (11), *sic* (53), *denique* (11); subordinação, como *quia* (5, 56). Estas adições provêm da necessidade de reconstruir um texto coerente e pessoal.

Outras adições podem ser motivadas por uma procura de clareza do discurso ou de reforço na exposição das ideias. Assim, por exemplo, observa-se a inserção do sujeito e de outros elementos primários da frase: *ira* (7), *manifesta* (8), *uitia* (13), *uiri* (58), *irae* (18), *in animo* (19), *iniuriam* (23), *hoc e ipse* (26), *illa* (42), *illi* (47), *sapiens* (45).

Outras ainda sugerem aparentemente uma procura deliberada pelo *sermo rhetoricus*. É o caso, por exemplo, de (33), em que a inserção da conjunção *si* e a conseqüente reformulação frásica reforça anaforicamente o paralelismo evidente:

Postremo si bonus uir est qui iniuriam fecit, noli credere; si malus, noli imitari.

II, 30, 2, 4  
Bonus uir est qui iniuriam fecit: noli credere. Malus: noli mirari;

Em (35) encontra-se outro exemplo com a inserção do sintagma *in alios* que de novo estabelece um paralelismo perfeito:

Regis quisque intra se animum habet, ut licentiam sibi in alios dari uelit, in se nolit.

II, 31, 3, 22  
regis quisque intra se animum habet, ut licentiam sibi dari uelit, in se nolit

Da mesma forma, com a introdução de *nec* em (13) evidencia-se a anáfora trimembre:

Nam numquam populus uniuersus simul fornicandi cupiditate succensus est; nec in lucrum pecuniae spem suam tota simul ciuitas misit; nec honoris ambitio gregatim cunctos, sed uiritim singulos, occupat...

Algumas inserções basear-se-ão, naturalmente, na própria intenção criativa do autor: *aduersum nos* (26), *interdum* (18), *occultius* (62), etc.

Finalmente, dentro desta categoria registem-se pequenas frases ausentes do texto senequiano que funcionam quer como elementos de articulação (*quod si acciderit* (15), *cogita quia* (32), *minime cum acciderit irascetur* (36), *et si quae sunt alia* (44), *memento quia* (57), *sicque fit ut* (51), *qui irascitur iniurianti se* (55)), quer para conferir uma maior clareza (*atque ita his modis preuenienda est ira* (20), *quae uolebant* (26)).

### *Eliminações*

A segunda forma de que as alterações à estrutura frásica se podem revestir é a de eliminações. Elementos desnecessários quer à compreensão do novo texto, quer à mensagem que o abreviador pretendeu transmitir podem, naturalmente, ser retirados. Estas omissões terão como motivo razões de simplificação, como nos casos de eliminação de *uiris* (1), *aut bellis* (5), *aut simile muto* (33), de partículas como *enim* (54), desnecessárias pela reconstrução da frase, ou de frases inteiras, como *in quod coepit pertinax et intenta* (1) (supérflua, pois surge mais à frente) ou de *honorem delatum reppulit* (11) (desnecessária e repetitiva). E há casos em que estão subjacentes razões de índole literária, como poderá ser o caso da eliminação de *nec in tempestatem impellitur*, o que faz que a frase fique bimembre, ou o das alterações que poderão ter a ver com uma questão de *uariatio*, ou por razões ideológicas, como, a eliminação de *mehercules* (63) por motivos óbvios, ou da frase cujo sujeito é *rex* (30).

### *Substituições*

Onde, porém, se processou o maior número de modificações ao texto-base foi, sem dúvida, no que respeita à reestruturação das frases, quer a nível de alterações na subordinação e coordenação, quer a nível da ordem das palavras. Como foi referido, estas alterações são indício de uma intencionalidade estilística do abreviador, representando ou uma procura por uma maior clareza e funcionalidade ou simplesmente uma adequação dos segmentos a determinadas exigências estilísticas.

No que concerne ao primeiro tipo enunciado, basta ilustrar com alguns passos. Seja o segmento (22):

Potius est non agnouisse quam  
ignouisse iniuriam.

II, 32, 2, 9  
Melius putauit non agnoscere quam  
uindicare

É clara a intencionalidade literária: em vez de reproduzir as palavras do texto-base, recria-as de modo a introduzir a figura etimológica e o homeoptoto, além da terminação em *cursus tardus*. Um outro exemplo encontra-se no segmento (29):

Puerum excuset aetas, quia nescit an peccet; extraneum libertas; domesticum familiaritas. Si primum offendit, cogita quamdiu placuerit. Si saepe, fer quod saepe tulisti.

III, 24, 3, 27  
Puerum aetas excuset, feminam sexus, extraneum libertas, domesticum familiaritas. Nunc primum offendit: cogitemus quam diu placuerit; saepe et alias offendit: feramus quod diu tulimus.

II, 30, 1, 2  
Puer est: aetati donetur, nescit an peccet.

Repare-se como a estrutura frásica do texto-base foi reformulada. Inicialmente, funde dois segmentos distintos seguindo um dos processos já referidos, articulando-o por meio de uma conjunção causal. Além disso, transforma o restante passo em orações condicionais, evidenciando um paralelismo perfeito reforçado pela anáfora precisamente do *si* introduzido.

Noutro passo, também é evidente esta intencionalidade literária de Martinho. No segmento (11):

Omnes alias passiones ira sibi subditas facit, nullaque est ambitio animi in quam non ira dominetur. Denique auaritiam, pessimum malum minimeque flexibile, ira calcat. Quotiens siquidem iratus animus opes suas adactus spargit? Quotiens magno extimata pretio insignia proicit?

II, 36, 6, 28  
Omnis denique alios adfectus sibi subicit: amorem ardentissimum uincit, transfoderunt itaque amata corpora et in eorum quos occiderant iacuere complexibus; auaritiam, durissimum malum minimeque flexibile, ira calcauit, adactam opes suas spargere et domui rebusque in unum conlatis inicere ignem. Quid? non ambitiosus magno aestimata proiecit insignia honoremque delatum reppulit? Nullus adfectus est in quem non ira dominetur.

Por um lado, há a assinalar a forma como o abreviador inverte a ordem das frases. Por outro, é sintomática a forma como a parte final do trecho é reestruturado, construindo duas orações interrogativas, reforçadas pela anáfora com *quotiens* e o homeoptoto final.

Finalmente, as transposições da ordem das palavras na frase poderão, independentemente, e sem prejuízo, dos aspectos acima assinalados quanto a clareza, simplificação, coerência, estar associadas à utilização de um «cursus» acentual<sup>72</sup>. Para se ter uma ideia da extensão deste processo, basta compulsar o *Anexo*, pp. 184-203. Assinalem-se, por conseguinte, apenas alguns exemplos:

Alterações que possibilitam o *cursus uelox*:

(9)	III, 29, 2, 2-6
grauiter irasci iustae irae sit argumentum.	argumentum sit iuste irascentis grauiter irasci.
(13)	III, 2, 2, 18-3, 24
saepe agmine curritur cateruatim.	saepe in iram uno agmine itum est.
(18)	II, 22, 2, 7
dies aperiet ueritatem.	ueritatem dies aperit

Alterações que possibilitam o *cursus planus*

(30)	II, 30, 1, 34
superius feceris, pati.	pati quod prior feceris.
(56)	
nolumus pati.	pati nolumus
(17)	III, 6, 3, 4
partem sine lapsu transferre	partem transferre sine lapsu

<sup>72</sup> BICKEL, *op. cit.* 535-539; FONTÁN, *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, 193; G. LOPETEGUI, «Las cláusulas métricas en el *De Ira* de Martín de Braga», *Cuadernos de Filología Clásica, Estudios Latinos*, 2, 1992, 231-248. O mesmo se pode observar em Isidoro: cf. CRISTÓBAL RODRÍGUEZ ALONSO, *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla*, León, Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro», 1975, 110-111.



### Alterações que possibilitam o *cursus tardus*

(19)		II, 24, 1, 9
coniecturae irritamenta fallacia.	coniectura, fallacissima irritamenta	
(53)		II, 34, 2, 35
amicos uenia fecerit utiles.	uenia amicos utiles fecerit.	

Estes exemplos mostram, a meu ver, a intencionalidade que Martinho imprimiu ao seu *excerptum*. Não se vislumbram outras razões para a alteração de ordem das unidades lexicais a não ser por um emprego do *cursus* acentual. Na realidade, não se limitou a copiar as frases senequianas numa forma mais ou menos mecânica, mas procurou recriá-las e adaptá-las às suas necessidades e exigências.

### Alterações lexicais

Um dos aspectos de maior interesse no *De Ira* de Martinho de Braga consiste nas alterações a nível vocabular. Na realidade, não se limitou apenas a um processo de reordenação, assegurando a coerência lógico-sintáctica, de excertos de Séneca, mas procede igualmente a uma permuta de vocábulos, condicionada quer por razões meramente estilísticas, quer por razões de actualização linguística e ideológico-cristã.

Os casos de permuta de vocábulos são de diversos tipos. Um deles, comum à generalidade dos abreviadores da época <sup>73</sup>, consiste na substituição de um verbo simples por um composto ou vice versa: *coargui* por *argui* (8), *uertantur* por *conuertit* (20), *recondatur* por *condatur* (51), *mutare* por *commutare* (54), *repetat* por *petat* (55), *petere* por *appetere* (26), *conlocatus* por *locatus* (16), *cadat* por *decidat* (63), *obirasci* por *irasci* (65) <sup>74</sup>.

Outras alterações poderão atribuir-se também a esta intencionalidade recriadora do abreviador. Poderá estar subjacente:

- *uariatio*: *quia* por *quod* (10) — na linha anterior já ocorrera um *quod*;
- clareza do sentido do texto: *ira* por *hoc* (12);

<sup>73</sup> É o caso, por exemplo, de Isidoro ao utilizar as fontes nas suas *Histórias*: cf. CRISTÓBAL RODRÍGUEZ ALONSO, *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevoes de Isidoro de Sevilla*, León, Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro», 1975, p. 109-110.

<sup>74</sup> Por vezes, ocorre uma simples troca de verbo composto: *discuties* < *excutiemus* (27), *incurrat* < *occurrat* (60), *deprehenditur* < *reprehenditur* (61).

- actualização e explicitação: *ira* por *hic unus adfectus* (13);
- actualização ideológica: *correctio* por *paenitentia* (8); *inliciunt* por *sollicitat animos* (12); *subtrahitur* por *fortuna subduxit*, à qual não será talvez estranha a eliminação da *fortuna*, ligada a conotações pagãs); *pessimum malum* (por *durissimum malum*) (11), em que Martinho opta deliberadamente por considerar a ira como o pior dos males;
- índole literária: *multos inuasit* por *concipitur* (13); *inrepserit* por *incidit* (21); *refutanda* por *reiciatur* (21).

Mais importante será centrar a análise nas alterações indiciadoras de uma actualização linguística e ideológico-cristã. São inúmeros os casos a referir. Por exemplo, podemos considerar neste *item* a substituição de *uultus* por *intuitus* (2), numa acepção do latim tardio <sup>75</sup>, emprego, aliás, motivado eventualmente por uma questão de *uariatio*. Mais curiosa será a substituição de *ex libidine* por *ex proprio libito* (7): por um lado, a própria utilização de *proprio* no sentido de «seu» pertence ao latim tardio <sup>76</sup>; por outro, o emprego de *libito* no singular é marca evidente de actualização linguística <sup>77</sup>. O emprego de *sanitate* no lugar de *ualetudine* (15) também sugere uma actualização. Poder-se-ão citar outros casos tais como *perpenso* no lugar de *aestimo* (28) <sup>78</sup>, *ambitio animi* por *adfectus* (11) <sup>79</sup>, o emprego de *ipsum* por *illud* (33) <sup>80</sup>, *coercio* ou *coertio* por *coercitio* (43) <sup>81</sup>. Outros traços de latim tardio também se podem observar a nível do emprego, por exemplo, de *obliuiscitur* com complemento em acusativo (1), o emprego do pronome *tu* (54) <sup>82</sup>. Algumas destas ocorrências poderão ser mesmo termos utilizados maioritariamente por autores cristãos: *querelor* (21) <sup>83</sup>, *perpenso* <sup>84</sup>, *neglectius* (37) <sup>85</sup>, *iniurio* (55) <sup>86</sup>. Contudo, o

<sup>75</sup> JOHN RETTIG, *The Latinity of Martin of Bracara*, Ohio State University, Ph. D., 1963, 310 (cf. BLAISE, 470; SOUTER, 217; TLL VII, 2, 95).

<sup>76</sup> RETTIG, 215.

<sup>77</sup> RETTIG, 319 (cf. BLAISE, 494).

<sup>78</sup> RETTIG, 368; Cf. BLAISE, 615.

<sup>79</sup> Vide o sentido perjurativo em BLAISE, s.u.

<sup>80</sup> RETTIG, 221.

<sup>81</sup> Cf. TLL III, 1438.

<sup>82</sup> RETTIG, 213. *Tu* não está em Sêneca: é introduzido provavelmente por motivos de clareza.

<sup>83</sup> RETTIG, 371; BLAISE, 691; SOUTER, 338.

<sup>84</sup> RETTIG, 94; BLAISE, 615.

<sup>85</sup> Cristianismo do séc. IV: RETTIG, 344; BLAISE, 552; SOUTER, 264.

<sup>86</sup> Cristianismo do séc. II-III: RETTIG, 361; BLAISE, 449; TLL VII, 1, 106.

mais interessante será porventura a substituição de *feminae amore flagrauit* por *fornicandi cupiditate succensus est* (13). Trata-se de um evidente cristianismo <sup>87</sup>, de grande utilização no Antigo Testamento, marca explícita do abreviador, propositada ou talvez um simples *lapsus*. Um outro caso significativo é a permuta de *adfectus*, termo tipicamente senequiano, por *passio*, termo cristão <sup>88</sup>.

A estas marcas de actualização linguística e ideológico-cristã dever-se-á adicionar o emprego de *nam* eventualmente com valor concessivo e as orações introduzidas por *quia* complemento de *cogito* (32) e de *memini* (57), a preposição *in* com ablativo quando numa norma clássica esperaríamos acusativo <sup>89</sup>, assim como, a nível morfológico, a aceitarmos a lição de *E*, a forma verbal *tremēt* (2). Desta forma, indícios de uma actualização linguística e ideológica, apesar de escassos, comparativamente a outras obras martinianas, não estão totalmente ausentes, como uma transcrição meramente mecânica poderia pressupor.

Com esta abordagem, penso terem sido apontados alguns dados que parece importante reter. Se Martinho de Braga utilizou o texto de Séneca, seleccionando passos e constituindo com estes um novo texto, ele não procedeu a uma simples transcrição. Como refere John Rettig, «he [Martinus] does not simply copy out Seneca, such changes reflect his modernization of the text and justify the assertion that the language is his, not just Seneca's mechanically repeated» <sup>90</sup>. Há, pois, um constante recriar do texto, motivado por propósitos de coerência, clareza e simplificação e por razões de índole estritamente literária, assim como por razões de natureza ideológico-religiosa e de actualização linguística, de modo a servir os objectivos propostos e atingir a funcionalidade desejada pelo autor.

---

<sup>87</sup> Um «cristianismo indirecto»: cf. CHRISTINNE MOHRMANN, *Études sur le latin des chrétiens*, II, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1965, 238; IDEM, «Les éléments vulgaires du Latin des chrétiens», *Études sur le latin des chrétiens*, III, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1965, 61 e seg.; in BLAISE, *Dictionnaire*, s.u.; TLL, s.u., 1123-1125.

<sup>88</sup> Cristianismo do séc. II-III: cf. BLAISE, *Dictionnaire*, s.u.

<sup>89</sup> *in temeritate prona* (5); *uenit in mente* (60).

<sup>90</sup> JOHN RETTIG, *The Latinity of Martin of Bracara*, Ohio State University, Ph. D., 1963, 171.

O texto de Martinho aparece-nos assim a uma nova luz, no fundo, valorizado não só literariamente mas também como instrumento de recepção de Séneca. Sem presumirmos das condicionantes específicas que terão levado Martinho a esta reelaboração (fica em aberto a razão do destinatário e a razão deste exercício literário), certamente que, conhecendo nós a personalidade interventora do arcebispo de Braga, teremos que atribuir-lhe uma mediação cultural significativa, ainda que sem cairmos nos exageros das atribuições sem fundamento.



SEGUNDA PARTE  
EPÍTOME *DE IRA* DE MARTINHO DE BRAGA



## MANUSCRITOS E EDIÇÕES

### DESCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS

O *De Ira* de Martinho de Braga apresenta uma tradição manuscrita muito reduzida. A sua presença é assinalada apenas num códice antigo, do século X, e em dois manuscritos muito tardios, dos séculos XVI e XVII, respectivamente.

**E** Real Biblioteca del Escorial, M. III. 3. Pergaminho, século X, mede 270 x 195 mm, 98 fols., a duas colunas de 24 linhas cada uma. É composto por quaternos regulares, ao primeiro dos quais falta o primeiro fólio, e termina com um bínio. Assinaturas: 23<sup>o</sup>, Q III; 31<sup>o</sup> Q IIII; 39<sup>o</sup>, Q V; 48<sup>o</sup>, Q VI. O último quaterno, ff. 92 a 97, ao qual falta um fólio (correspondente ao fl. 93), se bem que apresente características muito semelhantes aos restantes cadernos em termos de regramento e de empaginação, parece, segundo Díaz y Díaz, ter sido adicionado ao conjunto na região de Leão.

À excepção do caderno fl. 92-97, estudado com profundidade por M.C. Díaz y Díaz na obra abaixo citada, o manuscrito apresenta uma bela escrita visigótica de uma só mão. Os títulos estão escritos em capitais visigóticas e as iniciais são a vermelho. Apresenta algumas correcções, umas de um contemporâneo, outras numa mão aparentemente do séc. XIII. Paleograficamente, o códice deverá provir eventualmente da região pirenaica oriental ou do vale do Ebro, e terá sido levado para a região de Castela ou Leão, onde lhe teria sido adicionado o caderno final contendo a missa de S. Vicente. Este, que apresenta uma escrita de



origem difícil de precisar, mas com evidentes indícios mozárabes, ou mesmo, segundo Díaz y Díaz, toledanos do séc. X, bem cedo deverá ter emigrado para Norte, para a região de Leão. Com efeito, no fol. 98 foi escrita uma pequena notícia de muito interesse numa escrita cursiva documental do século X tipicamente leonesa, onde se regista o empréstimo de 13 quaternos contendo um pequeno conjunto de obras, entre as quais as *Etymologiae* de Isidoro.

No que respeita à ortografia, exceptuando o último caderno, apresenta os traços bem característicos de copista visigótico: trocas fonéticas: b por u: brebem, remobebit; u por b: superua, exarceatur, uilem, simulait; f por u: ferfor; ausência de h: inabilis, nicil, onestior, onoris, contraitur; adição de h: hacmine, hac, hacto, han, adhactus, hac, hictum, hid, himo, hamens, habicit; d por t: ad, adque; c por g: neclectius, neclegentius; redução de dígrafos: e por ae: preceps, eger, prellis, cepisse, tedium, sepe, que, queret; hipercorreções ae por e: aeminere, aelicuerit; quu por cu: loquutus, quoactos, quum, quohibere, delicuunt; qu por quu: iniquus.

Conteúdo: *Apocalypse de S. João* (fl. 1-20<sup>r</sup>); *Versus in bibliotheca de S. Isidoro* (PL 83, 1107-1111) (fl. 21<sup>v</sup>-23<sup>rd</sup>); *Pro Repellenda lactantia* de Martinho de Braga (fl. 23<sup>rd</sup>-26<sup>vl</sup>); *Item de superbia* (fl. 26<sup>vl</sup>-30<sup>ll</sup>); *Exhortatio Humilitatis* (fl. 30<sup>rd</sup>-34<sup>rd</sup>); *De Ira* (fl. 34<sup>rd</sup>-40<sup>vl</sup>); *Formula Vitae Honestae* (fl. 40<sup>vl</sup>-46<sup>vl</sup>); *De Pascha* (fl. 46<sup>vl</sup>-50<sup>rd</sup>); Excertos das *Etymologiae* VII e XIII de Isidoro de Sevilha (excertos concernentes nomeadamente a Deus, aos anjos, a aspectos do universo) (fl. 50<sup>rd</sup>ll-91); *Missa sancti Vincentii* (publicada por M. Díaz y Díaz, *Códices Visigóticos*, 506-530) (fl. 92-98).

Pertenceu à biblioteca do Conde-Duque de Olivares.

Bibliografia: P. GUILLERMO ANTOLÍN, *Catálogo de los códices latinos de la Real Biblioteca del Escorial*, Madrid, 1913, III, 88-89. MANUEL C. DÍAZ Y DÍAZ, *Códices Visigóticos en la Monarquía Leonesa*, León, Centro de Estudios y Investigación «San Isidoro», 1983, 385-386; AGUSTIN MILLARES CARLO, *Manuscritos Visigóticos*, Madrid, 1963, 20-21. AGUSTIN MILLARES CARLO, *Tratado de Paleografía Española*, Madrid, Espasa-Calpe, 1983, 146 e 325.

É, sem dúvida alguma, o testemunho mais valioso para o conhecimento deste pequeno *corpus morale* formado pelas obras martinianas presentes neste códice, em particular para o *De Ira*.

**T** Toledo, Biblioteca Capitular 27-24, séc. XVI. De papel, o manuscrito mede 25 x 36 cm, e tem 171 fólios. Apresenta como título Tomo I: *Epistolas de Juan Bautista*.

Conteúdo<sup>1</sup>: *Epistula ad Agapium episc.*; Martinho de Braga, *Pro Repellenda lactantia, Item de Superbia, Exhortatio Humilitatis, De Ira, Formula Vitae Honestae, de Pascha, Sententiae Patrum Aegyptiorum, De Correctione Rusticorum, De Trina Mersione*; Liciniano de Cartagena, *Epistula ad Gregorium, Epistula ad Epiphanium, Epistula ad Vincentium*; Leandro de Sevilha, *De Institutione Virginum, Homilia in laudem ecclesiae*; Papa Leão, *\*Epistula ad Hispaniae episcopos de subscriptione ad Concilium III Constantinopolitanum anno 682, \*Epistula ad Quiricum Episcopum Toletanum, \*Epistula ad Simplicium, \*Epistula ad Eruigium regem*; Maurício, *Epistula ad Agapium*; Isidoro de Sevilha, *Epistula ad Leudefredum episcopum, Duo epistulae ad Braulionem, Epistula ad Massonam episcopum, Epistula ad Elladium alterosque episcopos, Epistula ad Claudium ducem, Epistula ad Redemptum archidiaconum, Epistula ad Eugenium episcopum, Regula monasticorum, Versus in Bibliotheca, Lamentum Poenitentiae*; Valério de Bierzo, *Dicta ad beatum Donateum scripta de Bonello monacho, \*Epistula ad monacos bergidenses, De vana saeculi sapientia, Ordo querimoniae*; Tarra, *Epistula ad Reccaredum regem*; Taio de Saragoça, *Epistula ad Eugenium Toletanum*; Sisebuto, *Epistula ad Cicilium Mentesanum, Caesarii Patricii epistula ad Sisebutum, altera ad Cicilium, duo alterae Caesarii ad Sisebutum, epistula ad Eusebium Tarraconensem, epistula ad Theudilanem filium, \*epistula ad Adesalieldum et Theodolindam, vita uel passio Desiderii Viennensis*; Frutuoso de Braga, *Epistula ad Reccesvindum regem*; Eugénio de Toledo, *Epistula ad Protasium episcopum, Libellus diuersi carminis*; Taio, *Epistula ad Eugenium*; Evâncio de Toledo, *\*De scripturis diuinis*<sup>2</sup>; Dictímnio, *Libra*<sup>3</sup>; Desidério de Viena, *Passio ab Sisebuto scripta*; Chindasvinto, *\*Privilégio e doação de territórios ao Mosteiro de S. Justo e Pastor de Compludo, fundado por S. Frutuoso em 646*; Cesário Patrício, *tres epistulae ad Sisebutum regem*; Cipriano de Córdoba, *Carmina*; Alonso, bispo de Astorga, *Quatro epitáfios para o sepulcro da Rainha D. Constanza,*

<sup>1</sup> A descrição do conteúdo deste manuscrito a que tive acesso não se apresentava de uma forma normalizada, pelo que considereei recuperar os títulos das obras a partir do *Index* de M. C. DÍAZ Y DÍAZ e da CPL. A foliação também não constava da descrição na minha posse.

<sup>2</sup> O que se encontra na descrição do conteúdo a que tive acesso é «Epístola contra los que pensaban que la sangre es de suyo inmunda».

<sup>3</sup> O que se encontra na descrição a que tive acesso é: «Profesión e Fe y abjuración de la secta de los Priscilianistas, hecha en al concill, que se cuenta por el 1º de Toledo entre los 18, año de 405».

esposa de Alonso VI; Bento II, *Epistula ad Petrum Notarium*; Bulgarano, conde da Gália Narbonense, *\*tres epistulae ad Franciae episcopum, duo epistulae ad Agapium episcopum, epistula ad Gundemanrum regem*; Aurásio, arcebispo de Toledo, *Epistula ad Froganem Toleti comitem*; Turíbiso bispo de Astorga, *Epistula ad Idacium et Ceonium*.

Este manuscrito, que contém exclusivamente epístolas de autores hispânicos ou a eles endereçadas da Latindade Tardia e Alta Idade Média, faz parte de uma recolha, em vários volumes, de textos (epístolas, concílios, histórias e crónicas) mandada fazer e copiar por Juan Bautista Pérez, cónego de Toledo e mais tarde bispo de Segorbe, e efectuada até 1580-1590. Assim, o tomo II (Toledo, BC, 27-23) e o tomo III (Toledo, BC, 27-26) abarcam respectivamente concílios de Espanha e Histórias e Crónicas <sup>4</sup>.

Bibliografia: JOSÉ GERALDES FREIRE, «Manuscritos das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* de S. Martinho de Dume», in *Repertorio de Historia y Ciencias Eclesiásticas Españolas*, 2, Salamanca, 1971, 83-97.

Lamentavelmente, Bautista Pérez não faz assinalar o modelo utilizado na cópia dos textos de Martinho, o que aportaria, sem dúvida, um grande contributo ao estudo da relação dos testemunhos, no caso presente, do *De Ira*. Haverá, contudo, alguns elementos a salientar.

Em primeiro lugar, é o mais antigo testemunho que contém o mais completo conjunto de textos martinianos: todos aqueles que hoje em dia consideramos genuinamente martinianos (excepção feita ao *De Pascha*, naturalmente), e que podem ser considerados como epístolas. Só a edição de Flórez, em pleno século XVIII, voltará a reunir um conjunto de texto de Martinho tão importante, por sinal, o mesmo conjunto de obras.

Em segundo lugar, terá sido este, segundo Geraldês Freire, o manuscrito usado por Flórez para a sua edição das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* <sup>5</sup>. Nesse caso, é tentador sugerir que este terá sido o *codex toletanus* com o qual Flórez cotejou o texto do *De Ira*, bem como o dos outros opúsculos do *corpus morale*, e do qual extraiu algumas notas de rodapé <sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Expresso o meu reconhecimento a D. Ramón González e a Angel Fernández Collado da Biblioteca Capitular da Catedral de Toledo, que muito amavelmente me facultaram as informações sobre este manuscrito que acima registo.

<sup>5</sup> JOSÉ GERALDES FREIRE, «Manuscritos das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* de S. Martinho de Dume», in *Repertorio de Historia y Ciencias Eclesiásticas Españolas*, 2, Salamanca, 1971, 83-97.

<sup>6</sup> Veja-se mais abaixo, pp. 125-128.

Por último, assinala-se um dado curioso. Se este manuscrito fazia parte de uma recolha de textos que incluía um importante conjunto de textos de concílios, no manuscrito 711, abaixo descrito, a obra de Martinho de Braga aparece igualmente inserida num volume concernentes a actas de concílios hispânicos.

Este manuscrito não foi utilizado por Barlow na sua edição.

**M** Madrid, B.N., 711 / C 81 (antiga cota). Séc. XVII, 180 fols., mede 310 x 220 mm, com caixa de texto de 245 x 130 mm, a 28 linhas por fólio. Possui encadernação do séc. XIX, 315 x 225 mm, com o título: *Martini Dumiensis Opuscula*.

Conteúdo<sup>7</sup>: fl. 2-4v: *Incipit liber beati Martini Episcopi Pro Repellenda lactantia*; fl. 5-8: *Item De Superbia*; fl. 8-11: *Exhortatio Humilitatis*; fl. 11v-17: *De Ira*; fl. 17: [*Formula Vitae Honestae*] [*Prologus*] (todas estas obras são repetidas desde fl. 18 a 40); fl. 40-43: *De Pascha* (repetido fl. 51 a 53); fl. 43-45: Isidoro, *Tituli bibliothecae a domino Isidoro editi* (repetido 179-180v); fl. 46-50v: *Formula Vitae Honestae*; fl. 54-57: *Synodus compostellana anno Christi MCXIV*] AGUIRRE C. M. CONC. v, 32; fl. 57-61: [*Concilium Palestinum anno Christi MCXIV*] AGUIRRE C. M. CONC. v, 29; fl. 61-61v: [*Concilium Legionense*] AGUIRRE C. M. CONC. v, 29; fl. 61v: *De Concilio Compostellae celebrato* [anno 1121] FLOREZ, E. S. xx, 308; fl. 62v-63: *De Concilio apud Sanctum Facundum celebrando* [anno 1121] FLOREZ, E. S. xx 323 e 339; fl. 63-72v: *De Concilio Compostellae celebrato* AGUIRRE C. M. CONC. v, 47; fl. 73-73v: *Concilium Carionense*; fl. 74-75: *Ordinatio de statu terrae facta per Archiepiscopum et Barones Galliciae* FLOREZ, E. S. xx 502; fl. 75v: *Paschalis II Papa, de Cardinalibus* [Anno Christi MCIII uel MCIV] AGUIRRE C. M. conc. v, 26; fl. 76-79: *Paschalis II Papa, De illicita copulatione* [Anno MCIX] FLOREZ, E. S. xx, 90; fl. 76v: *Paschalis II Papa, De mitris habendis*, [Anno MCIX] FLOREZ, E. S. xx, 93; fl. 78-80v: *Concilium Epaunense* C. C. E. HISP. 261; fl. 81: *Synodis Carpentoratensis* C. C. E. HISP. 267; fl. 81v-83: *Concilium Arvernense [Primum]* C. C. E. HISP. 267; fl. 83v-84: *Epistola uel concilium XI episcoporum de ciuitate Arvernense ad Regem Theodobertum directa* C. C. E. HISP. 271; fl. 84v-87: *Concilium Arvernense [secundum]* C. C. E.

<sup>7</sup> AGUIRRE C. M. CONC. = JOSÉ SÁENZ DE AGUIRRE, *Collectio maxima conciliorum omnium Hispaniae et Noui Orbis epistolarumque decretalium*, Roma, Typ. J. Komaneck, 1693-94, 4 vols.; FLOREZ, E. S. = ANTONIO FLOREZ, *España Sagrada*, Madrid, 1759; C. C. E. HISP. = *Collectio Ecclesiae Hispaniae*, Matriti, Typographia Regia, 1808.

HISP. 273; fl. 88-98: *Concilium Eliberritanum* AGUIRRE C. M. CONC. ii, 30; fl. 98v-101: *Concilium Terraconense* AGUIRRE C. M. CONC. III, 213; fl. 101v-103: *Concilium Gerundense* AGUIRRE C. M. CONC. III, 129; fl. 103v-104v: *Concilium Caesaraugustanum* AGUIRRE C. M. CONC. III, 1; fl. 105-108v: *Concilium Ilerdense* AGUIRRE C. M. CONC. III, 168; fl. 109-159: *Concilium Valentinum* AGUIRRE C. M. CONC. III, 173; fl. 115v: [*Concilium Caesaraugustanum III*] AGUIRRE C. M. CONC. IV, 317; fl. 116-117v: *Concilium Caesaraugustanum* AGUIRRE C. M. CONC. III, 302; fl. 118-118v: *Canones Barcinonenses* AGUIRRE C. M. CONC. III, 165; fl. 119-120: *Concilium Barcinonense* [II] AGUIRRE C. M. CONC. III 306; fl. 120v-123: [*Concilium Narbonense Hispano-Gallicum*] AGUIRRE C. M. CONC. III, 272; fl. 123v-123v: *Concilium Oscense* AGUIRRE C. M. CONC. III, 306; fl. 124: *Concilium Tarraconense in Egara* [598] AGUIRRE C. M. CONC. III, 341; fl. 123v-125 *Concilium Toletanum* [597] AGUIRRE C. M. CONC. III, 304; fl. 125v-126: *Canones Vrbicani* [Anno Christi CDLXV] AGUIRRE C. M. CONC. III, 116; fl. 127-129: *Concilium Teletense* C. C. E. HISP., 189; fl. 129v: *Theudericus Flavius, rex Praeceptum et lex data a glorioso Theudericus contra illos sacerdotes qui substantiam ecclesiae iure directo aut uendere, aut donare praesumpserint*; fl. 130-130v: [*Concilium Toletanum V*] AGUIRRE C. M. CONC. III, 406; fl. 131-136v: *Regule Ecclesiasticae Sanctorum Apostolorum apocriphum; De provinciis Hispaniae* fol. 137; fl. 137v-138: *Nomina defunctorum Episcoporum Spalensis sedis uel Toletana atque Eliberritae sedis* FLORÉZ, E. S. ix, 124, V, 229, XII, 103; fl. 138v-140: *Cixila, Episcopus Toletanus, Vita et gesta Sancti Ildelfonsi Toletane sedis Metropolitanus Episcopi a Cixiliani eiusdem urbis Episcopo edita* FLORÉZ, E. S. v, 504; fl. 141-141v: *S. Eugenius, Toletanus Episcopus* PL 87, 411; fl. 142-143: *De uisione habita Tajoni Episcopo in Romana Ecclesia et de libro Moralium in Spania ducto* PL 80, 989; fl. 144-145v: *Gundemarus, Rex Decretum Piissimi atque Gloriosissimi Principis Gundemarii regis* AGUIRRE C. M. CONC. III, 323; fl. 146-149v: *Constitutio Carthaginensium Sacerdotum* AGUIRRE C. M. CONC. III, 321; fl. 148-175: *Capitula ex orientalium episcoporum synodis a Martino Episcopo ordinata atque collecta apud Lucense Concilium* AGUIRRE C. M. CONC. III, 212 (no fl. 151 interrompe-se em *terminet* e continua em fl. 166 com *de seditioso episcopo*); fl. 152v-157 (continua fols.110-150): *Toletana Synodus*; fl. 159v-165 e 152-152: *Concilium Toletanum* [I]; fols.175v-178: *Sen[ten]tiae quae in ueteribus exemplaribus conciliorum non habentur sed a quibusdam in ipsis inserta sunt*.

Este manuscrito não foi utilizado na edição de Barlow, apesar de mencionado com a sua antiga cota (p. 57).

Bibliografia: *Inventário General de Manuscritos de la Biblioteca Nacional*, Madrid, Ministério de Educación Nacional, II; 184-191. GUSTAV LOWE e WILHELM VON HARTEL, *Bibliotheca Patrum Latinorum Hispaniensis*, Wien, 1887, I, 394-395; ANTONIO FONTÁN, «La tradición de las obras morales de Martín de Braga», *Boletín de la Universidad de Granada*, 91, 1951, 5-18; A. CORDOLIANI, «Les manuscrits de comput ecclésiastique des Bibliothèques de Madrid», *Hispania Sacra*, VIII, 1955, 2ª serie, p. 177-207.

### *Hipótese de relação entre os manuscritos*

#### **M**

A relação do manuscrito *M* com *E* tem levantado um conjunto de interrogações. Já Fontán, num estudo aprofundado sobre a relação entre o manuscrito 711 e o códice do Escorial, chegara à conclusão de que este deveria ser uma cópia de um manuscrito visigótico gémeo de *E*, se não do próprio *E*<sup>8</sup>, como Barlow, aliás, sugerira (p. 57). Em muitos passos controversos, *M*, que apresenta precisamente as mesmas obras e na mesma sequência que se encontram no escorialense copiadas duas vezes, segue fielmente *E*, podendo eventualmente as alterações que apresenta representarem apenas um cuidado de rectificação gramatical e de modernização ortográfica. Assim, aquele estudioso espanhol, tomando em consideração as diversas obras de Martinho presentes nos dois manuscritos, chegou à conclusão de que a primeira cópia de *M* (*M1*) segue mais ou menos fielmente *E* ou um gémeo deste, e que a segunda cópia (*M2*) copia *M1*.

Na margem do texto martiniano surgem algumas anotações. Algumas aparentam ser conjecturas com o propósito de melhorar o texto; outras levam a crer que o copista, pelo menos o de *M2*, cotejou o seu texto por um manuscrito visigótico, presumivelmente do Escorial: no cap. 2, ao referir-se, num dos passos mais confusos, a *quohectus*, tendo *coitus* inserido no texto segundo sugestão de *M1 marg.*, refere na margem *quoictus est in exemplari Gothico*; no início do cap. 7, integrada no texto a nota de *M1 marg.*, surge na margem a *M2 in Gothico quin illud ualde in*

---

<sup>8</sup> ANTONIO FONTÁN, «Martín de Braga, un testigo de la Tradición clásica y cristiana», *Anuário de Estudios Medievales*, 9, 1974-79, 80-83; IDEM, *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, 209.

*haec illum et foedum est*; na margem da *Formula Vitae Honestae* (10, 5), referente a *meditulio*, o copista acrescenta *metallo in Gothico*.

A segunda cópia de *M*, cópia de *M1* segundo Fontán<sup>9</sup>, apresenta um texto muito semelhante a *M1* e integra algumas das anotações de margem da primeira cópia. São os casos de: cap. 2 *coitus*; cap. 3 *tutius, urget*; cap. 5 *incidere, arcessenda*; cap. 6 *qui, fer*; cap. 7 *quin illud, ualde in his, illiberale, huic, licuerit*; cap. 9 *obicit*; cap. 10 *ui, sanantur*.

Por seu lado, oferece igualmente algumas notas na margem. Estas são de dois tipos. Umas são a repetição das anotações à margem de *M1* que não foram integradas no texto<sup>10</sup>:

	<i>E</i>	<i>M1</i>	<i>M1 marg.</i>	<i>M2</i>	<i>M2 marg.</i>
c. 5	impetrantur sanctum	impetrantur sanctum	pro impetrant pro sanctius	impetrantur sanctum	impetrant pro sanctius
c. 7	his	his	huic	his	huic
c.10	uix sanabitur	uix sanabitur	ui sanantur	uix sanabuntur	ui sanantur

Outras são ou novas conjuncturas ou provêm de um confronto com um manuscrito visigótico, como atrás já foi referido.

Vejamos, em resumo, o quadro das anotações de *M1*<sup>11</sup>:

Cap.	<i>E</i>	<i>M1</i>	<i>M1m</i>	<i>M2</i>	<i>M2m</i>
2.	extuat pulcherrima quohectus	aest- -mam quohectus	ext- -ma coitus	est- -mam coitus	-ma quoictus est in exemplari Gothico
3.	pericula dum inferre uult  totius surget	p.d.i.u.  totius surget	i. dum uult nocere periculum posuit pro damno aut nocumento  tutius urget	tutius urget	tamen tutius

<sup>9</sup> Assinale-se a repetição *nectet et dum maiorem poenam* em ambas as cópias.

<sup>10</sup> A *bold* assinalo o que manuscrito deverá ser assumidamente conjectural (acompanhadas de *fortè*).

<sup>11</sup> A *bold* assinalo o que manuscrito deverá ser assumidamente conjectural (acompanhadas de *fortè*).

Cap.	E	M1	M1m	M2	M2m
5.	incedere	incedere	incidere	incidere	
	inpetrantur	impetrantur	pro impetrant	impetrantur	impetrant
	arcessienda	arcessienda	arcessenda	arcessenda	
	sanctum	sanctum	pro sanctius	sanctum	pro sanctius
6.	quibus	quibus	pro qui	qui	
	fere	fere	fer	fer	
	qui illud	qui illud	quin illud	quin illud	in Gothico quin illud
	ualde in haec	ualde in	ualde in his	ualde in hec	ualde in haec illum /
	illum	haec illum	illiberale	illiberale	in haec pro in his
7.	his	his	huic	his	huic
	elicuerit	elicuerit	licuerit	licuerit	
9.	abicit	abicit	obicit	obicit	
10.	uim	uim	ui		
	uix	uix	ui	uix	ui
	sanabitur	sanabitur	sanantur	sanabuntur	sanantur

Em suma, o problema resume-se ao seguinte: M1 copia E ou um gêmeo deste, e são adicionadas, pela mesma mão, notas na margem (*M1 marg.*); M2 copia M1, introduz no texto algumas notas de *M1 marg.* e adiciona novas notas (*M2 marg.*) que deverão provir ou de nova conjectura ou de uma colação com um manuscrito visigótico, talvez com o próprio E<sup>12</sup>. Segundo Fontán, estas cópias teriam sido feitas para Tamayo de Salazar como preparação para a sua edição<sup>13</sup>. Desta forma, M deverá ser eliminado do aparato crítico por se tratar de um *descriptus*.

Contudo, a identificação do *gothicus* de M, pelo menos, a do manuscrito com que se estabeleceu o cotejo nas anotações de margem, com E levanta algumas incertezas. Em princípio, mesmo não se considerando as variantes que poderiam ser fruto do copista, pelo menos as notas de M2 (sobretudo estas, visto que regista expressamente *in Gothico*) deveriam ser totalmente coincidentes com E. Ora, há algumas discrepâncias:

— No cap. 2, referindo-se a *quohectus*, apresentando *coitus* no texto segundo sugestão de *M1 marg.*, refere na margem *quoictus est in exemplari Gothico*; ora em E está muito claramente *quo hec tus*.

<sup>12</sup> Aparece in *Gothico* em duas anotações.

<sup>13</sup> Cf. pp. 132-134.



— No início do cap. 7, num dos passos mais confusos que não podemos cotejar com Séneca, *M2* regista *in Gothico quin*; ora, em *E* está *qui* de forma muitíssimo clara, que é aliás o que se encontra em *M1*<sup>14</sup>.

— No cap. 7, *M1* apresenta, seguindo *E*, *elicuerit*; *M1 in margine* regista *licuerit* que é o que está em Séneca e supostamente está correcto.

— No cap. 9, *E* apresenta *abiciit*, mas em *M1 in margine* está *obiciit* que é coincidente com a leitura de Séneca.

— No cap. 10, *E* apresenta *uix*, que deverá ser a leitura correcta, mas em *M1 in marg.* e *M2 in marg.* está claramente *ui*.

Estas anotações levam a supor que ou o corrector não é fiel (conjectura pouco provável, dada a forma como constitui a referência) ou o *Gothicus* que utilizou para cotejar o texto de *M2* não era *E*, mas sim um outro muito semelhante. Neste segundo caso seríamos obrigados a admitir a existência de um segundo códice escorialense contendo obras de Martinho, sendo este eventualmente o *codex pervetustus* de Tamayo de Salazar<sup>15</sup>.

De qualquer forma, o manuscrito *M* apresenta, para o estabelecimento do texto deste opúsculo, um interesse reduzido. Não ocorrem passos em que o texto não possa ser estabelecido com o auxílio do texto de Séneca e que tal não fosse possível sem o recurso a *M*. Nos casos em que Séneca não pode ser utilizado, *M* também não elucida convincentemente o problema. Por conseguinte, não sendo provável que pudesse aportar contributos decisivos, não foi considerado necessário incluí-lo no aparato crítico.

## T

O caso do manuscrito *T* já é algo diferente, se bem que o estudo dos erros conjuntivos e disjuntivos, no que concerne à dependência de testemunhos, não seja totalmente conclusivo. No entanto, alguns dados merecem ser apontados para o situar.

Em primeiro lugar *M1* e *M2* provêm de um mesmo testemunho, se é que *M2* não é mesmo cópia de *M1*. A prová-lo, entre outros casos, assinala-se a repetição de *nectet et dum maiorem poenam* comum a ambos.

---

<sup>14</sup> Todo o passo: *in Gothico quin illud ualde in haec illum et foedum est.*

<sup>15</sup> Cf. pp. 132-133.

Em segundo lugar *E* distingue-se claramente dos outros testemunhos <sup>16</sup>:

Cap.	<i>E</i>	<i>T</i>	<i>M</i>
2	extuat		aest-
	eriptio		eruptio *
	concitum	*	concitatum
3	in quam	*	in qua
	extimata		aest- *
	nullaque res	*	nullaque
4	incedamus		incendamur
	turbidem		-nem
	aptare	*	appetere
5	ueris		ueri *
	extimatione		aest- *
	Hoc		Haec *
	perducuntur	*	pro-
	nam multi leues iniurias	*	om.
	crediderit		-rint *
	ergo		enim
6	poterant	*	potuerunt
	fert	*	fere
	nescit		-ciat
7	uilem		bilem *
	peccata corrigere	*	peccato c.
8	flexuntur		-antur *
	adolatura		adlatura
	amicia		-citia *
9	mulam	*	mulum
	habeat	*	-bet
	fert	*	feret
	in mente		in mentem *
	inconsulati		inconsulti *
10	alienam iram quomodo		quomodo a. *
	leniamus		i. l.
	simulauit		-bit *
	differt		differet *

Desta forma, *T* e *M* dependerão aparentemente de um mesmo ramo. O manuscrito *T*, por sua vez diferencia-se de todos os restantes testemunhos em diversos casos, entre os quais:

<sup>16</sup> Com o asterisco assinalo as leituras que são coincidentes com as de Séneca.

Cap.	<i>EM</i>		<i>T</i>	
1	conlationis		consolationis	
	de linienda		dilinienda	
	sapientibus	*	cap-	
2	frons		fons	
	foeda torua pulcherrima		f.torua pulcherrimam	
	trement	*	tument	
	quohectus		coitus	
	uiribus	*	uirtutibus	
3	nullis eum meminisse		nullius e.m.officii	*
	officiis			
	simul		<i>om.</i>	
4	in iram		in ira	*
5	irascimur	*	nascimur	
	crudelitas		credulitas	*
	passum		possum	
6	extimant		existimant	
	loquitur		sequitur	
	cogita an prior hoc		<i>om.</i>	
	feceris cogita de qua			
	multis ipse loquaris	*		
	irascetur		irasceretur	
	clausis	*	clausis	
	magis	*	magnis	
	medicus	*	medicos	
	potest		possunt	
	gloriosius	*	-osus	
9	accidentium	*	occ-	
10	sani tantum	*	sanitatum	
	tu potentior es		te potentior est	

Entre as duas cópias de *M*, *T* apresenta um maior grau de aproximação a *M2*, se bem que *T* não deva ser cópia de *M2* (por exemplo, omissão de *alia de restituenda*), nem *M2* cópia de *T* (por exemplo, omissão de *cogita an prior hoc feceris cogita de qua multis ipse loquaris*):

Cap.	<i>EM1</i>		<i>TM2</i>	
2	labra		* labia	
3	Da cuii hostis est		<i>om.</i>	
	periculosus est		* p.e.t. tutius d.	
	timeri totius dispici			
	auaritia		-am	*
	libitu	*	libito	
	surget		urget	*

<i>Cap.</i>	<i>E M1</i>		<i>T M2</i>	
5	incedere		incid-	*
	dicti sunt	*	dicti sint	
	arcessienda		arcessenda	
	dispicere		desp-	*
	ferenda sunt		-dae s.	*
6	mentire		mentiri	
	patis		pati	
	curiose	*	furiose	
	alius		alios	*
8	ueniatur		-iat	
	ergo ut		enim ut	
	elicuerit		li-	*
	ergo omnia		ergo <i>om.</i>	
	Num sic	*	Nam sic	
9	quis		<i>om.</i>	
10	quaeret		-rat	
	reddis alteris		reddes alteri *	
	sanabitur		sanabuntur	

Um aspecto que merece a maior atenção é aquele que diz respeito à relação das leituras destes testemunhos com o texto de Séneca. Se se considerar que as lições coincidentes com o texto-base do epítome são as que apresentam um maior grau de probabilidade de serem as preferíveis, poder-se-ia organizar o esquema das dependências dos testemunhos. Em princípio, *E* apresenta por oposição a *TM* uma muito maior coincidência. No entanto, estes dois manuscritos também oferecem algumas lições próximas da versão recebida de Séneca mas que poderão ser explicadas sem recurso à ideia de que *TM* tiveram acesso a outro modelo que não *E*. Umas são meras correcções gramaticais impostas pelo sentido do texto:

	<i>E</i>	<i>TM</i>
cap. 5	ueris	ueri
	Hoc	Haec
	crediderit	-rint
cap. 8	flectuntur	-antur
	amicia	-citia
	in mente	in mentem
	inconsulati	inconsulti
	differt	differet

Outras são correcções ortográficas:

cap. 2	eriptio	eruptio
	extimata	aest-
cap. 7	uilem	bilem
cap. 8	flectuntur	-antur
	amicia	-citia
cap. 10	simulauit	-bit

Uma delas, todavia, levanta um problema. No cap. 10, lê-se em *T* e *M* «alienam iram quomodo» que é precisamente o que se encontra em Séneca e que contrasta da lição «quomodo a.i.» de *E*.

De qualquer forma, o texto-base deste epitome, tal como hoje o possuímos, é um instrumento valioso para o estudo do estabelecimento do texto, nomeadamente para confirmar determinadas leituras, se bem que não possa ser sempre aceite para corrigir os manuscritos. Com efeito, há que levar em conta o trabalho de recriação e actualização ideológica e literária do epitomizador, o que faz com que nem sempre possamos peremptoriamente afirmar se determinada alteração será um erro de copista, e como tal deveria ser corrigido pelo texto de Séneca, se é uma variante do autógrafo martiniano.

## DESCRIÇÃO DAS EDIÇÕES

A primeira edição deste opúsculo foi publicada, juntamente com o *Pro Repellenda lactantia*, *Item de Superbia*, *Exhortatio Humilitatis* e o *De Pascha*, em 1652 por Juan Tamayo de Salazar na sua *Anamnesis siue commemorationes Sanctorum Hispanorum, Pontificum, Martyrum, Confessorum, Virginum, Viduarum ac Sanctarum Mulierum; ad ordinem et methodum Martyrologii Romani quo utitur Ecclesia*, Lugduni, Philip. Borde, Laurent. Arnaud & Cl. Rigaud, II, 321-325. Tamayo de Salazar não refere de forma explícita a origem do texto do *De Ira* que publica, mas é lícito inferir que seria um manuscrito *peruetustus* que teria feito parte da biblioteca de García de Loaysa e que seria, ao tempo de Tamayo, pertença da biblioteca do bispo de Placência, Diego Arce y Reinoso<sup>17</sup>. Com efeito,

<sup>17</sup> Para a história deste manuscrito, veja-se ANTONIO FONTÁN, «La tradición de las obras morales de Martin de Braga», *Boletín de la Univ. Granada*, 91, 1951, 83-84; IDEM, *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, 209.

Tamayo refere a origem dos três primeiros opúsculos concernentes à jactância, soberba e humildade <sup>18</sup>:

«Ad trium opusculorum editionem ueniamus, quae in codice MS. *pervetusti*, quondam in Biblioteca D. Garsyae de Loaysa, nunc Illustrissimi D. ac Dom. mei D. Didaci de Arce Reynoso Episcopi Placentini, et Generalis Inquisitoris adservato, conspiciuntur, post formam *Honestae Vitae*; in hunc modum, a nullo hucusque impressa <sup>19</sup>».

A identificação deste manuscrito foi objecto de estudo por Antonio Fontán. Este estudioso espanhol apontou algumas razões para identificar este *pervetustus ms.* com o códice M.III.3, o *ms. E*<sup>20</sup>. Aliás, já Barlow chegara à conclusão de que a base para edição de Tamayo deveria ser ou *E* ou um outro manuscrito muito semelhante <sup>21</sup>. Na verdade, o mesmo conjunto de obras encontra-se no escorialense na mesma ordem, o *De Ira* apresenta a mesma epígrafe e a mesma divisão em partes com os mesmos títulos.

Contudo, algumas dificuldades parecem obstar a que esta identificação seja considerada definitiva. Por um lado, há a considerar objecções já expressas nas páginas precedentes: se o manuscrito *M* é a base para a edição de Tamayo, não está concludentemente provado que *M* seja cópia de *E* e não de um códice visigótico muito semelhante.

Por outro lado, Tamayo afirma que os três opúsculos se encontram *post formam Honestae Vitae*, o que não sucede em *E*. Todavia, esta objecção tem pouco significado pois nem sempre o editor seiscentista é uma testemunha totalmente fidedigna de tal tipo de pormenores.

Uma terceira objecção, que Fontán reporta, é de ordem bibliográfica e cronológica, mas que não parece muito probativa. Concerne ao tempo em que Tamayo de Salazar trabalhou na biblioteca de Arce y Reynoso e como é que este manuscrito passou para a biblioteca do Conde-Duque de

<sup>18</sup> p. 329.

<sup>19</sup> Mais adiante menciona o *De Ira*, presumindo-se que se esteja a referir ao mesmo manuscrito: «Ad quos praescripta Martinus direxerit Opuscula, sub silentio est, quia in Codicibus Mss. Garsyae de Loaysa, e quibus, ut diximus, illa desumpsimus, prorsus dedicationis titulus deficit. Ast in sequenti, in quo de Ira, eiusque habitu, effectibus, et quo pacto leniatur scriptitatur, Vitimiro Episcopo, ut credimus Aurensi, qui cum S. Viro, Concilio interfuit Braccarensi II. ut supra in eius vita diximus, praeterita, nondum typis mandatum invenimus, illud etiam Doctis damus.»

<sup>20</sup> *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, 209 e seguintes.

<sup>21</sup> BARLOW, 57.

Olivares. Tamayo de Salazar afirma que o manuscrito que serviu de modelo para o texto dos três opúsculos de doutrina moral (e, relembre-se, não está provado que o *de Ira* provenha do mesmo códice) se encontrava na biblioteca de D. Diego Arce y Reinoso que faleceu em 1645. Em 1658, o manuscrito encontrava-se na biblioteca do Conde-Duque de Olivares, quando esta foi enviada por Filipe IV para o Escorial, e a *Anamnesis* fora publicada em 1652. Não me parece, no entanto, oferecer grandes dificuldades cronológicas. Poder-se-á presumir que o códice tivesse passado após a morte de Arce y Reinoso para a posse do Conde-Duque de Olivares e que a colação de Tamayo já seria antiga de alguns anos.

Por outro lado, na base desta edição deverá estar, segundo Fontán <sup>22</sup>, o manuscrito *M*. Os inúmeros elementos aduzidos por aquele estudioso parecem comprovar tal hipótese. Basta citar apenas um caso: no cap. 3 a leitura *sed periculosius est illud, tamen tutius despici est* de Tamayo é precisamente a lição conjectural da margem de *M2*. Como objecção a esta hipótese poderá apenas citar-se o facto de a datação do manuscrito parecer se deslocar mais para finais do séc. XVII, se não mesmo séc. XVIII. Ora a edição de Tamayo é de 1652.

De qualquer forma, a edição de Tamayo de Salazar não foi considerada por nós necessária à fixação do texto, ao contrário do que Barlow supôs, porquanto se encontra repleta de lições conjecturais pouco credíveis e, por conseguinte, o seu contributo é dispensável.

Um século após a *editio princeps*, tomando como base o texto de Tamayo de Salazar, Henrique Flórez publica o opúsculo na sua *España Sagrada*, Madrid, 1759, XV, 406-413, reproduzindo-o nas páginas 407-414 na segunda edição de 1787.

A acompanhar o texto, Flórez adicionou algumas notas de rodapé, umas, conjecturas com vista a melhorar a legibilidade do texto, outras, como o editor refere, provenientes duma colação com dois manuscritos, um de Madrid, outro de Toledo (p. 383): «Martini Dumiensis et Bracarenensis episcopi opera veterum ope codicum Regiae Matritensis Bibliothecae et Toletanae correctae, et nunc primum in unum corpus redactae». Naturalmente, não podemos identificar de forma inequívoca estes dois manuscritos. Barlow e Fontán sugeriram que o manuscrito de Toledo

---

<sup>22</sup> ANTONIO FONTÁN, «La tradición de las obras morales de Martín de Braga», *Boletín de la Univ. Granada*, 91, 1951, 83-84.

fosse o *E* e o de Madrid, o *Madrid* 711 <sup>23</sup>. É possível que Flórez se referisse a *E* e a *T* <sup>24</sup>. De qualquer forma as notas de rodapé de Flórez coincidem tanto com as leituras de *E* e de *T* como com as de *Madrid* 711:

<i>Texto</i>	<i>Notas de rodapé</i>
mutuo	<i>Mss. mutuae</i>
intuitus, faciei	<i>Ms. intuitus, vultus faciei</i>
post sanguis	<i>Addunt hic Mss &amp; colore verso foeda, torva, pulcherrimam</i>
dentes strient	<i>Mss. scisos itaque dentium sonos, citatus &amp;c.</i>
ob hoc etiam	<i>Mss. ob hoc ipsum</i>
coacte	<i>Mss. coactos</i>
iussus fecit	<i>Mss. jussus est</i>
emittere	<i>Mss. eminere</i>
sanctissim	<i>Mss. sapientissimi</i>

Noutros casos, Flórez inclui no texto a lição dos manuscritos e assinala em nota a leitura de Tamayo:

<i>Texto</i>	<i>Notas de rodapé</i>
Denique	<i>Tam. et avaritiam</i>
tolerabile non quia illa dura	<i>Deest non apud Tam.</i>
Tollere quia	<i>Tam qui</i>
uincere iram	<i>Idem jam</i>
aequiore ergo	<i>Tam enim</i>

Todas as notas de Flórez são coincidentes com *E*, *T* e *M*. Há, no entanto, uma que não consta em nenhum dos manuscritos nem em Séneca e que suscita algumas interrogações: no capítulo 5, referindo-se a *iniuriae* da linha 16, Flórez anota «*Mss. invidiae*». Ora, *iniuriae* é presumivelmente a leitura correcta, coincidente, inclusivamente, com o texto de Séneca. Difícil será conjecturar onde teria o editor visto tal lição, ou se não será apenas um erro <sup>25</sup>.

Por outro lado, causa estranheza o facto de Flórez nada mencionar no que diz respeito a certos passos que apresentam grandes dificuldades, por exemplo, o do início do capítulo VII, um passo controverso que proporcionou diversas anotações de margem nas duas cópias de *Madrid* 711.

<sup>23</sup> BARLOW, 147; FONTÁN, *Humanismo Romano*, 209.

<sup>24</sup> Cf. p. 122.

<sup>25</sup> Fontán, surpreendentemente, afirma que *E* apresenta *inuidiae*.



Pouco depois da edição de Flórez, surge uma nova edição desta obra martiniana em Andreas Gallandi, *Bibliotheca veterum Patrum, Venetiis*, 1778, XII, 284-286. O texto utilizado é o de Tamayo de Salazar, ao qual foram adicionadas pelo editor algumas correcções conjecturais. Gallandi subdivide o texto em prefácio e nove capítulos aos quais atribui os seguintes títulos:

2. De habitu irae
3. De effectibus irae
4. De tribus irae remediis
5. De causis quibus enascitur ira
6. Nihil susurronibus credendum, nec nobis audiendo aut videndo
7. Aliae in iram censurae
8. Quomodo leniatur ira
9. Iniuriam vindicare est vitium vitio opponere
10. Alienae irae curatio

Será o texto desta edição que J. B. Migne irá reproduzir na *Patrologia Latina*, Paris, 1850, vol. 72, col. 41-48.

Em 1803, o *De Ira* é publicado em Portugal, na edição das obras de Martinho, promovida por Fr. Caetano Brandão (*Vida e opúsculos de S. Martinho Bracarense*, impressos pela 1ª vez, neste reino, por cuidado e ordem do excellentissimo e reverendissimo Sr. D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo Primaz, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1803), nas páginas 169-181<sup>26</sup>. Esta edição reproduz o texto apresentado por Flórez, revelando apenas ligeiras alterações. A acompanhar o texto latino traz uma tradução em português, a primeira de que temos conhecimento.

A primeira edição crítica e científica, no verdadeiro sentido que hoje se dá a estes termos, surgiu apenas em 1950, devida a Claude W. Barlow, precedido de interessante estudo, na sua basilar edição *Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia*, New Haven, Yale University Press, 150-158. Contributo imprescindível para o estudo da obra do bispo bracarense, o trabalho de Barlow constitui, até agora, a melhor edição da produção literária do ilustre prelado.

Contudo, logo após a saída desta edição, a crítica filológica reagiu. Exemplos disso, são os comentários de Fontán e de Kurfess<sup>27</sup>. Com

<sup>26</sup> A obra seria da autoria de Caetano do Amaral segundo ARNALDO DE MIRANDA BARBOSA, «Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia», *Biblos*, 26, 1950, 620-624. Veja-se *infra*, p. 137.

<sup>27</sup> Veja-se p. 139.

feito, nomeadamente no que concerne ao *De Ira*, a edição de Barlow comportava algumas dificuldades. Em primeiro lugar, o estudioso americano, devido à guerra na Europa, não pôde dispor de todos os manuscritos de que tinha conhecimento nas bibliotecas de Espanha e Portugal. Assim, não teve oportunidade de compulsar o *Madrid 711* (que regista, identificando-o com a antiga cota C 81), nem teve conhecimento da existência do manuscrito de Toledo. Estes dois manuscritos não aportam um grande contributo para a qualidade da fixação do texto, mas pelo menos confirmam o grau de falta de credibilidade de certos passos da edição de Tamayo. Em segundo lugar, devido a factores atrás descritos, Barlow admitiu, no que foi pouco feliz, que Tamayo de Salazar, que se desviava frequentemente de *E*, deveria possuir lições correctas, lições essas, muitas vezes, claras interpolações <sup>28</sup>: são os casos de *alia de medendis morbo correptis* (4, 4) *coniectationibus* (5, 2), *prudens* (5, 17), *innocentibus parce* (7, 5), ausentes igualmente em Séneca, que Barlow aceita. Noutros casos, há lições que são, aparentemente, tentativas do editor setecentista em melhorar um ou outro passo de difícil leitura: exemplo flagrante é o do sintagma *dentes strident* (2, 6), que visa dar sentido a um passo confuso nos manuscritos, mas que não tem qualquer apoio em nenhum testemunho, nem em Séneca <sup>29</sup>.

A estas razões, somava-se uma outra crítica feita por alguns estudiosos: Barlow não teria utilizado tanto quanto poderia e deveria o texto de Séneca para corrigir o de Martinho <sup>30</sup>. A isto já o editor americano dava resposta, ao reflectir exactamente sobre este problema e apontar as dificuldades inerentes: nem sempre é claro se as divergências de leituras provêm de erro na transmissão do texto de Martinho, ou de uma vontade do epitomizador, ou mesmo do próprio conhecimento que o bispo bracaraense disporia do texto senequiano <sup>31</sup>. Aliás, esta prudência, a nosso ver, justifica-se.

---

<sup>28</sup> BARLOW, 147: «Choice of correct Martinian reading is more difficult when Tamayo departs from both *E* and Seneca. Although in more than a half of such instances an error in Tamayo may be assumed without forcing the point, there remains a sizable residue of variants which seem too important to be either errors or deliberate editorial emendations».

<sup>29</sup> Veja-se comentário a este passo.

<sup>30</sup> A. KURFESS, «Zu Martini Episcopi Bracarenensis libellus *De Ira*», *Athenaeum*, 32, 1954, 250-258; ARNALDO DE MIRANDA BARBOSA, «Martini Episcopi Bracarenensis Opera Omnia», *Biblos*, 26, 1950, 623-624.

<sup>31</sup> Isto é o que já em 1937 Barlow considerava ao tentar avaliar na altura a que ponto é que se poderia melhorar o texto senequiano tomando como base o epitome de

Até por isto, é um facto que a edição de Barlow representou um contributo decisivo para o estudo e fixação de texto das obras do bracaraense, mesmo que se lhe reconheça que em certos pontos o texto pode ser melhorado.

Em 1963, Giovanni Viansino, nos *prolegomena* à sua edição do *De Ira* senequiano (*L. Annaei Senecae Dialogorum libri iii-v (De Ira)*, Corpus Scriptorum Latinorum Paravianum, Paravia, xxvii-xxxv) apresenta uma nova edição do epítome de Martinho, servindo-se para tal do texto de Barlow ao qual adicionou algumas das conjecturas dos artigos de Fontán e Kurfess e algumas sugestões suas.

## TRADUÇÕES

Poucas são as traduções de que temos conhecimento. A primeira surge na edição das obras de Martinho promovida por Fr. Caetano Brandão (*Vida e opúsculos de S. Martinho Bracaraense*, impressos pela 1ª vez, neste reino, por cuidado e ordem do excellentissimo e reverendissimo Sr. D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo Primaz, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1803), sendo a autoria da versão portuguesa de Fr. Caetano do Amaral<sup>32</sup>. A tradução portuguesa acompanha na coluna da esquerda o texto latino, e este é, por sua vez, retirado da edição de Flórez. Esta tradução foi refeita e melhorada por F. J. VELOZO e publicada em 1975 na *Bracara Augusta*, («Obras de S. Martinho Bracaraense» (séc. VI), BA 29, 1975, 89-96). Entretanto, há a registar a tradução inglesa de Claude W. Barlow em *Iberian Fathers, Martin of Braga-Paschasius of Dumium-Leander of Seville, Fathers of the Church*, 62, vol. 1, Washington, D.C., The Catholic University of America Press, 1969, 59-69. Toma como texto latino, naturalmente, o da sua edição de 1950.

---

Martinho: cf. CLAUDE W. BARLOW, «A Sixth-century Epitome of Seneca, *De Ira*», *TAPhA*, 68, 1937, 26-42; veja-se também CLAUDE W. BARLOW, «Martin of Braga's *De Ira*: New Readings from *Esc. M.III.3*», *American Journal of Philology*, 67, 1946, 359-360; BARLOW, *Martini Episcopi Opera*, 147-148.

<sup>32</sup> Retiro esta informação da autoria de Caetano do Amaral de ARNALDO DE MIRANDA BARBOSA, «Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia», *Biblos*, 26, 1950, 620-624. O texto do *De Ira* encontra-se nas pp. 169-182 [BNL 868 H.G.].

## A PRESENTE EDIÇÃO: PERTINÊNCIA DE UMA NOVA LEITURA DO *DE IRA*

Logo após a publicação em 1950 do imprescindível e basilar *Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia* de Claude W. Barlow, vários críticos apontaram alguns pontos em que o texto das obras martinianas, nomeadamente o do *De Ira*, poderia ser melhorado. Na recensão publicada na revista *Emerita* à edição de Barlow, Fontán apontava de imediato diversas lições que se afastavam sem razão suficientemente válida do manuscrito escorialense, o testemunho mais valioso<sup>33</sup>. Por seu lado, Anton Kurfess, num artigo de 1954, assinalava inúmeros casos de erros mais ou menos evidentes e sugeria diversas lições alternativas, aparentemente mais próximas do arquétipo<sup>34</sup>. Para as deficiências apontadas, tinham concorrido diversos factores, como já foi mencionado nas páginas anteriores, tais como o facto de não ter tido acesso a outros testemunhos.

Por tudo isto, dispondo dos manuscritos a que Barlow não teve acesso e dos estudos críticos entretanto elaborados, pareceu interessante tentar uma nova leitura deste opúsculo, depurando o texto de glosas e alterações pouco claras e reafirmando o valor de *E*<sup>35</sup>. A ortografia foi de

<sup>33</sup> ANTONIO FONTÁN, «Anotaciones críticas del texto del M.B.», *Emerita*, 18, 1950, 377-380.

<sup>34</sup> ANTON KURFESS, «Zu Martini Episcopi Bracarensis Libellus *De Ira*», *Athenaeum*, 32, 1954, 250-258.

<sup>35</sup> Estas são as alterações em relação à edição de Barlow: cap. 1: adloquio: all-; saltem: saltim; aequae: ea quae; simul: simills; cap. 2: aestuat: extuat; flagrant: fragrant; torva ex pulcherrima foedavit: foedat ora pulcherrima; et: ac; tremunt: tremunt; dentes strident: + saepiusque compulsi quohectus digitorum scissos itaque dentium sonos +; instabili: instabile; cap. 3: ita: ira; temeritatem: -te; libito: libitu; aestimatur: extimatur; magna: magno; aestimata: extimata; nullaque: nullaque res; urget: surget; insana: -nia; disciscit: discessit; morsus: -os; semetipsam: -ipsa; inuadit: inuasit; cap. 4: secundum: secundi; alia de medendis morbo correptis: *om.*; supra: super; cap. 5: coniectationibus: *om.*; aestimatione: extimatione; credere: credi; preperantur: interpretantur; perpetrations: interpretatione; deffendenda: differenda; prudens: *om.*; arcessenda: -ssienda; inferiore: inferiori; cap. 6: aestimant: extimant; mentiri: -re; aduersus: aduersum; poterunt: poterant; aestimat: extimat; cap. 7: quin: + qui +; in haec illiberale: imbecillum; innocentibus parce: *om.*; ecquid: et quid; peccato: peccata; quae: qua; concitandi sint: c. sunt; incutiendus est: est *om.*; cap. 8: ueniat: -tur; desinet: -it; eius feruor: f. e. *transp.*; cap. 9: Numque: numquid; aestimatio: ex-; mentem: -te; cap. 10: quomodo alienam iram: a.i.q. *transp.*; rigentem: recente; commouenda: -do; quaerit: quaeret.

um modo geral normalizada<sup>36</sup>. O resultado é algo diferente do de Barlow, se bem que as suas linhas gerais se mantenham<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> As variantes ortográficas mais importantes são: b por u: *brebem, remobebit*; u por b: *superua, exarceatur, uilem, simulauit*; f por u: *ferfor*; ausência de h: *inabilis, nicil, onestior, onoris, contraitur*; adição de h: *hacmine, hac, hacto, han, adhactus, hac, hictum, hid, himo, hamens, habicit*; d por t: *ad, adque*; c por g: *neclectius, neclegentius*; redução de dígrafos: e por ae: *preceps, eger, preliis, cepisse, tedium, sepe, que, queret*; hipercorreções: ae por e: *aeminere, aelicuerit*; quu por cu: *loquutus, quoactos, quum, quohibere, deliquunt*; qu por quu: *iniquus*.

<sup>37</sup> Gostaria de exprimir o meu profundo reconhecimento ao Prof. Manuel C. Díaz y Díaz pela amabilidade com que me facultou valiosas informações e sugestões, mormente, sobre as questões de fixação do texto.

## SIGLA

### Libri manu scripti

- E* = Escorial. M.III.3, saec. X  
*T* = Toledo, *Bibl. Capitular* 27-24, saec. XVI  
*Codd. Fl.* = adnotationes ex codicibus in margine editionis Florentii

### Editiones

- Barlow* = CLAUDE BARLOW, *Martini Episcopi Bracarenensis Opera Omnia*, New Haven, Yale University Press, 1950.  
*Viansino* = GIOVANNI VIANSINO, *L. Annae Senecae Dialogorum libri iii-v (De Ira)*, Corpus Scriptorum Paravianum, Aug. Taurinorum, Paravia, 1963.

### Commentationes

- Hauréau* = *Notices et extraits de quelques manuscrits de la Bibl. Nationale*, Paris, V, 1891.  
*Rayment* = «Some Proposals for Changes in the text of Martin of Braga's 'De Ira', *Amer. Journal of Philology*, 67, 1946, 346-358.  
*Fontán* = «Anotaciones críticas del texto del M.B.», *Emerita*, 18, 1950, 377-380.  
*Kurfess* = «Zu Martini Episcopi Bracarenensis Libellus De Ira», *Athenæum*, 32, 1954, 250-258.

## COMPENDIA

- add.* = addit -unt  
*cf.* = confer  
*codd.* = codices  
*coni.* = coniecit  
*edd.* = editores  
*emend.* = emendavit -erunt  
*marg.* = in margine  
*om.* = omittit  
*sup.* = super  
*transp.* = transposuit -erunt



MARTINI EPISCOPI BRACARENSIS

*DE IRA EPITOME*

TEXTO E TRADUÇÃO



## <De Ira Epitome>

DOMNO AC BEATISSIMO, MIHI DESIDERANTISSIMO IN CHRISTO, FRATRI  
VITTIMERO EPISCOPO MARTINVS EPISCOPVS.

1. Dum simul positi dudum mutuae conlationis alloquio frueremur, illud inter  
cetera tuae a me diligentia caritatis elicuit, ut de passibilitate irae uel  
qualitatis eius effectibus breui tibi aliqua libello digererem. Parui protinus  
libens, paucisque haec tuo studio de fugienda ira, saltim si id non eueniat, de  
5 lenienda disserui.

Quidam ex sapientibus iram dixerunt breuem esse insaniam. Ea quae enim sui est  
impotens, obliuiscitur honestatem, affectuum immemor, rationi consiliisque  
praeclusa, dum uanis agitata causis, ad considerationem iustitiae inhabilis, et  
ruinae fit similis, superque id quod oppresserit frangitur.

### De habitu irae

2. Habitus audax, et minax uultus, tristis frons, et toruus intuitus, faciei  
aut pallor aut rubor, extuat ab imis praecordiis sanguis, et colore uerso foedat  
ora pulcherrima, fragrant ac micant oculi, tremant labra, comprimuntur dentes,

---

6 Quidam... 9 frangitur Sen. *De Ira*, I, 1, 2.

1 Habitus... 2 sanguis Sen. I, 1, 3-4. 2 et colore... 3 pulcherrima Sen. II,  
35, 3. 3 fragrant...

---

Titulus: VITIMIRO T

1. 1 consolationis T 2 diligentia *emend. Barlow*: -iae *codd.* 3 breui E 4 saltem  
T 4/5 dilin- T 6 sapientibus: cap- T // brebem E // aequae *coni. Barlow Viansino*  
*ex Seneca* 1, 1, 2 8 dum: <inter>dum *coni. Kurfess // post agitata add. est Vian-*  
*sino* 9 similis *emend. Rayment Kurfess Viansino ex Seneca* 1, 1, 2: simul *codd.*  
*Barlow // quae super emend. Hauréau Rayment Kurfess ex Seneca* 1, 1, 2

2. 1 frons: fons T // ante faciei *exhibent uultus codd. codd. Fl* 2 extuat E: aest-  
T 2/3 foedat ora pulcherrima: feda torua pulcherrima E foeda torua pulcherrimam  
T *Codd. Fl* pulcherrima ora foedauit *Seneca* 2, 35, 3 torua ex pulcherrimis foedauit  
*Barlow* foedantur ora pulcherrima *Kurfess* foedauit ora pulcherrima *Vian-*  
*sino* 3 flagrant T // ac: et *Barlow // tremant E: tument T // labia T*

## **Epítome sobre a ira**

Ao Senhor e muito virtuoso Bispo Vitimer, meu irmão amantíssimo em Cristo, Martinho Bispo.

### **[Prólogo]**

1. Quando há algum tempo estivemos juntos e fruímos de uma troca de impressões em comum, uma coisa entre outras o empenho da tua amizade conseguiu de mim, que eu te organizasse, num pequeno opúsculo, algumas notas sobre o vício da ira, sua natureza e seus efeitos. Anuí de imediato, de bom grado, e expus, para tua reflexão, em poucas palavras, estas notas de como escapar à ira, e de como, caso isso não aconteça, de ao menos a acalmar.

Alguns homens de saber afirmaram que a ira é uma insânia breve. Ela, com efeito, que não tem mão em si, esquece-se do que é honesto, sem se lembrar dos bons sentimentos, bloqueada à razão e a conselhos, ao mesmo tempo que, entrando em acção por motivos vãos, incapaz de ter em consideração a justiça, não só se torna semelhante a uma calamidade, mas também se despedaça sobre aquilo que oprimia.

### **Aspecto da Ira**

2. Ar destemido e expressão ameaçadora, rosto abatido e olhar torvo, ora palor ora rubor na face; o sangue incendeia-se desde as mais profundas entranhas, e, alterada a cor, desfigura o rosto mais belo; os olhos chamejam e cintilam, os lábios tremem, os dentes rangem,

5 crebro et uehementius acto suspirio quatitur pectus, gemitus anxius, et paulo  
 explanato sono sermo est praeceps, rabida uocis eruptio colla distendit,  
 inquietae manus † saepiusque compulsi quohectus digitorum scissos itaque dentium  
 sonos † citatus gradus, pulsataque pedibus humus, artus trepidi, et instabile  
 fluctuatione totum concitum corpus, magnas ex se proferens minas, ... horribilis  
 10 ira deprauat se atque intumescit ita ut nescias utrum magis detestabile sit  
 uitium an deforme. Qualem putas intus esse animum, cuius extra imago tam foeda  
 est? Cetera uitia absconduntur et in abdito refugiunt; ira se prodit et in facie  
 exit, quantoque maior est, tanto et manifestius exardescit. Nihil ergo minus quam  
 irasci prudentem decet.

### De effectibus irae

3. Ira omnia ex optimo et iustissimo in contrarium mutat. Quemcumque  
 obtinuerit, nullius eum meminisse officii sinit. Da eam patri, inimicus est. Da  
 filio, parricida est. Da matri, nouerca est. Da ciui, hostis est. Da regi,  
 tyrannus est. Ira nec in proeliis utilis inuenitur, quia in temeritate prona est,  
 5 et pericula dum inferre uult, non cauet; uenitque in aliam potestatem, dum non  
 est in sua. Ira ex proprio libitu iudicat, audire non uult, nec patrocinio  
 relinquit locum. Iudicium suum eripi sibi, etiam si prauum sit, non sinit. Amat  
 et tuetur errorem suum, nec uult argui, etiam si oculis manifesta ueritas  
 ingeratur. Honestior illi in male coeptis pertinacia quam correctio extimatur.

---

12 exardescit Sen. I, 1, 4-5; II, 35, 3-4; III, 4, 2. 12 Nihil... 13 decet  
 Sen. I, 15, 3.

3. 1 Ira... 4 tyrannus cf. Sen. I, 3, 8. 4 Ira... 5 cauet Sen. I, 11, 8. 5 uenit-  
 que... 6 sua Sen. I, 12, 5. 6 Ira... 7 sinit Sen. I, 17, 7. 7 Amat... 9 extimatur  
 Sen. I, 18, 2.

---

5 eriptio *E* 6/7 fortasse legendum saepiusque complosae, coectus  
 (coactus) digitorum se ipsos torquentium sonus *coni. ex Seneca 1, 1, 4 //*  
 saepiusque: spiritusque *coni. Kurfess ex Seneca 1, 1, 4 //* coactus *Barlow*  
*ex Seneca 1, 1, 4: quo hec tus E concrêpitus T coactus ac stridor coni. Kurfess*  
*ex Seneca 1. c. // compulsi coactus digitorum: compulsae articularum*  
*coni. Fontán // scissos itaque dentium sonos codd: se ipsos torquentium*  
 sonus *Fontán Kurfess ex Seneca 1, 1, 4 dentes strident Barlow ex Tamayo*  
 8 concitum *E Seneca 1, 1, 4: concitatum T // orridibilis ire codd.*

3. 2 nullis e. m. officiis *E* 3 parracida *E //* da ciui ostis est *om. T* 4 Ira: ita  
*Barlow // in temeritatem T edd.* 6 libitu *E: -o T edd.*

o peito bate frequente e violentamente em expiração marcada, o arfar é inquieto e a fala torna-se abrupta em som pouco articulado, a erupção da fala distende o pescoço em raiva; as mãos nervosas e repetidas vezes as contrações dos dedos provocaram rasgões; e bem assim o ranger dos dentes <sup>1</sup>, o passo excitado, a terra batida pelos pés, os membros trémulos e o corpo todo agitado em flutuação instável, proferindo enormes ameaças ... a horrível ira degrada-se e entumesce de tal forma que não se sabe se é mais um vício detestável ou disforme. Como é que julgas que é lá no íntimo a alma cujo exterior tem uma imagem tão hedionda? Os outros vícios escondem-se e refugiam-se num lugar escondido; a ira salta para fora e surge no rosto, e quanto maior é, em tanto maior evidência irrompe em chamas. Por conseguinte, nada é menos conveniente do que um homem esclarecido irar-se.

### **Efeitos da Ira**

3. A ira transforma todas as coisas de óptimas e justíssimas no seu contrário. A quem quer que lance a mão não lhe deixa recordar qualquer dever. Dá-a ao pai, é um inimigo; dá-a ao filho, é um parricida; dá-a à mãe, é uma madrasta; dá-a ao cidadão, é um inimigo do estado; dá-a ao rei, é um tirano. A ira, nem nos combates traz utilidade, porque é propensa à temeridade e quando quer pôr em perigo o inimigo, não se precavê. E acaba por cair no poder de outrem, visto que não tem domínio sobre si própria.

A ira julga segundo o seu próprio impulso, não quer ouvir ninguém, nem deixa lugar para o patrocínio. Não permite que o seu juízo lhe seja retirado, mesmo que seja péssimo. Gosta do seu erro e defende-o, e não quer ser contrariada, ainda que a verdade manifesta lhe seja aduzida diante dos olhos. Para ela, a obstinação em coisas mal começadas é julgada mais honrosa do que a sua correcção.

---

Talvez se deva ler: «ouvem-se os sons dos dedos que se torcem a si próprios» no lugar de «e repetidas vezes [...] o ranger dos dentes». Cf. pp. 171-2.

10 Quamuis enim uanae illam concitauerint res, perseuerare uult, ne uideatur sine causa coepisse. Et quod est iniquius, dum retinetur, fit pertinacior et augetur, quasi hoc ipsum grauius irasci iustae irae sit argumentum. Quod si quantum minatur, tantum ualuerit, ob hoc ipsum quia terribilis est, amplius est inuisa. Si uero sine uiribus est, contemptui est magis exposita, derisumque non effugit.

15 Sed periculosius est timeri, tutius despici. Omnes alias passiones ira sibi subditas facit, nullaque est ambitio animi in quam non ira dominetur. Denique auaritiam, pessimum malum minimeque flexibile, ira calcat. Quotiens siquidem iratus animus opes suas adactus spargit? Quotiens magno extimata pretio insignia proicit? Irae uiolentia repentina et uniuersa est. Non paulatim procedit, sed dum

20 incipit tota est, nec aliorum uitiorum more sollicitat animos, sed abducit. Cetera uitia inlicunt, ira uero, ut solent flumina procellaeque, praecipitat, nullaque res magis surget, siue ualet superba, siue frustratur insania. Alia uitia a ratione, ira autem a sanitate discessit, nam nec repulsa in taedium agitur sui, sed ubi aduersarius subtrahitur, morsos suos in semetipsa conuertit.

25 Cetera uitia singulos quosque corripunt, ira autem interdum multos publice inuasit. Nam numquam populus uniuersus simul fornicandi cupiditate succensus est; nec in lucrum pecuniae spem suam tota simul ciuitas misit; nec honoris ambitio gregatim cunctos, sed uirum singulos, occupat. At uero in iram uno saepe agmine curritur cateruatim.

4. In iram primum est non irasci; secundum cito desinere; tertium alienae quoque irae mederi. Primum est ergo ne incidamus in iram. Quod si acciderit,

---

10 Quamuis... 12 argumentum Sen. III, 29, 2. 12 Quod si... 15 despici Sen. II, 11, 1. 15 Omnes... 19 proicit Sen. II, 36, 6. 19 Irae... 24 conuertit Sen. III, 1, 3-5. 25 Cetera... 29 cateruatim Sen. III, 2, 2.

4. 1 In iram... 2 mederi Sen. III, 5, 2. 2 Primum...

---

14 uiribus: uirtutibus *T* 15 timeri: tamen *T* // tutius *Barlow*: tot- *codd.* 16 in qua *T* // ira non *transp.* *T* 17 auaritiam: -ia *E* // siquidem: quidem *Viansino* 18 magno *codd.* *Seneca* 2, 36, 6: magna *Barlow* // aest- *T* 21 fulmina *Seneca* 3, 1, 4 *cf. Kurfess* 22 res *E* *Seneca* 3, 1, 5: om. *T* *Barlow* // surget *E* *cf. Senecae* 3, 1, 4 *codicem A*: urg- *T* *edd.* // insania: -na *Seneca* 3, 1, 5 *edd.* 23 discessit *codd.*: desciscit *Barlow Kurfess ex Seneca* 3, 1, 4 24 morsus *T* *Barlow* // in semetipsam *edd.* 26 inuadit *Barlow* 27 pecuniamue *conl. Rayment* // simul om. *T*

4. 1 in ira *T* *Viansino* 2 incidamus *Seneca* 3, 5, 2 *edd.*: inced- *E* incendamur *T*

Embora, na verdade, tenham sido coisas inúteis que a impulsionaram, ela quer persistir, para que não pareça que começou algo sem razão. E, o que é mais desajustado, quando é contida, aumenta de intensidade e torna-se mais obstinada, como se o próprio irar-se com extrema violência fosse a prova de que a cólera é justa. Pois, se ela tem tanto poder quanto ameaça, por esta mesma razão que a faz terrível mais odiosa é. Contudo, se não tem tanto poder, fica mais exposta ao desprezo e não escapa ao ridículo. Mas mais perigoso é ser temido, mais seguro ser desprezado.

Todas as outras paixões a ira faz seus súbditos, e não há ambição do espírito que ela não domine. Assim, até a avareza, o pior dos males e totalmente indomável, a ira espezinha. Quantas vezes, na verdade, um espírito irado dissipa os bens que reuniu? Quantas vezes lança fora coisas notáveis e de grande valor?

A violência da ira é repentina e universal. Ela não avança progressivamente, mas quando começa é logo na sua plenitude; e não solicita o espírito como os outros vícios, mas arrasta-o. Os outros vícios seduzem, a ira, pelo contrário, como fazem os relâmpagos ou as tempestades, cai de chofre. Nenhum outro vício é mais sobranceiro: quer se prevaleça da sua altivez, quer se veja frustrada pela sua insensatez. Os outros vícios afastam-se da razão, a ira, por si, já se apartou da sanidade mental, pois nem rejeitada entra em aversão a si mesma, mas quando o adversário lhe é subtraído, volta as suas dentadas contra si própria.

Os outros vícios corrompem os homens um por um, a ira, por si, invadiu, por vezes, todo um estado. Na verdade, nunca um povo inteiro se incendiou ao mesmo tempo com o desejo de fornicar, nem toda uma comunidade confiou ao mesmo tempo a sua esperança no lucro, nem a ambição de honrarias tomou posse de todos em grupo, mas sim de cada um individualmente. Pelo contrário, para a ira corre-se muitas vezes aos magotes, como num único pelotão.

4. Contra a ira, o primeiro aspecto é não nos irmos; o segundo, abandoná-la rapidamente; o terceiro, curar também a cólera alheia.

Primeiro é, pois, não cairmos na ira. Mas, se isto suceder,

secundi remedium est ne in ira peccemus. Nam sicut in corporum cura alia de  
 5 conseruanda sanitate, alia de restituenda praecepta sunt, ita aliud est iram  
 cohibere ne insurgat, aliud compescere iam erectam; sicut enim pars superior et  
 propinqua sideribus nec in nubem constringitur nec in turbinem uertitur,  
 inferiora uero saepius fulminantur, eodem modo sublimis animus quietus semper et  
 in statione tranquilla locatus, omnia infra se premens quibus ira contrahitur,  
 10 modestus ac uenerabilis inuenitur. Animus autem qui in negotia multa discurrit  
 et uaria tentat, in multis incidit querelis. Alius spem eius fallit, alius  
 differt, alius intercipit, atque ita omnium rerum existit impatiens, et ex  
 leuissimis irascitur causis, nunc personae, nunc negotio, nunc tempori, nunc  
 loco, nunc sibi. Vt ergo quietus sit animus, non est multarum rerum actu  
 15 lassandus, nec magnarum et super uires appetitarum. Facile est enim leuia aptare  
 ceruicibus et in utramlibet partem sine lapsu transferre.

5. Contra primas ergo causas irae pugnandum est. Causa autem irae opinio est  
 iniuriae, cui non facile est credendum. Nec apertis quidem manifestisque statim  
 est accedendum, quia interdum falsa ueri speciem ferunt. Differendum semper est  
 tempus. Dilatus dies aperiet ueritatem. Non facile aures criminantibus pateant.  
 5 Sed hoc humanae naturae uitium suspectum notumque sit nobis, quod ea quae inuiti  
 audimus facile credimus et irascimur. Multi enim suspicionibus impelluntur, et  
 ex uultu risuque alieno peiora interpretati innocentibus irascuntur. Plurimum  
 mali credulitas facit. Quamobrem saepe nec audiendum quidem est, atque ex animo  
 tollenda suspicio. Numquam argumentatio deest, et coniecturae irritamenta  
 10 fallacia. Simplicitate et benigna rerum extimatione opus est uti. Nihil credi

---

5 erectam Sen. II, 18, 1. 5 sicut ... 9 inuenitur Sen. III, 6, 1. 9 Animus...  
 15 transferre Sen. III, 6, 3-6.

5. 1 Contra ... 7 irascuntur Sen. II, 22, 2-4. 7 Plurimum ...

---

3 secundum *T* *edd.* 4 post praecepta sunt *Barlow exhibet* alia de medendis  
 morbo correptis ex *Tamayo* 6 turbinem *E* (*cf. Seneca 3, 6, 1*) 10 incidit *codd.*  
 12 iratur *Barlow* 13 auctu *codd.* 14 super: supra *Barlow ex Tamayo* // aptare  
*E Seneca 3, 6, 6 edd.*: appetere *T*

5. 2 post manifestisque *Barlow addidit* coniectationibus ex *Tamayo* (*cf.*  
*Seneca 2, 22, 2 Fontán Kurfess*) 3 ueris *E* 6 et *add. edd.* // irascimur: nas-  
 cimur *T* // 8 credulitas *Seneca 2, 24, 2 T edd.*: crudelitas *E* 10 credi: credere  
*Barlow*

o remédio do segundo estado é não pecarmos em ira. Pois, assim como, no que diz respeito à cura do corpo, há preceitos relativos à conservação da saúde, outros concernentes à sua recuperação, da mesma forma existe um método de conter a ira para que não se declare, outro para a conter uma vez em acção. Na verdade, assim como a parte superior e mais próxima dos astros nem se aglomera em nuvem, nem se converte em turbilhão, e as partes inferiores são frequentemente atingidas por raios, do mesmo modo, um espírito superior está sempre tranquilo e repousante num local calmo, e fica imperturbável e respeitado, calcando debaixo de si tudo aquilo que dá origem à ira. Por seu lado, o espírito que se dispersa em muitos negócios e diversas coisas experimenta, cai no meio de inúmeras querelas. Um ilude sua esperança, outro adia-a, aqueloutro arrebatada-a, e assim fica impaciente perante as coisas. E a partir de causas insignificantes encoleriza-se, ora contra pessoas, ora contra um assunto, ora contra uma circunstância, ora contra um local, ora consigo mesmo. Para que, pois, o espírito fique tranquilo, não se deve cansar com inúmeras coisas, nem demasiado grandes nem demasiado ambiciosas, acima das suas forças. Na verdade, é fácil ajustar cargas leves às costas e, sem cair, levá-las para o outro lado.

5. Por conseguinte, deve-se lutar contra as causas da ira logo no início. Um motivo de ira é o sentimento de ter sido injuriado, e nisso não se deve acreditar facilmente. Nem sequer é de aceitar de imediato nada, mesmo que claro e manifesto, porque, por vezes, as coisas falsas trazem uma aparência de verdade. Deve-se sempre dar algum tempo: o dia seguinte revelará a verdade. Que os nossos ouvidos não se abram facilmente aos acusadores, mas que este defeito da natureza humana nos seja suspeito e bem conhecido, pois aquilo que ouvimos contra vontade facilmente nele acreditamos e nos enfurecemos. Na verdade, muitos são impelidos por suspeições, e, a partir duma expressão ou riso alheio, interpretando à má parte, iram-se contra inocentes. Muito mal faz a credulidade. Por isso, muitas vezes a suspeita nem sequer deve ser ouvida e deve ser eliminada do espírito: nunca faltam argumentos e falaciosas provocações para uma desconfiança. Importa usar de simplicidade e de julgamento benigno das coisas. Não convém acreditar



oportet, nisi quod manifeste incurrit in oculos, et quotiens suspicio apparet in animo, credulitas obiurgetur. Haec enim obiurgatio consuetudinem non facile credendi efficiet. Si non uis in iram incidere, ne fueris curiosus. Qui inquit quid de se dictum sit, et malignos sermones, etiam si secreto dicti sunt, eruit, 15 ipse se inquietat. Dum enim interpretantur, ad hoc perducuntur, ut uideantur iniuriae. Sed in ea interpretatione alia differenda sunt, alia donanda, alia deridenda, atque ita his modis praeuenienda est ira. Multas iniurias transit et plerasque non accipit, quia aut eas nescit aut, si scierit, in ludum eas iocumque conuertit. Nam si quereletur, aut falsa suspicando aut leuia adgrauando, non ira 20 ad illum, sed ipse uenit ad iram, quae nunquam arcessienda est, sed etiam cum inreperit refutanda. Magni animi est despiciere iniurias. Nam multi leues iniurias altius in se demisere, dum uindicant. Potius est non agnouisse quam ignouisse iniuriam. Enimvero ille magnus est et nobilis, qui more magnae ferae latratus minorum canum securus exaudit. Satius siquidem est dissimulare 25 iniuriam quam ulcisci. Potentiorum uero iniuriae non tantum patientia, sed etiam hilari uultu ferendae sunt. Facient iterum, si te passum et se fecisse crediderint. Adeo ergo iniuriam saepe uindicare non expedit, ut nec fateri quidem expediat. Abstinentum itaque ab ira est, siue superior sit, qui lacessit, siue par, siue inferior. Cum superiore contendere furiosum est; cum pari anceps; cum 30 inferiori iam sordidum.

6. Ex his autem quae solent offendere, alia renuntiantur nobis, alia ipsi

---

13 efficiet Sen. II, 24, 1-2. 13 Si non... 19 conuertit Sen. III, 11, 1-2. 19 Nam... 21 refutanda Sen. III, 12, 1 21 Magni ... 24 exaudit Sen. II, 32, 2-3. 24 Satius... 28 expediat Sen. II, 33, 1-2. 28 Abstinentum... 30 sordidum Sen. II, 34, 1.

6. 1 Ex his ...

---

12 haec: hoc E 13 incedere E 14 dicti sunt: d. sint T 15 interpretantur *coni. Fontán Viansino ex Seneca 3, 11, 1* (quaedam interpretatio): inpetrantur *codd.* perpetrantur *Rayment cf. Tam.* perpetrantur *Barlow II* perducuntur *E Seneca 3, 11, 1: prod- T* 16 iniuriae: inuidiae *Codd. Florez II* interpretatione *coni. Fontán Kurfess Viansino ex Seneca I. c.:* perpetratio *codd. Barlow II* differenda *coni. Kurfess ex Seneca 3, 11, 1: defendenda codd. edd.* 17 prudens *post transit add. Barlow t.* <sapiens> *coni. Kurfess II* quia: qui *coni. Fontán ex Seneca 3, 11, 1* 20 arcessenda *T edd.* 21 despiciere *Seneca 2, 32, 2 T: disp- E // nam multi leues iniurias om. T* 24 satius *emend. Rayment Barlow ex Seneca 2, 33, 1: sanctum codd.* 26 ferenda *E // passum: pos- T* 27 crediderit *E // ergo: enim T* 30 inferiore *Seneca 2, 43, 1 edd.* 30 iam: <et> iam *coni. Viansino.*

em nada a não ser que se manifeste claramente aos nossos olhos, e todas as vezes que a suspeição surja no nosso espírito, que a credulidade seja reprimida. Na verdade, esta auto-repressão produzirá o hábito de não se acreditar em tudo com ligeireza.

Se não queres cair em ira, não sejas curioso. Aquele que inquirir o que se diz acerca dele e desenterra conversas malsãs, ainda que tenham sido ditas em segredo, atormenta-se a si próprio. Quando se lhes busca uma intenção, levam a isto: parecem injúrias. Mas nessa procura de intenção, umas devem ser desculpadas, outras atendidas, outras desdenhadas. E assim, de diversos modos, a ira deve ser prevenida.

O homem sábio passa por muitas injúrias e à maior parte delas não lhes dá atenção, porque ou as ignora, ou, se tem delas conhecimento, toma-as como motivo de diversão e brincadeira. Pois se sobrevém uma querela, quer por suspeita de coisas falsas, quer por exagero de coisas insignificantes, não é a ira que vem até ele, mas sim ele próprio que se acerca da ira; e esta nunca deve ser mandada vir, mas até repelida, logo que irrompe.

É próprio do espírito magnânimo desprezar as injúrias. Muitos, por superficialidade, ao vingarem-se, lançaram injúrias bem do alto contra si próprios. É preferível não tomar conhecimento das injúrias do que deixá-las de parte. Na verdade, é grande e nobre aquele que à maneira de um grande animal feroz ouve sem inquietação os latidos de cães diminutos.

É melhor dissimular a injúria do que vingar-se dela. As injúrias dos mais poderosos devem ser suportadas não só com paciência, mas também com um sorriso: insistirão, se acreditarem que contribuiram para que ficasses magoado. Por conseguinte, muitas vezes tanto não convém vingar uma injúria, que nem sequer convém confessá-la. Devemos assim abster-nos da ira, quer aquele que nos feriu nos seja superior, quer igual, quer inferior: é louco lutar contra alguém superior; contra um igual, incerto; contra um inferior, então é sórdido.

6. De entre aquelas coisas que costumam causar ofensa, umas são-nos contadas, outras nós próprios

audimus, alia et uidemus. De his ergo quae narrantur, cito non debent credi, quia alii mentiuntur, ut decipiant; alii mentire non extimant, quia et ipsi decepti sunt. Alius criminatione gratiam captat, et ut uideatur loqui, fingit iniuriam.

5 Est etiam aliquis qui hoc occulte loquitur et maligne, ut amicitias dirimat cohaerentes, aut certe ut suum apud te insimulet inimicum. Dicitur aliquis de te male locutus? Cogita an prior hoc feceris. Cogita de quam multis ipse loquaris. Cogita non facere aliquos iniuriam, sed reponere: aliquos etiam pro nobis facere; alios aduersum nos, sed coactos; alios et ignorantes; eos autem qui uolentes

10 scientesque faciunt, non ipsam iniuriam appetere, sed aut dulcedine urbanitatis prolapsos, aut fecerunt aliquid, non ut nobis obsessent, sed quia aliter consequi quae uolebant non poterant. At in his quae ipse audiendo aut uidendo cognoscis, naturam uoluntatemque discuties facientis, peccantisque animum perpensabis: uoluerit an inciderit; deceptus sit an coactus. Puerum excuset aetas, quia nescit

15 an peccet; extraneum libertas; domesticum familiaritas. Si primum offendit, cogita quamdiu placuerit. Si saepe, fer quod saepe tulisti. Iustus est, necessitate fecit; quare succenseas? Quod si iniuriam recipis, non est iniuria, quod superius feceris, pati. Iudex est? Si nocentem punit, cede iustitiae. Amicus est? Fecit quod noluit. Inimicus est? Fecit quod debuit. Pater est? Cogita quia

20 tantum profuit, ut illi etiam iniuriam facere fas sit. Mutum animal est? Ipsum, si irasceris, imitaris. Postremo si bonus uir est qui iniuriam fecit, noli credere; si malus, noli imitari. Prudentiori cede, stulto remitte. Regis quisque intra se animum habet, ut licentiam sibi in alios dari uelit, in se nolit. Qui ergo semper futurum aliquod quod se offendant extimat, minime cum acciderit

---

6 inimicum Sen. II, 29, 2. 6 Dicitur... 12 poterant Sen. II, 28, 5. 13 naturam... 13 facientis Sen. II, 30, 1. 13 peccantisque... 14 coactus Sen. III, 12, 2. 14 Puerum... 18 iustitiae Sen. II, 30, 1; III, 24, 3. 18 Amicus... 19 debuit Sen. III, 24, 3. 19 Pater... 22 imitari Sen. II 30, 1-2. 22 Prudentiori... 22 remitte Sen. III, 24, 4. 22 Regis... 23 nolit Sen. II, 31, 3. 23 Qui...

---

6. 3 mentiri *T edd.* // existimant *T edd.* 5 qui: quibus *codd.* // loquitur: sequitur *T* 7 cogita an prior hoc feceris cogita de qua multis ipse loquaris *om.* *T* 9 alios *T Seneca, 2, 28, 5:* alius *E* // aduersum: aduersus *Barlow* 12 poterant *E Seneca 2, 28, 5 cf. Kurfess Viansino:* -erunt *Barlow* potuerunt *T* 13 peccatisque *E* 14 inced- *E* // nesciat *T* 16 fer *edd.:* fert *E* fere *T* feramus *Seneca 3, 24, 3* 18 patis *E* 22 imitari: *fortasse legendum* mirari *cf. Kurfess ex Seneca 2, 30, 2* (bonus uir est qui iniuriam fecit noli credere malus noli mirari) 24 existimat *edd. cf. Seneca 2, 31, 5* existima

ouvimo-las, outras vemo-las. No que diz respeito àquelas que nos são contadas, não devemos de imediato acreditar nelas, porque uns mentem para nos enganar, outros julgam que não mentem pois também eles próprios estão enganados. Um ganha crédito com acusações e, para que pareça que falou com razão, simula uma injúria. Há também alguém que diz algo às escondidas e com malvadez, para acabar com amizades sólidas, ou, até, para acusar falsamente o inimigo dele junto de ti. Diz-se que alguém falou mal de ti? Pensa se não o terás feito primeiro. Pensa em tantas coisas que tu dizes. Pensa que alguns não nos fazem ofensas, mas devolvem-nas, outros até as fazem em nosso favor; uns fazem-nas contra nós, mas forçados, outros até sem o saber. Aqueles, todavia, que o fazem de livre vontade e de saber feito, não procuram a injúria em si, mas, ou cometeram um deslize com a doçura de um dito de espírito, ou o fizeram, não para se oporem a nós, mas porque não puderam obter de outra forma o que queriam.

Porém, naquelas coisas que tu próprio conheces por ouvir ou por ver, discute a natureza e a intenção do autor, avalia o espírito do prevaricador: se o fez de livre vontade ou por acaso; se foi enganado ou forçado. À criança desculpa-a a idade, pois não sabe que errou; a um estrangeiro, a liberdade; a um servidor, o sentimento familiar. Se nos ofendeu pela primeira vez, pensa quanto tempo nos foi agradável. Se o fez muitas vezes, suporta o que tantas vezes suportaste. Foi-lhe ordenado, fê-lo por necessidade; porque te enfureces? Se aceites uma injúria, não é injúria suportar o que fizeste primeiro. É um juiz? Se pune um culpado, deixa isso à conta da justiça. É um amigo? Fez algo que não queria. É um inimigo? Fez o que tinha de fazer. É o teu pai? Pensa que lhe debes tanto que até lhe é consentido fazer uma injúria. É um animal irracional? Se te irares, imita-lo-ás. Por último, se for um homem de bem que te fez injúria, não te importes; se for um homem malvado, não o imites. Desculpa a quem é bastante inteligente, perdoa a um estúpido. Cada um tem dentro de si um espírito de rei, de tal forma que quer sentir-se livre contra os outros, mas não contra si. Assim, aquele que julga que haverá sempre algo que o ofenda encolerizar-se-á muito menos, quando algo efectivamente

25 irascetur.

7. † Qui † illud ualde imbecillum et foedum, cum minimis sordisque animus  
exacerbatur in rebus, si parum agilis fuerit puer, si tepidior aqua poturo  
porrigitur, si turbatus torus, aut mensa neglectius posita, si musca parum  
curiose fugata, si manibus serui neglegentius clauis elapsa, cum hoc non in tuam  
5 contumeliam fecit, nec sic ut te offenderet fecit. Saepe etiam quam stulte his  
rebus irascimur, quae iram nostram nec meruerunt, nec sentiunt. Et quid hac  
insania dementius, quam bilem in homines collectam, in rebus effundere? Aeger et  
infelicis ualetudinis animus est, quem talium rerum leuis aura conturbat. Vbi  
enim et animum simul et corpus uoluptates corruperint, nihil est tolerabile, non  
10 quia illa dura, sed quia qui patitur mollis est. Nulla itaque res magis  
iracundiam alit, quam intemperans et impatiens luxus. Dure ergo tractandus est  
animus, ut ictum non sentiat nisi grauem. Ad coercionem autem errantium irato  
castigatore non opus est. Nam cum ira delictum animae sit, non oportet peccantem  
peccata corrigere. Quod si tantum irascatur sapiens quantum scelerum indignitas  
15 exigit, non irascendum illi, sed insaniendum est. Furta, fraudes, infitationes,  
et si qua sunt alia, omnia ista tam propitius aspicit sapiens quam medicus aegros  
suos. Numquam itaque iracundia admittenda est, aliquando simulanda. Si segnes  
audientium animi concitandi sunt, aliquando incutiendus his metus, apud quos non

---

... 25 irascetur Sen. II, 31, 5.

7. 1 Qui... 3 posita Sen. II, 25, 1. 3 si musca... elapsa Sen. II, 25, 3. 4 cum  
hoc... 5 fecit Sen. II, 26, 3. 5 Saepe... 7 effundere Sen. II, 26, 2-3. 7 Aeger...  
8 conturbat Sen. II, 25, 1. 8 ubi... 12 grauem Sen. II, 25, 3-4. 12 ad coercio-  
nem... 14 corrigere Sen. I, 16, 1. 14 Quod si... 16 alia Sen. II, 9, 4. 16 omnia...  
17 suos Sen. II, 10, 7. 17 Numquam...

---

25 irascetur T

7. 1 qui *codd.*: quin *edd.* (*fortasse intellegendum qui aduerbium*) // imbecillum  
*coni. Fontán Kurfess Viansino*: in hec illum *codd.* in haec illiberale *Barlow*  
4 curiose: furiose T // negligentius T *neglegentis coni. Kurfess Viansino ex*  
*Seneca 2, 25, 4* (aut clauis neglegentis serui manibus elapsa) *sed negligentius*  
*est in Seneca 2, 25, 1 // clausis T 5 post fecit exhibet innocentibus parce Barlow*  
6 et quid: ecquid *edd.* 9 aura: cura *Viansino* 10 magis: magnis T 14 peccata  
*E Seneca 1, 16, 1 Viansino*: -to T *Barlow* 16 si quae *Barlow* // medicos T 18 sint  
*edd.* // incutiendus est *Barlow* // quem *codd.*: quos *edd. ex Seneca 2, 14, 1*

suceder.

7. Pois quê? Há algo tão idiota e vil como é o espírito exasperar-se com as mais insignificantes e mesquinhas coisas, tais como se o rapazito for pouco lesto, se a água para beber for oferecida um pouco morna, se o leito estiver amarfanhado, ou a mesa posta com negligência, se uma mosca for enxotada com pouco empenho, se a chave cair das mãos do servo por incúria; é que ninguém o fez para te injuriar, nem assim agiu para te ofender.

Muitas vezes também com que insensatez nos enfurecemos com aquelas coisas que nem mereceram a nossa ira, nem a percebem. E que haverá mais louco do que esta insânia, derramar sobre as coisas a cólera amontoada contra seres humanos? Doente e de saúde débil é o espírito que a leve brisa de tais coisas perturba.

Na verdade, quando os desejos tiverem corrompido o corpo e o espírito ao mesmo tempo, nada é suportável, não porque eles sejam cruéis, mas porque aquele que os sofre é fraco.

Nada alimenta mais a ira do que o luxo desmedido e intolerável. Assim, o espírito deve ser tratado com dureza para que não sinta o golpe senão quando for forte.

Para castigar os que erram não é necessário um castigador encolerizado, pois, uma vez que a ira é um delito da alma, não convém corrigir os erros errando. Se o homem virtuoso se encolerizasse tanto quanto a indignidade dos crimes exige, ele não deveria encolerizar-se, mas deveria estar louco. Os roubos, as fraudes, as delações, e quaisquer outras coisas, todas o homem virtuoso as observa com tanta benevolência quanta o médico os seus doentes.

A cólera, pois, nunca deve ser aceite, por vezes, deve ser simulada. Se os espíritos dos ouvintes que têm de ser admoestados são preguiçosos, deve-se, por vezes, incutir medo àqueles perante os quais

proficit ratio.

### Quomodo leniatur ira

8. Haec dicta sunt, ne ueniatur quis in iram. Quod si iam ira proruperit, maximum illi remedium est morae dilatio. Hoc primum petatur, non ut ignoscat, sed ut iudicet. Si expectaueris, desinit; nec uniuersam illam tentaueris tollere, quia graues habet impetus primos. Tota uincitur, si partibus capiatur, donec quod  
5 ex eius imperio erat agendum ipsi potius iubeamus. Agendum est ergo ut primus feruor eius relanguescat, et caligo quae premit mentem aliquantulum tenuetur. Pugnet autem unusquisque secum, ut si uincere iram non potest, uel celare meminerit. Si exitus illi non datur, signa eius obrui possunt, sed cum magna hoc molestia fit. Cupit enim exilire ira et incendere oculos faciemque mutare, et si  
10 paululum illi extra nos eminere licuerit, supra nos est, ut in imo pectoris recessu condatur, feraturque, non ferat. In contrarium ergo omnia eius flectantur indicia, uultus remittatur, uox lenior, gradusque sit lentior, et ita paulatim cum exterioribus interiora formantur. Sicque fit ut etsi aliquis iram tuam intellegat, tamen sentiat nemo. Faciunt ergo nos moderatores respectus nostri,  
15 si consulamus nos. Num tale aliquid et ipsi aliquando commisimus? Num sic errauimus? Expedite nobis in aliis illa damnare quae effugere ipsi nequiuimus? Faciet etiam nos mitiores, si cogitemus quid nobis ille cui irascimur aliquando profuerit, et sic praesens offensa prioribus meritis redimatur. Illud quoque  
20 amicos uenia fecerit utiles. Nihil gloriosius quam iram amicitia commutare.

---

... 19 ratio Sen. II, 14, 1.

8. . 2 maximum... dilatio Sen. III, 12, 4. 2 Hoc primum... 4 capiatur Sen. II, 29, 1. 4 donec... 5 iubeamus cf. Sen. III, 32, 2. 5 Agendum... 6 tenuetur Sen. III, 12, 4. 7 Pugnet... 14 nemo Sen. III, 13, 1-3. 14 Faciunt... 16 nequiuimus Sen. II, 28, 8. 17 Faciet... 20 utiles Sen. II, 34, 2. 20 Nihil...

---

8. 1 ueniat *T edd.* 3 desinit *codd.*: -et *edd. Seneca 2, 29, 1* 5 capiatur: carpitur *Seneca 2, 29, 1 cf. Kurfess* 5 ergo: enim *T* 6 eius feruor *transp. edd.* 7 potest: possunt *T* 10 licuerit *T edd. cf. Seneca 2, 13, 2: elic- E* 11 ergo *om. T* // flectuntur *E* 14 intelli- *T* 15 consuleamus *E* // num sic: nam si sic *T cf. numque sic Seneca 2, 28, 8* 16 expeditque *Barlow* 19 adolatura *E* 20 gloriosus *T* // amicia *E*

a razão nada pode.

### **Como se acalma a ira**

8. Tudo isto foi dito para que ninguém incorra em ira. Mas se a ira já tiver irrompido, o maior remédio para ela é esperar. Uma coisa se peça, em primeiro lugar: não que se desculpe, mas que se pondere. Se aguardares, ela cessará. Nem tentes eliminá-la toda de uma vez, porque os primeiros ataques são fortes. Será vencida totalmente se a tomares por partes, até que sejamos de preferência nós a comandar o que era para ter sido feito sob o domínio da ira. Por conseguinte, deve-se fazer com que o seu primeiro ímpeto se enfraqueça, e que as trevas que oprimem o espírito diminuam um pouco.

Que cada um de nós lute consigo mesmo, para que, se não puder vencer a ira, ao menos se lembre de a esconder. Se uma saída não for concedida à ira, os seus sintomas podem-se ocultar, embora isto se faça com grande incómodo. A ira, com efeito, anseia por irromper e incendiar os olhos e transfigurar a face, e se, por um pequeníssimo espaço de tempo, lhe for permitido sair para o exterior, ela domina-nos, tal como se a escondermos num recanto recôndito do nosso coração, ela será dirigida, e não nos dirigirá. Que se mudem todos os seus indícios no oposto: que a face se descontraia, a voz se torne mais suave, o andar mais calmo; e assim, pouco a pouco, o interior molda-se à imagem do exterior. E assim acontece que, embora alguém possa aperceber-se da tua cólera, todavia ninguém a percebe. O olharmos para nós próprios, o sondarmos a nossa consciência, faz-nos mais moderados. Porventura fizemos alguma vez algo assim? Porventura deste modo errámos? Será vantajoso para nós condenar coisas nos outros às quais não fomos capazes de escapar?

Far-nos-á também mais condescendentes se pensarmos como nos foi útil aquele contra o qual nos encolarizamos, e, assim, a ofensa presente é redimida por méritos passados. Uma coisa também seja tida em conta: quão grande reputação nos trará a fama de clemência, quantos amigos úteis o perdão nos fará.

Nada há mais nobre do que trocar a ira pela amizade.



irascitur aliquis? Tu contra beneficiis prouoca. Cedit statim simultas ab alterutra parte deserta; nisi paria non pugnant. Quod si utrimque certauerit ira, concurritur. Ille est fortior, qui prior retulit pedem. Victus est saepe qui uicit. Percussit te? Recede; nam referendo et occasionem dabis saepius ferendi  
25 et excusationem; postremo cum uolueris reuerti, non poteris.

9. Qui irascitur iniurianti se, uitium uitio opponit. Numquid non insanire uidetur, si quis mulam calcibus petat, aut canem a quo morsus est lancinet? «Sed ista», inquis, «peccare se nesciunt». Eodem loco est quisquis consilio caret. Quid enim refert an alia mutis dissimilia habeat, si hoc simile habet, quod omni  
5 peccato muta defendit. Eo nos loco constituamus, quo ille est cui irascimur. Nostram esse causam illius adfingamus, nam facit nos iracundos iniqua nostra extimatio, quia ea quae uolumus facere nolumus pati. Memento etiam quia sapientissimi quique uiri multa delinquant. Quod si etiam prudentissimi uiri peccant, cuius error causam non habet ignoscendi? Nemo est tam timidus offensarum  
10 qui non illas dum uitat admittat. Aequiore ergo animo fert se contemni, cuicumque uenit in mente nullam esse tantam potentiam in qua non incurrat iniuria. Demus spatium peccanti, quo possit considerare quod fecerit, et ipse se castigabit. «Quid, ergo», inquis, «impune ille erit»? Puta uelle te, nam non erit; quia non magis grauius adficitur quam qui ad supplicium poenitentiae datur. Respiciendum

---

... 25 poteris Sen. II, 34, 4-5.

9. 1 Qui... 5 defendit Sen. III, 27, 1-2. 5 Eo... irascimur Sen. III, 12, 3. 6 Nostram... adfingamus Sen. II, 22, 4. 6 nam... 7 pati Sen. III, 12, 3. 7 Memento... 8 delinquant Sen. III, 24, 4. 8 Quod... 9 ignoscendi Sen. III, 25, 2. 9 Nemo... 10 admittat Sen. III, 24, 4. 10 Aequiore... 12 castigabit Sen. III, 25, 1-2. 13 Quid...

---

22 *utrimque emend. Rayment Kurfess edd. ex Seneca 2, 34, 5: utrumque codd.*  
23 *fortior: melior coni. Hauréau*

9. 1 Numque *edd. cf. numquis Seneca 3, 27, 1* 2 quis *om. T // mulam E edd. Seneca 3, 27, 1: -um T 2/3 sed ista inquis peccare se nesciunt om. T (confer Seneca 3, 27, 2)* 4 mutis *coni. Rayment edd. ex Seneca 3, 27, 3: multis codd. // habet T // ante omni add. in Kurfess ex Seneca 3, 27, 2* 5 muta *coni. Rayment ex Seneca l.c. edd.: munda codd.* 10 feret *T* 11 in mente: *-em T edd. Seneca 3, 25, 1* 13 nam: *tamen Kurfess Viansino ex Seneca 3, 26, 2 // non: nemo coni. Viansino* 14 adficitur *emend. Kurfess edd. ex Seneca 3, 26, 2: add- codd.*

Alguém está encolerizado? Tu, por tua parte, provoca-o com boas acções. Uma disputa que uma das partes abandona, acaba-se imediatamente. Se não forem iguais não lutam. Pelo que, se a ira lutar de um lado e de outro, o combate é inevitável. E é mais forte aquele que é o primeiro a recuar. Frequentemente, é o vencido aquele que vence. Bateu-te? Vai-te embora, pois ao ripostar darás ocasião e pretexto para ele te bater mais vezes, e, mais tarde, quando quiseres ir-te embora, não poderás.

9. Aquele que se encoleriza contra quem o injúria, opõe um vício a outro vício. Não parecerá, porventura, que está louco aquele que pontapeia uma mula, ou que despedaça o cão pelo qual foi mordido? «Mas, dizes, eles não sabem que erraram». Na mesma situação encontra-se quem quer que carece de razão. Que importa, na verdade, que ele tenha algo dissemelhante aos irracionais, se tem isto de semelhante que defende os irracionais em qualquer falha? Punhamo-nos no lugar daquele com quem nos encolerizámos. Imaginemos que a causa dele é a nossa, pois a nossa injusta apreciação torna-nos irascíveis, porque queremos fazer aquilo que não queremos sofrer.

Lembra-te também que alguns homens de saber cometem muitas falhas. Pois se até homens de grande prudência falham, que erro não terá motivo para ser perdoado? Ninguém é tão circunspecto em relação às ofensas que não as admita ao mesmo tempo que as evita. Suporta, com espírito benevolente, ser desprezado aquele a quem vem à mente que não há poder algum tão grande no qual a injúria não ocorra. Demos tempo ao que falha, para poder reconsiderar o que fez, e se castigar a si próprio.

«Quê? Então» perguntas «ele vai ficar impune?» Considera o que tu queres, pois ele não ficará impune, já que ninguém é mais gravemente atingido do que aquele que se entrega ao suplício do arrependimento. Depois, deve-se

15 est deinde ad condicionem rerum humanarum, ut omnium accidentium aequi iudices  
simus. Iniquus est autem qui commune uitium singulis obicit. Omnes inconsulti  
atque improvidi sumus, omnes incerti, queruli, ambitiosi. Quid leuioribus uerbis  
publicum malum abscondo? Omnes mali sumus. Quidquid in alio deprehenditur, id  
unusquisque in sinu suo inueniet. Mali uiuimus inter malos.

10. Nunc iam tertio in loco uideamus alienam iram quomodo leniamus. Nec enim  
sani tantum esse uolumus, sed sanare. Primam ergo iram alterius non audebimus  
nostra ratione mulcere. Surda est enim, et amens. Dabimus illi spatium; nam  
remedia medicorum, non in accessibus infirmitatum, sed in remissionibus prosunt.  
5 Quod si tumentes oculos quis tentet inungere, recente magis uim incitat  
commouendo. Sapiens furenti amico omnia ultionis instrumenta occultius remouebit,  
ipseque iracundiam simulabit, ut tamquam auditor doloris et comes plus  
auctoritatis in consiliis habeat. Moras nectet, et dum maiorem poenam quaeret,  
praesentem interim differet, et omni arte furori requiem dabit. Quod si tu  
10 potentior es, aut pudorem illi cui uix resistis aut metum incuties. Alteri dices,  
«Indignor nimis, et non inuenio dolendi modum, sed expectandum est tempus: dabit  
poenas. Serua istud animo tuo, et pro mora, cum poteris, reddes». Alteri dices:  
«Vide ne iracundia tua uoluptati sit inimicis». Alteri: «Vide ne magnitudo animi  
tui et creditum apud plerosque decadat robur». Ita enim abscondet et medicus  
15 ferramentum, ut aeger dolorem, dum non sperat, ferat. Nam quaedam non nisi

---

... 19 malos Sen. III, 26, 2-4.

10. 1 Nunc... 10 incuties Sen. III, 39, 1-4. 10 Alteri... 14 robur Sen. III, 40, 1.  
14 Ita...

---

15 occidentium T 16 obicit cf. Seneca 3, 26, 3: abi- codd. // inconsulati E  
18 reprehenditur conl. Kurfess cf. Seneca 3, 26, 4

10. 1 quomodo post uideamus exhibent T edd. Seneca 3, 39, 1 2 sanitatum T  
3 ratione: oratione conl. Rayment Kurfess Viansino ex Seneca 3, 39, 2 // et  
post nam exhibet T 5 recente codd.: rigentem edd. cf. Seneca 3, 39, 1 6 com-  
mouendo conl. Rayment Fontán Viansino Kurfess confer mouendo Seneca 3, 39,  
2: -da codd. Barlow 7 auditor: adiutor conl. Kurfess ex Seneca 3, 39, 3 //  
comes T 8 quaeret E Seneca 3, 39, 3: -at T 9 differet T Seneca 3, 39, 3: -fert  
E 9/10 te potentior est T 11 dices T Seneca 3, 40, 1: -is E 12 reddis alteris E  
15 feriat codd.

considerar a condição humana para que sejamos juízes justos de tudo o que acontece. É injusto porém aquele que censura a pessoas individuais um vício comum. Todos nós somos irreflectidos e imprevidentes, todos somos inseguros, questilentos, intrigistas. Mas, por que razão escondo um mal comum a todos com palavras brandas? Todos nós somos maus! O que quer que supreendamos no outro, isso mesmo cada um de nós encontrará no seu íntimo. Maliciosos, vivemos entre maliciosos.

10. Vejamos agora, em terceiro lugar, como poderemos acalmar a cólera alheia. Na verdade, não queremos somente ter saúde, mas também curar.

Não ousaremos, pois, acalmar a ira irreflectida de outro com a nossa razão. Ela é, na verdade, surda e louca. Demos-lhe tempo, pois os remédios dos médicos são úteis não nos acessos das doenças mas nos períodos mais calmos. Se alguém tenta aplicar uma pomada nos olhos inchados, em padecimento recente, mais provoca a intensidade. O sábio afastará às escondidas do amigo encolerizado todos os meios de vingança, e ele próprio simulará cólera, para que, tal como um ouvinte e companheiro de dor, tenha mais autoridade nos seus conselhos. Tecerá demoras, e enquanto procurar uma maior punição, adiará entretanto o castigo presente, e por todas as artes proporcionará repouso à ira. Pois se tu és mais poderoso, incutirás comedimento ou medo àquele a quem tu com dificuldade resistes. A um outro dirás: «Estou terrivelmente indignado, e não encontro maneira de me conformar, mas devemos dar tempo ao tempo. Será castigado. Guarda isto no teu espírito, e pela demora, quando puderes, lhe retribuirás.» A um outro dirás: «Olha, que a tua ira não seja motivo de prazer para os teus inimigos.» A um outro: «Olha, que a grandeza e a força da tua alma acreditada junto de muitos não descaia.» Assim, pois, também o médico esconderá o utensílio para que o doente suporte a dor quando não a espera,

decepta sanantur. Castigare autem irascentem, et ultro irasci, incitare est.  
Itaque uario modo ira sananda est.

---

... 16 sanantur Sen. III, 39, 4. 16 Castigare... est Sen. III, 40, 2.

---

16 sanantur *Seneca 3, 39, 4: -bitur E -buntur T // incitare emend. Hauréau Barlow Caspari ex Seneca 3, 39, 4: castigare codd.*

pois algumas doenças só enganadas se curam. Todavia, castigar um homem encolerizado e ainda por cima encolerizar-se é instigá-lo. Assim, é de diversos modos que a ira há-de ser curada.



## COMENTÁRIO

**Prólogo** Se bem que um epítome, o *De Ira* apresenta um prólogo bem ao gosto da época, enformado por um estilo maneirista e requintado, e fazendo uso de fórmulas e lugares-comuns habituais na literatura tardia. Para darmos alguns paradigmas, basta confrontá-lo com os prefácios dos *Moralia* de Gregório, a carta-introdução a Leandro de Sevilha, do *De Natura Rerum* de Isidoro endereçada a Sisebuto, ou as *Historiae aduersum Paganos* de Orósio.

A generalidade das obras de Martinho contém prefácios embebidos num estilo semelhante e usando os tópicos convencionais na literatura da época: são os casos do *Pro Repellenda lactantia*, da *Exhortatio Humilitatis*, dos *Capitula ex Orientalium Patrum Synodis*, do *De Correctione Rusticorum*, do *De Trina Mersione*, do *De Pascha*, da *Formula Vitae Honestae*, porventura, um dos prefácios mais elaborados da literatura do séc. VI peninsular, endereçado ao rei suevo Miro. Isto dá bem a medida da intencionalidade literária que Martinho depositava nas suas obras. Vejamos sucintamente os tópicos literários presentes neste prólogo.

Em primeiro lugar, há a considerar o «tópico do pedido», já estudado por Janson (TORE JANSON, *Latin Prose Prefaces*, 116-123): *dum simul positi dudum mutuae collationis alloquio frueremur, illud [...] tuae diligentia caritatis elicuit*. Este é um dos artifícios literários mais frequentes na literatura tardia, e deverá ser considerada mais no quadro dos *topoi* do que como elemento verdadeiramente referencial. Ilustrativas deste lugar comum são as obras dos autores acima citados: é a «pedido» dos monges e de Leandro de Sevilha que Gregório passa à escrita os comentários a *Iob* (*ep. Leandrum*, 1); Isidoro satisfaz a curiosidade de



Sisebuto com o *De natura rerum*. Será inclusivamente utilizado pelo monge Pascásio no prólogo dos seus *Apophthegmata Patrum*: é a «pedido» de Martinho que Pascásio procede à sua tradução: *vitas patrum... iussus a te, sanctissime pater, in latinum transferre sermonem*. Exemplos deste tópico na produção martiniana encontram-se, por exemplo, nos prefácios do *De Trina Mersione*, do *De Correctione Rusticorum*, e da *Formula Vitae Honestae*, onde o autor se propõe «saciar» a *flagrantissimam sitim sapientiae* do rei.

Relacionado com o «tópico do pedido» surge o «tópico do encontro»: *Dum simul positi dudum mutuae conlationis alloquio frueremur*. Se, por vezes, o «pedido» é expresso numa carta (são os casos dos prefácios do *De correctione rusticorum: epistulam tuae sanctae caritatis accepi, in qua scribis... ut pro castigatione rusticorum... dirigerem*, e da *Formula: tuis saepius litteris admoneri ut... aliquid... scribens...*), muitas vezes, esse «pedido» é expresso num «encontro» realizado algum tempo antes entre o destinador do texto e o destinatário e que estabelece a ligação entre os dois. Como paradigma, podemos apresentar o prefácio dos *Moralia* de Gregório, onde sugere que a motivação para a elaboração da obra surgiu na sequência do encontro que o futuro Papa e Leandro mantiveram em Constantinopla: *Dudum te, frater beatissime, in Constantinopolitana urbe cognoscens,... omne... exposui...* E muitos outros textos poderiam ser citados.

Um terceiro tópico presente neste prólogo é o da «brevidade»: *breui libello... paucisque... disserui*. Este será, porventura, o mais frequente de todos os lugares-comuns na literatura da época e dispensa comentários. A *breuitas* converte-se mesmo numa verdadeira obsessão da Latinidade Tardia (cf. JACQUES FONTAINE, *Isidore*, 763-769).

Pelo que atrás foi dito, ressalta, a meu ver, a intencionalidade literária de Martinho ao elaborar para um «simples» epítome um prefácio segundo as regras das convenções literárias da época. Não se trata, pois, de um mero exercício de «cópia» (plágio era a palavra que Hauréau utilizou (p. 193-4), considerando que o *De Ira* pela perfeição da sua elaboração, deveria ser obra do séc. III-IV e que Martinho apenas teria insidiosamente apostado o seu nome), mas sim de uma reelaboração na qual o autor utilizou os instrumentos estilísticos da retórica da época.

**1 Dum** É frequente os prefácios da época se iniciarem com uma oração temporal. Cf. Isidoro, *De Natura Rerum*, 1; Gregório Magno, *epist. Leandrum*, 1; A oração temporal com *dum* é muito comum em Martinho:

para autores coevos, cf. BONNET, 319; FONTAINE, *Nat. Rer.* 114; ALONSO, *Isidoro Historias*, 111.

**Dum simul positi** Para o tópic do «encontro» em Martinho, cf. *De Trina Mersione*, 1; II Conc. Brac., 1.

**positi** Para o emprego tardio do participio *positus* nesta acepção, veja-se Tertuliano, *monog.* 11, *ressurr.* 46, *spect.* 25; Símaco, *epist.* 8. 19. 1; Arnóbio, 2, 51; Cipriano, *epist.* 45, 2; 27, 1; *Mort.* 2; Sulpício Severo, *epist.* 3, 3; Ambrósio, *Nab.* 16, 19, *Noe* 4, 9; Agostinho, *Peccat. merit.* 2, 16, 24; Ps-Aug., *Qu. test.* 20, 1; Ambrosiast. c. 334 B; Gregório de Tours, *hist.* 1, 43. Cf. SOUTER, *s.u.*; BLAISE, *s.u.*

**dudum** Cf. Gregório, *epist. Leandrum*, 1.

**2 caritatis** Cf. *De Correctione Rusticorum*, 1: *epistulam tuae sanctae caritatis*; *De Trina Mersione*, 1: *ardenti purae caritatis*.

**passibilitate irae** Cf. Salviano, *De Gubern. Dei*, 4,34: *iracundiae passio*.

**3 breui libello** Para o tópic da *breuitas*, cf. *De Correctione Rusticorum*, 1: (*pauca de multa dirigerem... breuiato tenuis compendii sermone contingere*).

**digererem** cf. *De Trina Mersione*, 1.

**6 iram dixerunt breuem esse insaniam** Relembre-se Horácio, *Epist.* I, 2, 62: *ira furor breuis est*.

**7 obliuiscitur honestatem** Atente-se na marca de actualização *obliuiscitur* com o complemento em acusativo; em Séneca está *oblita* com o complemento naturalmente em genitivo.

**rationali consillisque praeclusa** Mesma noção em *Prov.* 29, 22: *iracundus agit sine consilio* (cf. Cassiano, *Inst.* VIII, 1). Este era, aliás, um argumento importante na posição estoica no debate sobre este *affectus*.

**Quidam ... frangitur** Neste passo, Martinho segue de perto a estrutura retórica de Séneca, que consiste numa *propositio* e de uma *ratio*

formada por uma *congeries rerum*. Cf. a análise deste passo senequiano em CUPAIUOLO, 121-122.

## Capítulo II

**Prosopopeia da ira.** Era um verdadeiro *topos* nos escritos sobre a ira a descrição do homem irado. Com efeito, esta *passio* era frequentemente associada a manifestações fisiológicas nas quais a ira era explicada como uma inflamação do sangue. Cf. Nemésio (PG 40, 692): θυμὸς δὲ ἐστὶ ζέσις τυμοῦ περὶ καρδίαν αίματος; Isidoro, *Etym.*, 10, 129: *Iracundus dictus quia accenso sanguine in tumorem compellitur, ur enim flamma dicitur et ira inflammat* (veja-se FONTAINE, *Isidore*, 696). Havia pois a noção de que este vício acarretava consequências somáticas e visíveis no exterior: Cícero, *Tusc. Disp.*, IV, 52: *color, uox, oculi spiritus, inpotentia dictorum ac factorum quam partem habent sanitatis?*

Como consequência, inúmeros são os retratos da ira ou do homem irado tanto na literatura pagã como cristã. Sêneca, como se pode ver, apresenta três diferentes descrições, cada uma em cada um dos três livros (Cf. CUPAIUOLO, 122-123); Prudêncio não deixa de retratar a ira na *Psychomachia*, 113-117; Plutarco (*de cohibenda ira*, 455F) também registra uma pequena descrição da ira, baseada em Sêneca, *De Ira*, II, 35, trecho igualmente utilizado por Martinho; Lactânio (*De Ira Dei*, 5, 2) articula um retrato recorrendo aos trechos senequianos do *De Ira*, igualmente aproveitados por Martinho, referindo-se ao andar, aos olhos, à boca, à voz, à alternância de tez no rosto; Agostinho descreve o homem possuído pela cólera (*Enarr. in Ps. XCVI*, 6 [PL 37, 1241]); Cassiodoro (*Moralia* V, XLV, 79 [PL 76 724C-D]) apresenta um pequeno retrato que Taio de Saragoça nos seus *Sententiarum Libri V* (II, 16 [PL 80, 933]) reproduz, composto pelos elementos tradicionais, tais como a tremura do corpo, a língua, a face, os olhos. Como acima foi dito, Isidoro, nas *Etymologiae*, descreve igualmente os sintomas da ira.

A prosopopeia de Martinho é de longe a mais completa e a de maior interesse. Integrando três diferentes passos senequianos (I, 1, II, 35 e III, 4), articula-os de forma a obter nesta *congeries rerum* um retrato coerente orientado verticalmente de cima para baixo (tal como o retrato que Cassiano traça em *Inst.* 2 da figura de Deus), com um crescendo de intensidade e de som, como foi analisado na p. 101. Mesmo na constituição de um epítome, não deixa de transparecer o interesse de Martinho pelos procedimentos retóricos em vigor.

**2 extuat sanguis** Isidoro, *Etym.*, 10, 129: *iracundus dictus quia accenso sanguine in furorem compellitur*; 10, 105, *feruidos iracundus, ira enim inflammat*. Cf. nota anterior sobre a importância da manifestação fisiológica da ira (FONTAINE, *Isidore*, 696).

**foedat ora pulcherrima** Esta parece ser a leitura mais provável de corresponder ao original: é a que se assemelha mais a Séneca e a mais económica (no fundo, trata-se sobretudo de segmentar correctamente a leitura de *E*). A passagem de *foedauit* para *foedat* não causa surpresa: a harmonização de tempos verbais é um processo muito comum neste epítome. Cf. p. 107.

**3 fraglant** Cf. BONNET, 175.

**trement** O *ms. E* apresenta a leitura *trement* que se contrapõe à de *M* e *T* *tremunt*. Para esta forma verbal, cf. SOUTER, s.u. *tremo*; BLAISE, *Dictionaire*, s.u. *tremo*. Neste caso, assinale-se a actualização morfológica da forma senequiana. Relembre-se formas de actualização de vocabulário de Egéria como *madent, discent, ascendent, ponent, custodent*.

**6 saepiusque compulsi coactus digitorum, scissos itaque dentium sonos** O passo é difícil de compreender. A nosso ver, a leitura que apresenta maior grau de probabilidade de se aproximar da do autógrafo está registada no aparato crítico e foi-nos sugerida pelo Prof. Díaz y Díaz. Na sua edição, Tamayo de Salazar substituiu, sem que se vislumbre razão para tal, a frase *scissos itaque dentium sonos* pelo sintagma *dentes strident*, e será esta a leitura registada por todos os editores, incluindo Barlow. Além da falta de apoio da parte dos manuscritos, este sintagma revela-se de difícil aceitação porquanto, neste retrato bem estruturado, numa sequência orientada verticalmente de cima para baixo e num crescendo de movimento (cf. p. 101), o elemento *dentes* já ocorreu, precisamente na posição esperada. Desta forma, a solução de Tamayo sugere antes uma correcção de editor com vista a tornar o passo legível, mas sem provar que seria o que se encontrava no autógrafo. Na realidade, o emprego de *strideo* ou *stridor* com *dentes* em passos descritivos, no contexto das Sagradas Escrituras, concretamente no Novo Testamento, e dos escritos patrísticos é muito frequente (*Psal.* 36-12, *Marc.* 9-17, *Matth.* 8-12, 13-42, 13-50, 22-13, 24-51, 25-30, *Luc.* 13-28, *Act.* 7-54). *Dentium*, que se encontra nos manuscritos, poderia ter

sugerido a Tamayo a leitura por ele registada, sendo assim, o que não seria caso único, uma criação do próprio editor setecentista. De qualquer forma, deverá ser eliminada do texto martiniano, como já Kurfess e Fontán tinham sugerido. Não deixa, no entanto, de ser curioso o facto de Séneca utilizar o participio *stridens* precisamente antecedendo um dos trechos (III, 4) que será usado na elaboração da prosopopeia martiniana. Isso levou-nos a sugerir uma vez que *itaque dentium* pudesse assinalar *stridentium*, lendo-se a frase *digitorum scissos stridentium sonos* (cf. P. F. ALBERTO, «*Dentes strident: uma reflexão sobre um passo de Martinho de Braga*», *Euphrosyne*, 17, 1989, 277-286). Contudo, poderá não ser mais do que coincidência.

**12 ergo** Em Martinho, *ergo* e *igitur* tomam sempre a segunda posição, o que já não acontece com o seu contemporâneo Gregório de Tours (cf. BONNET, 318). Isto atesta bem o tradicionalismo algo retrógrado que Martinho aplicou em algumas das suas obras. Veja-se, a este propósito, a análise fundamental de JOHN RETTIG, *op. cit.*, 382-383.

**Nihil ergo minus quam irasci prudentem decet** Cf. *Prov.* XV, 1 *Ira perdit etiam prudentes* (cf. Cassiano, *Inst.* VIII, 1; Gregório, *Moralia*, V, 45, 78 = Taio, *Sententiae*, IV, 16).

### Capítulo III

**2 Da eam... tyrannus est** As linhas 1 a 4 deste capítulo não se encontram no texto do *De Ira* de Séneca que até nós chegou. Os editores costumam incluir este trecho em 1, 1, 5, num passo que contém possivelmente uma lacuna, juntamente com um passo citado por Lactâncio. Veja-se o aparato crítico da edição de L. D. REYNOLDS, *L. Annaei Seneca Dialogorum libri xii* (Oxford, 1977) p. 41; L. D. REYNOLDS, «The Medieval Tradition of Seneca's 'Dialogues'», *Classical Quarterly*, N. S. 18, 1968, 355-372.

**3 Da regi, tyrannus est** A noção de que o pior é um rei deixar-se dominar pela ira (a importância deste ponto é sugerida pela posição final no trecho, como que a fechar em clímax), também encontra eco em autores cristãos: cf. Sedúlio, *carm. Pasch.* II, 108-109, *Rex aperit (si iure queat rex ille uocari, qui pietate caret, propriam qui non regit iram)*. Era, aliás, um tópico fundamental para Séneca.

**4 ira... cauet** É evidente a reformulação de Martinho: introduzindo a conjunção causal, põe de forma explícita as razões da não-utilidade da ira nem nos combates, velho argumento peripatético.

**nec in proeliis utilis inuenitur** Este era argumento poderoso da doutrina estoíca contra a teoria peripatética. Cf. *supra* p. 28-29.

**7 amat... ingeratur** Esta noção encontra-se igualmente entre os autores cristãos: cf. Agostinho, *Ep.* 38, 2: *Nulli irascenti ira sua uidetur iniusta*. O passo agostiniano foi reproduzido por Próspero da Aquitânia, *Liber sententiarum ex operibus S. Agust. delibatarum*, CCXXII (PL 51, 477).

**9 quam correctio extimatur** Veja-se a transformação decorrente do emprego do *cursus uelox*.

**10 uanae illam concitauerint res** O mesmo conceito estoíco é exposto por Plutarco, *De cohibenda ira*, 454D.

**12 quantum... tantum... amplius** De novo, evidencia-se o labor da recriação estilística, com esta articulação paralelística com gradação inexistente em Séneca.

**15 passiones... ambitio animi** Atente-se na marca de actualização: cf. p. 113.

**16 denique** BONNET, 305. Em latim tardio, por vezes, *denique* já não serve para fechar uma enumeração, mas é equivalente a *igitur, itaque*, marcando uma transição, uma progressão.

**18 quotiens... quotiens** Atente-se, novamente, na procura de um *sermo rhetoricus* na elaboração deste epítome, inserindo elementos ausentes do texto-base.

**26 cupiditate succensus est** Cf. Cícero, *Tusc. Disp.* IV, 19, 44, *flagranti cupiditati*.

**Capítulo IV** A edição de Gallandi apresenta o título *de tribus irae remediis*.

**1 In iram... mederi** É nos remédios para a ira que Martinho se afasta flagrantemente da doutrina expensa por diversos autores cristãos. Por exemplo, confronte-se Gregório Magno (*Moralia*, V, 45, 81). Por outro lado, repare-se nesta *diuisio*, segundo a boa tradição retórica. Nela, Martinho procede à fusão de duas *diuisiones* que se encontravam em dois passos diferentes de Séneca (*De Ira*, II, 18, 1 e III, 5-6), como já foi dito (p. 103-104).

**3 Nam sicut... erectam** Atente-se de novo na estrutura paralelística e anafórica típica da prosa de Martinho (cf. A. FONTÁN, «Martín de Braga: un testigo de la tradición clásica y cristiana», *Anuário de Estudios Medievales*, 9, 1974-79, 331-341, P. F. ALBERTO, «Martinho de Braga: ἄτεχνον ou τεχνικόν», *Euphrosyne* 19, 1991, 175-200) com as anáforas de membros iguais de *alia... alia* e *alius... alius...* dentro da comparação. Aliás, esta estruturação é evidente também no passo seguinte.

**Capítulo V** Gallandi apresenta o título *de causis quibus enascitur ira*.

**3 quia** De novo, há uma procura pela clareza e concatenação lógica dos elementos, neste caso, de causa.

**11 ita** Para o emprego de *ita* no final de uma série veja-se BONNET, 304.

**22 Potius est non agnouisse quam ignouisse iniuriam** Atente-se na figura etimológica, no homeoptoto e no emprego do *cursus tardus*, tudo isto indiciador da intenção estilística de Martinho na recriação do seu epítome.

**Capítulo VI** Em Gallandi, esta secção é intitulada *Nihil susurronibus credendum, nec nobis audiendo aut videndo*.

**1 alia... alia... alia** A intenção estilística presente neste epítome pode ser vista nesta estruturação trimembre reforçada pela anáfora do *alia*.

**6 insimulet inimicum** A intenção ao alterar a ordem de palavras presente em Séneca poderá ter a ver com a utilização do *cursus uelox*.

**8 cogita... alios** De novo, a aplicação de paralelismo anafórico de forma mais desenvolvida do que no texto-base é bem indiciadora da intenção estilística do autor.

**13 discuties** Com o sentido «examinar, interrogar» cf. BONNET, 280.

**15 si... si** De novo, a estrutura paralelística anafórica, um traço característico em Martinho de Braga.

**22 imitari** A tentação de seguir Séneca e corrigir *imitari* por *mirari* é muito forte. É, aliás, a opinião de Kurfess. O erro do copista em registar *imitari* poderia ter a sua origem no facto de na linha de cima surgir *imitaris*, o que conduziria a um erro de cópia muito conhecido. Todavia, decidimos respeitar os manuscritos, e o texto apresenta um sentido aceitável.

## Capítulo VII Em Gallandi, *Aliae in iram censurae*.

**2 si paruum agilis fuerit puer** A imagem do servo pouco diligente e da crueldade que sobre ele se exerceria pelo senhor era comum e também foi utilizada por Plutarco, *De cohibenda ira* 459F. Relembre-se o episódio de Védio Polião que, se não tivesse sido impedido por Augusto, teria lançado um servo às moreias (cf. Séneca, *De Ira*, III, 40; *De Clementia*, I, 18). A dignificação da imagem do escravo era precisamente um dos pontos importantes da actividade moralizadora de Séneca (cf. a paradigmática *epist.* 47).

**si... si...** Atente-se no paralelismo anafórico introduzido por Martinho, revelando evidentes intenções estilísticas.

**si paruum agilis... fecit** Cassiano também ilustra alguns motivos fúteis que provocam a ira, só que, e isso revela bem a diferença de contextos e de ambientes, os exemplos aduzidos por Cassiano têm a ver exclusivamente com a actividade monástica (*Inst.*, 19): «meminimus enim in solitudine commorantibus nobis contra calamum, cum aut crassitudo eius aut exilitas displiceret, contraue scalpellum, cum incidenda hebeti acie segniter exsecaret, contraque silicem, si forte ex ea festinantibus nobis ad lectionem tardius scintilla ignis emicuit... »



**12 ad coercionem... corrigere** Neste ponto Martinho coincide com as concepções de Cassiano: cf. *Inst.* 2. Este era o grande pomo da discórdia entre os autores cristãos (cf. p. 30-32). Martinho adota, o que é aparentemente surpreendente para a sua época, uma posição de total intransigência, o que vai contra as posições de Lactâncio, Agostinho, Gregório Magno, por exemplo: nem para castigar o prevaricador a cólera deve ser empregue.

**18 apud quos** Os manuscritos apresentam *apud quem*. Todavia, este passo parece ser decalcado *uerbatim* do texto senequiano (cf. *Anexo*, p. 197), e produz um sentido claro, pelo que todos os editores se têm inclinado para aceitar a emenda. Todavia, poder-se-ia, eventualmente, considerar o *quem* como uma alteração de Martinho que teria como referente *metus*. Nesse caso, a tradução seria algo mais como «se há espíritos de ouvintes que têm de ser espicaçados, mas são preguiçosos, deve-se, por vezes, inculir-lhes medo, já que perante ele não há lugar para subterfúgios».

## Capítulo VIII

**2 maximum illi remedium est morae dilatio** Conceito comum igualmente utilizado tanto por autores cristãos (cf. Lactâncio, *De Ira*, 18, 7), como por autores pagãos (por exemplo, Plutarco, *De cohib. ira*, 459E).

**7 celare meminerit** Mesma noção estóica em Plutarco, *De cohib. ira*, 454E.

**12 uultus... formantur** De novo, uma utilização do carácter fisiológico da ira.

**13 sicque fit ut...** Atente-se na recriação estrutural da frase, com a introdução da oração concessiva, funcionando o passo com um carácter conclusivo sublinhado pelo *cursus planus*.

**Capítulo IX** Em Gallandi, *Iniuriam vindicare est vitium vitio opponere*.

**1 Numquid** Cf. BONNET, 324.

**2 mulam... canem** Imagem semelhante em Plutarco, *De cohibenda ira*, 460F.

«**sed ista...** A partir deste ponto, Martinho vai utilizar uma das estratégias mais evidentes da prosa filosófica senequiana, própria da diatribe: o uso do diálogo com uma personagem ficcional, com o recurso à interrogação, aos verbos na segunda pessoa, estilo familiar, etc. Sobre esta técnica de um «adversário fictício», veja-se CARMEN CODOÑER MERINO, «El adversario ficticio en Séneca», *Helmántica*, 34, 1983, 145-148; GERARD LAVERY, «The adversarius in Seneca's *e Beneficiis*», *Mnemosyne*, 40, 1987, 97-105.

**4 quid enim refert [...] defendit** Barlow e Viansino, seguindo uma tese já exposta por Rayment (*op. cit.*, 353), aceitaram uma alteração às leituras de *E* e dos primeiros editores e aproximaram o passo de Séneca: «Quid enim refert an alia **mutis** dissimilia habeat, si hoc simile habet, quod omni peccato **muta** defendit». Kurfess vai ainda mais longe na procura de uma coincidência com o texto-base e propôs a introdução de *in*: **<in> omni peccato**. Na verdade, Séneca (III, 27, 2) apresenta a seguinte lição: «Quid enim refert an alia mutis dissimilia habeat, si hoc quod in omni peccato muta defendit simile habet, caliginem mentis?». A tentação de corrigir o texto dos manuscritos pelo de Séneca é forte. Com efeito, ambos os passos parecem situar-se num mesmo contexto: a questão estoíca de os animais não sofrerem paixões, pois só os seres providos de razão podem senti-las, questão controversa, mesmo, entre os próprios pensadores do Pórtico. Porém, mesmo a tradição textual de Séneca não é uniforme: o manuscrito *A* dos *Diálogos*, o *Ambrosianus C* 90 de Monte-Cassino, o mais antigo e de maior autoridade, apresenta a lição *multis*.

**7 memento quia** Atente-se na evidente actualização. Para a utilização da oração infinitiva com *quia* no séc. VI, cf. J. FONTAINE em Isidore de Séville, *Traité de la Nature*, Besançon, 1960, 124; BONNET, 662.

**9 causam ignoscendi** Em Séneca está *bonam causam*. Será mais um indício de interferência da ideologia cristã?

**13 nam** Esta é a lição dos códices estando em Séneca *tamen*. Não vimos razão para alterar a leitura dos códices, como Kurfess e

Viansino propõem. Por um lado, é comum Martinho alterar conjunções e partículas (cf. pp. 105-106). Por outro lado, poderá tratar-se de uma actualização linguística: em latim tardio, *nam* ganha o sentido adversativo (Cf. DÍAZ E DÍAZ, *Antología de latín vulgar*, p. 233), que é um sentido que se adequa ao contexto. No entanto, procurou-se na tradução não forçar muito o sentido de *nam*.

**18 Quidquid in alio... in sinu suo inueniet** Lugar-comum moralizante (Catulo, 22, 20-21, Horácio, *Sat.* 2, 3, 299).

**Capítulo X** Gallandi intitula esta secção de *Alienae irae curatio*.

**7 auditor** Alguns críticos sugerem que se leia como em Séneca *adiutor*: cf. BARLOW, 147.

**10 Alteris dices...** Só perto do final do tratado, Martinho segue um dos traços estilísticos mais evidentes dos tratados de Séneca: o diálogo fictício, resquício do estilo dialógico da diatribe. Cf. CUPAIUOLO 53-66. É evidente a procura de Martinho em evitar constantemente esta prática, desfazendo todas as construções.

**TERCEIRA PARTE**  
**CONCORDÂNCIAS, ÍNDICE E BIBLIOGRAFIA**



## CONCORDÂNCIAS

### A) DISTRIBUIÇÃO DOS PASSOS DO *DE IRA* SENEQUIANO SELECCIONADOS PARA O EPÍTOME

Séneca L.I	Martinho Cap.	Séneca L.II	Martinho Cap.	Séneca L.III	Martinho Cap.
Sec. 1	1; 2	Sec. 1		Sec. 1	3
2		2		2	3
3	3	3		3	
4		4		4	4
5		5		5	4
6		6		6	
7		7		7	
8		8		8	
9		9	7	9	
10		10	7	10	5
11	3	11	3	11	5; 6; 8; 9
12	3	12		12	8
13		13		13	
14		14	7	14	
15	2	15		15	
16	7	16		16	
17	3	17		17	
18	3	18	4	18	
19		19		19	
20		20		20	6; 9
21		21		21	9
		22	5	22	9
		23		23	9
		24	5	24	3
		25	7	25	
		26	7	26	
		27		27	8
		28	6; 8	28	
		29	6	29	
		30	6	30	
		31	6	31	
		32	5	32	10
		33	5	33	10
		34	5; 8	34	
		35	2	35	
		36	3	36	

**B) LISTA DOS PASSOS DO *DE IRA* DE SÉNECA  
UTILIZADOS NO EPÍTOME**

Lista segundo a sequência do texto de Séneca

1,01,2	1	2,30,1	6	3,12,4	8
1,01,3	2	2,30,1	6	3,13,1	8
1,01,3	2	2,30,1	6	3,13,2	8
1,01,5	2	2,30,2	6	3,13,3	8
1,03,8	3	2,31,3	6	3,24,3	6
1,11,8	3	2,31,5	6	3,24,4	9
1,12,5	3	2,32,2	5	3,24,4	6
1,15,3	2	2,32,3	5	3,24,4	9
1,16,1	7	2,32,3	5	3,25,1	9
1,17,7	3	2,33,1	5	3,25,2	9
1,18,2	3	2,34,1	5	3,25,2	9
		2,34,2	8	3,26,2	9
2,09,4	7	2,34,4	8	3,26,3	9
2,10,7	7	2,34,5	8	3,26,4	9
2,11,1	3	2,35,3	2	3,27,1	9
2,14,1	7	2,36,6	3	3,27,2	9
2,18,1	4			3,29,2	3
2,22,2	5	3,01,3	3	3,32,2	8
2,22,3	5	3,01,4	3	3,39,1	10
2,22,4	5	3,01,5	3	3,39,2	10
2,24,1	5	3,02,2	3	3,39,3	10
2,24,2	5	3,05,2	4	3,39,4	10
2,25,1	7	3,06,1	4	3,39,4	10
2,25,1	7	3,06,3	4	3,40,1	10
2,25,3	7	3,06,4	4	3,40,2	10
2,25,3	7	3,06,5	4		
2,25,4	7	3,06,6	4		
2,26,2	7	3,11,1	5		
2,26,3	7	3,11,2	5		
2,28,5	6	3,12,1	5		
2,28,8	8	3,12,2	6		
2,29,1	8	3,12,3	9		
2,29,2	6	3,12,4	8		

Lista segundo a sequência do texto de Martinho

1,1,2	1	3,12,1	5	3,13,2	8
1,1,3	2	2,32,3	5	3,13,3	8
2,35,3	2	2,32,2	5	2,28,8	8
1,1,3	2	2,33,1	5	2,34,2	8
2,35,3	2	2,32,2	5	2,34,4	8
1,1,5	2	2,34,1	5	2,34,5	8
1,15,3	2	2,29,2	6	3,27,1	9
1,3,8	3	2,28,5	6	3,27,2	9
1,11,8	3	2,30,1	6	3,12,3	9
1,12,5	3	3,12,2	6	2,22,4	9
1,17,7	3	2,30,1	6	3,12,3	9
1,18,2	3	3,24,3	6	3,24,4	9
3,29,2	3	2,30,1	6	3,25,2	9
2,11,1	3	2,30,2	6	3,24,4	9
2,36,6	3	3,24,4	6	3,25,1	9
3,1,3	3	2,31,3	6	3,25,2	9
3,1,4	3	2,31,5	6	3,26,2	9
3,1,5	3	2,25,1	7	3,26,3	9
3,2,2	3	2,25,3	7	3,26,4	9
3,5,2	4	2,26,2	7	3,39,1	10
2,18,1	4	2,26,3	7	3,39,2	10
3,6,1	4	2,25,1	7	3,39,3	10
3,6,3	4	2,25,3	7	3,39,4	10
3,6,4	4	2,25,4	7	3,40,1	10
3,6,5	4	1,16,1	7	3,39,4	10
3,6,6	4	2,9,4	7	3,40,2	10
2,22,2	5	2,10,7	7		
2,22,3	5	2,14,1	7		
2,22,4	5	3,12,4	8		
2,24,1	5	2,29,1	8		
2,24,2	5	3,32,2	8		
3,11,1	5	3,12,4	8		
3,11,2	5	3,13,1	8		



## CONFRONTO TEXTUAL ENTRE O DE IRA DE MARTINHO DE BRAGA E O DE IRA DE SÉNECA <sup>1</sup>

Martinho de Braga, *De Ira*

Séneca, *De Ira*

1. Dum simul positi dudum  
mutuae conlationis alloquio fruere-  
mur, illud inter cetera tuae a me  
diligentia caritatis elicuit, ut de pas-  
sibilitate irae uel qualitatis eius  
effectibus breui tibi aliqua libello  
digererem. Parui protinus libens,  
paucisque haec tuo studio de  
fugienda ira, saltem si id non eueni-  
at, de lenienda disserui.

Quidam ex sapientibus iram  
(1) dixerunt breuem esse insaniam.  
Ea quae enim sui est impotens,  
obliuiscitur honestatem, affectuum  
immemor, rationi consiliisque  
praeclusa, dum uanis agitata cau-  
sis, ad considerationem iustitiae  
inhabilis, et ruinae fit similis, super-  
que id quod oppresserit frangitur.

### De habitu irae

2. Habitus audax, et minax  
(2) uultus, tristis frons, et toruus intui-  
tus, faciei aut pallor aut rubor,  
extuat ab imis praecordiis san-  
guis,

I, 1, 2

quidam itaque e sapientibus uiris  
iram dixerunt breuem insaniam:  
aeque enim inpotens sui est,  
decoris oblita, necessitudinum im-  
memor, in quod coepit pertinax et  
intenta, rationi consiliisque prae-  
clusa, uanis agitata causis, ad dis-  
pectum aequi uerique inhabilis,  
ruinis simillima quae super id quod  
oppressere franguntur.

I, 1, 3-4

nam ut furentium certa indicia sunt  
audax et minax uultus, tristis  
frons, torua facies,  
multus ore toto rubor exaestuante  
ab imis praecordiis sanguine

---

<sup>1</sup> O texto de Séneca utilizado é o de *L. Annae Senecae Dialogorum libri duodecim*, ed. L. D. Reynolds, Oxford, Oxford Classical Texts, 1985.

Martinho de Braga, *De Ira*

Séneca, *De Ira*

		I, 1, 3
et colore uerso	color uersus	
		II, 35, 3
foedat ora pulcherrima,	pulcherrima ora foedauit	
		I, 1, 4
fragrant ac micant oculi, trement labra, comprimuntur dentes,	flagrant ac micant oculi... labra quatiuntur, dentes comprimuntur	
		II, 35, 3
crebro et uehementius acto sus- pirio quatur pectus,	concutietur crebro spiritu pectus,	I, 1, 3
	crebra et uehementius acta sus- piria	I, 1, 4
gemitus anxius, et paulo explanato sono sermo est praeceps,	gemitus mugitusque et parum explanatis uocibus sermo prae- ruptus	II, 35, 3
rabida uocis eruptio colla distendit,	rabida uocis eruptio colla distendet	I, 1, 3 = II, 35, 4
inquietae manus,	inquietae manus	I, 1, 4
† saepiusque compulsi coactus digitorum, scissos itaque dentium sonos †	spiritus coactus ac stridens, arti- culorum se ipsos torquentium sonus,	I, 1, 3
citatus gradus,	citatus gradus	I, 1, 4
pulsataque pedibus humus,	pulsata humus pedibus et totum concitum corpus	II, 35, 3
artus trepidi, et instabile fluctua- tione totum concitum corpus,	tum artus trepidi, inquietae manus, totius corporis fluctuatio	I, 1, 4
magnas ex se proferens minas... horribilis ira deprauat se atque intumescit, ita ut nescias utrum magis detestabile sit uitium an de- forme.	magnasque irae minas agens, foeda uisu et horrenda facies de- prauantium se atque intumescen- tium — nescias utrum magis de- testabile uitium sit an deforme.	

Martinho de Braga, *De Ira*

Qualem putas intus esse animum,  
cuius extra imago tam foeda est?

Cetera uitia absconduntur et in  
abdito refugiunt; ira se prodit et in  
facie exit, quantoque maior est,  
tanto et manifestius exardescit.

(3) Nihil ergo minus quam irasci pru-  
dentem decet.

### De effectibus irae

(4) 3. Ira omnia ex optimo et ius-  
tissimo in contrarium mutat.  
Quemcumque obtinuerit, nullius  
eum meminisse officii sinit. Da  
eam patri, inimicus est. Da filio,  
parricida est. Da matri, nouerca  
est. Da ciui, hostis est. Da regi,  
tyrannus est.

(5) Ira nec in proeliis utilis inuenitur,  
quia in temeritate prona est, et  
pericula dum inferre uult, non cauet;

(6) uenitque in aliam potestatem, dum  
non est in sua.

(7) Ira ex proprio libitu iudicat,  
audire non uult, nec patrocínio  
relinquit locum. Iudicium suum  
eripi sibi, etiam si prauum sit, non  
sinit.

Séneca, *De Ira*

II, 35, 4

Qualem intus putas esse animum  
cuius extra imago tam foeda est?

I, 1, 5

Cetera licet abscondere et in  
abdito alere: ira se profert et in  
faciem exit, quantoque maior, hoc  
efferuescit manifestius.

I, 15, 3

Nil minus quam irasci punientem  
decet

I, 11, 8

Non est itaque utilis ne in proeliis  
quidem aut bellis ira; in temeritatem  
enim prona est et pericula, dum  
inferre uult, non cauet.

I, 12, 5

uenitque in alienam potestatem  
dum in sua non est

I, 17, 7

sibi enim indulget et ex libidine  
iudicat et audire non uult et patro-  
cínio non relinquit locum et ea tenet  
quae inuasit et eripi sibi iudicium  
suum, etiam si prauum est, non  
sinit.

(8) Amat et tuetur errorem suum, nec uult argui, etiam si oculis manifesta ueritas ingeratur. Honestior illi in male coeptis pertinacia quam correctio extimatur.

(9) Quamuis enim uanae illam concitauerint res, perseuerare uult, ne uideatur sine causa coepisse. Et quod est iniquius, dum retinetur, fit pertinacior et augetur, quasi hoc ipsum grauiter irasci iustae irae sit argumentum.

(10) Quod si quantum minatur, tantum ualuerit, ob hoc ipsum quia terribilis est, amplius est inuisa. Si uero sine uiribus est, contemptui est magis exposita, derisumque non effugit. Sed periculosius est timeri, tutius despici.

(11) Omnes alias passiones ira sibi subditas facit, nullaque est ambitio animi in quam non ira dominetur. Denique auaritiam, pessimum malum minimeque flexibile, ira calcat. Quotiens siquidem iratus animus opes suas adactus spargit? Quotiens magno extimata pretio insignia proicit?

I, 18, 2  
etiam si ingeritur oculis ueritas, amat et tuetur errorem; coargui non uult, et in male coeptis honestior illi pertinacia quam paenitentia.

III, 29, 2  
Nunc autem primum impetum sequimur, deinde, quamuis uana nos concitauerint, perseueramus, ne uideamur coepisse sine causa, et, quod iniquissimum est, pertinaciores nos facit iniquitas irae; retinemus enim illam et augemus, quasi argumentum sit iuste irascentis grauiter irasci.

II, 11, 1  
Primum ira, si quantum minatur ualet, ob hoc ipsum quod terribilis est et inuisa est; periculosius est autem timeri quam despici. Si uero sine uiribus est, magis exposita contemptui est et derisum non effugit;

II, 36, 6  
Omnis denique alios adfectus sibi subicit: amorem ardentissimum uincit, transfoderunt itaque amata corpora et in eorum quos occiderant iacere complexibus; auaritiam, durissimum malum minimeque flexibile, ira calcauit, adactam opes suas spargere et domui rebusque in unum conlatis inicere ignem. Quid? non ambitiosus magno aestimata proiecit insignia honoremque delatum reppulit? Nullus adfectus est in quem non ira dominetur.

Irae uiolentia repentina et uniuersa  
 (12) est. Non paulatim procedit, sed dum  
 incipit tota est, nec aliorum uitiorum  
 more sollicitat animos, sed abducit.  
 Cetera uitia inliciunt, ira uero, ut  
 solent flumina procellaeque, praeci-  
 pitat, nullaque res magis surget,  
 siue ualet superba, siue frustratur  
 insania. Alia uitia a ratione, ira au-  
 tem a sanitate discessit, nam nec  
 repulsa in taedium agitur sui, sed  
 ubi aduersarius subtrahitur, morsus  
 suos in semetipsa conuertit.

Cetera uitia singulos quosque corri-  
 (13) piunt, ira autem interdum multos  
 publice inuasit. Nam numquam  
 populus uniuersus simul fornicandi  
 cupiditate succensus est; nec in  
 lucrum pecuniae spem suam tota  
 simul ciuitas misit; nec honoris am-  
 bitio gregatim cunctos, sed uiritim  
 singulos, occupat. At uero in iram  
 uno saepe agmine curritur cateruatim.

III, 1, 3-5

Ceteri enim adfectus dilationem  
 recipiunt et curari tardius possunt,  
 huius incitata et se ipsa rapiens  
 uiolentia non paulatim procedit sed  
 dum incipit tota est; nec aliorum  
 more uitiorum sollicitat animos, sed  
 abducit et inpotentes sui cupi-  
 dosque uel communis mali exagi-  
 tat, nec in ea tantum in quae des-  
 tinauit sed in occurrentia obiter furit.  
 Cetera uitia inpellunt animos, ira  
 praecipitat. Etiam si resistere  
 contra adfectus suos non licet, at  
 certe adfectibus ipsis licet stare:  
 haec, non secus quam fulmina  
 procellaeque et si qua alia inre-  
 uocabilia sunt quia non eunt sed  
 cadunt, uim suam magis ac magis  
 tendit. Alia uitia a ratione, hoc a  
 sanitate desciscit; alia accessus  
 lenes habent et incrementa fal-  
 lentia: in iram delectus animorum  
 est. Nulla itaque res urget magis  
 attonita et in uires suas prona et si-  
 ue successit superba, siue frustratur  
 insana; nec repulsa quidem in tae-  
 dium acta, ubi aduersarium fortuna  
 subduxit, in se ipsa morsus suos uertit.

III, 2, 2

Denique cetera singulos corripiunt,  
 hic unus adfectus est qui interdum  
 publice concipitur. Numquam  
 populus uniuersus feminae amore  
 flagrauit nec in pecuniam aut  
 lucrum tota ciuitas spem suam  
 misit; ambitio uiritim singulos occu-  
 pat, in potentia non est malum  
 publicum; saepe in iram uno  
 agmine itum est.

4. In iram primum est non  
 (14) irasci; secundum cito desinere;  
 tertium alienae quoque irae me-  
 deri.

Primum est ergo ne incidamus in  
 (15) iram. Quod si acciderit, secundi  
 remedium est ne in ira peccemus.  
 Nam sicut in corporum cura alia de  
 conseruanda sanitate, alia de res-  
 tituenda praecepta sunt, ita aliud  
 est iram cohibere ne insurgat,  
 aliud compescere iam erectam;

sicut enim pars superior et propin-  
 (16) qua sideribus nec in nubem cons-  
 tringitur nec in turbinem uertitur,  
 inferiora uero saepius fulminantur,  
 eodem modo sublimis animus  
 quietus semper et in statione  
 tranquilla locatus, omnia infra se  
 premens quibus ira contrahitur,  
 modestus ac uenerabilis inuenitur.

Animus autem qui in negotia multa  
 (17) discurrit et uaria tentat, in multis  
 incidit querelis. Alius spem eius  
 fallit, alius differt, alius intercipit,  
 atque ita omnium rerum existit

III, 5, 2

Sed cum primum sit non irasci,  
 secundum desinere, tertium alie-  
 nae quoque irae mederi, dicam  
 primum quemadmodum in iram  
 non incidamus, deinde quemad-  
 modum non ab illa liberemus.

II, 18, 1

Quoniam quae de ira quaeruntur  
 tractauimus, accedamus ad re-  
 media eius. Duo autem, ut opinor,  
 sunt: ne incidamus in iram, et ne in  
 ira peccemus. Vt in corporum cura  
 alia de tuenda ualetudine, alia de  
 restituenda praecepta sunt, ita ali-  
 ter iram debemus repellere, aliter  
 compescere. Vt uitemus, quaedam  
 ad uniuersam uitam pertinentia  
 praecipientur: ea in educationem  
 et in sequentia tempora diuidentur.

III, 6, 1

Pars superior mundi et ordinatior  
 ac propinqua sideribus nec in  
 nubem cogitur nec in tempestatem  
 inpellitur nec uersatur in turbidi-  
 nem; omni tumultu caret: inferiora  
 fulminantur. Eodem modo sublimis  
 animus, quietus semper et in sta-  
 tione tranquilla conlocatus, omnia  
 infra se premens quibus ira con-  
 trahitur, modestus et uenerabilis  
 est et dispositus;

III, 6, 3-6

Numquam tam feliciter in multa  
 discurrenti negotia dies transit ut  
 non aut ex homine aut ex re offensa  
 nascatur quae animum in iras  
 paret. Quemadmodum per fre-

impatiens, et ex leuissimis irascitur causis, nunc personae, nunc negotio, nunc tempori, nunc loco, nunc sibi. Ut ergo quietus sit animus, non est multarum rerum actu lassandus, nec magnarum et super uires appetitarum. Facile est enim leuia aptare ceruicibus et in utramlibet partem sine lapsu transferre.

quentia urbis loca properanti in multos incursitandum est et aliubi labi necesse est, aliubi retineri, aliubi respergi, ita in hoc uitae actu dissipato et uago multa inpedimenta, multae querellae incidunt: alius spem nostram fefellit, alius distulit, alius interceptit; non ex destinato proposita fluxerunt. Nulli fortuna tam dedita est ut multa temptanti ubique respondeat; sequitur ergo ut is cui contra quam proposuerat aliqua cesserunt impatiens hominum rerumque sit, ex leuissimis causis irascatur nunc personae, nunc negotio, nunc loco, nunc fortunae, nunc sibi. Itaque ut quietus possit esse animus, non est iactandus nec multarum, ut dixi, rerum actu fatigandus nec magnarum supraque uires adpetitarum. Facile est leuia aptare ceruicibus et in hanc aut illam partem transferre sine lapsu, at quae alienis in nos manibus inposita aegre sustinemus, uicti in proximo effundimus; etiam dum stamus sub sarcina, inpares oneri uacillamus.

5. Contra primas ergo causas (18) irae pugnandum est. Causa autem irae opinio est iniuriae, cui non facile est credendum. Nec apertis quidem manifestisque statim est accedendum, quia interdum falsa ueri speciem ferunt. Differendum semper est tempus. Dilatus dies aperiet ueritatem. Non facile aures crimi-

II, 22, 2-4

Contra primas itaque causas pugnare debemus; causa autem iracundiae opinio iniuriae est, cui non facile credendum est. Ne apertis quidem manifestisque statim accedendum; quaedam enim falsa ueri speciem ferunt. Dandum semper est tempus: ueritatem dies aperit. Ne sint aures criminantibus

nantibus pateant. Sed hoc humanae naturae uitium suspectum notumque sit nobis, quod ea quae inuiti audimus facile credimus et irascimur. Multi enim suspicionibus impelluntur, et ex uultu risuque alieno peiora interpretati innocentibus irascuntur.

Plurimum mali credulitas facit.  
 (19) Quamobrem saepe nec audiendum quidem est, atque ex animo tollenda suspicio. Numquam argumentatio deest, et coniecturae irritamenta fallacia. Simplicitate et benigna rerum extimatione opus est uti. Nihil credi oportet, nisi quod manifeste incurrit in oculos, et quotiens suspicio apparet in animo, credulitas obiurgetur. Haec enim obiurgatio consuetudinem non facile credendi efficiet.

Si non uis in iram incidere, ne  
 (20) fueris curiosus. Qui inquirit quid de se dictum sit, et malignos sermones, etiam si secreto dicti sunt, eruit, ipse se inquietat. Dum enim interpretantur, ad hoc perducuntur, ut uideantur iniuriae. Sed in ea interpretatione alia differenda

faciles; hoc humanae naturae uitium suspectum notumque nobis sit, quod quae inuiti audimus libenter credimus et antequam iudicemus irascimur. Quid quod non criminationibus tantum sed suspicionibus impellimur et ex uultu risuque alieno peiora interpretati innocentibus irascimur?

II, 24, 1-2

Plurimum mali credulitas facit. Saepe ne audiendum quidem est, quoniam in quibusdam rebus satius est decipi quam diffidere. Tollenda ex animo suspicio et coniectura, fallacissima irritamenta: «Ille me parum humane salutauit; ille osculo meo non adhaesit; ille inchoatum sermonem cito abrupit; ille ad cenam non uocauit; illius uultus auersior uisus est». Non deerit suspicioni argumentatio: simplicitate opus est et benigna rerum aestimatione. Nihil nisi quod in oculos incurret manifestumque erit credamus, et quotiens suspicio nostra uana apparuerit, obiurgemus credulitatem; haec enim castigatio consuetudinem efficiet non facile credendi.

III, 11, 1-2

Multae nos iniuriae transeant, ex quibus plerasque non accipit qui nescit. Non uis esse iracundus? ne fueris curiosus. Qui inquirit quid in se dictum sit, qui malignos sermones etiam si secreto habiti sunt eruit, se ipse inquietat. Quaedam interpretatio eo perducit



sunt, alia donanda, alia deridenda, atque ita his modis praeuenienda est ira. Multas iniurias transit et plerasque non accipit, quia aut eas nescit aut, si scierit, in ludum eas iocumque conuertit.

Nam si quereletur, aut falsa suspi-  
(21)cando aut leuia adgrauando, non ira ad illum, sed ipse uenit ad iram, quae nunquam arcessienda est, sed etiam cum inreperit refutanda.

Magni animi est despiciere iniurias.  
(22) Nam multi leues iniurias altius in se demisere, dum uindicant. Potius est non agnouisse quam ignouisse iniuriam. Enimuero ille magnus est et nobilis, qui more magnae ferae latratus minutorum canum securus exaudit.

Satius siquidem est dissimulare  
(23) iniuriam quam ulcisci. Potentiorum uero iniuriae non tantum patientia, sed etiam hilari uultu ferendae sunt. Facient iterum, si te passum et se fecisse crediderint. Adeo ergo iniuriam saepe uindicare non expedit, ut nec fateri quidem expediat.

ut uideantur iniuriae; itaque alia differenda sunt, alia deridenda, alia donanda. Circumscribenda multis modis ira est; pleraque in lusum iocumque uertantur.

III, 12, 1

Magna pars querellas manu fecit aut falsa suspicando aut leuia adgrauando. Saepe ad nos ira uenit, saepius nos ad illam. Quae numquam arcessenda est: etiam cum incidit, reiciatur.

II, 32, 3

Magni animi est iniurias despiciere; ultionis contumeliosissimum genus est non esse uisum dignum ex quo peteretur ultio. Multi leues iniurias altius sibi demisere dum uindicant: ille magnus et nobilis qui more magnae ferae latratus minutorum canum securus exaudit.

II, 32, 2

Melius putauit non agnoscere quam uindicare

II, 33, 1-2

saepe autem satius fuit dissimulare quam ulcisci. Potentiorum iniuriae hilari uultu, non patienter tantum ferendae sunt: facient iterum, si se fecisse crediderint. Hoc habent pessimum animi magna fortuna insolentes: quos laeserunt et oderunt. Notissima uox est eius qui in cultu regum consenuerat: cum illum quidam interrogaret quomodo rarissimam rem in aula consecutus esset, senectutem, «iniurias» inquit «accipiendo et

Abstinendum itaque ab ira est, siue  
(24) superior sit, qui lacessit, siue par,  
siue inferior. Cum superiore con-  
tendere furiosum est; cum pari an-  
ceps; cum inferiori iam sordidum.

6. Ex his autem quae solent  
(25) offendere, alia renuntiantur nobis,  
alia ipsi audimus, alia et uidemus.  
De his ergo quae narrantur, cito  
non debent credi, quia alii men-  
tiuntur, ut decipiant; alii mentire  
non extimant, quia et ipsi decepti  
sunt. Alius criminatione gratiam  
captat, et ut uideatur loqui, fingit  
iniuriam. Est etiam aliquis qui hoc  
occulte loquitur et maligne, ut  
amicitias dirimat cohaerentes, aut  
certe ut suum apud te insimulet  
inimicum.

Dicitur aliquis de te male locutus?  
(26) Cogita an prior hoc feceris. Cogita  
de quam multis ipse loquaris. Cogita  
non facere aliquos iniuriam, sed re-  
ponere: aliquos etiam pro nobis facere:  
alios aduersum nos, sed coactos:  
alios et ignorantes: eos autem qui  
uolentes scientesque faciunt, non  
ipsam iniuriam appetere, sed aut  
dulcedine urbanitatis prolapsos, aut  
fecerunt aliquid, non ut nobis obessent,  
sed quia aliter consequi quae uolebant  
non poterant.

gratias agendo». Saepe adeo iniu-  
riam uindicare non expedit ut ne  
fateri quidem expediat.

II, 34, 1

Ergo ira abstinendum est, siue  
par est qui lacessendus est siue  
superior siue inferior. Cum pare  
contendere anceps est, cum su-  
periore furiosum, cum inferiore  
sordidum.

II, 29, 2

Ex iis quae nos offendunt alia re-  
nuntiantur nobis, alia ipsi audimus  
aut uidemus. De iis quae narrata  
sunt non debemus cito credere:  
multi mentiuntur ut decipiant, multi  
quia decepti sunt; alius crimina-  
tione gratiam captat et fingit iniu-  
riam ut uideatur doluisse factam;  
est aliquis malignus et qui amicitias  
cohaerentis diducere uelit; est  
†suspicax† et qui spectare ludos  
cupiat et ex longiquo tutoque spe-  
culetur quos conlisit.

II, 28, 5

Dicetur aliquis male de te locutus:  
cogita an prior feceris, cogita de  
quam multis loquaris. Cogitemus,  
inquam, alios non facere iniuriam  
sed reponere, alios pro nobis  
facere, alios coactos facere, alios  
ignorantes, etiam eos qui uolentes  
scientesque faciunt ex iniuria  
nostra non ipsam iniuriam petere:  
aut dulcedine urbanitatis prolapsus  
est, aut fecit aliquid, non ut nobis  
obesset, sed quia consequi ipse  
non poterat, nisi nos reppulisset;

At in his quae ipse audiendo aut  
(27) uidendo cognoscis, naturam  
uoluntatemque discuties facientis,

peccantisque animum perpensa-  
(28) bis: uoluerit an inciderit; deceptus  
sit an coactus.

Puerum excuset aetas, quia nescit  
(29) an peccet; extraneum libertas; do-  
mesticum familiaritas. Si primum  
offendit, cogita quamdiu placuerit.  
Si saepe, fer quod saepe tulisti.

Iustus est, necessitate fecit. Quare  
succenseas? Quod si iniuriam re-  
(30) cipis, non est iniuria, quod superius  
feceris, pati. Iudex est? Si nocen-  
tem punit, cede iustitiae.

(31) Amicus est? Fecit quod noluit. Ini-  
micus est? Fecit quod debuit.

(32) Pater est? Cogita quia tantum  
profuit, ut illi etiam iniuriam facere  
fas sit.

Mutum animal est? Ipsum, si iras-  
(33) ceris, imitaris. Postremo si bonus

II, 30, 1

Quorundam ipsi testes sumus: in  
his naturam excutiemus uolun-  
tatemque facientium.

III, 12, 2

nemo animum facientis sed ipsum  
aestimat factum: atqui ille intuen-  
dus est, uoluerit an inciderit,  
coactus sit an deceptus, odium  
secutus sit an praemium, sibi  
morem gesserit an manum alteri  
commodauerit.

III, 24, 3

Puerum aetas excuset, feminam  
sexus, extraneum libertas, domes-  
ticum familiaritas. Nunc primum  
offendit: cogitemus quam diu  
placuerit; saepe et alias offendit:  
feramus quod diu tulimus.

II, 30, 1

Iustus est: necessitati quis nisi  
iniquus succenset? Laesus est:  
non est iniuria pati quod prior  
feceris. Iudex est: plus credas illius  
sententiae quam tuae. Rex est: si  
nocentem punit, cede iustitiae, si  
innocentem, cede fortunae.

III, 24, 3

Amicus est: fecit quod noluit; ini-  
micus: fecit quod debuit.

II, 30, 1

Pater est: aetati donetur, nescit an  
peccet. Pater est: aut tantum pro-  
fuit ut illi etiam iniuriae ius sit, aut  
fortasse ipsum hoc meritum eius  
est quo offendimur.

II, 30, 2

Mutum animal est aut simile muto:  
imitaris illud, si irasceris. Morbus

uir est qui iniuriam fecit, noli credere; si malus, noli mirari.

(34) Prudentiori cede, stulto remitte.

Regis quisque intra se animum  
(35) habet, ut licentiam sibi in alios dari uelit, in se nolit.

(36) Qui ergo semper futurum aliquod quod se offendat extimat, minime cum acciderit irascetur.

7. † Qui † illud ualde imbecillum et foedum, cum minimis sordidisque animus exacerbatur in rebus, si paruum agilis fuerit puer, si tepidior aqua poturo porrigitur, si turbatus torus, aut mensa neglectius posita,

si musca parum curiose fugata, si  
(38) manibus serui neglegentius clauis elapsa,

cum hoc non in tuam contumeliam  
(39) fecit, nec sic ut te offenderet fecit.

est aut calamitas: leuius transiliet sustinentem. Deus est: tam perdis operam cum illi irasceris quam cum illum alteri precaris iratum. Bonus uir est qui iniuriam fecit: noli credere. Malus: noli mirari;

III, 24, 4

Prudentiori credamus, stultiori remittamus;

II, 31, 3

regis quisque intra se animum habet, ut licentiam sibi dari uelit, in se nolit.

II, 31, 5

Semper futurum aliquod quod te offendat existima.

II, 25, 1

Inde et illud sequitur, ut minimis sordidissimisque rebus non exacerbemur. Parum agilis est puer aut tepidior aqua poturo aut turbatus torus aut mensa neglegentius posita.

II, 25, 3

Quid est enim cur tussis alicuius aut sternutamentum aut musca parum curiose fugata in rabiem agat aut obuersatus canis aut clauis neglegentis serui manibus elapsa?

II, 26, 3

Deinde fortasse ipsi quoque artifices excusationes iustas adferent: alius non potuit melius facere quam fecit, nec ad tuam contumeliam parum didicit; alius non in hoc ut te offenderet fecit.

Saepe etiam quam stulte his rebus  
(40) irascimur, quae iram nostram nec  
meruerunt, nec sentiunt. Et quid  
hac insania dementius, quam bilem  
in homines collectam, in rebus  
effundere?

Aeger et infelicis uoletudinis ani-  
(41) mus est, quem talium rerum leuis  
aura conturbat.

Vbi enim et animum simul et cor-  
42a pus uoluptates corruperint, nihil  
est tolerabile, non quia illa dura,  
sed quia qui patitur mollis est.

Nulla itaque res magis iracundiam  
42b alit, quam intemperans et impatiens  
luxus. Dure ergo tractandus est  
animus, ut ictum non sentiat nisi  
grauem.

(43) Ad coercionem autem errantium  
irato castigatore non opus est. Nam  
cum ira delictum animae sit, non  
oportet peccantem peccata cor-  
rigere.

Quod si tantum irascatur sapiens  
(44) quantum scelerum indignitas exigit,  
non irascendum illi, sed insanien-  
dum est. Furta, fraudes, infitiationes,  
et si qua sunt alia,

II, 26, 2  
his irasci quam stultum est, quae  
iram nostram nec meruerunt nec  
sentiunt!

II, 26, 3  
Ad ultimum quid est dementius  
quam bilem in homines collectam  
in res effundere?

II, 25, 1  
Aeger et infelicis uoletudinis est  
quem leuis aura contraxit, adfecti  
oculi quos candida uestis obturbat,  
dissolutus deliciis cuius latus alieno  
labore condoluit.

II, 25, 3  
Vbi animum simul et corpus uolup-  
tates corrumpere, nihil tolerabile  
uidetur, non quia dura sed quia  
mollis patitur.

II, 25, 4  
Nulla itaque res magis iracundiam  
alit quam luxuria intemperans et  
inpatiens: dure tractandus animus  
est ut ictum non sentiat nisi gra-  
uem.

I, 16, 1  
Ergo ad coercionem errantium  
sceleratorumque irato castigatore  
non opus est; nam cum ira delictum  
animi sit, non oportet peccata  
corrigenae peccantem.

II, 9, 4  
Adde nunc publica periuria gen-  
tium et rupta foedera et in praedam  
ualidioris quidquid non resistebat  
abductum, circumscriptiones furta  
fraudes infitiationes quibus trina  
non sufficiunt fora. Si tantum irasci  
uis sapientem quantum scelerum

omnia ista tam propitius aspicit  
(45) sapiens quam medicus aegros  
suos.

Numquam itaque iracundia admit-  
(46) tenda est, aliquando simulanda. Si  
segnes audientium animi concitandi sunt, aliquando incutiendus his metus, apud quos non proficit ratio.

8. Haec dicta sunt, ne uenia-  
(47) tur quis in iram. Quod si iam ira proruperit,  
maximum illi remedium est morae dilatio.

Hoc primum petatur, non ut ignos-  
(48) cat, sed ut iudicet. Si expectaueris, desinit; nec uniuersam illam tentaueris tollere, quia graues habet impetus primos. Tota uincitur, si partibus capiatur,

donec quod ex eius imperio erat  
(49) agendum ipsi potius iubeamus.

Agendum est ergo ut primus feruor  
eius relanguescat, et caligo quae  
(50) premit mentem aliquantulum tenuetur.

indignitas exigit, non irascendum illi sed insaniendum est.

II, 10, 7

Omnia ista tam propitius aspiciet quam aegros suos medicus.

II, 14, 1

Numquam itaque iracundia admit- tenda est, aliquando simulanda, si segnes audientium animi concitandi sunt, sicut tarde consurgentis ad cursum equos stimulis facibusque subditis excitamus. Aliquando incutiendus est iis metus apud quos ratio non proficit.

III, 12, 4

atqui maximum remedium irae dilatio est,

II, 29, 1

Maximum remedium irae mora est. Hoc ab illa pete initio, non ut ignoscat sed ut iudicet: graues habet impetus primos; desinet, si expectat. Nec uniuersam illam temptaueris tollere: tota uincetur, dum partibus carpitur.

III, 32, 1-2

Quid properamus uerberare statim, crura protinus frangere? non peribit potestas ista, si differetur. Sine id tempus ueniat quo ipsi iubeamus; nunc ex imperio irae loquemur; cum illa abierit...

III, 12, 4

ut primus eius feruor relanguescat et caligo quae premit mentem aut residat aut minus densa sit.

Pugnet autem unusquisque secum, ut si uincere iram non potest, uel  
 (51) celare meminerit. Si exitus illi non datur, signa eius obrui possunt, sed cum magna hoc molestia fit. Cupit enim exilire ira et incendere oculos faciemque mutare, et si paululum illi extra nos eminere licuerit, supra nos est, ut in imo pectoris recessu condatur, feraturque, non ferat. In contrarium ergo omnia eius flectantur indicia, uultus remittatur, uox lenior, gradusque sit lentior, et ita paulatim cum exterioribus interiora formantur. Sicque fit ut etsi aliquis iram tuam intellegat, tamen sentiat nemo.

Faciunt ergo nos moderatiores respectus nostri, si consulamus nos.  
 (52) Num tale aliquid et ipsi aliquando commisimus? Num sic errauimus? Expedite nobis in aliis illa damnare quae effugere ipsi nequiuimus?

Faciet etiam nos mitiores, si cogitemus quid nobis ille cui irascimur aliquando profuerit, et sic praesens offensa prioribus meritis redimatur. Illud quoque occurrat, quantum nobis commendationis adlatura sit

III, 13, 1-3

Pugna tecum ipse: si <uis> uincere iram, non potest te illa. Incipis uincere, si absconditur, si illi exitus non datur. Signa eius obruamus et illam quantum fieri potest occultam secretamque teneamus. Cum magna id nostra molestia fiet (cupit enim exilire et incendere oculos et mutare faciem), sed si eminere illi extra nos licuit, supra nos est. In imo pectoris recessu recondatur, feraturque, non ferat. Immo in contrarium omnia eius indicia flectamus: uultus remittatur, uox lenior sit, gradus lentior; paulatim cum exterioribus interiora formantur. In Socrate irae signum erat uocem summittere, loqui parcius; apparebat tunc illum sibi obstare. Deprendebatur itaque a familiaribus et coarguebatur, nec erat illi exprobratio latitantis irae ingrata. Quidni gauderet quod iram suam multi intellegerent, nemo sentiret?

II, 28, 8

Faciet nos moderatiores respectus nostri, si consuluerimus nos: «numquid et ipsi aliquid tale commisimus? Numquid sic errauimus? Expedite nobis ista damnare?»

II, 34, 2

Faciet nos mitiores, si cogitauerimus quid aliquando nobis profuerit ille cui irascimur, et meritis offensa redimetur. Illud quoque occurrat, quantum nobis commendationis allatura sit clemen-

fama clementiae, quam multos  
amicos uenia fecerit utiles.

Nihil gloriosius quam iram amicitia  
commutare. Irascitur aliquis? Tu  
(54) contra beneficiis prouoca. Cedit  
statim similtas ab alterutra parte  
deserta; nisi paria non pugnant.  
Quod si utrimque certauerit ira,  
concurritur. Ille est fortior, qui prior  
retulit pedem. Victus est saepe qui  
uicit. Percussit te? Recede; nam  
referendo et occasionem dabis  
saepius ferendi et excusationem;  
postremo cum uolueris reuerti, non  
poteris.

9. Qui irascitur iniurianti se,  
uitium uitio opponit. Numquid non  
(55) insanire uidetur, si quis mulam  
calcibus petat, aut canem a quo  
morsus est lancinet? «sed ista»,  
inquis, «peccare se nesciunt». Eodem loco est quisquis consilio  
caret. Quid enim refert an alia mutis  
dissimilia habeat, si hoc simile  
habet, quod omni peccata munda  
defendit.

tiae fama, quam multos uenia  
amicos utiles fecerit.

II, 34, 4  
Quid est gloriosius quam iram  
amicitia mutare?

II, 34, 5  
Irascetur aliquis: tu contra bene-  
ficiis prouoca; cedit statim similtas  
ab altera parte deserta; nisi paria  
non pugnant. Sed utrimque certabit  
ira, concurritur: ille est melior qui  
prior pedem rettulit, uictus est qui  
uicit. Percussit te: recede;  
referendo enim et occasionem  
saepius ferendi dabis et excusa-  
tionem; non poteris reuelli, cum  
uoles.

III, 27, 1-2  
Quanto satius est sanare quam  
ulcisci! Multum temporis ultio absumit,  
multis se iniuriis obicit dum  
una dolet; diutius irascimur omnes  
quam laedimur. Quanto melius  
est abire in diuersum nec uitia  
uitiis opponere! Numquid satis  
constare sibi uideatur, si mulam  
calcibus repetat et canem morsu?  
«Ista» inquis «peccare se  
nesciunt». Primum quam iniquus  
est apud quem hominem esse ad  
inpetrandam ueniam nocet!  
Deinde, si cetera animalia hoc  
irae tuae subducit quod consilio  
carent, eodem loco tibi sit quisquis  
consilio caret; quid enim refert  
an alia mutis dissimilia habeat, si  
hoc quod omni peccato muta de-  
fendit simile habet, caliginem  
mentis?



Eo nos loco constituamus, quo ille  
(56) est cui irascimur.

Nostram esse causam illius adfin-  
gamus, nam facit nos iracundos  
iniqua nostra extimatio, quia ea  
quae uolumus facere nolumus pati.

Memento etiam quia sapientissimi  
(57) quique uiri multa delinquant.

Quod si etiam prudentissimi uiri  
(58) peccant, cuius error causam non  
habet ignoscendi?

Nemo est tam timidus offensarum  
(59) qui non illas dum uitat admittat.

Aequiore ergo animo fert se con-  
(60) temni, cuicumque uenit in mente  
nullam esse tantam potentiam in  
qua non incurrat iniuria. Demus  
spatium peccanti, quo possit con-  
siderare quod fecerit, et ipse se  
castigabit.

III, 12, 3

Eo nos loco constituamus quo ille  
est cui irascimur;

nunc facit nos iracundos iniqua  
nostri aestimatio et quae facere  
uellemus pati nolumus.

III, 24, 4

pro quocumque illud nobis respon-  
deamus, sapientissimos quoque  
uiros multa delinquere, neminem  
esse tam circumspectum cuius non  
diligentia aliquando sibi ipsa exci-  
dat, neminem tam maturum cuius  
non grauitatem in aliquod feruidius  
factum casus inpigat,

III, 25, 2

Quod si etiam prudentissimi pec-  
cant, cuius non error bonam  
causam habet?

III, 24, 4

neminem tam timidum offensarum  
qui non illas dum uitat incidat.

III, 25, 1-2

Quomodo homini pusillo solacium  
in malis fuit etiam magnorum uiro-  
rum titubare fortunam et aequiore  
animo filium in angulo fleuit qui  
uidit acerba funera etiam ex regia  
duci, sic animo aequiore fert ab  
aliquo laedi, ab aliquo contemni,  
cuicumque uenit in mentem nullam  
esse tantam potentiam in quam  
non occurrat iniuria. [...] Si iratus  
est, demus illi spatium quo dis-  
picere quid fecerit possit: ipse se  
castigabit.

«Quid ergo», inquis «impune ille  
(61) erit?» Puta uelle te, nam non erit;  
quia non magis grauius adficitur  
quam qui ad supplicium poeniten-  
tiae datur. Respicendum est  
deinde ad condicionem rerum hu-  
manarum, ut omnium accidentium  
aequi iudices simus. Iniquus est  
autem qui commune uitium singulis  
obicit. Omnes inconsulti atque  
improvidi sumus, omnes incerti,  
queruli, ambitiosi. Quid leuioribus  
uerbis publicum malum abscondo?  
Omnes mali sumus. Quidquid in  
alio deprehenditur, id unusquisque  
in sinu suo inueniet. Mali uiuimus  
inter malos.

**10.** Nunc iam tertio in loco  
(62) uideamus alienam iram quomodo  
leniamus. Nec enim sanitantum esse

III, 26, 2-4

«Quid ergo?» inquis «impune illi  
erit?» Puta uelle te, tamen non  
erit; maxima est enim factae iniu-  
riae poena fecisse, nec quisquam  
grauius adficitur quam qui ad  
supplicium poenitentiae traditur.  
Deinde ad condicionem rerum  
humanarum respicendum est, ut  
omnium accidentium aequi iudi-  
ces simus; iniquus autem est qui  
commune uitium singulis obiecit.  
Non est Aethiopis inter suos insi-  
gnitus color, nec rufus crinis et  
coactus in nodum apud Germanos  
uirum dedecet: nihil in uno iudicabis  
notabile aut foedum quod genti  
suae publicum est. Et ista quae  
rettuli unius regionis atque anguli  
consuetudo defendit: uide nunc  
quanto in iis iustior uenia sit quae  
per totum genus humanum uulgata  
sunt. Omnes inconsulti ac improvidi  
sumus, omnes incerti queruli am-  
bitiosi — quid lenioribus uerbis  
ulcus publicum abscondo? —  
omnes mali sumus. Quidquid  
itaque in alio reprehenditur, id unus-  
quisque in sinu suo inueniet. Quid  
illius pallorem, illius maciem notas?  
pestilentia est. Placidiores itaque  
inuicem simus: mali inter malos  
uiuimus.

III, 39, 1-4

Contigit iam nobis, Nouate, bene  
componere animum: aut non sentit  
iracundiam aut superior est.  
Videamus quomodo alienam iram  
leniamus; nec enim sani esse tan-  
tum uolumus, sed sanare.

uolumus, sed sanare. Primam ergo iram alterius non audebimus nostra ratione mulcere. Surda est enim, et amens. Dabimus illi spatium; nam remedia medicorum, non in accessibus infirmitatum, sed in remissionibus prosunt. Quod si tumentes oculos qui tentet inungere, recente magis uim incitat commouendo. Sapiens furenti amico omnia ultionis instrumenta occultius remouebit, ipseque iracundiam simulabit, ut tamquam auditor doloris et comes plus auctoritatis in consiliis habeat. Moras nectet, et dum maiorem poenam quaeret, praesentem interim differet, et omni arte furori requiem dabit. Quod si tu potentior es, aut pudorem illi cui uix resistis aut metum incuties.

Primam iram non audebimus oratione mulcere: surda est et amens; dabimus illi spatium. Remedia in remissionibus prosunt; nec oculos tumentis temptamus uim rigentem mouendo incitaturi, nec cetera uitia dum feruent: initia morborum quies curat. «Quantulum» inquis «prodest remedium tuum, si sua sponte desinentem iram placat!» Primum, ut citius desinat efficit; deinde custodit, ne reccidat; ipsum quoque impetum, quem non audet lenire, fallet: remouebit omnia ultionis instrumenta, simulabit iram ut tamquam adiutor et doloris comes plus auctoritatis in consiliis habeat, moras nectet et, dum maiorem poenam quaerit, praesentem differet. Omni arte requiem furori dabit: si uehementior erit, aut pudorem illi cui non resistat incutiet aut metum; si infirmior, sermones inferet uel gratos uel nouos et cupiditate cognoscendi auocabit.

Alteri dices, «Indignor nimis, et <sup>(63)</sup>non inuenio dolendi modum, sed expectandum est tempus: dabit poenas. Serua istud animo tuo, et pro mora, cum poteris, reddes». Alteri dices: «Vide ne iracundia tua uoluptati sit inimicis». Alteri: «Vide ne magnitudo animi tui et creditum apud plerosque decidat robur».

III, 40, 1  
Alteri dices: «uide ne inimicis iracundia tua uoluptati sit». alteri, «uide ne magnitudo animi tui creditumque apud plerosque robur cadat. [alteri] Indignor me hercules et non inuenio dolendi modum, sed tempus expectandum est; dabit poenas. Serua istud in animo tuo: cum potueris, et pro mora reddes».

Ita enim abscondet et medicus  
(64) ferramentum, ut aeger dolorem,  
dum non sperat, ferat. Nam quae-  
dam non nisi decepta sanantur.

III, 39, 4  
Medicum aiunt, cum regis filiam  
curare deberet nec sine ferro pos-  
set, dum tumentem mammam le-  
niter fouet, scalpellum spongea  
tectum induxisse: repugnasset  
puella remedio palam admoto,  
eadem, quia non expectauit,  
dolorem tulit. Quaedam non nisi  
decepta sanantur.

Castigare autem irascentem, et  
(65) ultro irasci, incitare est.

III, 40, 2  
Castigare uero irascentem et ultro  
obirasci incitare est.

Itaque uario modo ira sananda est.



## INDEX VERBORUM *DE IRA EPITOMAE* \*

<b>a</b> .....	(7)	<b>actus</b> .....	(1)
a .....	1:2; 3:23, 23; 9:2	actu .....	4:13
ab .....	2:2; 5:28; 8:21		
<b>abdo</b> .....	(1)	<b>ad</b> .....	(7)
abdito .....	2:11	.....	1:8; 5:15, 20, 20; 7:12; 9:14, 15
<b>abduco</b> .....	(1)	<b>adeo</b> .....	(1)
abducit .....	3:20	.....	5:27
<b>abscondo</b> .....	(3)	<b>adfero</b> .....	(1)
abscondo .....	9:18	adlatura .....	8:19
abscondet .....	10:14	<b>adificio</b> .....	(1)
absconduntur .....	2:11	adficitur .....	9:14
<b>abstineo</b> .....	(1)	<b>adfingo</b> .....	(1)
abstinendum .....	5:28	adfingamus .....	9:6
<b>ac</b> .....	(2)	<b>adgrauo</b> .....	(1)
.....	2:3; 4:9	adgrauando .....	5:19
<b>accedo</b> .....	(1)	<b>adigo</b> .....	(1)
accedendum .....	5:3	adactus .....	3:18
<b>accessus</b> .....	(1)	<b>admitto</b> .....	(2)
accessibus .....	10:4	admittat .....	9:10
<b>accido</b> .....	(3)	admittenda .....	7:17
accidentium .....	9:15		
acciderit .....	4:2; 6:24		
<b>accipio</b> .....	(1)		
accipit .....	5:18		

\* O número de ocorrências de cada palavra é dado entre parêntese ( ). A referência das formas é feita por capítulo e linha.

<b>aduersarius</b> (1)	aliquis .....	6:5,6; 8:13,21
..... 3:24	aliquod .....	6:24
<b>aduersum</b> (1)	aliquos .....	6:8,8
..... 6:9	<b>aliter</b> (1)	..... 6:11
<b>aeger</b> (3)	<b>alius</b> (27)	
aeger .....	alia .....	3:22; 4:3, 4;5: 16,
aegros .....	..... 16, 16; 6:1, 1, 2;	7:16; 9:4
7:7; 10:15	aliam .....	3:5
7:16	alias .....	3:15
<b>aequus</b> (2)	alii .....	6:3,3
aequi .....	aliis .....	8:16
aequiore .....	alio .....	9:18
9:15	aliorum .....	3:20
9:10	alios .....	6:9,9,23
<b>aetas</b> (1)	aliud .....	4:4,5
..... 6:14	alius .....	4:10,10,11; 6:4
<b>affectus</b> (1)	<b>alloquium</b> (1)	
affectuum .....	alloquio .....	1:1
1:7	<b>alo</b> (1)	
<b>agilis</b> (1)	alit .....	7:11
..... 7:2	<b>alte</b> (1)	
<b>agito</b> (1)	altius .....	5:22
agitata .....	<b>alter</b> (4)	
1:8	alteri .....	10:10,12,13
<b>agmen</b> (1)	alterius .....	10:2
agmine .....	<b>alteruter</b> (1)	
3:28	alterutra .....	5:22
<b>agnosco</b> (1)	<b>ambitio</b> (2)	
agnouisse .....	..... 3:16,27	
5:22	<b>ambitiosus</b> (1)	
<b>ago</b> (4)	ambitiosi .....	9:17
acto .....	<b>amens</b> (1)	
2:4	..... 10:3	
agendum .....	<b>amicitia</b> (2)	
8:5,5	amicitia .....	8:20
agitur .....	amicitias .....	6:5
3:24		
<b>alienus</b> (3)		
alienae .....		
4:1		
alienam .....		
10:1		
alieno .....		
5:7		
<b>aliquando</b> (4)		
..... 7:17,18; 8:15,17		
<b>aliquantulum</b> (1)		
..... 8:6		
<b>aliquis</b> (10)		
aliqua .....		
1:3		
aliquid .....		
6:11; 8:15		

<b>amicus</b> (3)	<b>apud</b> (3)
amico ..... 10:6	..... 6:6, 7:18; 10:14
amicos ..... 8:20	
amicus ..... 6:18	<b>aqua</b> (1)
	..... 7:2
<b>amo</b> (1)	<b>arcesso</b> (1)
amat ..... 3:7	arcessienda ..... 5:20
<b>ample</b> (1)	<b>argumentatio</b> (1)
amplius ..... 3:13	..... 5:9
<b>an</b> (6)	<b>argumentum</b> (1)
..... 2:10; 6:7,14,14,15; 9:4	..... 3:12
<b>anceps</b> (1)	<b>arguo</b> (1)
..... 5:29	argui ..... 3:8
<b>anima</b> (1)	<b>ars</b> (1)
animae ..... 7:13	arte ..... 10:9
<b>animal</b> (1)	<b>artus</b> (1)
..... 6:20	..... 2:7
<b>animus</b> (20)	<b>aspicio</b> (1)
animi ..... 3:16; 5:21;	aspicit ..... 7:16
7:18; 10:13	
animo ..... 5:8,12; 9:10; 10:12	<b>at</b> (2)
animos ..... 3:20	..... 3:28; 6:12
animum ..... 2:10; 6:13,23; 7:9	<b>atque</b> (5)
animus .... 3:18; 4:7,9,13; 7:1,	..... 2:9; 4:11; 5:8,17, 9:17
7:8, 12	
<b>anxius</b> (1)	<b>auaritia</b> (1)
..... 2:4	auaritiam ..... 3:17
<b>aperio</b> (2)	<b>auctoritas</b> (1)
aperiet ..... 5:4	auctoritatis ..... 10:8
aperitis ..... 5:2	<b>audax</b> (1)
<b>appareo</b> (1)	..... 2:1
apparet ..... 5:11	<b>audeo</b> (1)
<b>appeto</b> (2)	audebimus ..... 10:2
appetere ..... 6:10	<b>audio</b> (6)
appetitarum ..... 4:14	audiendo ..... 6:12
<b>apto</b> (1)	audiendum ..... 5:8
aptare ..... 4:14	audientium ..... 7:18



audimus .....	5:6, 6:2	<b>calx</b> .....	(1)
audire .....	3:6	calcibus .....	9:2
<b>auditor</b> .....	(1)	<b>canis</b> .....	(2)
.....	10:7	canem .....	9:2
<b>augesco</b> .....	(1)	canum .....	5:24
augescit .....	3:11	<b>capio</b> .....	(1)
<b>aura</b> .....	(1)	capiatur .....	8:4
.....	7:8	<b>capto</b> .....	(1)
<b>auris</b> .....	(1)	captat .....	6:4
auris .....	5:4	<b>careo</b> .....	(1)
<b>aut</b> .....	(14)	caret .....	9:3
.....	2:2,2; 5:18,18,19, 19; 6:6,10,11,12; 7:3; 9:2; 10:10,10	<b>caritas</b> .....	(1)
<b>autem</b> .....	(10)	caritatis .....	1:2
.....	3:23,25; 4:9; 5:1; 6:1,9; 7:12; 8:7; 9:16; 10:16	<b>castigo</b> .....	(2)
<b>beneficium</b> .....	(1)	castigabit .....	9:12
beneficiis .....	8:21	castigare .....	10:16
<b>benignus</b> .....	(1)	<b>castigator</b> .....	(1)
benigna .....	5:10	castigatore .....	7:13
<b>bilis</b> .....	(1)	<b>cateruatim</b> .....	(1)
bilem .....	7:7	.....	3:29
<b>bonus</b> .....	(1)	<b>caueo</b> .....	(1)
.....	6:21	cauet .....	3:5
<b>breuis</b> .....	(2)	<b>causa</b> .....	(7)
breuem .....	1:6	causa .....	3:11; 5:1
breui .....	1:3	causam .....	9:6,9
<b>cado</b> .....	(1)	causas .....	5:1
cadit .....	8:21	causis .....	1:8; 4:12
<b>calco</b> .....	(1)	<b>cedo</b> .....	(2)
calcat .....	3:17	cede .....	6:18,22
<b>caligo</b> .....	(1)	<b>celo</b> .....	(1)
.....	8:6	celare .....	8:7
<b>audire</b> .....	3:6	<b>certe</b> .....	(1)
<b>auditor</b> .....	(1)	.....	6:6
.....	10:7	<b>certo</b> .....	(1)
<b>augesco</b> .....	(1)	certauerit .....	8:22
augescit .....	3:11		
<b>aura</b> .....	(1)		
.....	7:8		
<b>auris</b> .....	(1)		
auris .....	5:4		
<b>aut</b> .....	(14)		
.....	2:2,2; 5:18,18,19, 19; 6:6,10,11,12; 7:3; 9:2; 10:10,10		
<b>autem</b> .....	(10)		
.....	3:23,25; 4:9; 5:1; 6:1,9; 7:12; 8:7; 9:16; 10:16		
<b>beneficium</b> .....	(1)		
beneficiis .....	8:21		
<b>benignus</b> .....	(1)		
benigna .....	5:10		
<b>bilis</b> .....	(1)		
bilem .....	7:7		
<b>bonus</b> .....	(1)		
.....	6:21		
<b>breuis</b> .....	(2)		
breuem .....	1:6		
breui .....	1:3		
<b>cado</b> .....	(1)		
cadit .....	8:21		
<b>calco</b> .....	(1)		
calcat .....	3:17		
<b>caligo</b> .....	(1)		
.....	8:6		

<b>ceruix</b> (1)	<b>collum</b> (1)
ceruicibus ..... 4:15	colla ..... 2:5
<b>ceterus</b> (4)	<b>color</b> (1)
cetera ..... 1:2; 2:11; 3:21,25	colore ..... 2:2
<b>cito (are)</b> (1)	<b>comes</b> (1)
citatus ..... 2:7	comes ..... 10:7
<b>cito</b> (2)	<b>commendatio</b> (1)
..... 4:1; 6:2	commendationis ..... 8:19
<b>ciuis</b> (1)	<b>committo</b> (1)
ciui ..... 3:3	commisimus ..... 8:15
<b>ciuitas</b> (1)	<b>commoueo</b> (1)
..... 3:27	commouendo ..... 10:6
<b>clauis</b> (1)	<b>communis</b> (1)
..... 7:4	commune ..... 9:16
<b>clementia</b> (1)	<b>commutare</b> (1)
clementiae ..... 8:19	conmutare ..... 8:20
<b>coepi</b> (2)	<b>compello</b> (1)
coepisse ..... 3:11	+compulsi ..... 2:6
coeptis ..... 3:9	<b>compesco</b> (1)
<b>coercio</b> (1)	compescere ..... 4:5
coercionem ..... 7:12	<b>comprimo</b> (1)
<b>cogito</b> (6)	comprimuntur ..... 2:3
cogita ..... 6:7,7,8,16,19	<b>concieo</b> (1)
cogitemus ..... 8:17	concitum ..... 2:8
<b>cognosco</b> (1)	<b>concito</b> (2)
cognoscis ..... 6:12	concitandi ..... 7:18
<b>cogo</b> (3)	concitauerint ..... 3:10
coactos ..... 6:9	<b>concurro</b> (1)
coactus ..... 6:14	concurratur ..... 8:23
+quohectus (cf. quohetus) ... 2:6	<b>condicio</b> (1)
<b>cohaereo</b> (1)	condicionem ..... 9:15
cohaerentes ..... 6:6	<b>condo</b> (1)
<b>cohibeo</b> (1)	condatur ..... 8:11
cohibere ..... 4:5	
<b>colligo</b> (1)	
collectam ..... 7:7	

<b>coniectura</b> (1)	<b>contrarius</b> (2)
conjecturae ..... 5:9	contrarium ..... 3:1; 8:11
<b>conlatio</b> (1)	<b>contumelia</b> (1)
conlationis ..... 1:1	contumeliam ..... 7:5
<b>consequor</b> (1)	<b>conturbo</b> (1)
consequi ..... 6:11	conturbat ..... 7:8
<b>conseruo</b> (1)	<b>conuerto</b> (2)
conseruanda ..... 4:4	conuertit ..... 3:24; 5:19
<b>considero</b> (1)	<b>corpus</b> (3)
considerare ..... 9:12	corporum ..... 4:3
<b>consideratio</b> (1)	corpus ..... 2:8; 7:9
considerationem ..... 1:8	<b>correctio</b> (1)
<b>consilium</b> (3)	..... 3:9
consiliis ..... 1:7; 10:8	<b>corrigo</b> (1)
consilio ..... 9:3	corrigere ..... 7:14
<b>constituo</b> (1)	<b>corripio</b> (2)
constituamus ..... 9:5	corripiunt ..... 3:25
<b>constringo</b> (1)	corruperint ..... 7:9
constringitur ..... 4:6	<b>crebro</b> (1)
<b>consuetudo</b> (1)	..... 2:4
consuetudinem ..... 5:12	<b>credo</b> (8)
<b>consulo</b> (1)	credendi ..... 5:13
consulamur ..... 8:15	credendum ..... 5:2
<b>contemno</b> (1)	credere ..... 6:22
contemni ..... 9:10	credi ..... 5:10; 6:2
<b>contemptus</b> (1)	crediderint ..... 5:27
contemptui ..... 3:14	credimus ..... 5:6
<b>contendo</b> (1)	creditum ..... 10:14
contendere ..... 5:29	<b>credulitas</b> (2)
<b>contra</b> (2)	..... 5:8,12
..... 5:1; 8:21	<b>crimino</b> (1)
<b>contraho</b> (1)	criminantibus ..... 5:4
contrahitur ..... 4:8	<b>criminatio</b> (1)
	criminatione ..... 6:4
	<b>cum</b> (1) (5)
	prep ..... 5:29,29,29; 8:8,13

<b>cum</b> (2)	(7)	<b>defendo</b>	(1)
conj ... ind	5:20; 6:24; 7:1,4; 8:25; 10:12	defendit	9:5
conj	7,13	<b>deformis</b>	(1)
<b>cunctus</b>	(1)	deforme	2:10
cunctos	3:28	<b>deinde</b>	(1)
<b>cupiditas</b>	(1)	.....	9:15
cupiditate	3:26	<b>delinquo</b>	(2)
<b>cupio</b>	(1)	delinquent	9:8
cupit	8:9	delictum	7:13
<b>cura</b>	(1)	<b>demens</b>	(1)
.....	4:3	dementius	7:7
<b>curiose</b>	(1)	<b>demitto</b>	(1)
.....	7:4	demisere	5:22
<b>curiosus</b>	(1)	<b>denique</b>	(1)
.....	5:13	.....	3:16
<b>curro</b>	(1)	<b>dens</b>	(2)
curritur	3:29	dentes	2:3
<b>damno</b>	(1)	+dentium	2:6
damnare	8:16	<b>deprauo</b>	(1)
<b>de</b>	(10)	deprauat	2:9
.....	1:2,4,4; 2:Tit.; 4:3, 4; 5:14; 6:2,6,7	<b>deprehendo</b>	(1)
<b>debeo</b>	(2)	deprehenditur	9:18
debent	6:2	<b>derideo</b>	(2)
debuit	6:19	deridenda	5:17
<b>decet</b>	(1)	derisumque	3:14
.....	2:13	<b>desero</b>	(1)
<b>decido</b>	(1)	deserta	8:22
decidat	10:14	<b>desino</b>	(2)
<b>decipio</b>	(4)	desinere	4:1
decepta	10:16	desinit	8:3
decepti	6:3	<b>despicio</b>	(2)
deceptus	6:14	despicere	5:21
decipiant	6:3	despici	3:15
		<b>desum</b>	(1)
		deest	5:9

<b>detestabilis</b> (1)	<b>dissimulo</b> (1)
detestabile ..... 2:9	dissimulare ..... 5:24
<b>dico (-ere)</b> (7)	<b>distendo</b> (1)
dices ..... 10:10,12	distendit ..... 2:5
dicitur ..... 6:6	<b>do</b> (13)
dicta ..... 8:1	da ..... 3:2,2,3,3,3
dicti ..... 5:14	dabimus ..... 10:3
dictum ..... 5:14	dabis ..... 8:24
dixerunt ..... 1:6	dabit ..... 10:9,11
<b>dies</b> (1)	dari ..... 6:23
..... 5:4	datur ..... 8:8; 9:14
<b>differo</b> (5)	demus ..... 9:11
differenda ..... 5:16	<b>doleo</b> (1)
differendum ..... 5:3	dolendi ..... 10:11
differet ..... 10:9	<b>dolor</b> (2)
differt ..... 4:11	dolorem ..... 10:15
dilatatus ..... 5:4	doloris ..... 10:7
<b>digero</b> (1)	<b>domesticus</b> (1)
digererem ..... 1:3	domesticum ..... 6:15
<b>digitus</b> (1)	<b>dominor</b> (1)
+digitorum ..... 2:6	dominetur ..... 3:16
<b>dilatatio</b> (1)	<b>dono</b> (1)
..... 8:2	donanda ..... 5:16
<b>diligentia</b> (1)	<b>donec</b> (1)
..... 1:2	..... 8:4
<b>dirimo</b> (1)	<b>dudum</b> (1)
dirimat ..... 6:5	..... 1:1
<b>discedo</b> (1)	<b>dulcedo</b> (1)
discessit ..... 3:23	dulcedine ..... 6:10
<b>discurro</b> (1)	<b>dum</b> (11)
discurrit ..... 4:9	com ind ..... 1:8, 3:5,5,11, 19; 5:15, 22; 9:10; 10:8,15
<b>discutio</b> (1)	com conj ..... 1:1
discuties ..... 6:13	<b>dure</b> (1)
<b>dissero</b> (1)	..... 7:11
disserui ..... 1:5	
<b>dissimilis</b> (1)	
dissimilia ..... 9:4	

**durus** (1)  
 dura ..... 7:10  
**effectus** (2)  
 effectibus ..... 1:3; 3:tit  
**efficio** (1)  
 efficiet ..... 5:13  
**effugio** (2)  
 effugere ..... 8:16  
 effugit ..... 3:14  
**effundo** (1)  
 effundere ..... 7:7  
**ego** (1)  
 me ..... 1:2  
**elabor** (1)  
 elapsa ..... 7:4  
**elicio** (1)  
 elicuit ..... 1:2  
**emineo** (1)  
 eminere ..... 8:10  
**enim** (13)  
 ..... 1:6; 3:10; 4:5,14;  
 5:6,12,15; 7:9;  
 8:9; 9:4; 10:1,3,14  
**enimvero** (1)  
 ..... 5:23  
**erigo** (1)  
 erectam ..... 4:5  
**ergo** (14)  
 ..... 2:12; 4:2,13; 5:1,27;  
 6:2,24; 7:11; 8:5,11,  
 8:14; 9:10,13; 10:2  
**eripio** (1)  
 eripi ..... 3:7  
**erro** (2)  
 errantium ..... 7:12  
 errauimus ..... 8:16

**error** (2)  
 error ..... 9:9  
 errorem ..... 3:8  
**eruo** (1)  
 eruit ..... 5:14  
**eruptio** (1)  
 ..... 2:5  
**et** (61)  
 ..... 1:8; 2:1,1,2,4,4,7,11,11,  
 2:12; 3:1,5,8,11,11,19;  
 4:5,10,11,14,15; 5:6,6  
 9,10,11,14,17, 23, 26;  
 6:2,3,4,5,9; 7:1,6,7, 9, 9,  
 7:11,16; 8:6,9,9,12,15,18,  
 8:24,25; 9:12; 10:3, 7,8,  
 10:9,11,12,14,14,16  
**etiam** (12)  
 ..... 3:7,8; 5:14,20,25; 6:5,  
 6:8,20; 7:5; 8:17; 9:7,8  
**etsi** (1)  
 ..... 8:13  
**euenio** (1)  
 eueniat ..... 1:4  
**ex** (9)  
 ..... 1:6; 2:8; 3:1,6; 4:11;  
 5:7,8; 6:1; 8:5  
**exarcebo** (1)  
 exarcerbatur ..... 7:2  
**exardesco** (1)  
 exardescit ..... 2:12  
**exaudio** (1)  
 exaudit ..... 5:24  
**excusatio** (1)  
 excusationem ..... 8:25  
**excuso** (1)  
 excuset ..... 6:14

<b>exeo</b>	(1)	<b>extuo</b>	(1)
exit .....	2:12	extuat .....	2:2
<b>exigo</b>	(1)	<b>facies</b>	(3)
exigit .....	7:15	facie .....	2:11
<b>exilio</b>	(1)	faciei .....	2:1
exillire .....	8:9	faciemque .....	8:9
<b>existo</b>	(1)	<b>facilis</b>	(1)
existit .....	4:11	facile .....	4:14
<b>exitus</b>	(1)	<b>facile</b>	(4)
.....	8:8	.....	5:2,4,6,12
<b>expecto</b>	(2)	<b>facio</b>	(24)
expectandum .....	10:11	facere .....	6:8,8,20; 9:7
expectaueris .....	8:3	facient .....	5:26
<b>expedio</b>	(3)	facientis .....	6:13
expediat .....	5:28	faciet .....	8:17
expedit .....	5:27	facit .....	3:16; 5:8; 9:6
expeditne .....	8:16	faciunt .....	6:10; 8:14
<b>explano</b>	(1)	feceris .....	6:7,18
explanato .....	2:5	fecerit .....	8:20; 9:12
<b>expono</b>	(1)	fecerunt .....	6:11
exposita .....	3:14	fecisse .....	5:26
<b>exterior</b>	(1)	fecit .....	6:17,19,19,21; 7:5,5
exterioribus .....	8:13	<b>fallacia</b>	(1)
<b>extimo</b>	(4)	.....	5:10
extimant .....	6:3	<b>fallo</b>	(1)
extimat .....	6:24	fallit .....	4:10
extimata .....	3:18	<b>falsus</b>	(2)
extimatur .....	3:9	falsa .....	5:3,19
<b>extimatio</b>	(2)	<b>fama</b>	(1)
extimatio .....	9:7	.....	8:19
extimazione .....	5:10	<b>familiaritas</b>	(1)
<b>extra</b>	(2)	.....	6:15
.....	2:10; 8:10	<b>fas</b>	(1)
<b>extraneus</b>	(1)	.....	6:20
extraneum .....	6:15	<b>fateor</b>	(1)
		fateri .....	5:27
		<b>fera</b>	(2)
		ferae .....	5:23

<b>ferio</b>	(1)	<b>fortis</b>	(1)
feriendi .....	8:24	fortior .....	8:23
<b>fero</b>	(8)	<b>fragio</b>	(1)
fer .....	6:16	fraglant .....	2:3
ferat .....	8:11; 10:15	<b>frango</b>	(1)
feraturque .....	8:11	frangitur .....	1:9
ferendae .....	5:26	<b>fraus</b>	(1)
fert .....	9:10	fraudes .....	7:15
ferunt .....	5:3	<b>frons</b>	(1)
tulisti .....	6:16	.....	2:1
<b>ferramentum</b>	(1)	<b>fruor</b>	(1)
.....	10:15	fruoremur .....	1:1
<b>feruor</b>	(1)	<b>frustror</b>	(1)
.....	8:6	frustratur .....	3:22
<b>filius</b>	(1)	<b>fugio</b>	(1)
filio .....	3:3	fugienda .....	1:4
<b>tingo</b>	(1)	<b>fugo</b>	(1)
tingit .....	6:4	fugata .....	7:4
<b>fio</b>	(4)	<b>fulmino</b>	(1)
fit .....	1:9; 3:11; 8:9,13	fulminatur .....	4:7
<b>flecto</b>	(1)	<b>furiosus</b>	(1)
flectantur .....	8:11	furiosum .....	5:29
<b>flexibilis</b>	(1)	<b>furo</b>	(1)
flexibile .....	3:17	furenti .....	10:6
<b>fluctuatio</b>	(1)	<b>furor</b>	(1)
fluctuatione .....	2:8	furori .....	10:9
<b>flumen</b>	(1)	<b>furtum</b>	(1)
flumina .....	3:21	furta .....	7:15
<b>foedo</b>	(1)	<b>gemitus</b>	(1)
foedat .....	2:2	.....	2:4
<b>foedus</b>	(2)	<b>glorioso</b>	(1)
foeda .....	2:10	gloriosius .....	8:20
foedum .....	7:1		
<b>formo</b>	(1)		
formantur .....	8:13		
<b>fornicor</b>	(1)		
fornicandi .....	3:26		



<b>gradus</b> (2)	<b>hostis</b> (1)
gradus ..... 2:7	..... 3:3
gradusque ..... 8:12	
<b>gratia</b> (1)	<b>humanus</b> (2)
gratiam ..... 6:4	humanae ..... 5:5
	humanarum ..... 9:15
<b>grauis</b> (2)	<b>humus</b> (1)
grauem ..... 7:12	..... 2:7
graves ..... 8:4	
<b>grauiter</b> (2)	<b>iam</b> (4)
..... 3:12	..... 4:5; 5:30; 8:1; 10:1
gravius ..... 9:14	
<b>gregatim</b> (1)	<b>ictus</b> (1)
..... 3:28	ictum ..... 7:12
<b>habeo</b> (6)	<b>idem</b> (2)
habeat ..... 9:4; 10:8	eodem ..... 4:7; 9:3
habet ..... 6:23; 8:4; 9:4,9	
<b>habitus</b> (2)	<b>ignoro</b> (1)
habitu ..... 2:Tit	ignorantes ..... 6:9
habitus ..... 2:1	
<b>hic</b> (20)	<b>ignosco</b> (3)
hac ..... 7:6	ignoscat ..... 8:2
haec ..... 1:4; 5:12; 8:1	ignoscendi ..... 9:9
his ..... 5:17; 6:1,2,12; 7:5,18	ignouisse ..... 5:23
hoc ..... 3:12,13; 5:5,15; 6:5,7; 7:4; 8:2,8; 9,4	
<b>hilaris</b> (1)	<b>ille</b> (23)
hilari ..... 5:26	ille ..... 5:23; 8:17,23; 9:5,13
<b>homo</b> (1)	illa ..... 7:10; 8:16
homines ..... 7:7	illam ..... 3:10; 8:3
<b>honestas</b> (1)	illas ..... 9:10
honestatem ..... 1:7	illi ..... 3:9; 6:20; 7:15; 8:2,8; 8,10; 10:3,10
<b>honestus</b> (1)	illius ..... 9:6
honestior ..... 3:9	illud ..... 1:1; 7:1; 8:18
<b>honor</b> (1)	illum ..... 5:20
honoris ..... 3:27	<b>imago</b> (1)
<b>horribilis</b> (1)	..... 2:10
..... 2:8	<b>imbecillus</b> (1)
	imbecillum ..... 7:1
	<b>imitor</b> (2)
	imitari ..... 6:22
	imitaris ..... 6:21

<b>immemor</b> (1)	<b>inciderit</b> ..... 6:14
..... 1:7	<b>incidit</b> ..... 4:10
<b>impatiens</b> (2)	<b>incipio</b> (1)
..... 4:11; 7:11	<b>incipit</b> ..... 3:20
<b>impello</b> (1)	<b>incito</b> (2)
<b>impelluntur</b> ..... 5:6	<b>incitare</b> ..... 10:16
<b>imperium</b> (1)	<b>incitat</b> ..... 10:5
<b>imperio</b> ..... 8:5	<b>inconsultus</b> (1)
<b>impetus</b> (1)	<b>inconsulti</b> ..... 9:16
..... 8:4	<b>incurro</b> (2)
<b>impotens</b> (1)	<b>incurrat</b> ..... 9:11
..... 1:7	<b>incurrit</b> ..... 5:11
<b>improvidus</b> (1)	<b>incutio</b> (2)
<b>improvidi</b> ..... 9:17	<b>incutiendus</b> ..... 7:18
<b>impunis</b> (1)	<b>incuties</b> ..... 10:10
<b>impune</b> ..... 9:13	<b>indicium</b> (1)
<b>imus</b> (2)	<b>indicia</b> ..... 8:12
<b>imis</b> ..... 2:2	<b>indignitas</b> (1)
<b>imo</b> ..... 8:10	..... 7:14
<b>in</b> (48)	<b>indignor</b> (1)
<b>abl</b> ..... 2:11,11; 3:4,4,6,9;	..... 10:11
4:3,3,8,10; 5:11,16;	<b>infelix</b> (1)
6:12; 7:2,7; 8:10,16;	<b>infelicitas</b> ..... 7:8
9:11,11,18,19; 10:1,	<b>inferior</b> (3)
10:4,4,8	<b>inferior</b> ..... 5:29
<b>ac</b> ..... 3:1,5,16,23,24,	<b>inferiora</b> ..... 4:7
3:27,28; 4:1,2,6,6,	<b>inferiori</b> ..... 5:30
4:9,15; 5:11,13,18,	<b>infero</b> (1)
5:22; 6:23,23; 7:4,	<b>inferre</b> ..... 3:5
7:7; 8:1,11;	<b>infirmitas</b> (1)
<b>incendo</b> (1)	<b>infirmitatum</b> ..... 10:4
<b>incendere</b> ..... 8:9	<b>infitatio</b> (1)
<b>incertus</b> (1)	<b>infitationes</b> ..... 7:15
<b>incerti</b> ..... 9:17	<b>infra</b> (1)
<b>incido (-casum)</b> (4)	..... 4:8
<b>incidamus</b> ..... 4:2	
<b>incidere</b> ..... 5:13	

<b>ingero</b>	(1)	<b>insanio</b>	(2)
ingeratur	3:9	insaniendum	7:15
		insanire	9:1
<b>inhabilis</b>	(1)	<b>insignis</b>	(1)
.....	1:8	insignia	3:18
<b>inimicus</b>	(4)	<b>insimulo</b>	(1)
inimicis	10:13	insimulet	6:6
inimicum	6:6	<b>instabilis</b>	(1)
inimicus	3:2; 6:19	instabile	2:7
<b>iniquus</b>	(3)	<b>instrumentum</b>	(1)
iniqua	9:6	instrumenta	10:6
iniquius	3:11	<b>insurgo</b>	(1)
iniquus	9:16	insurgat	4:5
<b>iniuria</b>	(17)	<b>intellego</b>	(1)
iniuria	6:17; 9:11	intellegat	8:14
iniuriae	5:2,16,25	<b>intemperans</b>	(1)
iniuriam	5:23,25,27; 6:4, 6:8,10,17,20,21	.....	7:11
iniurias	5:17,21,22	<b>inter</b>	(2)
<b>iniurio</b>	(1)	.....	1:1; 9:19
iniuriant	9:1	<b>intercipio</b>	(1)
<b>inlicio</b>	(1)	intercipit	4:11
inliciant	3:21	<b>interdum</b>	(2)
<b>innocens</b>	(1)	.....	3:25; 5:3
innocentibus	5:7	<b>interim</b>	(1)
<b>inquam</b>	(2)	.....	10:9
inquis	9:3,13	<b>interior</b>	(1)
<b>inquieta</b>	(1)	interiora	8:13
inquietat	5:15	<b>interpretor</b>	(2)
<b>inquietus</b>	(1)	interpretati	5:7
inquietae	2:6	interpretantur	5:15
<b>inquiro</b>	(1)	<b>interpretatio</b>	(1)
inquirat	5:13	interpretatione	5:16
<b>inrepo</b>	(1)	<b>intra</b>	(1)
inreperit	5:21	.....	6:23
<b>insania</b>	(3)		
insania	3:22; 7:7		
insaniam	1:6		

<b>intuitus</b> (1)	<b>iracundus</b> (1)
..... 2:1	iracundos ..... 9:6
<b>intumesco</b> (1)	<b>irascor</b> (17)
intumescit ..... 2:9	irascatur ..... 7:14
<b>intus</b> (1)	irascendum ..... 7:15
..... 2:10	irascentem ..... 10:16
<b>inuado</b> (1)	irasceris ..... 6:21
inuasit ..... 3:25	irascetur ..... 6:25
<b>inuenio</b> (4)	irasci .... 2:13; 3:12; 4:1; 10:16
inueniet ..... 9:19	irascimur ..... 5:6; 7:6;
inuenio ..... 10:11	8:17; 9:5
inuenitur ..... 3:4; 4:9	irascitur ..... 4:12; 8:21; 9:1
<b>inuisus</b> (1)	irascuntur ..... 5:7
inuisa ..... 3:13	<b>iratus</b> (2)
<b>inuitus</b> (1)	irato ..... 7:12
inuiti ..... 5:5	iratus ..... 3:18
<b>inungo</b> (1)	<b>irritamentum</b> (1)
inungere ..... 10:5	irritamenta ..... 5:9
<b>iocus</b> (1)	<b>is</b> (19)
iocumque ..... 5:19	ea ..... 1:6; 5:5,16; 9:7
<b>ipse</b> (15)	eam ..... 3:2
ipse ..... 5:15,20; 6:7,12; 9:12	eas ..... 5:18,18
ipseque ..... 10:7	eius ..... 1:3; 4:10; 8:5,6,8,11
ipsam ..... 6:10	eo ..... 9:5
ipsi ..... 6:1,3; 8:5,15,16	eos ..... 6:9
ipsum ..... 3:12,13; 6:20	eum ..... 3:2
<b>ira</b> (45)	id ..... 1:4,9; 9:18
ira ..... 1:4; 2:9,11; 3:1,4,6,15,	<b>iste</b> (3)
3:16,17,21,23,25; 4:3,	ista ..... 7:16; 9:3
4:8; 5:17,20,28; 7:13;	istud ..... 10:12
8:Tit,1,9,22; 10:17	<b>ita</b> (6)
irae ..... 1:2; 2:Tit; 3:Tit,12,	..... 2:9; 4:4,11; 5:17
3:19; 4:2; 5:1,1	8:12; 10:14
iram ..... 1:6; 3:28; 4:1,2,4;	<b>itaque</b> (5)
5:13,20; 7:6; 8:1,7,	..... +2:6; 5:28; 7:10,17; 10:17
8:13,20; 10:1,2	<b>iterum</b> (1)
<b>iracundia</b> (4)	..... 5:26
iracundia ..... 7:17; 10:13	<b>iubeo</b> (2)
iracundiam ..... 7:11; 10:7	iubeamus ..... 8:5
	iussus ..... 6:16

<b>iudex</b>	(2)	<b>leuioribus</b>	9:17
iudex	6:18	<b>leuis</b>	7:8
iudices	9:15	<b>leuissimis</b>	4:12
<b>iudicium</b>	(1)	<b>libellum</b>	(1)
.....	3:7	libello	1:3
<b>iudico</b>	(2)	<b>libens</b>	(1)
iudicat	3:6	.....	1:4
iudicet	8:3	<b>libertas</b>	(1)
<b>iustitia</b>	(2)	.....	6:15
iustitiae	1:8; 6:18	<b>libitus</b>	(1)
<b>iustus</b>	(2)	libitu	3:6
iustae	3:12	<b>licentia</b>	(1)
iustissimo	3:1	licentiam	6:23
<b>labrum</b>	(1)	<b>licet</b>	(1)
labra	2:3	licuerit	8:10
<b>lacesso</b>	(1)	<b>loco</b>	(1)
lacessit	5:28	locatus	4:8
<b>lancino</b>	(1)	<b>locum</b>	(5)
lancinet	9:2	loco	4:13; 9:3,5; 10:1
<b>lapsus</b>	(1)	locum	3:7
lapsu	4:15	<b>loquor</b>	(4)
<b>lasso</b>	(1)	locutus	6:7
lassandus	4:14	loquaris	6:7
<b>latratus</b>	(1)	loqui	6:4
latratus	5:24	loquitur	6:5
<b>lenio</b>	(3)	<b>lucrum</b>	(1)
leniamus	10:1	.....	3:27
leniatur	8:Tit	<b>ludus</b>	(1)
lenienda	1:5	ludum	5:18
<b>lenis</b>	(1)	<b>luxus</b>	(1)
lenior	8:12	luxus	7:11
<b>lentus</b>	(1)	<b>magis</b>	(6)
lentior	8:12	.....	2:9, 3:14,22; 7:10; 9:14, 10:5
<b>leuis</b>	(6)	<b>magnitudo</b>	(1)
leues	5:21	.....	10:13
leuia	4:14; 5:19		

<b>magnus</b>	(7)	<b>memini</b>	(3)
magna .....	8:8	memento .....	9:7
magnae .....	5:23	meminerit .....	8:8
magnarum .....	4:14	meminisse .....	3:2
magnas .....	2:8	<b>mens</b>	(2)
magni .....	5:21	mente .....	8:6; 9:11
magno .....	3:18	<b>mensa</b>	(1)
magnus .....	5:23	.....	7:3
<b>maior</b>	(2)	<b>mentior</b>	(2)
maior .....	2:12	mentire .....	6:3
maiozem .....	10:8	mentiuntur .....	6:3
<b>male</b>	(2)	<b>mereo</b>	(1)
.....	3:9; 6:7	meruerunt .....	7:6
<b>malignus</b>	(2)	<b>meritum</b>	(1)
maligne .....	6:5	meritis .....	8:18
malignos .....	5:14	<b>metus</b>	(2)
<b>malus</b>	(7)	metum .....	10:10
mali .....	5:8; 9:18,19	metus .....	7:18
malos .....	9:19	<b>mico</b>	(1)
malum .....	3:17; 9:18	micant .....	2:3
malus .....	6:22	<b>mina</b>	(1)
<b>manifeste</b>	(2)	minas .....	2:8
.....	5:11	<b>minax</b>	(1)
manifestus .....	2:12	.....	2:1
<b>manifestus</b>	(2)	<b>minime</b>	(2)
manifesta .....	3:8	minime .....	6:24
manifestisque .....	5:2	minimeque .....	3:17
<b>manus</b>	(2)	<b>minimus</b>	(1)
manibus .....	7:4	minimis .....	7:1
manus .....	2:6	<b>minor</b>	(1)
<b>mater</b>	(1)	minatur .....	3:13
matri .....	3:3	<b>minutus</b>	(1)
<b>maximus</b>	(1)	minutorum .....	5:24
maximum .....	8:2	<b>minus</b>	(1)
<b>medeor</b>	(1)	.....	2:12
mederi .....	4:2		
<b>medicus</b>	(3)		
medicorum .....	10:4		
medicus .....	7:16; 10:14		

<b>mitis</b>	(1)	<b>musca</b>	(1)
mitiores .....	8:17	.....	7:3
<b>mitto</b>	(1)	<b>muto</b>	(2)
misit .....	3:27	mutare .....	8:9
		mutat .....	3:1
<b>moderatus</b>	(1)	<b>mutus</b>	(3)
moderatores .....	8:14	muta .....	9:5
<b>modestus</b>	(1)	mutum .....	6:20
.....	4:9	mutis .....	9:4
<b>modus</b>	(4)	<b>mutuus</b>	(1)
modis .....	5:17	mutuae .....	1:1
modo .....	4:7; 10:17		
modum .....	10:11	<b>nam</b>	(11)
<b>molestia</b>	(1)	.....	3:23, 26, 4:3; 5:19, 21; 7:13, 8:24; 9:6,13; 10:3,15
.....	8:9	<b>narro</b>	(1)
<b>mollis</b>	(1)	narrantur .....	6:2
.....	7:10	<b>natura</b>	(2)
<b>mora</b>	(3)	naturae .....	5:5
mora .....	10:12	naturam .....	6:13
moraе .....	8:2	<b>-ne</b>	(1)
moras .....	10:8	.....	8:16
<b>mordeo</b>	(1)	<b>ne</b>	(8)
morsus .....	9:2	ne .....	3:10; 4:2,3,5; 5:13; 8:1; 10:13,13
<b>morsus</b>	(1)	<b>nec</b>	(18)
morsos .....	3:24	.....	3:4,6,8,20,23,27,27; 4:6,6,14; 5:2,8,27; 7:5,6,6; 8:3; 10:1
<b>mos</b>	(2)	<b>necessitas</b>	(1)
more .....	3:20, 5:23	necessitate .....	6:17
<b>mula</b>	(1)	<b>necto</b>	(1)
mulam .....	9:2	nectet .....	10:8
<b>mulceo</b>	(1)	<b>neglecte</b>	(1)
mulcere .....	10:3	neglectius .....	7:3
<b>multus</b>	(10)	<b>neglegenter</b>	(1)
multa .....	4:9; 9:8	neglegentius .....	7:4
multarum .....	4:13		
multas .....	5:17		
multi .....	5:6,21		
multis .....	4:10, 6:7		
multos .....	3:25; 8:19		

<b>negotium</b>	(2)	<b>noster</b>	(5)
negotia .....	4:9	nostra .....	9:6; 10:3
negotio .....	4:12	nostram .....	7:6; 9:6
<b>nemo</b>	(2)	nostri .....	8:14
.....	8:14; 9:9	<b>notus</b>	(1)
<b>nequeo</b>	(1)	notumque .....	5:5
nequiuimus .....	8:16	<b>nouerca</b>	(1)
<b>nescio</b>	(4)	.....	3:3
nescias .....	2:9	<b>nubes</b>	(1)
nescit .....	5:18, 6:14	nubem .....	4:6
nesciunt .....	9:3	<b>nullus</b>	(5)
<b>nihil</b>	(4)	nulla .....	7:10
.....	2:12, 5:10; 7:9; 8:20	nullam .....	9:11
<b>nimis</b>	(1)	nullaque .....	3:16,22
.....	10:11	nullius .....	3:2
<b>nisi</b>	(4)	<b>num</b>	(2)
.....	5:11; 7:12; 8:22; 10:15	.....	8:15,15
<b>nobilis</b>	(1)	<b>numquam</b>	(4)
.....	5:23	.....	3:26; 5:9,20; 7:17
<b>noceo</b>	(1)	eam .....	3:2
nocentem .....	6:18	<b>numquis</b>	(1)
<b>nolo</b>	(4)	numquid .....	9:1
noli .....	6:21,22	<b>nunc</b>	(6)
nolit .....	6:23	.....	4:12,12,12,12,13; 10:1
noluit .....	6:19	<b>ob</b>	(1)
nolumus .....	9:7	.....	3:13
<b>non</b>	(50)	<b>obicio</b>	(1)
.....	1:4; 3:5,5,6,7,14,16,19; 4:1,13; 5:2,4,12,13,18, 5:19,22,25,27; 6:2,3,8, 6:10,11,12,17; 7:4,9,12, 7:13,13,15,18; 8:2,7,8, 8:11,22,25; 9:1,9,10,11, 9:13,13; 10:2,4,11,15,15	.....	9:16
<b>nos</b>	(15)	<b>obiurgatio</b>	(1)
nos .....	6:9; 8:10,10,14, 15,17; 9:5,6	.....	5:12
nobis .....	5:5; 6:1,8,11; 8:16,17,19	<b>obiurgo</b>	(1)
		obiurgetur .....	6:18
		<b>obliuiscor</b>	(1)
		obliuiscitur .....	1:7
		<b>obruo</b>	(1)
		obruui .....	8:8



<b>obsum</b> (1)	<b>oppono</b> (1)
obessent ..... 6:11	opponit ..... 9:1
<b>obtineo</b> (1)	<b>opprimo</b> (1)
obtinuerit ..... 3:1	oppresserit ..... 1:9
<b>occasio</b> (1)	<b>ops</b> (1)
occasionem ..... 8:24	opes ..... 3:18
<b>occulte</b> (2)	<b>optimus</b> (1)
occulte ..... 6:5	optimo ..... 3:1
occulcius ..... 10:6	<b>opus</b> (2)
<b>occupo</b> (1)	..... 5:10, 7:13
ocupat ..... 3:28	<b>os (oris)</b> (1)
<b>occurro</b> (1)	ora ..... 2:3
occurrat ..... 8:19	<b>pallor</b> (1)
<b>oculus</b> (5)	..... 2:2
oculi ..... 2:3	<b>par</b> (3)
oculis ..... 3:8	par ..... 5:29
oculos ..... 5:11; 8:9; 10:5	pari ..... 5:29
<b>offendo</b> (4)	paria ..... 8:22
offendat ..... 6:24	<b>pareo</b> (1)
offendere ..... 6:1	parui ..... 1:3
offenderet ..... 7:5	<b>parricida</b> (1)
offendit ..... 6:15	..... 3:3
<b>offensa</b> (2)	<b>pars</b> (4)
offensa ..... 8:18	pars ..... 4:5
offensarum ..... 9:9	parte ..... 8:22
<b>officium</b> (1)	partem ..... 4:15
officii ..... 3:2	partibus ..... 8:4
<b>omnis</b> (13)	<b>parum</b> (2)
omnes ..... 3:15; 9:16,17,18	..... 7:2,3
omni ..... 9:4; 10:9	<b>passibilitas</b> (1)
omnia ..... 3:1; 4:8; 7:16,	passibilitate ..... 1:2
8:11; 10:6	<b>passio</b> (1)
omnium ..... 4:11; 9:15	passiones ..... 3:15
<b>opinio</b> (1)	<b>pateo</b> (1)
..... 5:1	pateant ..... 5:4
<b>oportet</b> (2)	
..... 5:11; 7:13	

<b>pater</b> .....	(2)	<b>pes</b> .....	(2)
pater .....	6:19	pedem .....	8:23
patri .....	3:2	pedibus .....	2:7
<b>pator</b> .....	(4)	<b>peior</b> .....	(1)
passum .....	5:26	peiora .....	5:7
pati .....	6:18; 9:7	<b>percutio</b> .....	(1)
patitur .....	7:10	percutit .....	8:24
<b>patientia</b> .....	(1)	<b>perduco</b> .....	(1)
.....	5:25	perducuntur .....	5:15
<b>patrocinium</b> .....	(1)	<b>periculum</b> .....	(1)
patrocinio .....	3:6	pericula .....	3:5
<b>paucus</b> .....	(1)	<b>periculose</b> .....	(1)
paucisque .....	1:4	periculosius .....	3:15
<b>paulatim</b> .....	(2)	<b>perpenso</b> .....	(1)
.....	3:19; 8:12	perpensabis .....	6:13
<b>paulo</b> .....	(1)	<b>perseuero</b> .....	(1)
.....	2:4	perseuerare .....	3:10
<b>paululum</b> .....	(1)	<b>persona</b> .....	(1)
.....	8:10	personae .....	4:12
<b>pecco</b> .....	(7)	<b>pertinacia</b> .....	(2)
peccant .....	9:9	pertinacia .....	3:9
peccantem .....	7:13	pertinacior .....	3:11
peccanti .....	9:12	<b>pessimus</b> .....	(1)
peccantisque .....	6:13	pessimum .....	3:17
peccare .....	9:3	<b>peto</b> .....	(2)
peccemus .....	4:3	petat .....	9:2
peccet .....	6:15	petatur .....	8:2
<b>peccatum</b> .....	(2)	<b>placet</b> .....	(1)
peccata .....	7:14	placuerit .....	6:16
peccato .....	9:5	<b>plerique</b> .....	(2)
<b>pectus</b> .....	(2)	plerasque .....	5:18
pectoris .....	8:10	plerosque .....	10:14
pectus .....	2:4	<b>plures</b> .....	(1)
<b>pecunia</b> .....	(1)	plurimum .....	5:7
pecuniae .....	3:27		

<b>plus</b>	(1)	<b>praeceptum</b>	(1)
.....	10:7	praecepta	4:4
<b>poena</b>	(2)	<b>praecipito</b>	(1)
poenam	10:8	praecipitat	3:21
poenas	10:12	<b>praeccludo</b>	(1)
<b>poenitentia</b>	(1)	praecclusa	1:8
poenitentiae	9:14	<b>praecordia</b>	(1)
<b>pono</b>	(2)	praecordiis	2:2
posita	7:3	<b>praesens</b>	(2)
positi	1:1	praesens	8:18
<b>populus</b>	(1)	praesentem	10:9
.....	3:26	<b>praeuenio</b>	(1)
<b>porrigo</b>	(1)	praeuenienda	5:17
porrigitur	7:3	<b>praus</b>	(1)
<b>possum</b>	(6)	prauum	3:7
possit	9:12	<b>premo</b>	(2)
possunt	8:8	premens	4:8
poterant	6:12	premit	8:6
poteris	8:25; 10:12	<b>pretium</b>	(1)
potest	8:7	pretio	3:18
<b>postremo</b>	(2)	<b>primum</b>	(4)
.....	6:21; 8:25	.....	4:1,2; 6:15, 8:2
<b>potens</b>	(2)	<b>primus</b>	(4)
potentior	10:10	primam	10:2
potentiorum	5:25	primas	5:1
<b>potentia</b>	(1)	primos	8:4
potentiam	9:11	primus	8:5
<b>potestas</b>	(1)	<b>prior</b>	(3)
potestatem	3:5	prior	6:7; 8:23
<b>potius</b>	(2)	prioribus	8:18
.....	5:22; 8:5	<b>pro</b>	(2)
<b>poto</b>	(1)	.....	6:8; 10:12
poturo	7:2	<b>procedo</b>	(1)
<b>praeceps</b>	(1)	procedit	3:19
.....	2:5	<b>procella</b>	(1)
		procellaeque	3:21

<b>prodo</b> (1)	<b>publice</b> (1)
prodit ..... 2:11	..... 3:25
<b>proelium</b> (1)	<b>publicus</b> (1)
proeliis ..... 3:4	publicum ..... 9:18
<b>profero</b> (1)	<b>pudor</b> (1)
proferens ..... 2:8	pudorem ..... 10:10
<b>proficio</b> (1)	<b>puer</b> (2)
proficit ..... 7:19	puer ..... 7:2
<b>proicio</b> (1)	puerum ..... 6:14
proicit ..... 3:19	<b>pugno</b> (3)
<b>proilabor</b> (1)	pugnandum ..... 5:1
prolapsos ..... 6:11	pugnant ..... 8:22
<b>pronus</b> (1)	pugnet ..... 8:7
prona ..... 3:4	<b>pulcher</b> (1)
<b>propinquus</b> (1)	pulcherrima ..... 2:3
propinqua ..... 4:6	<b>pulso</b> (1)
<b>propitius</b> (1)	pulsataque ..... 2:7
..... 7:16	<b>punio</b> (1)
<b>proprius</b> (1)	punit ..... 6:18
proprio ..... 3:6	<b>puto</b> (2)
<b>prorumpo</b> (1)	puta ..... 9:13
proruperit ..... 8:1	putas ..... 2:10
<b>prosum</b> (3)	<b>-que</b> (20)
profuerit ..... 8:18	... 1:4,7,9; 2:6,7,12; 3:5,14,16,17
profuit ..... 6:20	3:17, 21,22; 5:2,5,7,18; 6:10,13
prosunt ..... 10:4	6:13; 7,1; 8:11,12,13; 10:7
<b>protinus</b> (1)	<b>quaero</b> (1)
..... 1:3	quaeret ..... 10:8
<b>prouoco</b> (1)	<b>qualis</b> (1)
prouoca ..... 8:21	qualem ..... 2:10
<b>prudens</b> (3)	<b>qualitas</b> (1)
prudentem ..... 2:13	qualitatis ..... 1:3
prudentiori ..... 6:22	<b>quam</b> (11)
prudantissimi ..... 9:8	..... 2:12; 3:9; 5:22,25; 6:7;
	7:5,7,11; 8:19,20; 9:14

<b>quamdiu</b> (1)		<b>+qui (adv.)</b> (1)	
..... 6:16		..... 7:1	
<b>quamobrem</b> (1)		<b>quicumque</b> (2)	
..... 5:8		quemcumque ..... 3:1	
<b>quamuis</b> (1)		cuicumque ..... 9:10	
..... 3:10		<b>quia</b> (15)	
<b>quantoque</b> (1)		..... 3:4,13; 5:3,18; 6:2,3,	
..... 2:12		6:11,14,19; 7:10,10;	
<b>quantus</b> (3)		8:4; 9:7,7,13	
quantum ..... 3:12; 7:14; 8:19		<b>quidam</b> (2)	
<b>quare</b> (1)		quidam ..... 1:6	
..... 6:17		quaedam ..... 10:15	
<b>quasi</b> (1)		<b>quidem</b> (3)	
..... 3:12		..... 5:2,8,27	
<b>quatio</b> (1)		<b>quietus</b> (2)	
quatitur ..... 2:4		..... 4:7,13	
<b>querelor</b> (1)		<b>quis (indef.)</b> (4)	
quereletur ..... 5:19		qua ..... 7:16	
<b>querela</b> (1)		quis ..... 8:1; 9:2; 10:5	
querelis ..... 4:10		<b>quis (interr.)</b> (6)	
<b>querulus</b> (1)		quid ..... 5:14; 7:6; 8:17;	
queruli ..... 9:17		9:4,13,17	
<b>qui</b> (50)		<b>quisque</b> (3)	
cui ..... 5:2; 8:17; 9:5; 10:10		quisque ..... 6:22	
cuius ..... 2:10; 9:9		quique ..... 9:8	
qua ..... 9:11		quosque ..... 3:25	
quae ..... 1:6; 5:5,20; 6:1,2,12,		<b>quisquis</b> (2)	
6:12; 7:6; 8:6,16; 9:7		quisquis ..... 9:3	
quam ..... 3:16		quidquid ..... 9:18	
quem ..... 7:8		<b>quod (conj.)</b> (11)	
qui ..... 4:9; 5:13,23,28; 6:5,		..... 3:12; 4:2; 5:5,11; 6:17;	
6:9,21,23; 7:10; 8:23,		7:14; 8:1,22; 9:8; 10:5,9	
8:23; 9:1,10,14,16		<b>quohectus (cf. cogo)</b> (1)	
quibus ..... 4:8		..... 2:6	
quo ..... 9:2,5,12		<b>quomodo</b> (2)	
quod ..... 1:9; 3:11; 6:16,		..... 8:Tit; 10:1	
6:18,19,19,24; 8:4;		<b>quoque</b> (2)	
9:4,12		..... 4:2; 8:18	
quos ..... 7:18			

<b>quotiens</b>	(3)	<b>remedium</b>	(3)
.....	3:17,18; 5:11	remedia .....	10:4
<b>rabidus</b>	(1)	remedium .....	4:3; 8:2
rabida .....	2:5	<b>remissio</b>	(1)
<b>ratio</b>	(4)	remissionibus .....	10:4
ratio .....	7:19	<b>remitto</b>	(2)
ratione .....	3:23; 10:3	remittatur .....	8:12
rationi .....	1:7	remitte .....	6:22
<b>recedo</b>	(1)	<b>remoueo</b>	(1)
recede .....	8:24	remouebit .....	10:6
<b>recens</b>	(1)	<b>renuntio</b>	(1)
recente .....	10:5	renuntiantur .....	6:1
<b>recessus</b>	(1)	<b>repentinus</b>	(1)
recessu .....	8:11	repentina .....	3:19
<b>recipio</b>	(1)	<b>repono</b>	(1)
recipis .....	6:17	reponere .....	6:8
<b>reddo</b>	(1)	<b>repello</b>	(1)
reddes .....	10:12	repulsa .....	3:23
<b>redimo</b>	(1)	<b>requies</b>	(1)
redimatur .....	8:18	requiem .....	10:9
<b>referio</b>	(1)	<b>res</b>	(10)
referiundo .....	8:24	rerum .....	4:11,13; 5:10; 7:8;
<b>refero</b>	(2)		9:15
refert .....	9:4	res .....	3:10,22, 7:10
retulit .....	8:23	rebus .....	7:2,6,7
<b>refugio</b>	(1)	<b>resisto</b>	(1)
refugiunt .....	2:11	resistis .....	10:10
<b>refuto</b>	(1)	<b>respectus</b>	(1)
refutanda .....	5:21	.....	8:14
<b>relanguesco</b>	(1)	<b>respicio</b>	(1)
relanguescat .....	8:6	respiciendum .....	9:14
<b>relinquo</b>	(1)	<b>restituo</b>	(1)
relinquit .....	3:7	restituenda .....	4:4
		<b>retineo</b>	(1)
		retinetur .....	3:11

<b>reuertor</b> (1)	<b>scelus</b> (1)
reuertri ..... 8:25	scelerum ..... 7:14
<b>rex</b> (2)	<b>+scindo</b> (1)
regi ..... 3:3	scissos ..... 2:6
regis ..... 6:22	<b>scio</b> (2)
<b>risus</b> (1)	scientesque ..... 6:10
risuque ..... 5:7	scierit ..... 9:18
<b>robur</b> (1)	<b>se</b> (20)
..... 10:14	..... 2:8,9,11; 4:8; 5:14,15,22, 5:26; 6:23,23,24; 9:1,3, 9:10,12
<b>rubor</b> (1)	secum ..... 8:7
..... 2:2	sibi ..... 3:7,15; 4:13; 6:23
<b>ruina</b> (1)	<b>secreto</b> (1)
ruinae ..... 1:9	secreto ..... 5:14
<b>saepe</b> (10)	<b>secundum</b> (adv.) (1)
saepe ..... 3:28; 5:8,27; 6:16, 6:16; 7:5; 8:23	secundum ..... 4:1
saepius ..... 4:7; 8:24	<b>secundus</b> (1)
+saepiusque ..... 2:6	secundi ..... 4:3
<b>saltim</b> (1)	<b>securus</b> (1)
..... 1:4	..... 5:24
<b>sano</b> (3)	<b>sed</b> (22)
sananda ..... 10:17	..... 3:15,19,20,24,28; 5:5,16, 5:20, 20,25; 6:8,9,10,11; 7:10,15; 8:2,8; 9:2; 10:2,4,11
sanantur ..... 10:16	<b>segnes</b> (1)
sanare ..... 10:2	..... 7:17
<b>sanguis</b> (1)	<b>semetipsum</b> (1)
..... 2:2	semetipsa ..... 3:24
<b>sanitas</b> (2)	<b>semper</b> (3)
sanitate ..... 3:23; 4:4	..... 4:7; 5:3; 6:24
<b>sanus</b> (1)	<b>sentio</b> (3)
sani ..... 10:2	sentiat ..... 7:12; 8:14
<b>sapiens</b> (5)	sentiant ..... 7:6
sapiens ..... 7:14,16; 10:6	<b>sermo</b> (2)
sapientibus ..... 1:6	sermo ..... 2:5
sapientissimi ..... 9:8	sermones ..... 5:14
<b>satis</b> (1)	
satius ..... 5:24	

<b>seruo</b> (1)	<b>sino</b> (2)
serua ..... 7:4	sinit ..... 3:2,7
<b>seruus</b> (1)	<b>sinus</b> (1)
serui ..... 7:4	sinu ..... 9:19
<b>si</b> (39)	<b>siquidem</b> (2)
..... 1:4; 3:7,8,12,14; 4:2;	..... 3:17; 5:24
5:13,14,18,19,26; 6:15,	
6: 16, 17,18,21,21,22;	<b>siue</b> (5)
7: 2, 2, 3, 3, 4,16,17;	..... 3:22,22; 5:28,28,29
8: 1, 3, 4, 7,8,9,15,17,22;	
9:2,4,8; 10:5,9	<b>soleo</b> (2)
<b>sic</b> (3)	solent ..... 3:21; 6:1
..... 7:5; 8:15,18	<b>sollicito</b> (1)
sicque ..... 8:13	sollicitat ..... 3:20
<b>sicut</b> (1)	<b>sonus</b> (2)
..... 4:3,5	sono ..... 2:5
<b>sidus</b> (1)	+sonos ..... 2:7
sideribus ..... 4:6	<b>sordidus</b> (2)
<b>signum</b> (1)	sordidisque ..... 7:1
signa ..... 8:8	sordidum ..... 5:30
<b>similis</b> (2)	<b>spargo</b> (1)
simile ..... 9:4	spargit ..... 3:18
similis ..... 1:9	<b>spatium</b> (2)
<b>simplicitas</b> (1)	..... 9:12; 10:3
simplicitate ..... 5:10	<b>species</b> (1)
<b>simul</b> (4)	speciem ..... 5:3
..... 1:1; 3:26,27; 7:9	<b>spero</b> (1)
<b>simulo</b> (2)	sperat ..... 10:15
simulabit ..... 10:7	<b>spes</b> (2)
simulanda ..... 7:17	spem ..... 3:27; 4:10
<b>simultas</b> (1)	<b>statim</b> (2)
..... 8:21	..... 5:2; 8:21
<b>sine</b> (3)	<b>statio</b> (1)
..... 3:10,14; 4:15	statione ..... 4:8
<b>singuli</b> (3)	<b>studium</b> (1)
singulis ..... 9:16	studio ..... 1:4
singulos ..... 3:25,28	



<b>stultus</b>	(2)	<b>super</b>	(2)
stulte .....	7:5	.....	1:9; 4:14
stulto .....	6:22	<b>superbus</b>	(1)
<b>subditus</b>	(1)	superba .....	3:22
subditas .....	3:16	<b>superior</b>	(3)
<b>sublimis</b>	(1)	superior .....	4:5; 5:28
.....	4:7	superiore .....	5:29
<b>subtraho</b>	(1)	<b>superius</b>	(1)
subtrahitur .....	3:24	superius .....	6:18
<b>succenseo</b>	(2)	<b>supplicium</b>	(1)
succenseas .....	6:17	.....	9:14
succensus .....	3:26	<b>supra</b>	(2)
<b>sum (pred.)</b>	(76)	.....	8:10
erit .....	9:13,13	<b>surdus</b>	(1)
es .....	10:10	surda .....	10:3
esse ...	1:6; 2:10; 9:6,11; 10:2	<b>surgo</b>	(1)
est .....	1:6; 2:5,11,12; 3:2,3, 3:3,3,4,4,6,11,13,13, 3:14,15,16,19,20; 4:1, 2,3,4,14; 5:1,2,10,21 22,23,24,29; 6:5,17,18 19,19,19,20,21; 7:8, 9, 10,13; 8:2,10,23; 9:3,5, 9,16; 10:3,16	surget .....	3:22
fueris .....	5:13	<b>suspicio (-ere)</b>	(1)
fuerit .....	7:2	suspectum .....	5:5
futurum .....	6:24	<b>suspicio (-onis)</b>	(3)
simus .....	9:16	suspicio .....	5:9,11
sit .....	2:9; 3:7,12; 4:13; 5:28; 6:20; 8:12; 10:13	suspicioni .....	5:6
sumus .....	9:17,18	<b>suspignor</b>	(1)
sunt .....	7:16	suspignando .....	5:19
<b>sum (aux.)</b>	(34)	<b>suspirium</b>	(1)
erat .....	8:5	suspirio .....	2:4
est .....	3:14,26; 4:13; 5:1,2, 5:3,3,8,17,20,28; 6:16; 7:11,15,17; 8:5,23; 9:2, 15; 10:11,17	<b>suus</b>	(11)
sit .....	5:5,14; 6:14; 7:13; 8:19	sua .....	3:6
sunt .....	4:4; 5:14,16,26; 6:4; 7,18; 8:1	suam .....	3:27
		suas .....	3:18
		sui .....	1:6, 3:24
		suo .....	9:19
		suos .....	3:24; 7:17
		suum .....	3:7,8; 6:6
		<b>taedium</b>	(1)
		.....	3:23

<b>talis</b>	(2)	<b>timeo</b>	(1)
tale .....	8:15	timeri .....	3:15
talium .....	7:8	<b>timidus</b>	(1)
<b>tam</b>	(3)	.....	9:9
.....	2:10; 7:16; 9:9	<b>tolerabilis</b>	(1)
<b>tamen</b>	(1)	tolerabile .....	7:9
.....	8:14	<b>tollo</b>	(2)
<b>tamquam</b>	(1)	tollenda .....	5:9
.....	10:7	tollere .....	8:3
<b>tantum</b>	(2)	<b>torus</b>	(1)
.....	5:25; 10:2	.....	7:3
<b>tantus</b>	(5)	<b>toruus</b>	(1)
tantam .....	9:11	.....	2:1
tanto .....	2:12	<b>totus</b>	(4)
tantum .....	3:13; 6:20	tota .....	3:20,27, 8:4
.....	7:14	totum .....	2:8
<b>temeritas</b>	(1)	<b>tracto</b>	(1)
temeritate .....	3:4	tractandus .....	7:11
<b>tempus</b>	(3)	<b>tranquillus</b>	(1)
tempori .....	4:12	tranquilla .....	4:8
tempus .....	5:4; 10:11	<b>transeo</b>	(1)
<b>tento</b>	(3)	transit .....	5:17
tentat .....	4:10	<b>transfero</b>	(1)
tentaueris .....	8:3	transferre .....	4:15
tentet .....	10:5	<b>tremo</b>	(1)
<b>tenuo</b>	(1)	tremet .....	2:3
tenuetur .....	8:6	<b>trepidus</b>	(1)
<b>tepidus</b>	(1)	trepidi .....	2:7
tepidior .....	7:2	<b>tristis</b>	(1)
<b>terribilis</b>	(1)	.....	2:1
.....	3:13	<b>tu</b>	(9)
<b>tertium</b>	(1)	te .....	5:26; 6:6,6; 7:5; 8:24;
.....	4:1	.....	9:13
<b>tertius</b>	(1)	tibi .....	1:3
tertio .....	10:1	tu .....	8:21; 10:9

<b>tueor</b>	(1)	<b>uenerabilis</b>	(1)
tuetur .....	3:8	.....	4:9
<b>tumeo</b>	(1)	<b>uenia</b>	(1)
tumentes .....	10:5	.....	8:20
<b>turbo (are)</b>	(1)	<b>uenio</b>	(4)
turbatus .....	7:3	ueniatur .....	8:1
<b>turbo</b>	(1)	uenit .....	5:20; 9:11
turbinem .....	4:6	uenitque .....	3:5
<b>tute</b>	(1)	<b>uerbum</b>	(1)
tutius .....	3:15	uerbis .....	9:17
<b>tuus</b>	(7)	<b>ueritas</b>	(2)
tua .....	10:13	ueritas .....	3:8
tuae .....	1:2	ueritatem .....	5:4
tuam .....	7:4; 8:13	<b>uero</b>	(5)
tui .....	10:14	.....	3:14,21,28; 4:7; 5:25
tuo .....	1:4; 10:12	<b>uertor</b>	(2)
<b>tyrannus</b>	(1)	uerso .....	2:2
.....	3:4	uertitur .....	4:6
<b>ualde</b>	(1)	<b>uerus</b>	(1)
.....	7:1	ueri .....	5:3
<b>ualeo</b>	(2)	<b>uideo</b>	(5)
ualet .....	3:22	uide .....	10:13,13
ualuerit .....	3:13	uideamus .....	10:1
<b>ualetudo</b>	(1)	uidemus .....	6:2
ualetudinis .....	7:8	uidendo .....	6:12
<b>uanus</b>	(2)	<b>uideor</b>	(4)
uanae .....	3:10	uideatur .....	3:10; 6:4
uanis .....	1:8	uideantur .....	5:15
<b>uarius</b>	(2)	uidetur .....	9:2
uaria .....	4:10	<b>uinco</b>	(4)
uario .....	10:17	uicit .....	8:24
<b>ubi</b>	(2)	uincere .....	8:7
.....	3:24; 7:8	uincitur .....	8:4
<b>uehementer</b>	(1)	uictus .....	8:23
uehementius .....	2:4	<b>uindico</b>	(2)
<b>uel</b>	(2)	uindicant .....	5:22
.....	1:2; 8:7	uindicare .....	5:27

<b>uiolentia</b>	(1)	<b>uolo</b>	(12)
.....	3:19	uelit .....	6:23
<b>uir</b>	(3)	uelle .....	9:13
uir .....	6:21	uolebant .....	6:12
uiri .....	9:8,8	uolentes .....	6:9
<b>uiritim</b>	(1)	uolueris .....	8:25
.....	3:28	uoluerit .....	6:14
<b>uis</b>	(4)	uolumus .....	9:7; 10:2
uim .....	10:5	uult .....	3:5,6,8,10
uires .....	4:14	<b>uoluntas</b>	(1)
uiribus .....	3:14	uoluntatemque .....	6:13
uis .....	5:13	<b>uoluptas</b>	(2)
<b>uitium</b>	(10)	uoluptates .....	7:9
uitia .....	2:11; 3:21,23,25	uoluptati .....	10:13
uitio .....	9:1	<b>uox</b>	(1)
uitiorum .....	3:20	uox .....	8:12
uitium .....	2:10; 5:5; 9:1,16	uocis .....	2:5
<b>uito</b>	(1)	<b>urbanitas</b>	(1)
uitat .....	9:10	urbanitatis .....	6:10
<b>uiuio</b>	(1)	<b>ut</b>	(24)
uiuimus .....	9:19	ind .....	3:21
<b>uix</b>	(1)	conj .....	1:2; 2:9; 4:13;
.....	10:10		5:15,27;6:3,4,5;
<b>ulciscor</b>	(1)		6:6,11,20,23; 7:5,
ulcisci .....	5:25		12; 8:2,3,5,7,10,
<b>ultio</b>	(1)		13; 9:15;10:7,15
ultionis .....	10:6	<b>utor</b>	(1)
<b>ultra</b>	(1)	uti .....	5:10
.....	10:16	<b>utilis</b>	(2)
<b>uniuersus</b>	(3)	utiles .....	8:20
uniuersa .....	3:19	utilis .....	3:4
uniuersam .....	8:3	<b>uterlibet</b>	(1)
uniuersus .....	3:26	utramlibet .....	4:15
<b>unus</b>	(1)	<b>utrimque</b>	(1)
uno .....	3:28	.....	8:22
<b>unusquisque</b>	(2)	<b>utrum</b>	(1)
.....	8:7; 9:19	.....	2:9
		<b>uultus</b>	(4)
		uultu .....	5:7,26
		uultus .....	2:1; 8:12



## BIBLIOGRAFIA

- ALBERTO, PAULO FARMHOUSE, «*Dentes strident: uma reflexão sobre um passo de Martinho de Braga*», *Euphrosyne*, 17, 1989, 277-286.
- «*Martinho de Braga: ἄτεχνον ou τεχνικόν*», *Euphrosyne* 19, 1991, 175-200.
- BALLAIRA, GUGLIELMO, «*Alcune sentenze pseudosenecane in un codice di Alcobaça*», *Euphrosyne*, VIII, 9-11.
- BARBOSA, ARNALDO DE MIRANDA, «*O senequismo Medieval e o corpus Martinianum*», *Biblos*, XLI, 1965, 181-191.
- «*O senequismo dos opúsculos morais de S. Martinho Dumense*», *Bracara Augusta*, 4-5, 1954, 259-271.
- «*Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia*», *Biblos*, 26, 1950, 620-624.
- BARDY, G., «*Florilèges*», *Catholicisme*, T. IV, Paris, 1956, 1360-1364.
- BARLOW, CLAUDE W., «*A Sixth-century Epitome of Seneca, De Ira*», *Transactions and Proceedings of the American Philology Academy*, 68, 1937, 26-42.
- «*Seneca in Middle ages*», *Classical Weekly*, 35, 1941-1942, 257.
- «*Martin of Braga's De Ira: New Readings from Esc. M.III.3*», *American Journal of Philology*, 67, 1946, 359-360.
- *Martini Episcopi Bracarensis Opera Omnia*, New Haven, Yale University Press, 1950.
- *Iberian Fathers, Martin of Braga-Paschasius of Dumium-Leander of Seville, Fathers of the Church*, 62, vol. 1, Washington, D.C., The Cathol. Univ. Amer. Press, 1969, 59-69.

- BECK, HANS-GEORG, *Kirche und Theologische Literatur im Byzantinischen Reich*, München, C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1977.
- BESSONE, LUIGI, «La tradizione epitomaria liviana in età imperiale», in *Aufstieg und Niedergang*, II. 30. 2, 1230-1263.
- BICKEL, ERNST, «Die Schrift des Martinus von Bracara Formula Vitae Honestae», *Rheinisches Museum*, 60, 1905, 505-550.
- «De Merobaude imitatore Senecae», *Rheinisches Museum für Philologie*, 60, 1905, 317.
- BISCHOFF, B. ed., *Anecdota nouissima. Texte des vierten bis sechzehnten Jahrhunderts*, Stuttgart, A. Hiersemann, 1984.
- BLAISE, ALBERT, *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*, Turnhout, Brepols, 1954.
- *Manuel du Latin Chrétien*, Strasbourg, Le Latin Chrétien, 1955.
- *Le Vocabulaire Latin des principaux thèmes liturgiques*, Turnhout, Brepols, 1966.
- BLÜHER, KARL ALFRED, *Séneca en España. Investigaciones sobre la recepción de Séneca en España desde el siglo XIII hasta el siglo XVII*, Madrid, Editorial Gredos, 1983.
- BONNET, MAX, *Le Latin de Grégoire de Tours*, Hildesheim, Georg Olms, 1968.
- BOURGERY, A., *Sénèque prosateur*, Paris, Les Belles Lettres, 1922.
- CABROL, F. art., «Centonization» in *DACL* t. 2,2 1925, c. 3255 seg.
- CACIOLI, MARIA R., «Adattamenti semantici e sintattici nel centone virgiliano di Proba», *Studi Italiani di Filologia Classica*, Firenze, Le Mounier, 51, 1969, 188-245.
- CASPARI, «Martin von Bracara's Schrift «De Correctione Rusticorum», *Christiania*, 1883.
- CHADWICK, W. O., *John Cassian*, Cambridge, 1950.
- CHAUMARTIN, F.-R., *Quarante ans de recherche sur les œuvres philosophiques de Sénèque (Bibliographie 1945-1985)* in *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, hrsg. Wolfgang Haase, Berlin, De Gruyter, 1989, II, 36, 3, pp. 1545-1605.

- COCCIA, MICHELE, *I problemi del De Ira di Seneca alla luce dell'analisi stilistica*, Roma, Ed. dell'Ateneo, 1958.
- CODOÑER MERINO, CARMEN, «El adversario ficticio en Séneca», *Helmántica*, 34, 1983, 145-148.
- CORDOLIANI, A., «Textes de comput espagnol du VIe siècle: encore le problème des traités de comput de Martín de Braga», *RABM*, 62, 1956, 685-97.
- «Les manuscrits de comput ecclésiastique des Bibliothèques de Madrid», *Hispania Sacra*, VIII, 1955, 2<sup>a</sup> série, 177-207.
- COSTA, AVELINO JESUS DA, *S. Martinho de Dume (XIV Centenário da sua chegada à Península)*, Braga, Edições do Cenáculo, 1950.
- CROKE, BRIAN, «Cassiodorus and the Getica of Jordanes», *Classical Philology*, 82, 1987, 117-134.
- COURCELLE, PIERRE, *Les Lettres Grecques en Occident Barbare*, Paris, De Boccard, 1965.
- *La consolation de Philosophie dans la tradition littéraire, antécédents et postérité de Boèce*, Paris, Études Augustiniennes, 1967.
- CUPAIUOLO, G., *Introduzione al De Ira de Seneca, Studi e testi dell'antich.* I, Napoli, Soc. ed. Napoletana, 1975.
- DELHAYE, PHILLIPE, «Florilèges médiévaux d'éthique» in *Dictionnaire de Spiritualité*, V, Paris, 1964.
- DEKKERS, ELIGIUS, *Clavis Patrum Latinorum*, Steenbrugis, in Abbatia Sancti Petri, 1961.
- DÍAZ Y DÍAZ, MANUEL C., *Anecdota Wisigothica I*, Filosofía y Letras, Tomo XII, núm. 2, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1958.
- *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1959.
- *Antología del latín vulgar*, Madrid, Gredos, 1962.
- «Al margen de los Manuscritos Patrísticos Latinos», *Sacris Erudiri*, 22, 1974-1975, 61-74.
- *De Isidoro al Siglo XI, Ocho Estudios sobre la vida literaria peninsular*, Barcelona, El Albir, 1976.
- *Libros y Librerías en la Rioja altomedieval*, Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 1979.
- *Códices Visigóticos en la Monarquía Leonesa*, León, Centro de Estudios y Investigación «San Isidoro», 1983.



- DOMÍNGUEZ DEL VAL, URSICINO, «Eutropio de Valencia y sus fuentes de información», *Revista española de Teología*, 14, 1954, 396-392.
- «El senequismo de Lactancio», *Helmántica*, 23, 1972, 289-323.
- «Obras desaparecidas de Padres y Escritores Españoles», in *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, Salamanca, 1971.
- EBERT, ADOLF, *Allgemeine Geschichte der Literatur des Mittelalters im Abendlande*, Leipzig, 1889.
- FAIDER, *Études sur Sénèque*, Gand, 1921.
- FERNÁNDEZ ALONSO, BENITO, *Crónica de los Obispos de Orense*, Orense, Imprenta «el Derecho», 1897.
- FERREIRO, ALBERTO, «St. Martin of Braga's Policy toward heretics and pagan practices», *American Benedictine Review*, 34, 1983, 372-395.
- FERRERO, LEONARDO, *Struttura e metodo dell'Epitome di Giustino*, Torino, Pubblicazione della Facoltà di Lettere e Filologia, vol. IX, 2, 1957.
- FILLION-LAHILLE, JANINE, *Le De Ira de Sénèque et la philosophie stoïcienne des passions*, Paris, Klincksieck, 1984.
- «La production littéraire de Sénèque sous les règnes de Caligula et de Claude, sens philosophique et politique: les 'Consolations' et le 'De ira'», in *Aufstieg und Niedergang*, II, 36, 3, 1633.
- FOHLEN, JEANINE, «Un apocryphe de Sénèque mal connu. De verborum copia», *Mediaeval Studies*, Toronto, XLII, 1980, 139-211.
- FONTAINE, JACQUES, *Isidore de Séville et la culture classique dans l'Espagne wisigothique*, Paris, Éditions Augustiniennes, 1959.
- «Fins et moyens de l'enseignement ecclésiastique dans l'Espagne wisigothique», in *Culture et Spiritualité en Espagne du IV<sup>e</sup> au VII<sup>e</sup> siècle*, London, Variorum Reprints, 1986.
- «Conversion et culture chez les wisigoths d'Espagne», in *La conversione al Cristianesimo nell' Europa dell' Medioevo*, Spoleto, 1967, 87-147.
- FONTÁN, ANTONIO, «La tradición de las obras morales de Martín de Braga», *Bolletín de la Universidad de Granada*, 91, 1951, 73-86.
- «Algunos códices de Séneca en bibliotecas españolas y su lugar en la tradición de los diálogos», *Emerita*, 17, 1949, 9-41 e 19, 1950, 35-65.

- «Martín de Braga: un testigo de la tradición clásica y cristiana», *Anuário de Estudos Medievales*, 9, 1974-79, 331-341.
  - «Martín de Braga: Proyección histórica de su persona y su obra», in *Humanismo Romano*, Barcelona, 1974, 191-217.
  - «Anotaciones críticas al texto del *Martini Bracaraensis tractatus De Ira*», *Emérita*, 1950, 377-380.
- FREDOUILLE, «Actualité et culture dans deux sententiae de Tertullien», *Mélanges P. Wuilleumier*, 129-132.
- FREIRE, JOSÉ GERALDES, «Manuscritos das *Sententiae Patrum Aegyptiorum* de S. Martinho de Dume», in *Repertorio de Historia y Ciencias Eclesiásticas Españolas*, 2, Salamanca, 1971, 83-97.
- *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, 1971.
- GALDI, MARCO, *L'epitome nella letteratura latina*, Napoli, P. Frederico & G. Ardia, 1922.
- GAMS, P. B., *Die Kirchengeschichte von Spanien*, Regensburg, 1864.
- GASPAROTTO, G., *Isidoro e Lucrezio. Le fonti della metereologia isidoriana*, Verona, Libreria Univ. Ed., 1983.
- GEERARD, MAURICE, *Clavis Patrum Graecorum*, Turnhout, Brepols, 1983.
- GÉHIN, PAUL ed., EVÁGRIO PÔNTICO, «Scholies aux Proverbes», *Sources Chrétiennes*, Paris, Éditions du Cerf, 1987.
- GOMES, J. PINHARANDA, *História da Filosofia Portuguesa*, 2. *A Patrologia Portuguesa*, Porto, Lello & Irmão, 1983.
- GIBSON, MARGARET, ed., *Boethius, His Life, thought and influence*, Oxford, Blackwell, 1981.
- GILLET, ROBERT ed., GREGÓRIO MAGNO, *Morales in Job*, «Sources Chrétiennes», Paris, Les Éditions du Cerf, 1975.
- GRANADOS FERNÁNDEZ, M. C., «Séneca en Macrobio», *Cuadernos de Filología Clásica*, 20, 1986-7.
- HAASE, FRIEDRICH, L. *Annaei Senecae Opera*, III, Leipzig, Teubner, 1906.
- HAGENDAHL, *Latin Fathers and the Classics*, Gotenborg, 1968.

- HAURÉAU, *Notices et extraits de quelques manuscrits de la Bibl. Nationale*, Paris, V, 1891, 176-194.
- HUNGER, HERBERT, *Die Hochsprachliche Profane Literatur der Byzantiner*, München, C.H. Beck's Verlagsbuchhandlung, 1978.
- INGREMEAU, CHRISTIANNE, ed., LACTÂNCIO, *De Ira dei*, «Sources Chrétiennes», Paris, Éditions du Cerf, 1982.
- JANSON, TORE, *Latin Prose Prefaces*, Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1964.
- KAMPERS, G., *Personengeschichtliche Studien zum Westgotenreich in Spanien*, Münster, Aschendorffsche Verlag, 1979.
- KEIL, H., *Grammatici Latini*, Hildesheim, Georg Olms, 1961.
- KURFESS, ALFONS, «Zu Martini Episcopi Bracarenensis libellus *De Ira*», *Athenaeum*, 32, 1954, 250-258.
- LABRIOLLE, PIERRE DE, *Histoire de la Littérature Latine Chrétienne*, Paris, Les Belles Lettres, 1947.
- LAUSBERG, MARION, *Untersuchungen zu Senecas Fragmenten*, Berlin, De Gruyter, 1970.
- *Senecae operum fragmenta: Überblick und Forschungsbericht, in Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, Teil II, Band 36.3, hersg. Wolfgang Haase, Berlin-New York, Walter de Gruyter, 1989, 1925-1926.
- LAVERY, GERARD, «The adversarius in Seneca's *De Beneficiis*», *Mnemosyne*, 40, 1987, 97-105.
- LIEFOOGHE, A., «Les idées Morales de Saint Martin de Braga», *Mélanges de Science Religieuse*, 11, 1954, 133-146.
- LINAGE CONDE, ANTONIO, «San Martín de Braga en el monacato pre-benedictino hispano», *Nova et Vetera* 5, 12, 1981, 307-321.
- MADOZ, JOSÉ, «Ecos del saber antiguo en las letras de la España visigoda», *Razón y Fe*, 122, 1941, 228-240.
- «Una nueva transmisión del «libellus de institutione uirginum» de San Leandro de Sevilla», *Analecta Bollandiana*, 67, 1949, 421-422.
- «Citas y Reminiscencias clásicas en los Padres españoles», *Sacris Erudiri*, 5, 1953, 105-132.

- «San Leandro de Sevilla», *Estudios Eclesiásticos*, 56, 1981, 415-453.
  - «Martín de Braga en el siglo XIV de su venida a Iberia (550-1950)», *Estudios Eclesiásticos*, 25, 1951, 219-242.
- MANITIUS, MAX, *Geschichte der Lateinischen Literatur des Mittelalters*, München, C. H. Beck's Verlagsbuchhandlung, 1974.
- «Philologisches aus alten Bibliothekskatalogen», *Rein. Mus.*, Supl. - XLVII, 1892, 47.
- MARROU, HENRI-IRÉNÉE, *Saint Augustin et la fin de la Culture Antique*, Paris, De Boccard, 1983.
- *L'Église de l'Antiquité tardive*, Paris, Éditions du Seuil, 1985.
- MARTINS, MÁRIO, *Correntes de filosofia religiosa em Braga (séc. IV a VII)*, Porto, 1950.
- «Fragmentos Medievais Portugueses», *Brotéria*, 50, 1950, 403-414.
- MASTRANDEA, PAOLO, *Lettori cristiani di Seneca filosofo*, Milano, Paideia Editrice, 1988, 9-25.
- MEERSSEMAN, GILLES GERARD, «Seneca maestro di spiritualità nei suoi opuscoli apocrifi dal XII al XIV secolo», *Italia Medioevale e Umanistica*, 16, 1973, 34-135.
- MILLARES CARLO, AGUSTIN, *Manuscritos Visigóticos*, Madrid, 1963.
- *Tratado de Paleografía Española*, Madrid, Espasa-Calpe, 1983.
- MOHRMANN, CHRISTINNE, *Études sur le latin des chrétiens*, II, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1965.
- «Éléments vulgaire du latin de chrétiens» in *Études sur le latin des chrétiens*, III, Roma, Ed. di Storia e Letteratura, 1979.
- MOMIGLIANO, ARNALDO, «Note sulla Leggenda del Cristianismo di Seneca», in *Contributo alla storia degli Studi Classici*, Roma, Ed. di Storia e Letteratura, 1979, 13-32.
- «Cassidorus and the Italian Culture of his time», in *Secondo Contributo alla Storia degli Studi Classici*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1984, 207-245.
- MORENO DE VEGA, M. A., «Citas de autores griegos y latinos en el libro I de las 'Institutiones' de Lactancio», *Helmántica*, 1984, 207-230.
- MUNK OLSEN, B., «Les classiques latins dans les Florilèges Médiévaux antérieurs au XIII<sup>e</sup> siècle», *Révue d'Histoire des Textes*, IX, 1979, 47-121 e X, 1980, 115-164.

- NASCIMENTO, AIRES AUGUSTO, «Varia Proverbia», *Euphrosyne*, X, 1980, 107-117.
- NEWMAN, R. J., *Lucii Senecae de Remediis Fortuitorum liber ad Gallionem fratrem*, Diss., Baltimore, 1984.
- NORDEN, EDUARD, *La Prosa d'Arte Antica dal VI secolo A.C. all'età della Rinascenza*, ed. it. a cura di Benedetto Campana, Roma, Salerno Editrice, 1986.
- NOTHDURFT, KLAUS, *Studien zum Einfluss Senecas auf die Philosophie und Theologie des zwölften Jahrhunderts*, Leiden, 1963.
- NIKOLOVA-BOUROVA, ANNA, «Observations stylistiques et lexicales des Dialogues De Ira et De Clementia de Lucius Annaeus Seneca», *Eirene*, 1975-77, 87-108.
- OGILVIE, R.M., *The Library of Lactantius*, Oxford, Clarendon Press, 1978.
- OMONT, H., *Catalogue de la Bibliothèque de Bernard II, Archevêque de Saint-Jacques-de-Compostelle*, Bibl. de l'Éc. des Chartres, 1893.
- OPELT, I., *Reallexicon für Antike und Christentum*, V, 1962, s.u. *Epitome*.
- ORLANDIS, JOSÉ, *La Iglesia en la España visigótica y medieval*, Pamplona, Ed. Universidad de Navarra, 1976.
- PÉREZ de URBEL, *Historia de España*, dir. Menendez Pidal, III, «España visigoda», Madrid, 1940.
- PFEIFFER, RUDOLF, *History of Classical Scholarship*, Oxford, Clarendon Press, 1968.
- RAYMENT, C.S., «Some Proposals for Changes in the text of Martin of Braga's «De Ira», *American Journal of Philology*, 67, 1946, 346-358.
- REITZENSTEIN, s.u., «Etimologika» in *PW* (vol. 11) v-ix siècle. c. 810, 57 a 812, 38.
- REYNOLDS, L. D., «The Medieval Tradition of Seneca's 'Dialogues'», *Classical Quarterly*, N.S.18, 1968, 355-372.
- , ed., *Texts and Transmission. A Survey of the Latin Classics*, Oxford, Clarendon Press, 1986.
- , ed., *L. Annaei Senecae Dialogorum Libri Duodecim*, Oxford, Clarendon Press, 1977.
- , *The Medieval Tradition of Seneca's «Letters»*, Oxford, Oxford Univ. Press, 1965.

- REYNOLDS, L. D., WILSON, N. G., *Scribes and Scholars. A guide to transmission of Greek and Latin Texts*, Oxford, Oxford University Press, 1968.
- RETTIG, JOHN, *The Latinity of Martin of Bracara*, Ohio State University, Ph D., 1963.
- RICHÉ, PIERRE, *Éducation et culture dans l'Occident barbare*, Paris, Seuil, 1962.
- ROCHAIS, HENRI-MARIE, «Florilèges spirituels latins», in *Dictionnaire de Spiritualité Chrétienne*, V, Paris, Beauchesne, 1964.
- RODRÍGUEZ ALONSO, CRISTÓBAL, *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla*, León, Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro», 1975.
- ROSSBACH, OTTO, *De Senecae Philosophi librorum recensione et emendatione*, Vratislaviae, G. Koebner, 1888.
- «De Senecae philosophi librorum recensione et emendatione», *Breslauer philologische Abhandlungen*, Breslau, 1888, II, 2, 88-95.
- ROUSE, R.H., «Florilegia and Latin Classical Authors in Twelfth and Thirteenth-Century Orléans», *Viator*, 10, 1979, 131-160.
- SCHANZ, MARTIN, *Geschichte der Römischen Literatur bis zum Gesetzgebungswerk des Kaisers Justinian*, München, C. H. Beck's Verlagsbuchhandlung, 1980.
- SEVENSTER, J.N., *Paul and Seneca*, Leiden, E. J. Brill, 1961.
- SOUSA, MANUEL FERREIRA DE, «A filosofia moral de S. Martinho de Dume, em Antologias Senequistas», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 36, 1980, 20-49.
- «O 'De Ira' de Séneca e de S. Martinho de Dume», *Revista Portuguesa de Filosofia*, VI, 388-397.
- SOUTER, ALEXANDER, *A Glossary of Later Latin to 600 A.D.*, Oxford, Clarendon Press, 1964.
- SPANNEUT, MICHEL, «Permanence de Sénèque le philosophe», *Bulletin Guillaume Budé*, 1980, 361-407.

- *Permanence du Stoïcisme de Zénon à Malraux*, Gembloux, Éd. Duculot, 1973.
- art. «Sénèque» in *Dictionnaire de Spiritualité Chrétienne*, tomo 14, Paris, Beauchesne, 1990.
- TAVARES, SOUSA, «O Senequismo de S. Martinho de Dume», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 6, 1950, 381-387.
- TRAINA, A., «Seneca e Agostino (un problema aperto)», *Rivista di Cultura Class. e medioev.*, Roma, XIX, 77, 751-767.
- TRILLITZSCH, WINFRIED, *Seneca im literarischen Urteil der Antike*, Amsterdam, M. Hakkert, 1971.
- «Hieronymus und Seneca», *Mittellateinisches Jahrbuch*, 2, 1965, Festgabe für K. LANGOSCH, hrsg. von KLOPSCH und WAGNER: Köln, 1965, 2, 42-54.
- TUILIER, A., «La datation et l'attribution du XPISTOS PASXON et l'art du centon», in *Actes du 6 Congrès Intern. d'Ét. byzant.*, t. 1, Paris, 1950, 403-409.
- WEIDNER, A., ed. «Formula Vitae Honestae», *Jahrbuch der Pädagogiums zum Kloster Unser Lieben Frauen in Magdeburg*, Magdeburg, 1871, Heft 3, 3-10.
- WÖLFFLIN, E., *Syri Sententiae*, Leipzig, 1869.
- VELOZO, J. F., «Obras de S. Martinho Bracaraense (séc. VI)», *Bracara Augusta*, 29, 1975, 61-110.
- VIANSINO, GIOVANNI, *L. Annaei Senecae Dialogorum libri iii-v (De Ira)*, Corpus Scriptorum Latinorum Paravianum, Paravia, 1963.
- VIDAL, JOSE-LUIS, «Observaciones sobre centones virgilianos de tema cristiano», *Boletín Instit. Estudios Helénicos*, Barcelona, VII, 2, 1973, 53-64.
- VIVES, JOSÉ, *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Barcelona-Madrid, 1963.
- VILLER, MARCEL, art. «Colère» in *Dictionnaire de Spiritualité Chrétienne*, tomo 2, Paris, Beauchesne, 1953.
- VOGEL, C. J. DE, «Quelques problèmes concernant Boèce», *Actes XII Conférence Intern. d'Études Class. Eirene*, Amsterdam, Hakkert, 1972, 573-582.

# MEDIAEVALIA

TEXTOS E ESTUDOS

Volumes publicados:

## **nº 1 (1992) 124 pp.**

S. AGOSTINHO, *Sobre a natureza do Bem / De natura boni* (ed. bilingue). Trad., introd., notas, bibliografia et indices por Mário A. S. de CARVALHO.

## **nº 2 (1992) 196 p.**

Francisco BERTELLONI «Los estudios sobre el pensamiento político medieval»; Costa MACEDO «Do sagrado em Plotino e Santo Agostinho»; José F. MEIRINHOS «Da gnosiologia à moral. Pragmática da pregação em s. António de Lisboa»; Barbara FAES DE MOTTONI «La conoscenza mattutina dell'angelo secondo Bonaventura»; Maria Cândida PACHECO «A razão escolástica como recusa do círculo»; João da Silva PEIXOTO «Existência e sacrifício. A totalidade como horizonte integrante do culto espiritual»; Fátima POMBO «O tempo em Husserl: uma filiação em S. Agostinho?»; Maria P. FERRER RODRIGUEZ «Conocimiento angelico versus conocimiento humano segun Tomás de Aquino»; Horacio SANTIAGO-OTERO e Klaus REINHARDT «Escritos de polémica antijudía en la lengua vernácula».

## **nº 3 (1993) 236 pp.**

[*Henricus de Gandavo*]

Maria C. PACHECO «No sétimo centenário da morte do filósofo e teólogo Henrique de Gand»; Mário A. S. CARVALHO «Henrique de Gand, 1293-1993»; Raymond MACKEN «Henry of Ghent as Defender of Human Heroism»; Raymond MACKEN «Human Self-Defense Against Injustice and Opression in the Philosophy of Henry of Ghent»; Ludwig HÖDL «Die 'doppelte Wahrheit' vom Unendlichen in den *Questiones ordinariae* (Summa) des Heinrich von Ghent»; Gordon A. WILSON «Non-Being: Eternity and Time in the Ontology of Henry of Ghent»; Jos DECORTE «Thomas Aquinas and Henry of Ghent on God's Relation to the World»; Pasquale PORRO «Ponere statum. Idee divine, perfezioni creaturali e ordine del mondo in Enrico de Gand»; Mário A. S. de CARVALHO «Sentido e alcance do pensamento de Henrique de Gand. Explicação da nona questão do 'Quodlibet I': a relação essência/existência»; Birgitta HACHMANN e Mário A. S. de CARVALHO «Os conimbricenses e Pedro da Fonseca como leitores de Henrique de Gand»; «BIBLIOGRAFIA de Henrique de Gand».



